



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**A ESCRITA ORALIZADA DOS ANÚNCIOS POPULARES EM CEILÂNDIA:
UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA**

Altair Martins Gomes

Brasília

2015

**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

ALTAIR MARTINS GOMES

**A ESCRITA ORALIZADA DOS ANÚNCIOS POPULARES EM CEILÂNDIA:
UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Dr. Hildo Honório do Couto

**Brasília
2015**

ALTAIR MARTINS GOMES

**A ESCRITA ORALIZADA DOS ANÚNCIOS POPULARES EM CEILÂNDIA:
UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Banca Examinadora:

Dr. Hildo Honório do Couto – UnB (presidente)

Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira – UEG (membro externo)

Dra. Ana Adelina Lopo Ramos- UnB (membro interno)

Dra. Rosineide Magalhães de Sousa – UnB (membro interno)

Dra. Ulisdete Rodrigues de Souza – UnB (membro interno)

Dra. Elza Kioko Nenoki Nakayama do Couto – UFG (suplente)

Brasília
2015

Agradecimentos

A Deus, pelo imenso amor! Toda Honra e toda Glória pertencem só a Ele. Meu alvo de adoração e louvor.

Ao querido amigo e professor, Dr. Hildo Honório do Couto, com quem aprendi a ver e enxergar o ecossistema linguístico como algo inerente à vida. Não há vida humana sem linguagem. A este professor tão sábio e abençoado, minha eterna gratidão. Sinto-me privilegiado por tê-lo como orientador e amigo.

Professor, você é a maior riqueza que este país já produziu: um misto de simplicidade, generosidade e sabedoria. Se cheguei até aqui, devo tudo ao senhor. Meu muito obrigado!

Aos membros da banca, as professoras:

Dra. Ana Adelina Lopo Ramos- UnB,

Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - UnB,

Dra. Elza Kioko Nenoki Nakayama do Couto – UFG,

Dra. Ulisdete Rodrigues de Souza - UnB,

Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira – UEG

Minha admiração e gratidão.

Muito obrigado pelas preciosas observações e por terem aceitado o convite para a banca.

Aos meus queridos pais, Iraci Félix Gomes e Leocádio Martins Gomes (*in memoriam*), razão de minha existência. Tudo o que eu sou e represento devo a vocês. Todas as minhas palavras não expressam todo o meu amor. Dedico esse trabalho a vocês, meu exemplo de força, dignidade e grandiosa sabedoria. São o meu exemplo de vida e minha coluna. O amor primeiro eu ofereço a vocês!

Aos meus filhos, Gabriela e Vítor Hugo, minha forte inspiração, de luta e determinação. Vocês são a razão da minha existência. Amo vocês!

À Arinete pela força, pela luta e pelas conquistas a cada dia. Os caminhos são árduos, mas a fé, determinação e esperança são nossa maior conquista!

À minha família, meu alicerce. Meus irmãos Quesinha, Leonardo (*in memoriam*), Eliezer, Aglacy, Aglair e Ebenezer, amo vocês! Não sei o que seria de mim sem minhas joias preciosas, em especial, a Aglair, minha fonte de amor e orgulho.

Aos sobrinhos, cunhados, tios, primos, vocês são o meu presente!

Aos meus companheiros de doutorado, em especial, Candice Assunção, minha companheira e grande amiga. Seus olhos enxergam a igualdade, a liberdade e a beleza do ser. Eu te amo, minha amiga! Você é o meu exemplo de luta e determinação!

Aos amigos de ontem e de hoje, minha eterna amizade, companheirismo e amor.

Ao meu amigo José Ricardo dos Santos pelas valiosas observações e discussões a respeito da Língua Portuguesa. Você, meu irmão, mora no meu coração!

Também minha eterna gratidão, carinho e amizade ao meu grande amigo e irmão José Ricardo da Silva, que veio do Rio de Janeiro para me proporcionar segurança, apoio logístico e me auxiliar na coleta de dados, na discussão dos resultados, pela direção defensiva, na condução e proteção a minha pessoa. A você, que nunca mediu esforços para me ajudar e que sempre esteve ao meu lado com grande força, alegria e presença. Meu muito obrigado. Eu não faria nada sem você. Você, irmão, faz parte da minha vida!

Também os meus sinceros agradecimentos aos professores da UnB que fizeram parte da minha formação como mestre pesquisador e linguista:

Em especial, à professora Dra. Stella Maris Bortoni-Ricardo, minha admiração e exemplo pela pessoa que é e pelo que representa no cenário da educação sociolinguística.

Nem tenho como expressar o meu amor e gratidão por essa mulher pequena de estatura, mas tão grande na alma, na sabedoria, na bondade e na beleza. Meu muito obrigado!

À Professora Dra. Josênia Antunes Vieira, minha amiga, meu exemplo de generosidade, minha eterna mestra e provocadora. Exemplo de mulher, determinação e fé. Eu te amo!

Aos professores do PPGL-UnB, em especial, a minha querida professora, Dra. Heloísa Maria Lima Salles, por sua generosa acolhida, pela gentileza, delicadeza e sabedoria para com os alunos. Para mim, essa linda professora faz a diferença.

Também a minha gratidão à Renatinha e Ângela, da Secretaria do PPGL. Lindas, amigas e gentis. Cada palavra delas é como estrelas na minha noite.

As professoras de Psicologia do IESB OESTE, em especial, Dra. Alia Maria Barrios Gonzales e Dra. Daniela Borges de Souza, que me ensinaram a ética, a construção de uma metodologia de pesquisa, a seriedade e profissionalismo para com o ser humano. Vocês são muito especiais para mim. Amo vocês!

Enfim, a todos os nordestinos que vieram para o Distrito Federal para fazer deste espaço um lugar mais digno e mais humano.

Aos moradores de Ceilândia, gente trabalhadora e determinada, meu muito obrigado!

Dialeto Nordestino

Por Ismael Costa

Há diferenciação
Porque cada região
Tem seu jeito de falar
O Nordeste é excelente
Tem um jeito diferente
Que a outro não se iguala
Alguém chato é Abusado
Se quebrou, Tá Enguiçado
É assim que a gente fala

Uma ferida é Pereba
Homem alto é Galalau
Ou então é Varapau
Coisa inferior é Peba
Cisco no olho é Argueiro
O sovina é Pirangueiro

Enguiçar é Dar o Prego
Fofoca aqui é Fuxico
Desistir, Pedir Penico
Lugar longe é Caixa Prego
Ladainha é Lengalenga
E um estouro é Pipoco
Botão de rádio é Pitoco
E confusão é Arenga

Fantasma é Alma Penada
Uma conversa fiada
Por aqui é Leriado
Palavrão é Nome Feio
Agonia é Aperreio
E metido é Amostrado
O nosso palavreado
Não se pode ignorar
Pois ele é peculiar
É bonito, é Arretado

E é nosso dialeto
Sendo assim, está correto
Dizer que esperma é Gala
É feio pra muita gente
Mas não é incoerente
É assim que a gente fala

Você pode estranhar
Mas ele não tem defeito
Aqui bombom é Confeito
Rir de alguém é Mangar
Mexer em algo é Bulir
Paquerar é Se Enxerir

E correr é Dar Carreira
Qualquer coisa torta é Troncha
Marca de pancada é Roncha
E a caxumba é Papeira
Longe é o Fim do Mundo
E garganta aqui é Goela
Veja que a língua é bela

E nessa língua eu vou fundo
Tentar muito é Pelejar
Apertar é Acochar
Homem rico é Estribado
Se for muito parecido
Diz-se Cagado e Cuspido
E uma fofoca é Babado
Desconfiado é Cabreiro
Travessura é Presepada
Uma cuspida é Goipada
Frente da casa é Terreiro

Dar volta é Arruviar
Confessar, Desembuchar
Quem trai alguém, Apunhala
Distraído é Aluado
Quem está mal, Tá Lascado
É assim que a gente fala

Aqui, valer é Vogar
E quem não paga é Xexeiro
Quem dá furo é Fuleiro
E parir é Descansar
Um rastro é Pisunhada
A buchuda é Amojada.

O pão-duro é Amarrado
Verme no bucho é Lombriga
Com raiva Tá Com a Bixiga
E com medo é Acuado
Tocar de leve é Triscar
O último é Derradeiro
E para trocar dinheiro
Nós falamos Destrocar
Tudo que é bom é Massa
O Policial é Praça
Pessoa esperta é Danada

Vitamina dá Sustança
A barriga aqui é Pança
E porrada é Cipoada
Alguém sortudo é Cagado
Capotagem é Cangapé
O mendigo é Esmolé
Quem tem pressa é Avexado
Sandália é Alpercata

A correia, Arriata
Sem ter filho é Gala Rala
O cascudo é Cocorote

E o folgado é Folote
É assim que a gente fala
Perdeu a cor é Bufento
Se alguém dá liberdade
Pra entrar na intimidade
Dizemos Dar Cabimento
Varrer aqui é Barrer
Se a calcinha aparecer
Mostra a Polpa da Bunda

Mulher feia é Canhão
Neco é pra negação
Nas costas, é na Cacunda
Palhaçada é Marmota
Tá doído é Tá Variando
Mas a gente conversando
Fala assim e nem nota
Cabra chato é Cabuloso
Insistente é Pegajoso

Remédio aqui é Meisinha
Chateado é Emburrado
E quando tá Invocado
Dizemos Tá Com a Murrinha
Não concordo, é Pois Sim
Estou às ordens, Pois Não
Beco do lado é Oitão
A corrente é Trancilim
Ou Volta, sem o pingente
Uma surpresa é, Oxente!

Quem abre o olho Arregala
Vou Chegando, é pra sair
Torcer o pé, Desmintir
É assim que a gente fala
A cachaça é Meropéia
Tá triste é Acabrunhado
O bobo é Apombalhado
Sem qualidade é Borréia
A árvore é Pé de Pau

...

Opinar é Dar Pitaco
Axila é Suvaco
Se o cabra for mau, é Mala
Atrás da nuca é Cangote
Adolescente é Frangote
É assim que a gente fala
Lugar longe aqui é Brenha

Conversa besta, Arisia
Venha, ande, é Avia
Fofoca é também Resenha
O dado aqui é Bozó
Um grande amor é Xodó

Demorar muito é Custar
De pernas tortas é Zambeta
Morre, Bate a Caçuleta
Ficar cheirando é Fungar
A clavícula aqui é Pá
Um mal-estar é Gastura
Um vento bom é Frescura
Ali, se diz, Acolá
Um sujeito inteligente
Muito feio ou valente
É o Cão Chupando Manga
Um companheiro é Pareia

Pra chamar é Dando Siu
Sem falar, Fica de Mal
Separar é Apartá
Desviar é Ataiá
E pra desmentir é Nego
Se estiver desnordeado
Aqui se diz Ariado
E complicado é Nó Cego
Coisa fácil é Fichinha

Dose de cana é Lapada
Empurrar é Dar Peitada
E o banheiro é Casinha
Tudo pequeno é Cotoco
Vigi! Quer dizer, por pouco
Desde o tempo da senzala
Nessa terra nordestina
Seu menino, essa menina,
É assim que a gente fala.

(Ismael Gaião da Costa)

Disponível em: < culturanordestina.blogspot.com > acesso em: 04 fev. 2014.

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo ecossistêmico sobre a escrita oralizada dos anúncios populares na cidade de Ceilândia e em sua periferia, o Setor Habitacional Sol Nascente. Em uma abordagem ecolinguística, pretendeu-se examinar a relação entre língua, povo e território ao investigar os diversos fenômenos fonético-fonológicos encontrados nos dados e que podem ser observados nas formas vernaculares encontradas no Português Brasileiro. A metodologia empregada é a pesquisa de levantamento de dados por meio de Estudo de Caso em Ceilândia, cuja análise se desenvolveu a partir dos contínuos propostos por Bortoni-Ricardo. O *corpus* é constituído pelas variedades dialetais situadas no Contínuo de urbanização e foi avaliado de acordo com os traços gradual ou descontínuo, a depender de como esse vocábulo é constituído e onde se localiza na fala rural, urbana ou rurbana. A cidade de Ceilândia foi escolhida por suas características migratórias, pela forma de organização urbana e porque é formada, em sua grande maioria, por nordestinos de *background* rural, o que nos permite averiguar a qualidade do movimento (descolamento) do contato de dialetos e os processos de difusão e focalização dialetais presentes no território.

Palavras-chave: Ecolinguística; ecossistema, escrita oralizada e difusão dialetal.

ABSTRACT

This thesis presents a study ecosystemic on the orality writing of the popular announcements in the city of Ceilândia and in his periphery, the Sector Sol Nascente. In an approach ecolinguistic, it intended to examine the relation between language, people and territory while investigating several phenomena - fonológicos found in the data and that they can be observed in the forms vernaculares found in the Brazilian Portuguese. The methodology is the data collection research through case study in Ceilândia, whose analysis was developed from the continuous proposed by Bortoni-Ricardo. The corpus consists of the dialect varieties located in urbanization and continuous was evaluated according to the gradual or discontinuous traits, depending on how that Word is and where it is located in rural or urban speech. The city of Ceilândia had been chosen by his migratory characteristics, by the form of urbane organization and because it is formed, in his great majority, for northeastern of background rural, which allows to us to check the quality of the movement (move) of the contact of dialects and the dialectic processes of diffusion and focusing present in the territory.

Key words: Ecolinguistic; ecosystem, orality writing and dialectic diffusion.

RÉSUMÉ

Cette thèse présente une étude sur l'écosystème écriture oralisée des annonces populaires dans la ville de Ceilândia et sa périphérie, le soleil levant secteur du logement. Dans une approche Ecolinguistics, nous avons cherché à examiner la relation entre la langue, peuple et son territoire pour enquêter sur les divers phénomènes phonétique-phonologiques trouvés dans les données et qui peut être vu dans les formes vernaculaires trouvés en portugais brésilien. La méthodologie est la recherche de la collecte des données à travers l'étude de cas dans Ceilândia, dont l'analyse a été développé à partir du continu proposé par Bortoni-Ricardo. Le corpus se compose des variétés dialectales situés dans l'urbanisation continue et a été évalué en conformité avec les traits progressifs ou discontinus, en fonction de la façon dont ce mot est fait et où il se trouve dans le discours rural, urbain ou urbana. La ville de Ceilândia a été choisi pour ses caractéristiques migratoires, la forme d'organisation urbaine et parce qu'il est formé, la plupart du temps, pour background rurale nord-est, ce qui nous permet de vérifier la qualité du mouvement de contact et dialectes les processus de diffusion et dialectal se concentrant sur le territoire.

Mots-clés: Ecolinguistics; écosystème, écriture oralisée; diffusion dialecte de la langue.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – No início, a poeira virou lama. A lama virou tijolo e o tijolo virou cidade	16
Figura 2 – Escrita dialetal	22
Figura 3 – Escrita oralizada	30
Figura 4 – Deslocamento de PL1	39
Figura 5 – Formação de línguas crioulas	40
Figura 6 – Deslocamento recíproco	43
Figura 7 – Escrita fonológica.....	74
Figura 8 – Caixa D'Água, figura simbólica da cidade	80
Figura 9 – Tradição nordestina	84
Figura 10 – Casa do Cantador	93
Figura 11 – São João do Cerrado.....	93
Figura 12 – Feira Central de Ceilândia	94
Figura 13 – Caixa D'Água	94
Figura 14 – Feira da Culinária nordestina: buchada de bode, mocotó, sarapatel e outras iguarias	95
Figura 15 – Repentistas nordestinos	96
Figura 16 – Biblioteca Pública	98
Figura 17 – Cultura popular: a tradição nordestina	98
Figura 18 – Anúncio ao lado da Administração de Ceilândia	98
Figura 19 – Temperos típicos	99
Figura 20 – Teatro de Mamulengos	99
Figura 21 – SHSN: resistência e persistência	100
Figura 22 – Carroceiros, comércio intenso e serviços	103
Figura 23 – Transeuntes, migração e trabalho	103
Figura 24 – Formação de uma banda	104
Figura 25 – Venda de produtos	104
Figura 26 – Oferta de produtos	105
Figura 27 – Vista do bairro Setor Sol Nascente	105
Figura 28 – Alagamento	106
Figura 29 – Falta de esgoto, asfalto e segurança	107
Figura 30 – Favelização do espaço territorial	107
Figura 31 – Brincadeira de crianças	107
Figura 32 – Crescimento desordenado	108
Figura 33 – Posição das vogais nasais	113
Figura 34 – Estrutura Silábica	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Serviços essenciais e qualidade de vida	102
Quadro 02 – Fonemas do PB	110
Quadro 03 – As vogais	112
Quadro 04 – Posição da consoante/classes de segmentos	123
Quadro 05 – Traços descontínuos	133
Quadro 06 – Traços graduais	133
Quadro 07 – Dicotomias estritas	136
Quadro 08 – Visão culturalista	138
Quadro 09 – Aspectos comunicativos da oralidade	143

MAPAS

Mapa 1 – Distrito Federal	29
Mapa 2 – Os dialetos do PB, segundo Nascentes	63
Mapa 3 – Dialetos do Português do Brasil	64
Mapa 4 – Panorama de Ceilândia e Brasília	77
Mapa 5 – Ceilândia	82
Mapa 6 – Trechos 01,02 e 03 do SHSN	108

TABELAS

Tabela 1 – Ano de criação de bairros em Ceilândia	83
Tabela 2 – População, segundo a naturalidade - Ceilândia - Distrito Federal – 2013	85
Tabela 3 – População de Migrantes, segundo a naturalidade - Ceilândia/DF, 2014	86
Tabela 4 – População, segundo o motivo da mudança para o Distrito Federal - Ceilândia	87
Tabela 5 – População, segundo o sexo - Ceilândia - Distrito Federal – 2013	89
Tabela 6 – População, segundo os grupos de idade - Ceilândia Distrito Federal - 2013 ...	89
Tabela 7 – População, segundo a condição de estudo - Ceilândia – 2013	90
Tabela 8 – População, segundo o nível de escolaridade – Ceilândia -2013	90
Tabela 9 – Classificação dos sons	110
Tabela 10 – Prótese	224
Tabela 11 – Epêntese	226
Tabela 12 – Suarabacti	227
Tabela 13 – Paragoge	227
Tabela 14 – Aférese	228
Tabela 15 – Síncope	230
Tabela 16 – Síncope por redução da marca morfêmica do gerúndio – ND para –N .	232
Tabela 17 – Síncope por apagamento da postônica /e/ e /i/ da penúltima sílaba	232
Tabela 18 – Vocalização das consoantes /l/ > /i/ e /ɲ/ > /i/	233
Tabela 19 – Apócope	234
Tabela 20 – Metátese do /r/	234
Tabela 21 – Metátese do /r/ em sílaba diferente	235
Tabela 22 – Vocalização do /ɫ/ em /i/ - Deslaterização/despalatização	235
Tabela 23 – Nasalização de vogais	236
Tabela 24 – Desnasalização de vogais	237
Tabela 25 – Elevação de vogais (alçamento)	238
Tabela 26 – Abaixamento de vogais pré e pós-tônicas	239
Tabela 27 – Rotacismo	240

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Justificativa	20
1.2 Objetivo geral	20
1.3 Objetivo específico	20
1.4 A organização da Tese	20
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	22
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
3.1 A perspectiva ecológica da linguagem	30
3.2 A Ecolinguística	32
3.3 A dinâmica dos processos envolvidos na ecologia linguística	35
3.4 Linguística Ecosistêmica	36
3.5 O Contato de Línguas	36
3.5.1 Deslocamento de PL2 para o Território (T) de PL1	38
3.5.2 Deslocamento de PL1 para o Território (T) de PL2	39
3.5.3 Movimento de formação de línguas crioulas	40
3.5.4 Deslocamento recíproco de PL1 para PL2 e vice-versa	43
3.6 Fatores relevantes para o Contato de Línguas	43
3.7 Uma característica do ecossistema da língua: a diversidade	45
3.8 A diversidade e a variabilidade	47
3.9 As contribuições da Sociolinguística Interacional	51
3.10 As redes sociais	54
3.11 Dialeto	57
3.12 Vernáculo	64
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	66
4.1 Procedimentos da pesquisa	68
4.2 Critérios para a coleta de dados	69
4.3 Os instrumentos da pesquisa	70
4.4 Os instrumentos para coleta	71
4.5 Procedimentos de coleta e instrumento de análise	71
4.6 O corpus	73
4.7 Categorias Analíticas	74
5 CEILÂNDIA COMO CONTEXTO DA PESQUISA	77
5.1 A história	79

5.2 A constituição da cidade	82
5.3 Áreas limítrofes	84
5.4 A força motriz da migração em Ceilândia	84
5.5 Características da população urbana	88
5.6 Uma cidade de tradição nordestina	92
5.7 Representações da cidade	94
5.8 Setor Habitacional Sol Nascente: uma ecossistema do ecossistema	100
6 CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL	109
6.1 A Fonologia do Português do Brasil	110
6.1.1 Fonemas Vocálicos	112
6.1.2 Fonemas Consonantais.....	114
6.2 Sílabas	115
6.3 O Vocábulo Fonológico	116
6.4 Acento	117
6.5 As proparoxítonas no PB	118
6.6 A Fonologia do PB e a aquisição da Escrita	120
7 O PORTUGUÊS DO BRASIL	124
7.1 A formação dos dialetos no Brasil: a variedade rural	124
7.2 O português estatal	127
7.3 Variedades urbanas	128
7.4 Um modelo de análise da oralidade por três - <i>continua</i>	130
8 ECOLOGIA DA ORALIDADE E DA ESCRITA	135
8.1 A perspectiva das dicotomias	135
8.2 Aspectos da fala e da escrita	140
8.3 A organização da fala	143
8.4 A Escrita no contexto do letramento	144
9 ANÁLISE DOS DADOS	148
9.1 Categorias analíticas	152
9.2 Fenômenos por Acréscimo	153
9.2.1 Prótese	153

9.2.2 Epêntese	157
9.2.3 Paragoge	159
9.2.4. Suarabácti	161
9.3 Fenômenos por Supressão	163
9.3.1 Aférese	163
9.3.2 Síncope	166
9.3.3 Síncope por redução da marca morfêmica do gerúndio - nd para n	170
9.3.4 Síncope por apagamento da postônica /e/ e /i/ da penúltima sílaba	172
9.3.5 Vocalização das consoantes /l/ >/i/ e /ɲ/	173
9.3.6 Apócope	175
9.4 Fenômenos por Transposição	178
9.4.1 Metátese do /r/ na mesma sílaba	178
9.342 Metátese do /r/ em sílaba diferente	178
9.5 Fenômenos por Transformação	179
9.5.1 Do /k/ em /i/ - deslateralização/despalatização	179
9.5.2 Nasalização de vogais	181
9.5.3 Desnasalização de vogais	182
9.5.4 Elevação de vogais (alçamento)	184
9.5.5 Abaixamento de vogais pré e pós-tônicas	186
9.5.6 Rotacismo	187
9.6 Algumas considerações a respeito do ecossistema analisado	189
9.7 Considerações sobre os dados	195
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	210
ANEXOS	223



Figura 1 - No início, a poeira virou lama. A lama virou tijolo e o tijolo virou cidade¹.

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de contextualizar a realização ecológica da língua, é importante averiguar as características do território e da população para situarmos onde e como a língua se manifesta como um sistema aberto. Para isso, fazemos um introito sobre a história da construção de Brasília como um fator preponderante para a constituição da cidade de Ceilândia, lugar que abriga a diversidade e um povo cujo gradiente linguístico se situa nos diversos pontos situados que vão desde os extremos polarizados: rural, de um lado; urbano, de outro. Sua população tem em suas diversas origens, um *background* linguístico remanescente dos primeiros moradores ou candangos que migraram para o Distrito Federal, a fim de consolidar a construção da Capital e fazer, do ideal de Juscelino, a Capital da Esperança, lugar de moradia e sobrevivência.

Na criação e constituição da Capital Federal, os processos de formação da população do Distrito Federal tiveram como força motriz os fluxos migratórios como a principal dinâmica formadora do contingente população, os quais ocorreram de acordo com as necessidades específicas ligadas ao processo da construção de Brasília e à consolidação de sua vida urbana. Neste sentido, o fluxo de migrantes é composto, em sua

¹Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/11/21/interna_cidadesdf,399550/cercada-de-historia-e-simbologia-caixa-d-agua-de-ceilandia-e-tombada.shtml>. Acesso em: 07 jan. 2014.

grande maioria, por trabalhadores da construção civil, além de comerciantes e prestadores de serviço.

Como afirmam Vasconcelos *et al.* (2006), em função da intensa migração para a construção da nova capital, houve um rápido, desorganizado e não previsto crescimento urbano nas imediações dos canteiros de obras.

Com a ideia de urbanização da cidade que mantinha o *status* de cidade Capital da Esperança, logo essa massa de migrantes, para não macular a ideia de espaço planejado por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, deveria ser remanejada para as então criadas cidades-satélites ou regiões administrativas, com infraestrutura urbana bem inferior à do Plano Piloto e distante deste, de modo que os novos conglomerados urbanos ou cidades foram se constituindo como um espaço de localização de trabalhadores da construção da Capital Federal e como um lugar para abrigar a população de menor poder aquisitivo recém-chegada à Brasília.

Nos anos seguintes à construção e inauguração da cidade sonhada por Dom Bosco e idealizada por Kubitschek, novos conglomerados de infraestrutura precária foram se formando para abrigar a população migrante de baixa renda que não conseguia se fixar no espaço urbano de Brasília, supervalorizado e bem equipado, fato que reproduziu, estigmatizou e reforçou o processo de segregação espacial, característica marcante da Capital Federal.

Configurando-se esses novos territórios² pelo movimento de higienização da Capital para além de seus limites urbanos, surge Ceilândia, uma vez que tal cidade se constitui a partir do movimento estatal para erradicar as invasões na Nova Capital e afastar as populações sem empoderamento econômico e *status social*. Nesse sentido, os fatores sociais relevantes para a construção de Brasília têm implicações sociais e linguísticas para o presente estudo, haja vista que a própria criação de Ceilândia é um reflexo desse fluxo migratório.

² Para evitar uma dicotomia entre espaço e território, já que esse conceito é importante para um trabalho de Ecolinguística, não fazemos uma distinção epistemológica entre esses dois termos como conceitos diferenciados, ideia defendida por Lefebvre (1984) e Raffestin, (1993). Servimo-nos dos conceitos utilizados por Haesbaert 1995a, 1995b; 2004; 2006; 2013), para quem espaço é a expressão de uma dimensão da sociedade, em sentido amplo, em sua coexistência/simultaneidade e o território, por sua vez, se define mais estritamente a partir de uma abordagem sobre o espaço que se prioriza ou que coloca o foco, dentro dessa dimensão espacial, quer seja na dimensão política quer seja nas relações de poder, onde ocorrem as trocas e as transformações simbólicas. Por não estarem restritos necessariamente à fronteiras físicas, os territórios são constituídos pelas redes de interações.

A história e constituição dessa Cidade Satélite, bem como suas características sociais e linguísticas são fatos muito importantes para o estudo da Ecolinguística, ramo da Linguística que objetiva averiguar a linguagem em interação, na dimensão do contexto em que ocorre a língua, a cultura, o espaço e a população que utiliza essa língua. Sua história, composição, características sociais e demográficas e organização do espaço territorial fazem parte do ecossistema em que a língua se encontra e tal ecossistema deve ser estudado de *per si*.

Por outro lado, os diversos aspectos da linguagem em seu uso, de acordo com as práticas sociais inseridas nessas comunidades, revelam que nos diversos territórios da Satélite em estudo, as variedades linguísticas em contato estão todas em competição. Tendo em vista que a língua é um sistema aberto em interação e evolução, as formas vernaculares coexistem com as variedades estatais ensinadas pela escola e também podem ser encontradas nos diversos tipos de letramento social, como nas propagandas das lojas, nos anúncios oficiais, nos letreiros e demais fatos da vida cotidiana.

As populações de menor poder aquisitivo encontrada nas periferias do Distrito Federal estão inseridas em redes sociais de interação e compartilham com os falantes de maior escolaridade e poder aquisitivo, as diversas variedades do Português. Muitas dessas variedades em contato são estigmatizadas ou são de prestígio. Outras, nem mesmo são percebidas. Neste sentido, na dinâmica da interação, alguns fenômenos passam por processos de difusão dialetal, quando marcas características de determinadas grupos ou regiões são abandonadas em favor de outras não facilmente identificáveis com um falar específico (LE PAGE, 1980). Quando há uma possível padronização de pronúncia local, um possível processo de focalização dialetal ocorre como o oposto ao processo de difusão citado. Nesse processo de acomodação linguística causada pela interação dos dialetos em contato, necessário é o exame de quais formas estão sendo difusas ou quais são focalizadas e onde isso está ocorrendo.

Em busca de trabalho, estudo, lazer e sustento da família, os habitantes das periferias urbanas, falantes de formas vernaculares, estão inseridos em grandes redes sociais de tessitura frouxa (conforme exporemos na seção sobre redes sociais), ou seja, para desempenhar diversos papéis em seus cotidianos, não ficam apenas restritos ao espaço do local onde residem, mas se locomovem para os grandes centros, são expostos ao dialeto estatal, às práticas letradas típicas de falares urbanos, mas, em suas comunidades, quando

surge a necessidade de utilização da escrita, fazem uso da variedade rural ou rurbana, com apoio na oralidade das diversificações dialetais do *background* de origem. Por outro lado, observa-se que, na confluência desses diversos dialetos em competição, alguns deles são mais expressivos em determinados lugares e em outros não.

Nas diversas comunidades de prática, os falantes fazem uso da escrita e com isso, pode-se observar que, quanto mais distante espacialmente dos grandes centros econômicos, mais podem ser encontradas as formas vernaculares inseridas no tipo de escrita oralizada com base em diversos aspectos da Fonologia do Português do Brasil.

Ao percorrer toda a Ceilândia, contexto da pesquisa, e observa-se empiricamente que nas grandes periferias e nas periferias das periferias, há uma exposição considerável de comunicação popular escrita expondo a diversidade linguística da variedade não estatal. Esse fato nos faz refletir sobre a seguinte hipótese: se há uma competição³ entre os dialetos estatal, urbano, rural e rurbano⁴, então há um ou alguns dialeto(s) prevalecendo em determinadas áreas, ao passo que há outro ou outros em outras áreas. Isso implica dizer que existe um movimento de direção e sentido de um determinado tipo dialetal que está se formando em áreas geográficas mais periféricas com determinadas características sociais a sul e a norte, e outras mais localizadas a leste e oeste, conforme o Mapa das Regiões Administrativas localizadas na Fig. 2. Se compararmos centros urbanos como Brasília e Taguatinga com áreas de Ceilândia e sua periferia, essa hipótese prevalece ou não se confirma?

Diante da situação de intensa interação social e do contato de dialetos é que este trabalho se propõe a estudar a língua, a partir de determinados usos sociais estabelecidos dentro de um território demarcado geograficamente. Trata-se de algumas reflexões a respeito de um dialeto observado na escrita, mas que não é nem valorizada pela escola nem pelos gramáticos, tampouco está em consonância com a variedade estatal e com as regras próprias da escrita. É a língua do povo que se encontra em situação desprivilegiada em relação à Capital Federal, mas que mantém fortes relações e vínculos com o Plano Piloto e outros centros urbanos. É a língua do povo em seus escritos populares.

³ O termo competição, comumente usado em Ecologia, diz respeito às variedades ou espécies que lutam pelos mesmos objetivos ou propósitos, cuja finalidade é a demarcação de um mesmo território. No caso da Ecolinguística, questões como poder, prestígio e adequação as necessidades comunicativas são forças que estão em jogo para se definir a competição.

⁴ O conceito de regras graduais, urbano, estudados por Bortoni-Ricardo (2011; 2005;2004) serão discutidos no Capítulo sobre a Fonologia do Português do Brasil.

Para dar conta das explicações a respeito das reflexões que se fazem a partir da hipótese levantada, busca-se nos referenciais teóricos da Ecolinguística, subsidiada pela Sociolinguística Qualitativa das representações da Teoria do Contato de Línguas aplicada aos Dialetos e das bases teórico-interpretativas dos estudos da Fonologia do Português do Brasil.

1.1 Justificativa

A presente Tese se justifica pela importância que o estudo sobre contato de dialetos tem para a Linguística, ao analisar quais os aspectos da Fonologia do Português do Brasil, presentes nas variedades vernaculares, estão concorrendo para a formação de um dialeto candango. Sabe-se que a cidade de Ceilândia ocupa um cenário bastante expressivo do ponto de vista populacional e econômico para o Distrito Federal e um estudo da diversidade presente nos anúncios populares colaboram para o entendimento de quais processos de acomodação linguística estão presentes nas práticas sociais de letramento aí imersas.

1.2 Objetivo geral

Verificar a escrita oralizada encontrada nos anúncios populares, a partir das características da fonologia do Português do Brasil, nas modalidades variedades estatal e rural.

1.3 Objetivo específico

Coletar, averiguar, descrever e analisar os fenômenos fonético-fonológicos encontrados nos anúncios, como a supressão e inclusão de letras, de acordo com os traços graduais e descontínuos presentes no Contínuo de Urbanização do Português do Brasil.

1.4 A organização da Tese

Dentro da visão sistêmica e ecolinguística sobre o estudo da língua na interação dos indivíduos dentro de um território, optamos por apresentar Ceilândia, com suas características sociais, econômicas e migratórias, o povo, em sua diversidade sociodemográfica e culturais e por fim, deixamos as questões da língua, relacionando-a com os pontos anteriores. Deste modo, a tese está dividida em 9 capítulos.

No 1, tecemos a contextualização do estudo, a relevância social da pesquisa para o tratamento da linguagem e a escolha da cidade como símbolo de migração nordestina, lugar que nasceu como fruto de ações políticas higienistas do governo militar em erradicar as invasões que surgiam desordenadamente nas imediações de Brasília.

No capítulo 2, apresentamos a Fundamentação teórica, como suporte da análise do contato de dialetos na perspectiva Ecolinguística, em que serão expostos os conceitos sobre diversidade linguística e o auxílio de referenciais sociolinguísticos importantes para esta pesquisa;

No capítulo 3, são apresentados os Aspectos metodológicos para análise como procedimentos da pesquisa, critérios para a escolha e coleta de dados, o tipo de pesquisa e os instrumentos para a sua realização. Também são apresentadas as categorias analíticas para composição do *corpus*.

No capítulo 4, abordamos as características do espaço territorial de Ceilândia, aspectos sociais e demográficos do povo, a composição da população, os lugares de cultura nordestina e apresentaremos o Sol Nascente como um subsistema de Ceilândia, o seu contexto de povoamento, história e localidade.

Nos capítulos seguintes são apresentados aspectos essenciais para a análise, como o capítulo 5, abordamos os aspectos da fonologia do Português do Brasil, seu sistema vocálico, a composição da sílaba, as proparoxítonas e os fenômenos fonéticos do latim vulgar para mostrar que a língua, por ser viva, ainda apresenta essas evoluções, como ocorre com os fenômenos apresentados na escrita oralizada, objeto desta tese.

No capítulo 6, são apresentados o Português do Brasil, e a formação dos dialetos brasileiros, em particular, a variedade rural. Tecemos também alguns comentários sobre a variedade estatal, direcionando-a das variedades urbanas.

No capítulo 7 são apresentadas as características da oralidade e da escrita, bem como suas diferenças. Tecemos considerações a respeito das dicotomias e os aspectos da fala e da escrita. Por fim, trazemos alguns conceitos de letramento e suas funções.

O capítulo 8 foi reservado à análise e veremos fenômeno por fenômeno, de acordo com os traços graduais ou descontínuos situados no contínuo de urbanização, no qual

abordaremos aspectos da fala rural, urbana e rurbaria. Também faremos uma análise comparativa entre Ceilândia e Sol Nascente em relação à Taguatinga e Plano Piloto. Construímos tabelas e quadros, a fim de explicitar cada ocorrência e situar os dados nas categorias analíticas propostas.

No capítulo 9, tecemos as considerações finais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO



Figura 2 - Escrita dialetal.

Não há sociedade sem linguagem, pois é ela mesma um instrumento de sobrevivência do próprio homem.

Em uma visão ecológica, a língua é também a manifestação concreta da faculdade humana de simbolizar, interpretar e de dar sentido ao mundo. Por ela, os homens se comunicam e se interagem entre si, de modo que ela revela a imanência do homem e o difere de todas as espécies. Neste sentido, a língua é a própria comunicação nas modalidades escrita, oral ou imagética.

Benveniste (1974) afirma que é pelo exercício da linguagem que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens. Nesse sentido, dizemos que é pela linguagem que o homem tece suas relações com o mundo circundante, de modo que a tríade **língua-sociedade-cultura**, em uma relação sistêmica, confere à linguagem o aspecto

ecológico. É nessa visão de linguagem como interação verbal entre o meio ambiente e o homem que a presente tese estabelece seu paradigma do que venha a ser língua.

Uma das formas de o homem interagir com o meio é o uso da escrita. Usos esses que vão além dos muros da escola e estão enxertados nas diversas práticas sociais. Neste sentido, há tantas formas escritas expressando os diferentes gêneros textuais nas diversas manifestações culturais que nos chama a atenção a presença de dialetos rurais nos escritos desses gêneros textuais em grande circulação nas cidades. São os anúncios populares, recorte da presente pesquisa.

Os anúncios populares compõem a comunicação popular e escrita e, por serem gêneros, possuem estruturas socialmente reconhecidas, têm características comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas para vender ou oferecer produtos e serviços. Segundo Cadena (2001) e Cury (2004), esses tipos de comunicação podem ser formais ou informais e o intuito é propagar informações sobre algo, buscando sempre atingir e influenciar o leitor apresentando, na maioria das vezes, mensagens que despertem as emoções e sensibilidade de quem os vê. Estão em todos os lugares, sejam públicos ou particulares, fachadas de prédios, letreiros, *outdoor*⁵, geralmente postos à disposição do público, ou podem estar em folhetos, faixas, cartazes, placas de carro, fachadas de casas e lojas, paredes de banheiro, muros, etc. Entretanto, o presente trabalho não pretende classificar ou esgotar todos os tipos de anúncios nem descrever as práticas sociais aí contidas, com seus meios de realização, elaboração, recepção. O recorte está no tipo de escrita contida neles e sua relação com o ecossistema da língua, com a diversidade, e com o contexto social.

O fenômeno da oralidade na escrita é muito rico e pode ter diversos olhares, nas mais diferentes abordagens, sejam do ponto de vista da gramatical, sejam da perspectiva de diferentes matizes, como a perspectiva do letramento, do impacto que esses anúncios têm sobre a cidade, sobre a economia, sobre o imaginário, a cultura, etc. Deste modo, pela riqueza da diversidade, a escolha dessa temática já é, por si só, um trabalho de ecologia linguística, ou melhor, ecossistêmico.

Nas obras *No País das Placas Malucas* e *O Brasil das Placas*, Soares (2011; 2007) aborda o conteúdo das placas populares sob o aspecto da jocosidade em relação ao

⁵ A palavra *outdoor* que deriva da expressão inglesa *outdoor advertising* tem sentido totalmente diverso do seu significado em português. Segundo Pinheiro (1990), *Billboard* é a palavra inglesa para qualquer propaganda (painel, letreiro luminoso, letreiro em parede, muro etc.) exposta ao ar livre ou à margem das vias públicas. Contudo é importante ressaltar que existem padrões, e nem toda mídia exterior é comercialmente chamada de *outdoor*. Painéis rodoviários, empenas, bandeiras, lonas, por exemplo, são outros exemplos de mídia exterior, popularmente chamadas de *outdoor*.

conteúdo de suas mensagens. Neste sentido, há diversos exemplos de placas na internet (cf. em www.kibeloko.com.br, por exemplo)⁶, em que são revelados aspectos peculiares como impropriedade de conteúdo semântico, bem como a escrita desses exemplares são considerados erro de português. Nesses trabalhos, o material é apresentado como engraçado e ridículo e não há preocupação em nenhum aspecto linguístico.

Há um trabalho bastante rico em classificação e enumeração da comunicação popular, em que Pellegrini Filho (2009) não só explica como reconhece os diversos tipos de gêneros populares escritos contextualizados e distribuídos em diversas culturas. Apesar da riqueza de detalhes e de contribuições valiosas para o estudo desses gêneros, não fazem nenhuma referência à construção da escrita.

A maioria esmagadora dos anúncios encontrados no Distrito Federal são escritos de acordo com a forma prevista na gramática normativa, mas há outros que não seguem o dialeto estatal e podem ser vistos em vários lugares, principalmente nas periferias de Brasília. São escritos vernaculares que têm forte apoio fonético-fonológico da fala (por isso são oralizadas) e se diferem da norma padrão prevista para a escrita, que é tida, pelos gramáticos, como uma manifestação formal e erudita de grande prestígio social.

Conforme Oliveira (*in* AGUILERA, 2009), há diversas pesquisas sobre a escrita fonetizante, em que se estudaram muitos aspectos sobre marcas da oralidade na escrita, como similaridades e diferenças. Sobre isso, remetemos a alguns títulos que resumem o estado da arte, como Blanche-Benveniste (1998), Kato (2001), Marcuschi (2001) e Chafe (1988). Entretanto, como lembra o autor, faltam produções que se debruçaram sobre as marcas da oralidade na escrita na perspectiva fonético-fonológica, tendo em vista que, até o presente momento, o enfoque dos estudos em sido a oralidade, como os trabalhos de Mattoso Câmara Jr. (2004), em que analisou os “erros” fonéticos cometidos por escolares, transpostos da oralidade para a escrita, e o de Pinto (1996), em que se buscou nos letreiros e panfletos traços fônicos típicos da fala.

O trabalho de Pinto (*op. cit.*) faz uma pesquisa sobre as características do português brasileiro escrito não padrão presente nos letreiros das feiras, em cartazes, placas, impressos volantes, tabuletas e correspondências de populares. Com várias exemplificações, retrata o léxico, a grafia e a gramática dessa modalidade da língua portuguesa, mas o enfoque mesmo é consciência, pelos falantes, das diferenças entre língua falada e língua escrita.

⁶ Disponível em: <<http://www.kibeloko.com.br/2012/10/01/pracas-do-braziu-partes-2161-a-2180/>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Os trabalhos oriundos da Sociolinguística Quantitativa se detiveram ao tema sob os mais diversos condicionamentos em relação a alguns traços fônicos da oralidade, como se pode ver em Freitas (2001), que se estudou a estrutura silábica CCV; Lemos (2001), para o registro ortográfico de ‘e, i, o, u, átonos’; Tasca (2005), para a monotongação de [ey] e [ow] e para a semivocalização de // em posição de coda; Mollica (2000; 2003) para monotongações, desnasalizações, rotacismos, assimilação de *-nd-* a *-n-*, etc. Entretanto, ainda não fora realizado nenhum trabalho que aponta o fenômeno da escrita oralizada do ponto de vista ecossistêmico, pois o olhar que se faz sobre os fenômenos diz respeito aos efeitos das variáveis e seus determinantes na língua dos indivíduos e suas produções escritas, em comparação à ortografia normativizada que lhes permitem caracterizar o que é ou não típico da fala.

Para uma visão ecológica da linguagem, os fenômenos da oralidade na escrita, embora sejam estigmatizados socialmente, nem sempre são percebidos nas comunidades de fala onde são veiculados e, embora inseridos nas cidades, não seguem o dialeto estatal. Esse fenômeno é aqui denominado como traços contínuos ou descontínuos⁷, dentro de um contínuo de gradientes polarizados entre o rural e o urbano. Entretanto, os lugares onde podem ser encontrados revelam que as práticas de letramento social são muito intensas e a presença dos dialetos caipira ou rurbano nesse tipo de gênero não podem ser ignorados. Exemplos desses fenômenos são registrados em palavras como ‘*praca*’ para placa, ‘*cantemu*’ para cantamos, ‘*estromu*’ para estômago e ‘*vendenu*’ para vendendo.

O que se percebe na comunicação popular em Ceilândia é um misto de dialetos rurais transformados ou transformando-se em variedades urbanas não-padrão ou não-estatal. Por sua vez, a migração de massas de outras localidades do Brasil, em particular, da Região Nordeste, para essa cidade, apontam uma característica peculiar ao sistema como um todo em relação ao território nacional: um amálgama linguístico em virtude de vários fenômenos, dentre eles: o êxodo de massas do campo para as cidades, a introdução em áreas rurais de um modo urbano de vida, associada ao uso cada vez maior das tecnologias que fazem do mundo uma grande globalização.

Para se entender esse amálgama, devemos levar em consideração alguns fatores: que o Brasil é um país em desenvolvimento e que sua industrialização só ocorreu muito recentemente, ou seja, na segunda metade do Século XX; que emergiu de uma economia predominantemente agrária para industrial; que é marcado pela concentração de renda, por

⁷ A referência a esses termos é revisitada nos estudos de Ricardo-Bortoni (1983; 2005; 2011), conforme exporemos na seção sobre a Fonologia do Português do Brasil.

forte desigualdade social e por uma sociedade multidialetal. Este conjunto de fatores nos permite interpretar que a ocorrência de variedades rurbanas, como resultado da confluência entre o rural e o urbano, são formas vernaculares cristalizadas em processos difusos, a depender do tipo de força que o uso da língua exerce sobre o ambiente.

A fim de entender, interpretar e explicar esses processos explicitados nos parágrafos anteriores e que estão expostos no uso dos dialetos encontrados na comunicação popular escrita, buscamos nos referenciais teóricos da Ecolinguística, subsidiados pela Sociolinguística, a fundamentação da presente pesquisa, pois essas duas áreas da Linguística têm se mostrado bastante produtivas em seus objetos de estudo ao fazer correlação entre língua e sociedade (GUMPERZ, 1971), ao relacionar dialeto, território e povo (COUTO, 1996; 2007; 2009), e a um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos (HYMES, 1974) que estão concorrendo para os processos de focalização e difusão no ecossistema da língua.

A ecologia dos anúncios populares é baseada nos estudos da Ecologia da linguagem, sendo essa definida como o estudo das interações entre os seres vivos e seu meio ambiente. A etimologia do termo Ecologia vem do grego antigo ‘*oikos*’, que quer dizer casa, *habit*, e ‘*logos*’ – ciência, conhecimento. Com essa definição, podemos dizer que a ecologia é a ciência do *habit* (HAUGEN, 1972) e exprime a abordagem conceitual na qual nos apoiaremos para o estudo da língua geograficamente situada em determinado território.

O presente trabalho investiga os dialetos rurais presentes na escrita oralizada das placas e anúncios populares nas comunidades de fala de Ceilândia, dialetos esses que estão explicitados na escrita popular e estão em processos de focalização/difusão.

Os processos linguísticos de base fonético-fonológico são as transformações que ocorrem na evolução da língua, e são bastante estudados na evolução das línguas românicas, na passagem do latim para as línguas nacionais como o francês, português, espanhol, por exemplo. Muitos autores nomeiam essa evolução como metaplasmos⁸ do português brasileiro, que são definidos, segundo Houaiss (2009), como um desvio da correta composição fonética da palavra, tolerados em razão da métrica e do ornamento. Fugindo dessa ideia de certo e errado, desvio ou erro, Mattoso Câmara Jr. (1975b) afirma que a língua tem sua importância, dado que é através dela que o homem expressa suas

⁸ A escolha dos fenômenos aqui indicados é motivada pela observação de Gomes (2008; 2009), cujas pesquisas coletaram esses dados, tendo em vista sua grande recorrência na fala de seus informantes, apontando, na oralidade e na escrita dos informantes, algumas características graduais dos traços rurbanos que estão concorrendo para a formação de um dialeto candango.

ideias na comunidade a qual pertence. Neste sentido, cada falante é o próprio agente modificador de sua língua, ou seja, a língua é um instrumento que tende a projetar a cultura de um povo. Esta influência cultural pendura desde a origem da língua portuguesa, ainda no latim e se reflete na fala espontânea dos dias atuais.

Para esse autor, as mudanças mais comuns na fala espontânea ocorrem com acréscimos ou decréscimos de fonemas que geram outra forma de falar a mesma coisa. Essas modificações fonológicas e morfológicas são denominadas metaplasmos e estão presentes na diversidade do português do Português do Brasil, o PB⁹ e, por isso, são muito comuns na escrita de pessoas com pouco contato com a escrita formal.

Esses fenômenos podem ser do seguinte modo:

- a) por acréscimo;
- b) por supressão;
- c) por transposição;
- d) por transformação;

E podem ocorrer pelas seguintes interferências das regras fonológicas do Português do Brasil:

- a) Fenômenos decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais;
- b) Fenômenos decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Esses fenômenos ocorrem na fala rural e estão presentes na variedade diatópica presentes na literatura linguística, conforme os estudos de Ricardo-Bortoni (1985, 2004; 2005; 2011), Mollica (2000; 2003; 2007) e Bagno (2001; 2002; 2007; 2012).

Nas ruas da cidade a ser investigada, constatamos que os fenômenos do objeto de pesquisa estão empregados nas placas e anúncios populares, o que nos faz acreditar que há um conjunto de regras variáveis do Português do Brasil concorrendo para um dialeto candango.

O contexto da pesquisa se dá em Ceilândia, Cidade Satélite do Distrito Federal e a mais populosa. Há grande ocorrência de várias práticas de letramento, onde percebemos diversos usos das variedades rurais na fala do povo e também em suas escritas. Os

⁹O português do Brasil será denominado, doravante, em PB. O de Portugal ou Europeu, PP ou PE, respectivamente.

anúncios populares estão por toda parte revelando o modo de ser da cidade, sua vocação econômica. Com uma população de cerca de 450.000 mil pessoas, suas características estruturais, história e origem e o alto grau de mobilidade social resultante da migração em sua grande maioria de nordestinos, fazem dessa comunidade um lugar muito especial para o estudo da linguagem.

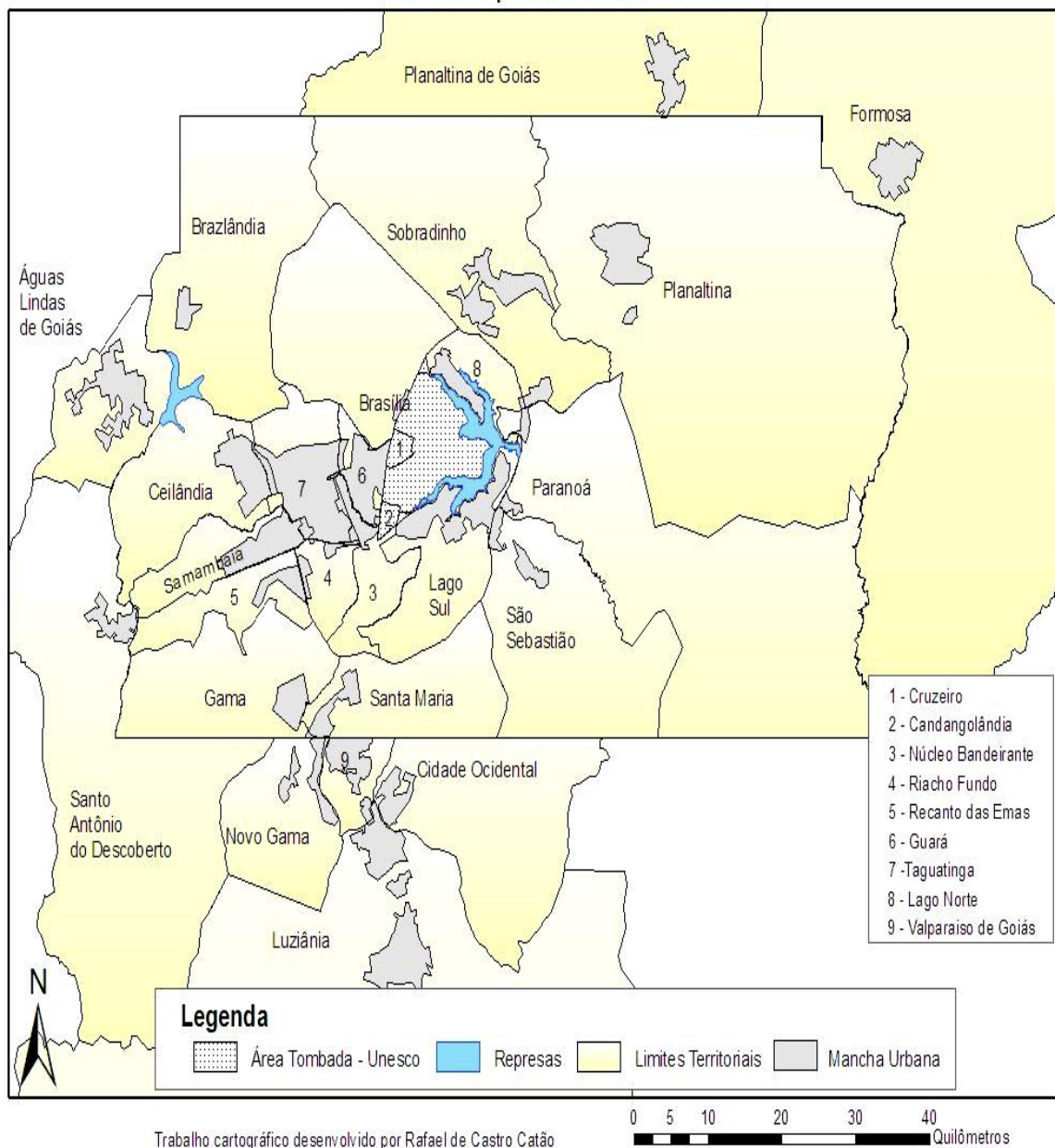
Sobre isso, ressaltamos que a força motriz da mobilização migratória encontradas nessa cidade sofre influência de duas vertentes: uma rural e outra urbana. Rural pelo *background* de origem dos migrantes. Urbana pelas características de letramento da cidade. Nesse contexto de contato, os dialetos encontrados no repertório linguístico dos migrantes tanto podem influenciar, como podem ser influenciados e sofrer processos de difusão ou focalização em situação de contato (WEINREICH, 2001; LABOV, W. & HERZOG, 1968; LABOV, 1966; 1972).

As práticas sociais com escrita vernacular encontradas em Ceilândia, ao serem analisadas na perspectiva do estudo da ecologia do contato de dialetos, permite-nos averiguar quais fenômenos da fala estão concorrendo para a formação de um dialeto candango, a partir da análise de textos escritos oralizados, haja vista que a escrita revela traços indeníveis de uma dada comunidade de fala, conforme já demonstrado nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004) e Gomes (2013; 2008).

Para o presente trabalho, os processos da língua que abarcam a manutenção dos dialetos concorrentes na formação da fala de um povo podem ser mais bem compreendidos na literatura a partir dos estudos de Le Page (1980), para quem o fenômeno da focalização implica traços sistematicamente marcados de variáveis, de modo que o dialeto focalizado se apresenta como um sotaque distinto, ou seja, é observado em uma dada comunidade como um dialeto marcadamente sentido e percebido pelos membros da comunidade como algo diferente. De igual modo, o dialeto contido na escrita também obedece ao mesmo princípio.

Já o conceito de difusão dialetal, segundo Le Page (op. cit.), tem uma estreita relação com o fenômeno da mobilidade demográfica em seus aspectos regional ou socioeconômico e se caracteriza como o resultado do contato entre variedades no processo de migração. Nesse fenômeno, as variedades não são percebidas, haja vista que os dialetos falados vão se resultando numa grande confluência dialetal não marcada.

Área Metropolitana de Brasília



Trabalho cartográfico desenvolvido por Rafael de Castro Catão

0 5 10 20 30 40
Quilômetros

Mapa 1 - Distrito Federal¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <http://ceam.unb.br/oj/arquivos/artigo_nogales.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Figura 3 - Escrita oralizada.

3.1 A perspectiva ecológica da linguagem

A perspectiva ecológica da linguagem tem um caráter sistêmico e multivariado, de modo que a língua não é enxergada como algo hermeticamente fechado, separado de sua situação de uso e contexto. Todos os fenômenos da língua são influenciados e influenciam uns aos outros de modo dialético, como ocorre nas relações sistêmicas entre o meio ambiente e os seres vivos. Nessa perspectiva, a abordagem não tem como primazia um lugar que é o centro, mas tudo é central no estudo, pois todos os fatores podem ser levados em consideração como metas de análise.

Um dos primeiros autores a fazer um recorte da linguagem sob o viés ecológico foi Mufwene (2001) em sua obra *The ecology of language evolution*, pois esse autor toma a

Biologia como uma ciência de apoio para construir um arcabouço epistemológico para a teoria do contato e da evolução linguística.

Couto (2007; 2009) e Couto (2012) ao discutirem a dinâmica do contato, sob o viés ecológico, nos apresenta com a tipologia dos contatos, trazendo para o centro da discussão os processos interligados entre a tríade língua, povo e território.

A Ecologia do Contato de Línguas nos permite fazer o recorte sistêmico de todas as partes de um sistema integrado, conforme vários estudos têm sido feitos ao longo da literatura específica da Ecolinguística e da Sociolinguística, pois propõe um modo de enxergar as relações entre o meio ambiente, a língua e a sociedade e as instâncias em que essas situações ocorrem, como o contexto, o tempo e o espaço (território), a partir de vários estudos que apontam a relação da língua com o meio social.

A relação entre a língua e o meio social pode ser encontrada em diversas literaturas de referencial ecossistêmico. Especificamente sobre Ecologia ou Ecolinguística, cujo objeto de estudo recai sobre a relação entre a língua e o meio ambiente. Podemos consultar as obras de Haugen (1972), Fill (2001), Mufwene (1997; 2001), Makkai (1993), Markey (1979), Thomason (1997; 2001), Couto (2007; 2009) e Mühlhäusler (2003; 2001; 2000).

Couto (2009) esclarece que o Ecossistema vai além de objeto de interesse da biologia, como o estudo da natureza e suas relações com as espécies, a fauna, a flora e o homem, mas como algo maior, sistêmico, onde todos os elementos se relacionam em uma grande rede de interação. Daí dizermos que a linguagem se torna um fio de tessitura que liga o homem a tudo que o cerca, ao seu meio ambiente e revela-se em forma discursiva escrita e oral pelos diversos gêneros discursivos.

Os pressupostos teóricos da Ecologia das línguas apontam o estudo das inter-relações entre as línguas, tais como *pidginização*, crioulização, obsolescência e morte de línguas, empréstimo e outros (COUTO, 2007). Nessa visão ecolinguística, é como alguém que enxerga o ambiente de cima para baixo, da parte mais geral para o particular. Nessa perspectiva, vimos os anúncios populares contextualizados, como alguém que vê a casa (ecossistema) e vai se aproximando para ver mais de perto as paredes, as janelas, o piso, do que são constituídos cada objeto, como são os sistemas dessa casa, seus alicerces, sua constituição. Olhando em várias direções, o pesquisador vai selecionando cada detalhe, a fim de estabelecer relações micro e macro sistêmico com a casa inteira. Na linguagem, a mesma metáfora da casa: para ver cada placa de anúncios, foi preciso entender a linguagem em seu aspecto fonético-fonológico, a morfossintaxe das palavras utilizadas e das sentenças e enfim, para entender os processos de concepção da escrita dos escreventes.

A seguir, discutiremos a perspectivas de análise sistêmica, conforme os referenciais da Ecolinguística e da Sociolinguística para o estudo do Contato de Dialeto.

3.2 A Ecolinguística

A escolha dos modelos teóricos, a partir dos quais estão sendo processadas a coleta e análise de dados linguísticos e etnográficos foi realizada levando-se em consideração fenômenos linguísticos imersos dentro de uma cultura, com características ecolinguísticas e socioculturais marcadas pela comunidade de fala pesquisada.

A adoção do quadro conceitual dos estudos de Contato de Línguas serve para o Contato de Dialeto, sendo que tal quadro se mostra essencial para explicarmos as relações que ocorrem simultaneamente entre a língua e o indivíduo/comunidade em um determinado espaço geográfico ou virtual.

A situação de contato pressupõe culturas diferentes, as diferenças dialetais, a competência comunicativa dos indivíduos, os contextos da comunicação, as variáveis extra e intralinguística, as questões de escolarização que nos fazem refletir sobre as práticas pedagógicas, as relações de pertença e indenitárias dos grupos, a sócio-história dos sujeitos, o *background* de seus antecedentes, a qualidade das redes nos quais os indivíduos estão imersos, os tipos de relações permeadas nas migrações dentro de um ou mais territórios determinados, as características socioculturais dos grupos e das comunidades, as relações de poder e atitudes linguísticas as mais diversas.

Nesse conjunto de relações, a Ecolinguística constitui-se como uma mola mestra, o eixo principal, dado o âmbito de sua investigação, que abarca um considerável número de situações com as quais lidam com todas as situações acima descritas de forma correlacional com outras áreas da Linguística, o que nos possibilita a compreensão global e integral dos fenômenos de análise. Dessa forma, podemos afirmar que o Contato de Línguas/Dialeto está para a Ecolinguística do mesmo modo que a Ecolinguística está para o contexto social e ambiental em seu conceito mais amplo.

Para entendermos o contato de línguas numa perspectiva ecolinguística, tomemos de empréstimo os conceitos da Biologia sobre o que é Ecologia, que basicamente a define como o estudo das relações intra, extra e inter os seres vivos e o meio ambiente, nos mais diferentes sistemas de um ecossistema. Desse modo, o estudo das partes pressupõe enxergar o todo e como esse todo está para as partes. O estudo do todo só pode ser entendido pelas partes. Essa díade formada entre os seres vivos e o meio ambiente requer

um olhar sistêmico que permite estudar os mesmos fenômenos sob diferentes focos. Desse modo, segundo Couto (2009), o ecossistema se torna uma totalidade dinâmica e de contornos fluidos, contínuos e complexos.

O termo foi proposto pelo biólogo balto-alemão Jakob Von Uexküll sob a forma alemã *Umwelt* (COUTO, 2007). Há referências que indicam Haeckel (1866) como a primeira referência ao nome. Numa tradução livre de Couto do alemão para o português (*op. cit.*), por conceito de ecologia se entende como as ciências das relações do organismo com o mundo externo e vice-versa, envolvendo todas as condições de existência, sejam orgânica ou inorgânica, necessárias para a sobrevivência, adaptação e continuidade da existência dos indivíduos e das espécies, levando-se em consideração as condições do lugar, tempo, clima, e as relações intra, inter e extra pelos quais estão implicadas na sobrevivência e morte dos organismos.

O Ecossistema é o conjunto de inter-relações entre o meio e os indivíduos em sistemas, como um conjunto de seres vivos e o meio onde vivem, compartilhando as seguintes propriedades: a **diversidade**, que envolve a ideia de pluralidade étnica, social, cultural, linguística entre outras; a **totalidade ou holismo**, cuja ideia de integralidade e complexidade está subjacente à noção de totalidade e, o terceiro conceito - a **sociedade** - que pressupõe a ideia de grupos ou conjuntos de indivíduos que compartilham não somente um mesmo espaço/território, mas cooperam e interagem entre si formando um todo coeso.

O conceito de Ecolinguística, segundo Couto (*op. cit.*), pode ser definido como o estudo das relações entre língua e meio ambiente. É o ecossistema da língua, constituído por um povo (população da ecologia), habitando determinado território, de modo que tudo o que acontece na língua ocorre dentro de um contexto. Segundo Couto (2009), tudo o que acontece na língua se dá dentro do contexto, cujo interior, o meio ambiente da língua se relaciona com o ecossistema social, o mental e o natural da língua. Vale dizer que o que interessa para esse conceito são as inter-relações verbais que se dão entre as pessoas.

O primeiro a usar o nome Ecolinguística foi Einar Haugen (HAUGEN, 1972), nome em português para o termo que ele usa em inglês *ecology of language e language ecology* para definir como o estudo das interações entre qualquer língua dada em seu meio ambiente.

Várias áreas da Linguística fazem esse recorte ao tratar de determinados fenômenos, entretanto faltava uma ciência da linguagem que pudesse dar conta das relações de interação de espaço, pessoa e língua de uma forma sistêmica. Sobre isso, Couto (*op. cit.*), comentando as ideias de Haugen, mostra que várias áreas têm abordado inúmeras

relações entre o homem e a sociedade, como a psicolinguística, a etnolinguística, a linguística antropológica, a sociolinguística e a sociologia da linguagem, de modo que apesar do nome Ecolinguística, os linguistas têm tratado dela em seus trabalhos sobre mudança e variabilidade linguística, contato e bilinguismo, bem como padronização. Entretanto, estava faltando uma disciplina específica que reunisse todas essas preocupações com as relações entre língua, meio ambiente numa perspectiva complexa, dicotômica, inter-relacional e multidirecional.

Outro autor, Adam Makkai (1993), ao definir a Ecolinguística, usa o termo *Pragmo-Ecological Grammar* – Gramática Pragmo-ecológica, cuja visão de linguagem humana é filosoficamente mais inclusiva e não exclusiva (como os estudos do mentalismo da Gramática Gerativa), pois está relacionada aos aspectos pragmáticos da língua em sua versão mais global em relação ao ambiente.

Como Couto afirma, na obra citada, a partir da década de 80, vários autores se dedicaram ao estudo de fenômenos linguísticos sob a batuta de uma perspectiva ecolinguística, dentre eles, Alwin Fill (2001), que define essa ciência como o ramo das ciências da linguagem que se preocupa com o aspecto das interações, sejam elas entre duas línguas individuais, entre falantes e grupos de falantes, ou entre língua e mundo, e que intervém a favor de uma diversidade das manifestações e relações para a manutenção das inter-relações, de modo que a perspectiva ecolinguística reflete o pensamento de que Ecolinguística é o estudo das relações entre língua e meio ambiente, conceito usado neste trabalho.

Particularizando o que se faz nessa área, Haugen (1972) afirma que o verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos, incluindo-se aí, além do meio social, o meio ambiente mental e físico, quer seja natural ou entendido como biológico.

Couto (2007) nos fornece uma divisão sinóptica da Ecolinguística, sem sobreposição de ordens:

- a) Ecolinguística para designar o estudo das relações entre língua e meio ambiente;
- b) Ecologia linguística como o estudo das relações entre língua e questões ecológicas tais como diversidade, problemas-ambientes, em uma perspectiva ambiental;
- c) Ecologia da língua como o estudo das relações entre língua e meio ambiente social, mental e físico.
- d) Ecologia das línguas para designar o estudo das inter-relações entre as línguas, tais como pidginização, criolização, obsolescência e morte de língua, empréstimo e outras.

3.3 A dinâmica dos processos envolvidos na ecologia linguística

A Ecolinguística é uma ciência nova dentro da Linguística, mas seu objeto de estudo não o é. Seu modelo teórico lida com todos os determinantes da língua, uma visão de mundo muito próxima à Física Quântica e à Biologia, tanto que a divisão dos ramos dessa nova ciência se apropria de termos e metáforas dessa ciência para explicar seus conceitos. Do mesmo modo que as espécies se relacionam com o todo e o todo com os indivíduos e efeito disso sobre cada um no sistema, no estudo ecolinguístico, a situação de contato é examinada à luz das mudanças linguísticas ocorridas nas comunidades linguísticas estabelecidas em determinado espaço geográfico ou virtual. E nesse ponto, chamamos a atenção, como o fez Mafwene em *The Ecology of Language evolution*, haja vista que o contato está em toda parte, começando no nível dos idioletos (MUFWENE, 2001).

O ecossistema da língua não é estático, pois as interações que ocorrem em seu interior são o tônus para mostrar o quão dinâmica são as inter-relações dos sistemas de um meio ambiente e a língua.

Saindo da exclusividade da visão organicista e cientificista das matrizes positivistas implicadas nos modelos de ciência herdadas da Física Newtoniana, a proposta ecolinguística sobre as dinâmicas sistêmicas do ecossistema linguístico é não linear, mas dialética e bidirecional, o que permite ao se estudar a língua, que esta não seja vista apenas em uma direção, mas a partir de vários matizes, de vários porquês de as coisas serem como são e como são.

Humboldt (1968) afirma o caráter humano e terreno da língua, a estreita ligação entre língua e comunidade bem como entre língua e pensamento, dado que a língua é uma propriedade da comunidade e do indivíduo, sendo esse não isolado, pois pertence a um todo, a uma nação, a uma linhagem a que a nação pertence, e a todo o gênero humano. Outro elemento humano da língua é a sua relação com o pensamento, de forma íntima e indissociável. Esse autor também concebia a língua como um processo dinâmico, uma atividade, de modo que podemos comparar a língua com uma gigante teia, intrincada, complexa, em que cada parte depende da outra e do todo.

Deste modo, explicaremos, abaixo, o movimento ecolinguístico desse modelo funcional, em que a linguística é associada à ecologia.

3.4 Linguística Ecológica

Como afirma Couto (2012), Linguística Ecológica é a versão da Ecolinguística que considera a língua em sua ecologia. Tem como objeto o ecossistema, daí a denominação linguística ecológica.

Essa escola considera a língua como parte de um ecossistema linguístico, (exoecologia linguística) e os ecossistemas em seu interior (endoecologia linguística).

Nesse ramo, não se estudam apenas as discussões ambientalistas, antiambientalistas ou relacionadas a esses temas, mas estuda todo e qualquer fenômeno linguístico em qualquer direção que se pode ver e estudar as relações que ocorrem entre ambiente, língua e pessoas, inclusive estruturais, como nos ensina a autora.

Nesse sentido, não se estuda uma língua partindo de uma ideia de centro ou etnocêntrica, de que a língua, do ponto de vista do dominar e das relações hegemônicas, deve ser vista de onde o poder se estabelece, daí questões como certo e errado ou belo e feio deixam de ocorrer nesta disciplina. O centro é qualquer lugar onde se estabelece uma língua e aqui nesta obra, o Plano Piloto não é o Centro linguístico, mas o é Ceilândia, como objeto da pesquisa.

3.5 O Contato de Línguas

Para o entendimento sobre a escrita das placas e anúncios populares, é preciso contextualizar a situação de contato linguístico que estabelece quais as formas dialetais estão em concorrência. Sobre isso, Couto (1996; 2009) afirma que o contato é tão decisivo na mudança linguística, que até já se afirmou que toda mudança linguística tem origem no contato, de modo que, quando determinada variedade ou dialeto de uma língua qualquer se isola das outras variedades ou dialetos, passa a ter uma deriva própria, mesmo que não sofra influência do ambiente imediatamente envolvente. Portanto, pode-se completar a afirmação anterior, reformulando-a do seguinte modo: toda mudança linguística tem como causa o contato, direta ou indiretamente.

Inicialmente, cabe aqui esclarecer que os paradigmas estudados para o Contato de Língua¹¹ são os mesmos para o Contato de Dialetos. A Ecolinguística busca, em seus

¹¹ Os diversos estudos sobre a fala, as comunidades linguísticas, a escrita, os estilos, o contexto e o uso da gramática nos mais variados aspectos, sejam formais ou informacionais, não escapam do olhar ecológico, daí dizermos que a Ecolinguística está no objeto de estudo da Sociolinguística, bem como esta está naquela. Não

referenciais teóricos, as questões que envolvem as relações que se dão entre a língua e a sociedade.

Os processos linguísticos envolvidos na interação do contato dialetal foram investigados primeiramente por Peter Trudgill (1986), que baseou seus estudos na Teoria da Acomodação, de Howard Giles (1980), pesquisador que observou no contato entre variedades de uma única língua a possibilidade de transferência de determinados traços de uma variedade para outra, fato esse que o fez verificar alguns fatos relevantes: a razão de os falantes se acomodarem uns aos outros; a extensão dessa acomodação e, o porquê de os indivíduos produzirem mais nos diferentes tipos acomodação do que outros quando submetidos a determinadas situações.

As línguas se diversificam dialetalmente, como um organismo vivo, nasce e morre. Evidência disso é o surgimento remoto de uma protolíngua, ou seja, uma língua primeira, a exemplo do relato bíblico sobre a Torre de Babel (Gênesis 11,1-9)¹². Como nos lembra o autor, houve uma língua inicial que foi se diversificando ou convergindo, a exemplo como ocorre atualmente na Globalização, fenômeno esse que aumenta o contato de indivíduos e coletividades com outros povos e suas respectivas línguas.

No contato de línguas, o espaço é um constructo essencial, pois é o meio pelo qual as populações transitam, se deslocam para o território de outras populações, provocando interações e, como produto desses processos, podemos citar a comunhão simbólica que surge da necessidade de os povos se comunicarem, se relacionarem e sobreviverem.

Outro ponto importante, é que a proximidade espacial geográfica ou virtual é base para o contato de língua, pois facilita a convergência linguística ou, o contrário, a distância espacial pode implicar divergência linguística. Outros fatores que explicam a convergência e a divergência das línguas têm implicações diretas com as relações em que o indivíduo ou grupo está imerso em suas redes de interações sociais, haja vista que essas interações, quando ocorrem, se dão entre pessoas que estão histórica e socialmente situadas em espaços determinados, influenciando esses espaços e sofrendo influências deles dialeticamente.

somente essa área de estudo, mas outras como as diversas abordagens de Análise de Discurso e do Discurso, a Linguística Textual, a Histórica, a Pragmática, a Análise da Conversação e mesmo os diversos estudos situados na análise da Gramática de *per sí*. O que vai diferenciar essas áreas é o modo como elas enxergam o ecossistema – a casa (língua), pois partem de um conjunto de princípios que indicam em qual parte dele fazem o recorte da língua e em qual ângulo da casa vai dar as diretrizes do estudo. Entretanto, a Ecolinguística enxerga a casa inteira e todas as partes dela como uma inter-relação entre as partes.

¹² Bíblia Sagrada, versão Revista e Atualizada.

De forma bastante dinâmica, as interações provocadas pelo descolamento espacial dos indivíduos, grupos ou populações inteiras são a base para o contato de línguas.

Couto (1996; 2002; 2007; 2009) identifica quatro situações em que povos e respectivas línguas (PL) entram em contato em determinado território (T), em que PL₁ representa os povos com suas respectivas línguas (PL) também o lado mais forte do ponto-de-vista econômico, político, militar e de mais prestígio, ao passo PL₂ representa o lado mais fraco, estigmatizado, desfavorecido econômica e socialmente, o que pode gerar as seguintes situações:

- a) Deslocamento de PL₂ para o Território de PL₁;
- b) Deslocamento de PL₁ para o Território (T) de PL₂;
- c) Movimento de formação de línguas crioulas;
- d) Deslocamento recíproco de PL₁ para PL₂ e vice-versa;

A seguir, explicaremos cada movimento e o resultado da posição em que as partes PL podem ocupar no território T.

3.5.1 Deslocamento de PL₂ para o Território (T) de PL₁:

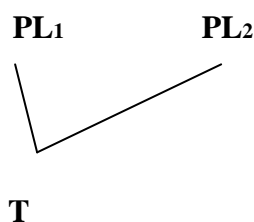


Figura 3 - Deslocamento de PL₂.

Esse tipo de deslocamento implica afirmar que a situação em que um povo ou parte dele - PL₂ se desloca para o território de outro povo que já constitui uma comunidade estabelecida e estabilizada, cujo contato pode levar a diversos resultados, a depender do poder político, econômico, militar ou de prestígio de cada PL. Exemplos disso, conforme nos ensina Couto (2009), é o caso em que PL₂ é o lado mais fraco, como o caso de imigrantes hispânicos e outros nos Estados Unidos; os alemães, italianos e japoneses no

Brasil; os turcos na Alemanha e os árabes na França. O professor Couto (2007) nos ensina que nesses casos acontece o que se tem denominado de **Lei das Três Gerações**, em que a primeira geração, no caso de migração de pessoas adultas, aprende quando muito uma variedade *pidginizada*¹³ da língua hospedeira. Por outro lado, quando os seus filhos aprendem a língua do país hospedeiro e a dos pais, sendo, portanto, bilíngues, continuando a usar a língua original em todas as interações entre os grupos. Os netos, por sua vez, tendem a preferir a língua da nova terra, mantendo, de forma rudimentar e reduzida, um conhecimento passivo da língua original de seus avós. Já a quarta geração não tem quase nenhum conhecimento da língua dos antepassados, mas para isso ocorrer, muitos fatores devem ser observados, como, por exemplo, as condições em que ocorreram o contato de línguas, o sentimento de pertencimento étnico, as relações econômicas e as trocas simbólicas, os modos de produção e circulação de conhecimento, as questões indentitárias, a forma de manutenção ou resistência cultural, etc.

3.5.2 Deslocamento de PL₁ para o Território (T) de PL₂:

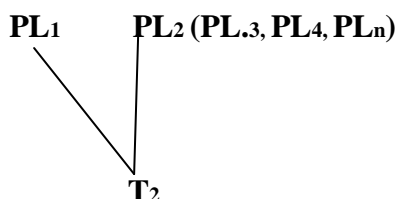


Figura 4 - Deslocamento de PL₁.

Nesta representação, temos um tipo de contato em que o povo detentor de mais poder se desloca para o território (T₂) do povo de menor poder (PL₃). Outros povos também poderão estar nesse território com suas respectivas línguas (PL₃, PL₄, ..., PL_n). Segundo Couto (2009), essa situação é representada por conquistadores, como o foi o caso

¹³ Couto (1996:22-31) além de trazer à luz a etimologia do termo *Pidgin*, conceitua esse fenômeno de **língua de contato**, como o nome dado a qualquer língua que é criada, normalmente de forma espontânea, de uma mistura de outras línguas e que serve de meio de comunicação entre os falantes de idiomas diferentes. Os *Pidgins* apresentam gramáticas rudimentares, um vocabulário restrito e serve como línguas de contato quando os falantes não têm uma língua comum de contato, mas pegam as palavras de um idioma e aplicam à gramática do outro idioma. São improvisadas e não são aprendidas de forma nativa. A criação de um *pidgin* requer normalmente: a) Contato regular e prolongado com comunidades linguísticas diferentes; b) A necessidade de comunicação; c) A ausência de uma língua franca espalhada e/ou acessível.

da conquista do Brasil por portugueses, bem como a dos portugueses, ingleses, espanhóis, franceses sobre as colônias da África, Ásia, América, Oceania, etc.

A depender de cada ecologia, temos diversos resultados, como, por exemplo, a implantação praticamente total da língua e da cultura dos conquistadores, como ocorreu em Cuba, Nova Zelândia e em diversos países da África e América. Segundo o autor, o que fica das línguas dos povos originais (línguas autóctones) são os enclaves influenciados pela língua do colonizador¹⁴.

3.5.3 Movimento de formação de línguas crioulas

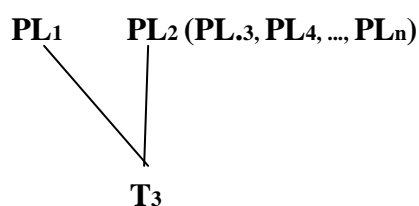


Figura 5 - Formação de línguas crioulas.

Nesse tipo de representação, temos os casos em que tanto o povo “mais forte” quanto o povo “mais fraco” se deslocam para um terceiro território – T₃, que não é de nenhuma das partes. Couto (2009) afirma que esse território é uma ilha. Esse fenômeno apresentado na Figura 4 favorece o surgimento de *pidgin* ou de crioulo. Dadas as circunstâncias em que esse processo é formado, as línguas crioulas apresentam estruturas gramaticais menos marcadas, ou seja, “mais simples” do que a língua do superstrato e as línguas de substrato, pois apresenta ausência ou um mínimo de morfologia flexional e um mínimo de morfologia derivacional em relação às línguas do superstrato.

Segundo Couto (1996), uma língua crioula é uma língua natural que se distingue das restantes devido às características resultantes do processo de formação, a relação com uma língua de prestígio e algumas particularidades gramaticais. Uma língua crioula é derivada de *pidgin* que, por não ser uma língua natural, se apresenta como um sistema de comunicação rudimentar criada para fins de comunicação dos povos. Uma língua crioula nasce no contexto de uma comunidade que se tornou tão culturalmente diversificada que

¹⁴ Couto (2009:53) apresenta algumas exceções da adoção da língua do ex-colonizador quando afirma que raros casos acontecem, como é o caso da Indonésia, que em vez do holandês, adotou como língua oficial o malaio, que era uma língua franca comercial da região, mas que foi rebatizado como *bahasa indonésia*, ou língua da indonésia, indonésia em português. Já no caso da Malásia, o malaio também foi adotado como língua oficial, ao lado do inglês, com o nome de malaio.

não é possível adotar para o conjunto dessa comunidade nenhuma das várias línguas naturais faladas por cada falante, como foi o caso dos escravos na colonização do Brasil, quando pessoas das mais variadas origens eram separadas das suas famílias e distribuídas nas fazendas coloniais. Haja vista que esses povos não tinham a oportunidade de aprender a língua do colonizador, desenvolveram um *pidgin*, isto é, um sistema linguístico rudimentar, com palavras baseadas na língua do colonizador, o que lhes permitiu estabelecer uma comunicação mínima entre si, já que havia várias etnias e os colonizadores. Quando um *pidgin* se estabelece numa comunidade multilíngue e uma geração de filhos desses indivíduos que usavam o *pidgin* para a comunicação inter povos, dispõe apenas do *pidgin* para falar entre si, transformam o *pidgin* numa língua materna, que não é só mais a língua de contato, mas uma língua com vocabulário e gramática próprios. Essa nova língua natural é um crioulo e as gerações que o criaram são os primeiros falantes nativos desse crioulo. O processo pelo qual se transforma um *pidgin* em um crioulo é chamado crioulização.

Sobre esse item, temos o exemplo dado por Couto¹⁵, ao se referir à flexão do verbo em português em comparação à língua crioula, pois nessa não há flexão verbal de número-pessoa nem desinência de tempo-modo, como pode ser visto no crioulo da Guiné-Bissau.

Vários autores apresentam uma lista de características estruturais dos crioulos, como Taylor (1971), Markey (1979), Mühlhäusler (1998) e Bickerton (1974;1990), embora nem todas sejam coincidentes entre si.

A seguir, apresentamos as características de Couto (1996), Bickerton (1974) e Markey (op. cit.) para maior compreensão do fenômeno:

- Sintaxe SVO (Sujeito, Verbo, Objeto) e regras de movimento: ordem menos marcada em praticamente todos os crioulos do mundo, pois são línguas que não apresentam caso e preposição para marcar as funções sintáticas. Por sua vez, a função sintática dos lexemas é só indicada pela posição que ocupam na sentença. O que diferencia o *pidgin* de um crioulo dele derivado é que esse tem a possibilidade de haver regras de movimento e enunciados são decodificados de acordo com o contexto e fatores pragmáticos. Enfim, vale dizer que o que é universal é a ordem fixa, não a posição toponímica dos

¹⁵Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling11.htm>. Acesso em: 12 set. 2013.

elementos que ocupam a função sintática na ordem, como em SVO, SOV, OSV, OVS, VOS e VSO;

- Preferência pela estrutura silábica canônica CVCV (consoante-vogal-consoante-vogal);
- Ausência de flexões de gênero;
- Ausência de concordância de número;
- Ausência de casos;
- Ausência de flexões verbais;
- Marcação de tempo, modo e aspecto através de morfemas geralmente livres e antepostos ao verbo;
- Uso de item lexical semanticamente associado ao corpo humano, ou a partes do corpo, para assinalar a reflexividade;
- Forma lexical para o pronome recíproco;
- Um único morfema relativo;
- Artigos - uso de artigos definidos para o Sintagma Nominal - SN (pressuposto específico), um artigo indefinido para o SN (asseverado específico) e zero para SN não específico;
- Produtividade da reduplicação;
- Produtividade da derivação imprópria;
- Sistema vocálico simples;
- Negação – uso da negação dupla e até múltipla, como ocorre no crioulo guineense ocorre a dupla, tripla e até quádrupla (COUTO, 1996);
- Produtividade do morfema zero;
- Construções passivas;
- Palavras interrogativas

Por fim, esse tópico sobre a formação de línguas crioulas foi alongado para explicar que a tais constructos de constituição das línguas, na visão Ecolinguística, nos permite perceber a importância dos movimentos na interação comunicativa, os fatores ligados ao espaço território, língua-povo e a direção que as línguas tomam para a formação de *pidgins* e crioulos.

No contato de línguas, há diversas forças de dominação e hegemonia que concorrem para a mudança das línguas. Conforme Couto¹⁶ a língua do dominador é a dominante. A dominante, por sua vez, é a língua lexificadora por ser a que fornece a maior parte do léxico (acima de 90%) e são, por sua vez, a língua de superstrato. Por outro lado, as línguas dominadas são chamadas de línguas de substrato, pois recebem grande parte de seu léxico da língua dos dominadores. No contato de línguas, as variedades linguísticas vão surgindo a partir dessas relações de dominação-lexicalização-influência como nos informa Couto (1996) em:

3.5.4 Deslocamento recíproco de PL₁ para PL₂ e vice-versa:

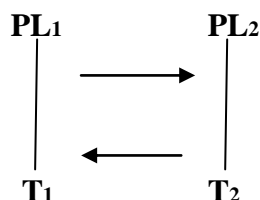


Figura 6 - Deslocamento recíproco.

Vários são os casos que podem ser interpretados na Figura 5. A primeira ocorre quando os membros de PL₁ se deslocam temporariamente ou sazonalmente para o território de PL₂ e/ou os indivíduos de PL₂ se deslocam para o território de PL₁. Exemplo disso é dado por Couto (2009) ao nos lembrar de que é o caso que ocorreu com os russos no final do Século XIX e início do Século XX, que se deslocavam, no verão, para a região norte da Noruega a fim de trocar suas mercadorias por peixe. Nesse caso, apenas os russos se deslocavam – lado PL₁. Como língua de contato, surgiu um *pidgin* conhecido como *russenorsk* – ‘russo norueguês’, que também pode ser traduzido como ‘eu em tu’.

Outro caso surge nas situações fronteiriças, com acidentes geográficos (rios, montanhas, etc.). Cada um dos lados pode falar a própria língua quando se desloca para o T adjacente. Porém, quando uma das línguas tem mais prestígio, tende a ser mais usada nas interações intralinguísticas. Quando não há a barreira acidental geográfica, o comum é

¹⁶ Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling11.htm>> Acesso em: 09 ago. 2013. Por isso, todas as sociedades crioulas são um continuum de variedades linguísticas que vão desde a variedade basilectal (ou basileto), que é a mais “pura”, menos influenciada pela língua lexificadora, até uma variedade acroletal (ou acroleto), que é a mais próxima da língua lexificadora ou dominante. Entre as duas variedades, há uma série de variedades mesoletais (ou mesoletos).

haver algum tipo de convergência linguística, como pode ser visto no portunhol da fronteira Brasil e Uruguai, como nos lembra Couto (2007).

3.6 Fatores relevantes para o Contato de Línguas

No ecossistema do contato de línguas, Couto, na obra citada, indica os fatores essenciais que podem influenciar os quatro tipos de contato:

a) **Quantidade** de pessoas que se deslocam, de modo que, se for um grande grupo e a depender do seu grau de coesão indenitária, seus indivíduos tenderão a se manter mais próximos, o que permite o fenômeno das redes sociais de interações de tessitura densa, cuja manutenção ou imposição da própria língua implica a sobrevivência do grupo;

b) **Tempo** de permanência no novo território, haja vista que um curto período de tempo não é tão impactante na língua desse grupo, pois nada ou quase nada acontecerá, Por outro lado, se o contato perpetuar, poderá haver resultados de interação mais significativos, como os comentados nos itens anteriores;

c) **Intensidade e Qualidade** do contato. Como nos ensina Couto (2007), o poder econômico, político e militar são muito relevantes para a manutenção do tipo de língua a se estabelecer no contato. Há questões relevantes que devem ser consideradas para efeito de manutenção ou não das línguas em contato, como identidade, ideologias, escolas, políticas públicas, a religião, a força das normas sociais, do poder de polícia estatal em determinar a língua oficial, por exemplo. Entretanto, esses aspectos podem ser encarados como dentro de fatores econômico e político, haja vista que nada escapa da Política em seu sentido mais amplo, filosófico e não partidário;

d) **Poder** – além dos aspectos acima descritos, a hegemonia da(s) classe(s) dominante(s) em determinados territórios vai concorrer para manutenção da língua de prestígio em relação à língua estigmatizada e as trocas simbólicas que daí decorrem;

e) **Resistência cultural** - um povo migrante, mesmo em menor quantidade ou representando minorias, que tiver uma atitude de resistência às culturas fora de seu grupo poderá fazer com que sua língua e cultura demorem a ser assimiladas ou passem pelo processo de difusão dialetal nas culturas envolventes.

f) **Semelhança/dessemelhança tipológica** entre as línguas contactantes podem influenciar o resultado. Conforme Couto (2009), alguns exemplos desses processos podem ser examinados no caso da língua dos imigrantes italianos no Brasil e Argentina, que se

assimilaram ao português e espanhol, respectivamente, com maior rapidez do que a assimilação do japonês e alemão ao português.

3.7 Uma característica do ecossistema da língua: a diversidade

Como afirma Couto (1974; 2011) e Bortoni-Ricardo (2005), entre outros, o Brasil é um país multidialetal e plurilíngue, conforme se pode ver também pelas línguas indígenas espalhadas pelo Território Nacional (RODRIGUES, 1975). O entendimento sobre multidialetalidade reforça a visão ecológica da língua como um sistema aberto, haja vista que as formas de falares no grande espaço geográfico influenciam e sofrem influência uma das outras.

O conceito de diversidade é nuclear para a Ecolinguística, conforme visto em Couto (2011). Do mesmo modo que a diversidade forma os diversos ecossistemas, também as diferentes línguas em suas diferentes manifestações formam os ecossistemas linguísticos.

Na natureza, as variedades das formas constituem os ecossistemas biológicos, a biodiversidade, os quais são fundamentais para a sustentação do planeta. Nessa ideia das diferenças, podemos entender, por exemplo, como funciona a cadeia alimentar e como todos os organismos humanos e não humanos se relacionam com os elementos naturais não orgânicos. Essa relação complexa e sistêmica dos organismos vivos entre si é um dos objetos de estudo da Ecologia.

Como nos ensina Couto (2007), além do conceito de ecossistema, constituído pela população (P) de organismos vivos e suas inter-relações (I) no âmbito de seu meio ambiente ou território (T), a ecologia apresenta muitos outros conceitos necessários para a nova visão de mundo, incluindo aí a linguagem. Desse modo, a própria ecologia reconhece que a vitalidade de um ecossistema está diretamente relacionada à **diversidade** de organismos que houver em seu interior.

Couto (op. cit.) nos lembra que pouco tempo depois do surgimento do conceito de diversidade biológica (biodiversidade), começou-se a falar também em **diversidade linguística (linguodiversidade)**, conforme se vê em Bastardas i Boada (1996). Em Maffi (2001), temos uma discussão mais profunda em que são explicitadas as relações pormenorizadas e inextrincáveis entre diversidade biológica e diversidade linguística.

Couto (2011) salienta que variedade linguística representa riqueza cultural, de modo que muitas línguas implicam grande diversidade na maneira de encarar o mundo e

lidar com ele. O resultado da interação tem como consequência a diversidade cultural, a riqueza das formas e manifestações das diferentes culturas.

Deste modo, voltamos o nosso olhar para a diversidade linguística expressa nos diferentes usos da língua nas práticas sociais. Ao relacionarmos a diversidade linguística ao ecossistema linguístico, podemos ter um olhar sensível para as mudanças que se operam na língua. Dessa forma, nas diferentes situações de contato dialetal, há fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes para a manutenção, existência ou obsolescência de diferentes dialetos.

Entendemos que a escrita oralizada é constituída a partir da diversidade linguística, em situação de contato de dialetos, de modo que o contato dialetal será basilar para a relação que se dá no interior do ecossistema linguístico: língua, território e povo.

Um dos pioneiros dos estudos do contato de línguas é o Weinreich (1953) na obra intitulada *Languages in Contact: findings and problems*, cujo estudo sobre o contato de línguas na Suíça enfatizou os resultados desses contatos, mostrando as diversas interferências que se dão em cada caso específico, esclarecendo os aspectos socioculturais do contato. Com este trabalho considerou os fatores de natureza extralinguística no universo dos estudos linguísticos, abrindo espaços para o posterior surgimento da Sociolinguística.

Weinreich (*op. cit.*) formulou o pressuposto de que as ocorrências do fenômeno da interferência são estimuladas por fatores estruturais e socioculturais, uma vez que os fatores extralinguísticos influenciam as estruturas linguísticas, o que permite ao analista perceber que as interferências configurem-se sistemáticas e previsíveis. Para o autor, a natureza e a extensão da interferência de uma língua sobre a outra pode ser explicada a partir de dados da fala de indivíduos bilíngues.

Thomason e Kaufman (1988), complementado por Thomason (2001;1997), encararam o fenômeno do contato de línguas sob a perspectiva da gramática comparada, da Linguística Histórica, sob o nome de Linguística Genética, pois consideravam que todos os âmbitos da gramática de uma língua podem sofrer interferência da gramática de outra língua e não apenas o léxico. Nesses contextos da interferência, haveria causas externas, sócio-históricas, atribuindo um papel marginal às causas internas, estruturais que escapavam da investigação praticada nos estudos formais da gramática, que a consideravam como um sistema fechado e abstrato, a exemplo da gramática gerativa.

Na perspectiva da distinção do que está dentro e fora do sistema, Haugen (1972) argumenta que a língua possui duas dimensões bem distintas: uma estrutural (formal), que

se volta para a descrição da sua forma em si, e outra funcional, que descreve seus usos na comunicação, de modo que a dimensão formal enxerga a língua como um fenômeno mental, enquanto a funcional entende a língua como um fenômeno social. É particularmente nessa dimensão que os sociolinguistas recaem seu objeto de estudo.

Labov (1982), ao relacionar língua e sociedade em seus diversos estudos sobre variação linguística, trata das atitudes dos falantes sob diferentes ângulos, conferindo-lhes um papel determinante nas diferenças sociais da linguagem no curso das mudanças linguísticas. Tais atitudes se manifestam como uma tendência regular do sujeito na adoção de normas de prestígio, na auto-avaliação a respeito da norma, na reação subjetiva de sensibilidade à norma ou o reconhecimento de traços explícitos como estereótipos. Apesar das importantes contribuições desse linguista, preferimos uma visão ecossistêmica da linguagem, por entendermos que não podemos enxergar os fenômenos apenas de um ponto de vista correlacional, em que se isolam variáveis dependentes das independentes para se entender o processo de variação. O sistema deve ser visto como um todo e o processo de mudança da língua tem um caráter holístico, contextual, gradual e depende de muitos fatores ambientais que vão além de apenas aspectos sociais ou extralinguísticos, conforme veremos a seguir.

3.8 A diversidade e a variabilidade

Como nas espécies biológicas, a variedade também é um atributo da língua. Como sistema que é, a língua evolui, apresenta diversidade e se localiza em determinado *habitat* ou ecossistema, daí falarmos que diversidade e variabilidade estão para a língua do mesmo modo que se apresentam nas espécies dos seres vivos.

Os conceitos essenciais sobre diversidade e variabilidade de falas e os fatores ambientais (sociais e linguísticos) que concorrem para essa diversidade são necessários para as categorias analíticas dessa tese, pois os padrões de comportamento linguístico são identificados em uma dada comunidade de fala, que resultam da ação de uma série de fenômenos que intervêm direta ou indiretamente, na atividade linguística concreta. Tais fenômenos podem ser de duas naturezas:

a) as características sociais dos falantes, tais como idade, sexo, gênero, nível de escolaridade, classe social a que pertence, etc. Esses são os **fatores sociais ou extralinguísticos**;

b) outros fatores dizem respeito ao **contexto da estrutura linguística**, pois condicionam a ocorrência de uma dada variante - os chamados **fatores linguísticos**.

Na visão ecológica, esses fenômenos não ocorrem de modo isolado, como uma combinação das interferências dos diversos fatores, atuando de modo simultaneamente. Essas variedades são válidas socialmente e não devem ser consideradas inferiores em relação à variedade determinada pela gramática normativa. O entendimento do senso comum é que só existe língua portuguesa quando se fala igual à norma padrão, aquela determinada pelas prescrições do que é certo e do que é errado. Se essa tese partisse para essa vertente prescritiva não estaria fazendo ciência, mas um manual de normas, descrição do que seria errado na língua vernácula do povo brasileiro.

O estudo da variação linguística e da diversidade ecolinguística são um dos temas da Sociolinguística e da Ecolinguística respectivamente e ocorrem de forma intrincada, de modo que a diversidade é gênero e a variação é espécie, ou seja, uma das manifestações da diversidade é a variabilidade. Neste sentido, esses dois temas são de salutar importância para o presente trabalho, uma vez que encontramos nos anúncios populares uma ecologia linguística fundamental para entendermos a escrita oralizada.

Ao se estudar qualquer comunidade linguística, a constatação que temos é a existência de diversidade ou da variação. Desta forma, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. Segundo Alkmim (2004), para as diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. O conjunto de variedades linguísticas utilizadas por uma comunidade é chamado repertório verbal. A autora traz como exemplo, o caso de Salvador, em que se observa no repertório linguístico a coexistência de variedades linguísticas distintas, uma vez que os habitantes da cidade falam de modo diferente em função de vários fatores, como a origem regional, a classe social, as ocupações, a escolaridade e da situação em que se encontram.

Camacho (1988) entende que a variação na fala não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação e variação implica diversidade, formas diferentes de falares. A esse respeito, vejamos o que diz o autor:

Na realidade, a diversidade é uma propriedade funcional inerente aos sistemas linguísticos e o papel da Sociolinguística é exatamente enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e neolinguísticas.

A respeito das variações e as estruturas heterogêneas nas comunidades de fala, Labov (1972) afirma que esses dois fatores não são apenas comuns, mas também o resultado natural dos fatores linguísticos básicos e alega que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional.

The existence of variation and heterogeneous structures in the speech communities investigated is certainly-established in fact. It is the existence of any other type of speech community that may be placed in doubt (...) we come to the realization in recent years that this is the normal situation – that heterogeneity is not only common, it is natural result of basic linguistic factors. We argue that is the absence of style-shifting and multi-layered communication systems which would be disfunctional... (LABOV, ibidem)

Camargo (MUSSALIM e BENTES, 2004) diz que a linguagem é a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, portanto, impossível separá-la de suas funções sócio-interacionais.

Como afirma Alkmim, qualquer língua falada por qualquer comunidade exhibe sempre variações e por isso mesmo, nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Dessa forma, isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.

Mollica frisa que o termo variável pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores. Sobre esses fatores, Bortoni-Ricardo (2005) evidencia as seguintes condições extralinguísticas:

Grupos etários: há diferenças sociolinguísticas intergeracionais. Evidências disso é o falar distinto dos avós ou bisavós com seus netos, bisnetos, etc.

Gênero: homens, mulheres e transgêneros podem falar ou ter modos de falar distintos. Os papéis sociais, as convenções dos grupos e a identidade podem ser analisados também como um fator que identifica qual o gênero a que o falante pertence. Há certas palavras ou escolhas lexicais que socialmente são identificadas com esse fator, podendo ser reprimida ou aceita pela comunidade de fala;

Status socioeconômico: as diferenças causadas pelas desigualdades sociais refletem as diferenças dialetais. Segundo a autora, esse fator é relevante, haja vista que o Brasil é um país onde a distribuição de renda é desigual. A depender da situação econômica, o modo de falar de alguém pode ser avaliado ou classificado pelo grupo conforme a classe socioeconômica representada socialmente;

Grau de escolarização: O tempo de escolarização, a exposição à cultura de letramento, a qualidade das escolas frequentadas pelo falante têm influência no repertório linguístico do falante¹⁷;

Mercado de trabalho: cada profissão exige um gradiente de monitoração estilística, de modo que o grau de flexibilidade dessa monitoração e o respectivo domínio de estilos monitorados poderão condicionar o repertório linguístico exigido por cada profissão;

Rede social: as interações sociais nos diferentes domínios sociais e seu grupo de referência, a depender do grau de interação, tanto podem influenciar o repertório do indivíduo como é influenciado por ele. Esse sistema de interação é um dos que mais se encaixa no modelo ecológico do contato de dialeto.

Dentro desse conceito de redes, a competência linguística dos sujeitos lhe permite escolher um estilo a depender do contexto e situação de uso da linguagem em que o falante se encontra. Nesse sentido, os diferentes papéis que o falante assume no curso da vida vão caracterizar a **variação estilística**.

Deve-se esclarecer que esses fatores não são lineares ou estanques, pois podem ocorrer simultaneamente, com ou sem superposição de um sobre o outro, a depender da força influenciadora de cada um.

Há outro fator importante nessa ecologia do contato, pois determina o modo de falar da pessoa. Esse fator é a origem espacial da pessoa, ou seja, seu modo de falar reflete sua ocupação no espaço geográfico, já que não há língua sem território e povo. Sobre esse fator, Bagno (2007) salienta que a **origem geográfica** é determinante para a ocorrência de variação linguística, pois localiza o falante de acordo com o seu modo de falar na região, estado, quer seja de área urbana ou rural. Bagno nos assegura que a fala varia assim como variam a situação socioeconômica, cultural e situacional do falante.

As variedades linguísticas ocorrem a partir de alguns parâmetros básicos, a saber: variação diatópica, variação diastrática e variação estilística.

a) A variação **geográfica** ou **diatópica**. Esse tipo de variação está relacionado às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, encontradas entre os falantes de origens geográficas, como é o caso encontrado no português falado pelos brasileiros e

¹⁷ Aqui também pode ser enquadrado o grau de **letramento** em que o sujeito está imerso. Esse quesito pode revelar o nível de domínio de determinadas práticas de letramento, lembrando que letramento e alfabetização são práticas diversas, sendo que a primeira refere-se à prática social de leitura e escrita, enquanto a segunda refere-se aos processos de ensinar e aprender a ler e escrever circunscrito ao espaço da escola.

pelos portugueses, em vários planos. Também o caso das diferenças fonológicas e lexicais em diversas regiões do Brasil (CÂMARA, Jr, 1975a).

b) A variação **social ou diastrática**. Esse tipo de variação relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Bagno (*op. cit.*) ainda acrescenta mais três tipos de variação:

Variação **diamésica**. É a que se verifica na relação entre língua falada e a língua escrita, conceito esse que compreende os diferentes modos de escrita e estilos dos gêneros textuais e os meios de comunicação. Esse tipo de variação é muito produtivo para se estudar a relação entre a oralidade e a escrita, objeto de estudo da presente tese.

Variação **diafásica**. É que dá conta dos diferentes tipos de estilos apresentados nas escolhas dos falantes nos mais diferentes contextos comunicativos, isto é, relaciona-se ao grau de monitoramento presentes nos eventos comunicativos das pessoas.

Variação **diacrônica**. É a que se verifica nos diferentes períodos da história da língua, dando conta das relações entre os fenômenos lingüísticos e o tempo.

3.9 As contribuições da Sociolinguística Interacional

Tendo em vista que o presente trabalho tem cunho interpretativista, de acordo com a pesquisa qualitativa que pretendemos fazer, explicitar os referenciais teóricos de interpretação é de salutar importância para o tipo de análise que se pretende fazer.

Buscamos na Sociolinguística Interacional esses referenciais de interpretação porque se ajustam bem ao tipo de análise ecolinguística a que visamos. Essa ciência pode ser considerada como um auxílio bastante útil para a Ecolinguística porque traz a concepção de língua em situações de uso, enxergando a dinâmica da língua na interação entre as pessoas, situando tal interação em determinado espaço.

Como ramos da Linguística, Ecolinguística e Sociolinguística fazem parte do mesmo tronco, ou seja, a mesma área, língua e sociedade são seus objetos de estudo, de modo que a Ecolinguística tem como objeto as diversas manifestações e fenômenos lingüísticos em todos os níveis de análise, na relação ecossistêmica entre a língua, povo e território e a Sociolinguística Interacional explicita a interação social dos falantes em determinado espaço, daí a compatibilidade entre essas duas áreas. Em uma visão mais ampla, podemos afirmar que a Ecolinguística abarca também a Sociolinguística, a depender do olhar clínico da primeira. A Sociolinguística Interacional surgiu na década de

80 e foi desenvolvida por John Gumperz. Sua abordagem apoiou-se na perspectiva da interação social - as relações interpessoais. O foco é o estudo do uso da língua em interação social, levando-se em conta o contexto sociocultural dos falantes. Isso é uma das formas de enxergar os fenômenos do ponto de vista ecológico. A interação aqui não é somente a conversação oral, mas também as formas de comunicação escrita.

Acerca da fundamentação metodológica da Sociolinguística Interacional, Ribeiro e Garcez (1998) esclarecem que essa área dos estudos da linguagem tem seu aparato metodológico na pesquisa qualitativa de base empírica e interpretativista, o que lhe confere um arcabouço teórico interdisciplinar bastante refinado para a descrição dos fenômenos da interação humana.

As pesquisas realizadas com base na orientação metodológica da interação intralinguística (GUMPERZ, 1962) têm sido utilizadas para a elaboração de dados que documentam e registram a diversidade linguística necessária para a formação do falar de determinada região. Esses dados podem apresentar, deste modo, as especificidades e generalidades encontradas no território, determinando áreas dialetais.

O contato dialetal tem sido pauta para estudos sociolinguísticos, porque agrega a noção de redes sociais, focalização e difusão dialetal. Desse modo, ao levantar dados das placas e anúncios populares, pretendemos focar como as características socioculturais da comunidade de fala influenciam seus modos de constituição da escrita.

Tendo em vista o estudo de contato de dialetos sobre determinada comunidade de fala, é necessário definir esse conceito, a partir de estudos realizados por Hymes e Gumpers (1972).

Dell Hymes (1974) define comunidade de fala como “uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de, pelo menos, uma variedade linguística”. Ambas as condições são necessárias.

Similarmente, Gumperz (1971) aponta para a diversidade própria da comunidade de fala, uma vez que esta se constitui por uma variedade de redes de socialização, às quais se associam padrões de uso e interpretação linguísticos. Contudo, o linguista reforça o papel das redes sociais como unidades de análise para a composição da comunidade de fala:

Se os significados residem em práticas interpretativas e essas se localizam em redes sociais nas quais o indivíduo está socializado, então as unidades “cultura-” e “língua-” não são as nações, os grupos étnicos ou algo parecido... Ao invés, são redes de indivíduos em interação (1971: p. 11).

Tendo em vista que nas diversas interações dos falantes com o meio em que vivem, os indivíduos compartilham a linguagem em suas inúmeras práticas sociais e nessas interações, as diversas atitudes linguísticas, o que nos permite afirmar que a fala utilizada no interior da comunidade não pode ser caracterizada como homogênea, mas heterogênea, pois cada sujeito tem inúmeras relações dentro e fora de sua comunidade. Dessa forma, Romaine (1978), Gumperz (1971) e Milroy (2004), por exemplo, acreditam que as variedades linguísticas ocorrem via interação e no próprio indivíduo, pela complexidade de relações sociais nas quais estão imersos e se submetem. Por esse motivo, esses e outros autores acreditam que uma comunidade de fala constitui-se heterogênea, baseada na interdependência do indivíduo com a sociedade e a o uso da língua.

Com essa visão de heterogeneidade da língua é que Gumperz (1997) afirma que uma comunidade de fala se caracteriza pela diversidade própria da comunidade de fala, constituída por uma variedade de redes de interação e socialização, as quais se associam a padrões de uso e interpretação linguísticos.

Para esse autor, as comunidades de fala são redes sociais, nas quais o indivíduo está socializado, compartilhando a cultura e a língua, ou seja, são indivíduos em interação (GUMPERZ, op. cit.). Neste sentido, podemos dizer que o conceito de comunidade de fala - CF é pertinente a Ecolinguística, para quem as redes sociais de interação são a base para a ideia de diversidade e de compartilhamento da língua e da cultura em determinado espaço.

Neste sentido, as redes sociais de um indivíduo também podem ser estabelecidas a partir de suas relações com diversos grupos sociais, tais como o familiar, o escolar, o profissional, entre outros. Essas redes não são formadas ao acaso, mas surgem de acordo com os diversos vínculos que vão sendo criados pelos sujeitos ao longo de suas vidas, mas quando há propósitos em comum para a consecução de uma prática social almejada, os indivíduos engajam-se em torno de objetivos e objetos compartilhados, de relações de interesse da comunidade para muitas finalidades. Desta forma, as comunidades de prática surgem, a partir das relações comunitárias e das práticas sociais e objetivos compartilhados que as pessoas desenvolvem para diversos propósitos, como uma ação social, um negócio jurídico, uma feira comunitária, um bazar de artesanato, uma associação de costureiras ou de moradores, uma reunião de bairro, a eleição de um condomínio, uma reivindicação, ou seja, são os propósitos em comum que caracterizam uma comunidade de prática.

Tal conceito é decorrente do fato de que, em comunidades de prática, pretende-se determinar os 'locais interacionais' em que o significado social está ligado por elementos

linguísticos, e onde tal significado e a mudança linguística são co-construídos (MILROY, 2004). Além disso, uma comunidade de prática pode ser definida como aquela que contém grupos nos quais o engajamento comum em alguma atividade ou empreendimento é suficientemente intenso para criar, ao longo do tempo, repertórios de práticas compartilhados, de modo que seus membros devem estar suficientemente engajados e não somente compartilharem de certa característica. Assim, os falantes, ao pertencerem a uma dada comunidade, compartilham repertórios de práticas, incluindo as linguísticas.

Ceilândia se constitui como uma comunidade de fala, com a sua tradição nordestina, sua história, a força de sua migração e a origem dos moradores que ali se encontram, criaram seus filhos, ali residem e trabalham. É também uma comunidade de práticas, pois as práticas sociais revistas nos anúncios remetem-se ao comércio em sua grande maioria ou aos assuntos em comum das comunidades que ali se encontram e lutam pela causa comum: melhores condições para a cidade.

3.10 As redes sociais

Outro conceito a ser utilizado no trabalho é o de redes sociais, por ser fenômeno social bastante viável ao estudo do contato de dialetos, conforme já expressei anteriormente.

A designação para *redes sociais*, conforme Milroy (2002) corresponde aos relacionamentos criados pelas pessoas para suprir as dificuldades da vida cotidiana. Tais redes podem variar de um indivíduo para outro e ser constituídas por ligações de diferentes tipos e intensidades.

Apesar de pertencer a uma determinada comunidade de fala, as pessoas fazem uso da língua/fala em diferentes práticas que oferecem diferentes modelos (variações) de uso da fala. O falante faz uso da língua para atender às exigências necessárias de cada interação específica.

A autora distingue redes de primeira e de segunda ordem. Constituem redes de primeira ordem, as formadas pela família e amigos; e de segunda, as compostas por pessoas com as quais o indivíduo passa uma boa parte do tempo, no entanto não confiam a elas segredos, conselhos, etc. No primeiro momento, os indivíduos aprendem as características de uma CF com aqueles que têm um primeiro contato, ou seja, com os familiares, formando assim sua identificação social; e, em um segundo momento de

aprendizagem, como as pessoas se inserem em outras redes, formando redes sociais de interação que permeiam diversos grupos sociais (amigos, escola, igreja, trabalho).

Segundo Milroy (2002), estudos feitos por Labov (1966) com as marcas fonológicas e Cheshire; Stein (1997a;1997b), com as marcas gramaticais, mostraram que quanto mais integrado o sujeito está a uma rede, mais frequentemente tende a usar variantes locais/regionais.

Assim, avaliar a densidade de conexões em uma CF torna-se viável na pesquisa linguística, quando se pretende estudar fenômenos como focalização, difusão, isoglossas em um determinado território.

Dentro do enfoque de redes sociais, os fenômenos linguísticos pesquisados podem ser estudados em sua dinâmica social e não como algo estático (COUTO, 2007).

A noção de rede para a Ecolinguística é bastante salutar, haja vista que a relação que as pessoas fazem entre si, em seus diferentes modos de interações nos mais variados papéis sociais indicam como o ecossistema linguístico estabelecido entre elas são percebidos e se constituem.

A noção de redes sociais foi desenvolvida por antropólogos sociais durante os anos 1960 e 1970, tendo sido importada para os estudos sobre a variação/mudança com a finalidade de explicar a relação entre os padrões da conservação do vernáculo e os de mudança, no decorrer do tempo (MILROY; GORDON, 2003).

Trata-se de averiguar os mecanismos presentes nas comunidades que tanto facilitam como resistem à mudança (MILROY; MILROY, 1997), além de analisar a maneira pela qual os indivíduos fazem uso dos recursos de variabilidade linguística que estão disponíveis a eles (MILROY, 1987).

Em termos gerais, os estudos de redes sociais se pautam em duas premissas:

1ª - os indivíduos criam suas comunidades pessoais com o objetivo de organizar esquemas que os ajudem a resolver seus problemas diários (MILROY; GORDON, 2003);

2ª - “estudo da fala vernacular do indivíduo inserido no seu contexto social diário é uma tarefa importante para a sociolinguística” (MILROY, 1987).

As redes sociais representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam informalmente, mediante duas propriedades - densidade e multiplicidade - resultando, de um lado, redes sociais densas e múltiplas; de outro lado, redes frouxas e com pouca multiplicidade.

Laços fortes constituem redes sociais densas - nas quais todos conhecem todos - e múltiplas - nas quais os indivíduos compartilham mais de um tipo de relação, como

amizade e companheirismo profissional (MILROY; MILROY, (op. cit.). Quanto mais densas e múltiplas forem as redes sociais, maior a probabilidade de elas operarem de forma normativa, uma vez que densidade em grau extremo tende a produzir homogeneidade de valores e de normas, incluindo as normas linguísticas. Assim, as redes densas são responsáveis por certa estabilidade linguística uma vez que se mantém o vernáculo local, com resistência a pressões linguísticas e sociais de outros grupos. Exemplificando: os relacionamentos em sociedades tribais, vilarejos ou em comunidades de trabalhadores tendem a ser mais densos e múltiplos do que em sociedades industriais e urbanas (MILROY, 1987).

Por outro lado, laços fracos caracterizam redes com ligações interpessoais frouxas e com pouca multiplicidade as quais operam como canais de transmissão de inovação e de influência de uma rede densa sobre a outra, conectando os grupos coesos à sociedade ampla e estratificada (já as redes densas não operam como canais porque tendem a ser isoladas). Indivíduos pertencentes a redes frouxas desempenham importante papel na difusão da inovação por ocuparem uma posição periférica nos grupos coesos em função da mobilidade a que estão sujeitos e, assim, estarem mais expostos à influência da norma de prestígio (GRANOVETTER apud MILROY, 1987).

Um rompimento na estrutura densa de uma rede se associa a valores sociais atrelados às variáveis linguísticas e abre caminho para uma mudança linguística. Em uma rede social densa, os primeiros indivíduos a se adaptarem à inovação são aqueles que ocupam posição central em suas redes sociais e com quem os inovadores possuem estreitos laços de relacionamento. Entretanto, para que as inovações sejam aceitas pelo grupo, elas devem ser avaliadas positivamente e desejadas (MILROY, *op. cit.*).

Em suma, densidade e multiplicidade operam como indicadores das pressões das normas e valores sobre os indivíduos: quanto mais densa e múltipla for uma rede social, maior a estabilidade linguística nesse grupo; quanto mais frouxa, mais sujeita a variações.

Um contraponto interessante pode-se estabelecer entre as noções de redes sociais e de classes sociais. Ambas propiciam diferentes olhares sobre a organização social: enquanto a primeira abarca as dimensões de cooperação e solidariedade no nível dos indivíduos em seus contatos diários (num método micro de análise), a segunda lida com estruturas hierárquicas da sociedade, com base em semelhanças relacionadas à ocupação, ao grau de escolaridade e a características econômicas (num método macro de análise) (MILROY; MILROY, 1997).

Existe uma tensão entre as influências oriundas das redes de solidariedade e as baseadas nas classes e status social, tensão esta que se reflete nas escolhas linguísticas dos indivíduos ao tentarem (ou não) reconciliar as ideologias de status social (normas de prestígio) e de sua rede de solidariedade (vernáculo local). Portanto, os comportamentos sociais dos indivíduos estão sujeitos, de maneiras diferenciadas, à atuação dessas duas variáveis. Milroy (1987) e Milroy; Milroy (1997) mostram evidências de que integrantes de uma rede densa tendem a ignorar conscientemente o funcionamento social mais amplo (baseado em status, classes e mobilidade), reafirmando sua cultura e seu vernáculo; e de que as redes sociais tendem a ter laços fortes em grupos de classe baixa e alta, e laços fracos em grupos de classe média.

Por fim, o autor considera que as pesquisas envolvendo as redes sociais, por lidarem com os relacionamentos sociais informais dos indivíduos - e, por isso, poderem ser utilizadas universalmente -, tendem a ser menos etnocêntricas do que os estudos envolvendo classes ou castas.

3.11 Dialeto

A seguir, apresentaremos alguns termos importantes sobre variação que serão importantes para a presente pesquisa.

Segundo Bagno (2007), a variação linguística é classificada de acordo com o tipo de língua, o dialeto, termo usado para caracterizar o uso da língua em um determinado espaço geográfico e expressam as variedades linguísticas.

Devemos esclarecer que não há nenhuma distinção válida entre língua e dialeto, porque esses termos não são pacíficos para os linguistas.

Monteiro (2000) afirma que para que uma variedade passe a ser considerada como língua, é preciso uma decisão puramente política, como é o caso do Brasil, em que a Constituição Brasileira declara, institucionalmente, o nome oficial da língua falada no Brasil.

Para Calvet (2002), o primeiro sentido que se dá a esse termo é o de “falar de uma região”. Nesse sentido, temos no Brasil a existência de vários dialetos, entre os quais, o carioca, o cearece, o cuiabano, e os falares de interior de Minas, de Goiás e de São Paulo, por exemplo. O termo pode ser aplicado a todos os tipos de variedades, inclusive à

variedade-padrão, mas também há outras denominações para esse léxico, como o dialeto rural, dialeto urbano, vernáculo, *patoá* e *Koiné*¹⁸, etc.

Para Couto (2009), não há distinção entre língua e dialeto. A luz da reflexão, ele afirma um dito entre os linguistas segundo o qual "língua é um dialeto com um exército e uma marinha", atribuído a Max Weinreich, Isso quer dizer que a distinção que se opera entre uma e outro se refere ao poder. O grupo que tem a força suficiente para impor sua variedade linguística como língua, essa será estabelecida como tal. O professor Couto parte do pressuposto de que o português brasileiro apresenta muitas variedades dialetais, às vezes chamadas de falares, às vezes de "sotaque". Ele traz a questão da variedade de alemão falada na Suíça, o *Schwyzertütsch* e do alemão "padrão" (*Hochdeutsch*) e o holandês. Entretanto, o holandês é considerado língua, pelo fato de ser a língua oficial do estado Holanda, ao passo que o *Schwyzertütsch* é considerado dialeto. Por outro lado, a situação brasileira não se aproxima nem da de Portugal, apesar do pequeno tamanho desse país. O Chuí, local situado no extremo sul do Brasil, em situação informal onde não estão ocorrendo formas escolarizadas, pode haver alguma dificuldade em entender o do extremo norte. O fato é que se pode falar em dialeto sulino, dialeto nortista, dialeto nordestino entre outros, cada um deles com diversas variações regionais. Isso no que tange apenas à variação regional, embora haja outros tipos de variação.

Hudson (1984) estabelece as diferenças entre língua e dialeto, com os seguintes critérios:

- o tamanho, porque os dialetos são partes ou subconjuntos da língua;
- o prestígio, porque os dialetos em geral são variedades menos prestigiosas do que a língua;
- a mútua inteligibilidade, porque, se os falantes se entendem, isso significa que estão usando a mesma língua, mas não necessariamente o mesmo dialeto;

Chambers e Trudgill (1993) afirmam que o sotaque se refere à maneira como um falante pronuncia e, por conseguinte, a uma variedade que é foneticamente e/ou fonologicamente distinta de outras variedades. Por dialeto, por sua vez, refere-se às variedades que são gramaticalmente (e talvez lexicamente) tanto quanto fonologicamente distintas de outras variedades.

¹⁸ Wardhaugh (1993:37) define *koiné* como uma forma de falar compartilhada por pessoas de diferentes vernáculos.

Na presente tese, o termo dialeto é sinônimo de variação linguística e o contato de dialetos segue o mesmo padrão do contato de línguas.

a) Socioleto: esse tipo de variação linguística está vinculado a um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais, como nível cultural, classe econômica, profissão, por exemplo.

b) Cronoleto: termo que se refere à variedade ligada às faixas etárias específicas, de uma geração de falantes.

c) Idioleto: é o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências lexicais, pronúncia, prosódia e o modo peculiar de construir sentenças ou expressar ideias.

Dialeto implica diversidade e heterogeneidade. Segundo Tarallo (1989) e Bortoni-Ricardo (2005) o PB é um língua heterogênea, entretanto a fala popular brasileira apresenta uma relativa unidade, apesar das dimensões continentais do Brasil e das centenas de línguas indígenas existentes no território nacional.

Os estudos sobre o dialeto caipira por Amaral (1974) fundamento histórico-linguísticos do Português do Brasil, por Elia (2003) e a história do PB, por Silva Neto (1957, 1960, 1986) retram a realidade da fala brasileira e remontam às origens do PB. Segundo esses autores, a interiorização do Brasil se dá pela ação de tomada do território nacional pelos bandeirantes. As Bandeiras que integravam a Capitania de São Paulo representam bem os movimentos das bandeiras, das entradas e dos tropeiros, em que os paulistas tomaram várias direções, para Minas e Goiás, para o Mato Grosso e para os estados do sul. Na direção do Vale do Paraíba, eles levaram o português paulista até Macaé, no estado do Rio de Janeiro. Era paulista a língua que se falava no Rio de Janeiro, porém isso mudou em 1808, quando a população do Rio era de 14 mil habitantes e os portugueses chegaram com sua Corte formada por 16 mil falantes do português de Portugal, óbvio. Amaral (*op. cit.*) ressalta que não eram portugueses quaisquer. Eram portugueses da Corte, cujo prestígio fez com que imediatamente a língua local fosse alterada.

Segundo Mattos e Silva (2000, 2001), Melo (1981), Elia (*op. cit.*), Amaral (*op. cit.*) e Teyssier (1977), o surgimento mais expressivo do português brasileiro ocorreu em Minas Gerais com a exploração de pedras preciosas, quando bandeirantes paulistas, escravos, índios e europeus criaram um jeito de pronunciar que se espalhou pelo país através do comércio e outras formas.

Segundo Amaral (1974) e o Atlas Linguístico do Brasil¹⁹, os principais dialetos do português brasileiro são:

- Baiano - falado predominantemente na Bahia, mas utilizado em regiões do Sergipe e de Minas Gerais;
- Caipira - falado na região que compreende o interior de São Paulo, sul de Goiás, o extremo norte do Paraná, parte do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro;
- Costa norte, por vezes chamado de dialeto cearense - é falado basicamente no Ceará, no Piauí e em parte do Maranhão;
- Carioca - na cidade do Rio de Janeiro, e em sua região metropolitana;
- Florianopolitano ou manezinho da ilha - é um dialeto, derivado do sulista e do gaúcho e com características do dialeto açoriano, utilizado na Região Metropolitana de Florianópolis e em regiões do litoral catarinense.
- Fluminense (ouvir) - dialeto usado principalmente na região serrana e no sul do estado do Rio de Janeiro, com falantes em regiões de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo;
- Gaúcho - predominantemente no Rio Grande do Sul, contudo falado em regiões de Santa Catarina;
- Mineiro - utilizado principalmente nas regiões central e leste de Minas Gerais;
- Nordestino central (ouvir) - falado em boa parte dos interiores da Região Nordeste do Brasil, é utilizado em Pernambuco, parte do Sergipe, parte do Piauí, parte do Maranhão, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e na porção sul do Ceará.²² Possuem diferenças linguísticas - sub-dialetos, sendo os três principais: litorâneo, ou da Zona da Mata, se estendendo desde Aracaju até Natal; do interior, falado nas regiões do agreste e da caatinga; e dos cocais, falado em partes do Piauí e do Maranhão;

¹⁹ Cf. informação contidas em alguns Atlas, como: Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), 1963; Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), 1977; Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), 1984; Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I), 1987; Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), 1990; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), 2002; Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA), 2004; Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), 2005; Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), 2007; Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE), 2010.

- Nortista - utilizado em todos os estados da bacia do Amazonas (excetuando somente a região do arco do desflorestamento). Considera-se que tenha até quatro subdialetos: o cametaense, utilizado na região de Cametá e em algumas regiões da Ilha do Marajó; o Bragantino, falado na microrregião Bragantina; o metropolitano, falado nas capitais Belém e Manaus e em suas regiões metropolitanas, e o dos cocais, com influências dos dialetos nortista, da serra amazônica e do cearense, falado principalmente no Maranhão, e em partes do Piauí e do Pará.
- Paulistano - utilizado basicamente na Macrometrópole de São Paulo (com exceção dos municípios falantes do dialeto caipira);
- Recifense - utilizado na Região Metropolitana do Recife, e em áreas próximas;
- Serra amazônica ou do arco do desflorestamento - utilizado na região do arco do desflorestamento: Rondônia, norte de Mato Grosso, Tocantins, sul do Maranhão e sudeste do Pará. São marcantes as diferenças entre o dialeto desta região e o da bacia amazônica;
- Sertanejo - utilizado nos estados de Goiás, sul de Mato Grosso, em parte do Tocantins, e em parte do Mato Grosso do Sul;
- Sulista - utilizado em todo o Paraná, com exceção da região norte, praticamente todo o estado de Santa Catarina e no sul do estado de São Paulo.

Cunha (1996), a partir da proposta de Nascentes (1966), apresenta uma divisão dos dialetos do português brasileiro, classificando-os em três grandes grupos: a) do norte; b) do sul; c) híbridos, a saber:

Grupos de Dialetos:

Norte

- Baiano (incluem as cidades de Salvador, Aracaju, Ilhéus e Barreiras);
- Nordeste Lato:
- Nordeste Central/Nordestino Estrito (inclui as cidades de Natal e Maceió);
 - Nordeste Periférico;
 - Recifense (Recife);
- Nordeste Costa Norte/Cearense (inclui as cidades de Fortaleza e Teresina);
- Amazônico/Nortista (incluem as cidades de Belém, Manaus e Porto Velho).

Sul

- Fluminense Lato (incluem as cidades de Campos, Vitória, Juiz de Fora);
 - Carioca/Fluminense próprio (Rio de Janeiro)

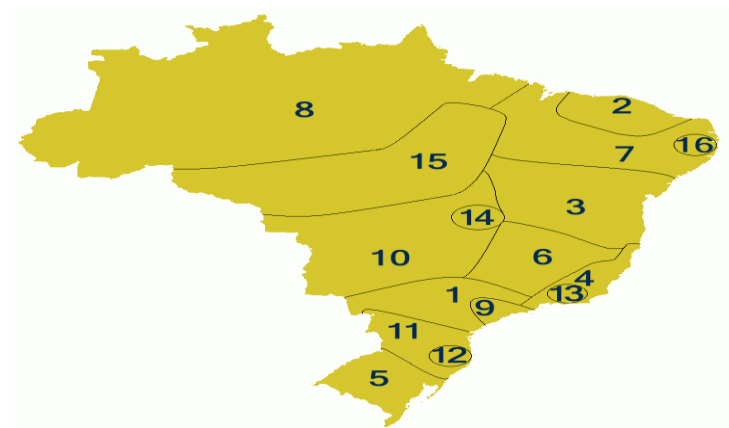
- Mineiro/Montanhês (inclui a cidade de Belo Horizonte e a antiga capital de Minas Gerais: Ouro Preto);
- Sulista Lato:
 - Paulista Lato:
- Paulistano/Paulista próprio (São Paulo);
 - Caipira (incluem as cidades de Campinas, Ribeirão Preto, Uberlândia);
- Sertanejo (inclui as cidades de Campo Grande, Cuiabá, Goiânia);
 - Sulista Estrito (incluem as cidades de Curitiba, Joinville):
 - Florianopolitano/Manezês (Florianópolis, Ilha de Santa Catarina);
- Gaúcho (inclui a cidade de Porto Alegre);

Dialetos Híbridos

- Brasiliense (novo dialeto da capital Brasília, híbrido de vários dialetos do norte e do sul do Brasil);
 - Serra amazônica/Arco do desflorestamento/Sotaque dos Migrantes (novo dialeto, híbrido de vários dialetos do norte e do sul do Brasil, inclui uma grande porção da área que antes era denominada "Território Incaracterístico" ou "Indefenido" dialetal: incluem Palmas, Marabá e Imperatriz).



Mapa 2 - Dialetos do Português do Brasil, segundo Nascentes.



Mapa 3 - Dialetos do Português Brasileiro, segundo Cunha.

1. Caipira
- 2 - Costa norte
- 3 - Baiano
- 4 - Fluminense
- 5 - Gaúcho
- 6 - Mineiro
- 7 - Nordestino central
- 8 - Nortista
- 9 - Paulistano
- 10 - Sertanejo
- 11 - Sulista
- 12 - Florianopolitano
- 13 - Carioca
- 14 - Brasiliense
- 15 - Serra amazônica
- 16 - Recifense

3.12 Vernáculo

Como bem lembrado por Bagno (2007), o termo vernáculo foi cunhado por Labov no sentido de ser o estilo, na fala, em que o falante exerce o mínimo de monitoração estilística, ou seja, presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. O autor também nos lembra de que cada grupo social tem o seu estilo próprio, espontâneo, que emerge de situações comunicativas de menor grau de formalidade. Isso caracteriza o vernáculo.

A língua portuguesa no Brasil é bastante diversificada devido a determinados motivos, como a extensa faixa territorial do país, que reúne falantes de um português diversificado, além dos fatores socioculturais que dinamizam as variações na língua. Com isso, a escrita das populações menos escolarizadas é realizada, conforme já foi dito, com base na fala. Ocorre, que a fala dos cidadãos, embora imersos na cidade, apresentam variedades da fala regiões rurais, que são formas linguísticas diferenciadas, que conserva traços do português antigo.

Ainda sobre a questão dialetal, Couto (2011) abre um parêntese sobre a designação "dialeto padrão" ou "culto" afirmando que tais termos são preconceituoso, preferindo a

designação dialeto estatal, haja vista que tal dialeto está a serviço do estado, independentemente de ser objetivamente usado em atos de interação comunicativa ou não. Ele é impositivo, prescritivo e por isso mesmo, normativo. Quanto aos dialetos rurais, têm muita afinidade com os regionais.

Por questões de lutas de classes e imposição de determinados grupos economicamente mais fortes sobre outros, os dialetos rurais são desprestigiados pelos urbícolas, o que gera insegurança quando os falantes de origem rural falam com esses falantes da cidade. Tal fato gera hipercorreções, como "*malmita*", "*galfo*" e "*melha*" por "*marmita*", "*garfo*" e "*meia*", respectivamente. Esse autor afirma que elas ocorrem porque os rurícolas sabem que pronúncias normais de seu dialeto como *carça* (calça) e *teia* (telha) são ridicularizadas pelos urbícolas. Por isso, ao falar com eles, tentam evitar "r" pós-vocálico e "i" intervocálico, substituindo-os por "l" e "lh", respectivamente, mesmo onde o dialeto estatal não o faz. O professor Couto lembra que nas comunidades rurais em situações informais, os rurícolas falam sem pressão ou monitoração estilística, sem hipercorreções.

No estudo da ecologia do vernáculo é possível identificar as regras gramaticais que pertencem efetivamente ao PB contemporâneo, as regras em uso, as que operam mudança, as que tendem a desaparecer (obsolescência), as que passam por processos de gramaticalização e as que são estigmatizadas, percebidas, diferenciadas ou passam despercebidas no repertório dos falantes de uma dada comunidade de fala, pois há usos que estão se cristalizando e por isso mesmo não são percebidos pelas pessoas, mesmo que esses usos estejam em desacordo com a gramática normativa.

Mesmo nos textos escritos, onde o grau de monitoração estilística deveria ser alto, muitos fenômenos advindos das formas vernaculares de origem rural ainda estão presentes em determinados gêneros textuais e talvez por isso mesmo, tais gêneros sejam de menor prestígio, pois recebem uma avaliação negativa das classes sociais mais empoderadas e escolarizadas, geograficamente localizadas nos grandes centros urbanos. Essa avaliação pode ser percebida na comparação que se faz entre as propagandas e anúncios populares encontradas no Plano Piloto, nas regiões centrais de Ceilândia e na periferia da periferia, o Sol Nascente.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Conforme nos ensina Capra (2014), o método científico representa uma maneira particular de adquirir conhecimento a respeito dos fenômenos naturais e sociais. Com esse objetivo, o de explicar a realidade, as ciências foram se formando em torno de métodos que deixaram seus alicerces armados até a presente era, como fundamento válido para a construção da ciência: a visão cartesiana, mecanicista, estruturalista e positivista de como construir conhecimento em ajustamento com o rigoroso valor do método ou da metodologia de trabalho. Entretanto, como afirma o autor, uma nova compreensão científica da vida em todos os níveis dos sistemas vivos - organismos, sistemas sociais e ecossistemas - é baseada em uma percepção da realidade que tem profundas implicações, não apenas para a ciência e a filosofia, mas também para a política, educação e muitas outras áreas da vida cotidiana.

Conforme o autor, um novo *Zeitgeist*²⁰ do Século XXI é modelado por uma mudança profunda de paradigmas, caracterizada por ele como mudanças de metáforas, em que está ocorrendo uma modificação da visão de mundo como uma rede. Esse novo paradigma, segundo Capra (*op. cit.*), é chamado de visão de mundo holística, que reconhece o mundo como uma totalidade integrada em vez de uma coleção de partes dissociadas. Também é uma visão de mundo de uma ecologia profunda, pois reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, como indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados em processos cíclicos da natureza, dos quais dependemos. Esse tipo de visão não separa os seres humanos tampouco separa qualquer outra coisa em si mesma, isolando-as das demais, mas antes reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos como um fio particular da teia da vida.

Por tratar-se de estudos voltados para linguagem e sociedade, necessária é a escolha de uma metodologia que melhor se ajuste à proposta e objetivos deste trabalho, ou seja, uma metodologia que encara os fatos da língua do ponto de vista de sua ecologia, em que os dados são coletados no próprio ambiente natural em que surgem, em seus contextos de uso e experiências cotidianas.

Com o intuito interpretar a relação da linguagem com o ambiente, de um ponto de vista sistêmico, a presente pesquisa visa à identificação de fenômenos existentes nas diversas práticas letradas encontradas nas comunidades de fala inseridas em determinados

²⁰ Tanto Capra (2014) quanto Shultz e Schultz (2011) traduzem esse termo como “o espírito do tempo”.

espaços da cidade. Esses fenômenos são o uso de escrita oralizada contidos na comunicação popular escrita, cujo registro é realizado com apoio na fala vernacular dos povos que fazem uso desses gêneros textuais. São observações feitas a partir do grande número de registro desse tipo de escrita que se estende pela cidade e que nos permite fazer generalizações, estruturar e definir modelos teóricos, relacionar hipóteses em uma visão mais ecológica do ecossistema da língua e fornecer inferências sobre a diversidade existente em um dado espaço territorial.

Para um trabalho de cunho ecolinguístico, optamos pelo uso de uma metodologia da pesquisa qualitativa que melhor averiguasse os fenômenos do ponto de vista relacional entre territorialidade, povo e a língua, visto que essa metodologia de análise qualitativa alcança nossos objetivos traçados, permite-nos a interação com o objeto de pesquisa e amplia as possibilidades de compreender o ambiente pesquisado.

Günther (2006) afirma que, ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, a pesquisa qualitativa considera cada problema do objeto de pesquisa, a necessidade de escolher os instrumentos e procedimentos específicos. Assim, numa pesquisa qualitativa podemos utilizar procedimentos quantitativos e qualitativos, desde que supram as necessidades da investigação. Neste sentido, a pesquisa qualitativa proporciona a possibilidade de vislumbrar o objeto de pesquisa, de vários modos e o que permite que isso aconteça são as técnicas de coleta propostas. Os métodos utilizados na pesquisa qualitativa contribuem para uma coleta de dados ampla e permite apreender o caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural.

Como subsídios à Ecolinguística, utilizou-se a metodologia de análise da Sociolinguística Qualitativa/Interacional para o estudo de dialetos em contato, haja vista que essas duas vertentes da área língua e sociedade possibilitam averiguar como estão distribuídas, no ambiente, uma ecologia linguística de fenômenos relacionados ao povo, ambiente e à própria linguagem. O viés ecológico nos faz ver a língua como um sistema aberto e, por isso, sua análise interpretativa e explicativa exige maior investimento em síntese, teorização e reflexão a partir do objeto de estudo. Visa a identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos sociais e linguísticos que afetam o processo. Explica que todo fenômeno da língua deve estar associado ao espaço, aos falantes e às relações que daí resultam.

Como delineamento, escolhemos o Estudo de Caso, pois fornece uma descrição de um indivíduo (COZBY, 2011) ou, mais ainda, constitui-se como uma fonte fundamental

para extração de dados em determinado grupo ou pessoa, visto que consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico. Desse modo, o estudo de caso abrangeu todos os diferentes anúncios encontrados no espaço urbano e rural de Ceilândia, o que se permitiu perceber as diferentes particularidades linguísticas nessas comunidades de prática ao longo da extensão territorial da Satélite. Para tanto, fizemos o levantamento de dados, após percorrermos a extensão territorial da cidade investigada para o estudo.

Vale ressaltar que os dados não foram construídos, mas disponibilizados na própria comunidade de fala da cidade. Estavam localizados em diversos territórios, integrando-se ao meio ambiente dos falantes. Para isso, o contexto da pesquisa requereu uma postura interpretativa na condução da pesquisa, conforme nos ensina Duranti (1988), o que nos exigiu os seguintes procedimentos:

- Interpretar a realidade, no caso, linguística dos falantes e da CF;
- Fazer um levantamento sociocultural de Ceilândia;
- Levantar informações sobre aspectos do fluxo migratório da cidade;
- Realizar anotações de dados com descrição e riqueza de detalhes em relação aos anúncios populares;
- Levantar as variedades dialetais que concorrem para o contato de dialetos;
- Tipos de fenômenos fonético-fonológicos encontrados nos anúncios;
- Características da oralidade;
- Características do português rural;

4.1 Procedimentos da pesquisa

A coleta de dados fora realizada em todos os anúncios populares expostos nas ruas, logradouros, letreiros, *outdoors*, banheiros, paradas de ônibus, feiras, praças, igrejas, comércio, paredes de edificações e outros espaços públicos e particulares, cujo intuito foi detectar o fenômeno da escrita oralizada.

Há de se ressaltar que o levantamento dos dados é feito em documentos que não venham expor a ninguém ao ridículo. A escolha da forma escrita se deve ao fato de que as fontes escritas são muito ricas e ajudam o pesquisador a não ter grandes problemas na coleta do material, conforme os ensinamentos de Gil (2008).

Por questões éticas pertinentes ao sigilo das pessoas e a não exposição de seus domicílios, manteremos no anonimato o endereço completo onde os anúncios poderão ser encontrados. Entretanto, todos os anúncios foram devidamente documentados e se encontram em poder do pesquisador para consulta. Após a coleta do material, foram agrupados os anúncios por cada tipo de fenômeno encontrado, a fim de serem verificados os tipos fonológicos na escrita, com a consequente análise da diversidade linguística.

4.2 Critérios para a coleta de dados

Os critérios para a coleta de dados recaem sobre os aspectos ecossistêmicos existentes na cidade, como as características demográficas, os aspectos culturais, sociais e, particularmente, pela ecologia da diversidade linguística dessa cidade.

Neste sentido, a descrição do contexto onde se encontram os anúncios é relevante para entendermos a dinâmica das interações sociais e as trocas simbólicas daí decorrentes.

A discussão dos dados aborda aspectos de como o ambiente (espaço), o povo e a língua se relacionam e se traduzem nos gêneros textuais estudados. Para tanto, partimos do pressuposto de que há uma relação entre fatores linguísticos e extralinguísticos de natureza ambientais que concorrem para o surgimento da escrita oralizada contida nos gêneros textuais coletados.

Os critérios são da seguinte ordem:

a) Sociais e econômicos: Ceilândia é uma cidade nordestina e a mais populosa do Distrito Federal, guarda muitas tradições dessa região do Brasil e sua formação se caracteriza pelo intenso fluxo migratório, mais do que em outras cidades nordestinas, como São Sebastião e a Estrutural, ambos no Distrito Federal, além de ser uma cidade bastante expressiva economicamente, que junto à Taguatinga e Samambaia, são as Satélites mais importantes econômica e culturalmente;

b) O conteúdo grafado nas diversas práticas de letramento escrito espalhadas na cidade: há abundância de práticas de letramento que compõem a comunicação popular escrita. A existência dessas práticas que justificam pela força do comércio local e o próprio desenvolvimento da cidade. A oferta e a demanda de produtos e serviços fazem com que um grande número de anúncios sejam utilizados aos mais diversos propósitos e, portanto, encontra-se em grande quantidade nas ruas da cidade, exibindo conteúdo linguístico que revelam as características orais e culturais da fala dessas comunidades;

c) Os fatores linguísticos próprios do Português do Brasil: Os fenômenos fonético-fonológicos são os mais recorrentes, levando-se em conta que os falantes fazem uso da escrita oralizada vernacular, pois se utilizam do sistema fonológico da língua para apoiarem suas escritas. São pessoas que têm forte apoio na tradição oral das comunidades de que são egressas e, por isso, trazem os traços descontínuos em sua fala de base dialetal rural para os diversos tipos de anúncios encontrados nessas comunidades de fala e de práticas.

4.3 Os instrumentos da pesquisa

Foram utilizadas as pesquisas censitárias da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD, CODEPLAN/GDF para abstração das características socioeconômicas do território e da população, instrumentos esses que nos forneceram informações a respeito dos aspectos migratórios de Ceilândia, características da população, graus de instrução, aspectos culturais, renda familiar. Também foram coletadas informações sobre as características da cidade na Biblioteca Pública de Ceilândia e na Casa do Cantador.

Antes da escolha do tema e do objeto de estudo, o pesquisador já havia percebido que em Ceilândia, mais particularmente, em áreas mais periféricas, é muito comum eventos de letramento, como a comunicação popular, em que continham uma escrita oralizada, com um número expressivo de alguns fenômenos linguísticos. Com base nisso, ao fazer um recorte da pesquisa, resolveu averiguá-los de *per si* e agrupá-los conforme os diversos tipos de interferências fonológicas na escrita.

As expressões específicas do léxico nordestino e que não fazem parte do repertório do pesquisador foram consultadas em Navarro (2004).

Como instrumento, foram elaboradas listas de fenômenos que continuam as seguintes mudanças na construção da palavra, que podem ocorrer pelos seguintes critérios²¹ adaptados a partir dos estudos de Bortoni-Ricardo (2005):

²¹ Bortoni-Ricardo chama a cada um desses fenômenos de categorias de erros na escrita. Aqui, como se trata de uma pesquisa de cunho Ecolinguístico, preferimos abandonar esse termo, tendo em vista que essa área da ciência não trabalha com esse constructo de certo e errado. A língua apresenta fenômenos dialetais e não há primazia de um dialeto sobre o outro, seja o estatal, seja vernacular. A autora mencionada trabalha com os pressupostos da Sociolinguística Educacional e seu trabalho sobre a escrita apresenta essas noções, porque entende que a escola precisa ensinar o código oficial, estatal, para que os alunos entendam e dominem as variedades da língua e que o ensino da língua materna seja plural e não preconceituoso.

- a) Fenômenos decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais;
- b) Fenômenos decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

As especificidades desses fenômenos serão revistos mais adiante.

Elaboradas as listas, o pesquisador foi a campo, e após uma busca exaustiva de anúncios por toda a cidade, elaborou um diário de campo, em que foram registrados os fatos pertinentes às questões da língua e do espaço onde foram coletados.

Para o corpus, foram computadas as placas que continham a variedade estatal e registradas as que continham algum tipo de fenômeno fonológico como base de apoio da escrita dos falantes. Isso serviu para que se procedesse à contagem percentual para discussão e comparar os fenômenos.

4.4 Os instrumentos para a coleta

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: máquina filmadora SAMSUNG, Smart Camcorders Flash Memory SD, máquina de fotografia SONY (Câmara digital modelo DSC H100 – Cyber Shot), Máquina Digital SONY, Cyber shot, 12.1 mega pixels, gravador PANASONIC mini cassette recorder RQ-L11, papel, lápis, caneta e celular SANSUNG Duos.

4.5 Procedimentos de coleta e instrumento de análise

A presente pesquisa se norteia pelos seguintes procedimentos:

a) Observação de campo, etapa em que o pesquisador recolheu informações sobre a fala e as questões em análise Para isso, utilizou-se de notas de campo em forma de diário de pesquisa, muito utilizado em pesquisa qualitativa, conforme Vieira (2000);

b) comparação do fato em estudo com teorias sobre o objeto da pesquisa e sobre a comunidade observada;

c) contextualização geográfica, história, política, legal e social a respeito do fato pesquisado quanto da população em análise.

Com base no que foi exposto, as etapas da pesquisa descrita aqui foram:

- Levantamento do maior número possível de informações relativas ao processo de construção territorial e populacional de Ceilândia, bem como informações atualizadas sobre o referido espaço geográfico. Para isso, fez-se necessário a leitura de documentos construídos pelo IBGE (2010) e CODEPLAN (Governo do Distrito Federal);

- Observação participativa nos espaços sociais dos diversos bairros de Ceilândia, com enfoque especial ao Sol Nascente. Nessa fase foram observadas e analisadas as situações de interação linguística e a construção, utilização e simbolização dos anúncios populares, considerando a língua utilizada, a espaço social de interação e os sujeitos envolvidos;

- Sistematização, análise e comparação das informações coletadas com a finalidade de construir uma síntese de todas as informações obtidas com os dados. O propósito é fornecer informações necessárias para a construção do panorama linguístico da cidade, bem como a compreensão dos fatores ligados à tríade: língua/território/povo, além de dar suporte a outras pesquisas de cunho ecolinguístico e educacionais.

As palavras repetidas foram computadas como frequência de realização na ordem em que foram apresentadas, de acordo com o fenômeno estudado, independente da ortografia utilizada.

A análise levou em consideração os fenômenos pesquisados em comparação ao dialeto estatal representado pela ortografia oficial. Traços urbanos, rurais e urbanos somados os graduais e descontínuos compõem os instrumentos de análise ecolinguística.

Os levantamentos dos dados ocorreram a partir de março de 2011 e tiveram fim em abril de 2014, período em que foram percorridas todas as ruas de Ceilândia, assim dispostas:

- Ceilândia Sul e Norte - março a dezembro de 2010;
- Ceilândia Centro e Feira de Ceilândia - janeiro a junho de 2011;
- Setor P Sul e Setor Habitacional Pôr do Sol - janeiro a julho de 2012;
- Setor P Norte, Setor O, Expansão, QNQ, QNR e Condomínio Privê - julho a dezembro de 2012;
- Setor Habitacional Sol Nascente e área rural de Ceilândia, como o Incra 9, Córrego das Corujas, DF 180 até as proximidades de Águas Lindas, na BR 60.

Para comparar a diversidade linguística de Ceilândia com outras cidades, verificou-se a ocorrência dos fenômenos pesquisados em outras áreas administrativas do DF como Taguatinga e Brasília, cidades essas que mantêm fortes ligações socioeconômicas com a cidade em estudo. Para isso, fizemos um levantamento de anúncios em todas as áreas dessas cidades, cuja coleta ocorreu entre os meses de fevereiro e setembro de 2014.

4.6 O corpus

O corpus foi constituído por diversos escritos de comunicação popular nos mais diversos lugares de Ceilândia e Setor Habitacional Sol Nascente (SHSN). Taguatinga e Plano Piloto entraram no estudo como subsídio de informação e comparação. Nessas cidades, foram pesquisadas 8.996 (oito mil novecentos e noventa e seis) anúncios, sendo 5.328 em Ceilândia, 1.872 em Taguatinga e 1.796 no Plano Piloto²². Da comunicação popular escrita, encontramos 2.785 palavras que contêm algum tipo de fenômeno da oralidade, cujos traços de escrita refletiam a fala localizada em um ponto do contínuo rural/urbano. As placas que apresentaram concordância com o português estatal foram descartadas, tendo em vista que muitas placas foram feitas por computador, com corretor ortográfico, em tipografias e por isso não foi possível saber, de fato, o quanto de variabilidade linguística do escrevente e seu grau de instrução estavam concorrendo por essa escrita urbana.

Nas listas, conforme já expusemos, foram agrupadas palavras por fenômeno. Consideramos palavras aquelas que possuem conteúdo semântico, funções sintática e morfológica. Assim, a unidade de análise nesta tese é a palavra.

Deixamos de fora do levantamento as palavras que apresentavam o mesmo som, mas com letras diferentes, porém registradas em desacordo com a ortografia oficial, ou seja, aquelas que apresentavam o mesmo fonema, mas com grafias diferentes, como em *chícara* por *xícara*, *vaçoura* por *vassoura*, *oje* por *hoje*. A figura abaixo é um exemplo de fenômeno descartado. Entretanto, se o falante escrevesse *xícra* para *xícara*, *bassora* ou *vassora* para *vassoura*, *quejo* para *queijo*, *galfo* para *garfo*, *vendeno* para *vendendo*, *praca* para *placa* e *curasi estromu* para *cura-se estômago*, então esses fatos eram coletados.

²² Os dados de Taguatinga e Plano Piloto servirão para levantar e contrastar os dados em relação à Ceilândia. Essas cidades foram escolhidas porque representam o Poder Estatal e o Econômico. Juntas, são o maior polo de emprego e serviços do Distrito Federal, segundo informações do PDAD (2013).



Figura 7 - Escrita fonológica.

A pesquisa teve como recorte os traços graduais e descontínuos²³ presentes na escrita oralizada, porque eram os mais recorrentes. Esses traços ocorrem pela interferência de alguns fenômenos fonológicos que requerem uma análise sistemática para o trabalho epistemológico voltado para a escrita. Esses fenômenos têm como análise as seguintes categorias analíticas: a) por acréscimo; b) por supressão; c) por transposição e d) por transformação e podem ocorrer pelas seguintes interferências das regras fonológicas do Português do Brasil.

4.7 Categorias Analíticas

Em cada uma das categorias estabelecidas coletamos diferentes tipos de fenômenos em função da influência da variante dialetal, assim dispostos:

- Prótese: adjunção de segmento fonético no início da palavra, como em “Nois aqui *aprotege* sua casa”;
- Epêntese ou hipercorreção: adição de um fonema no interior da palavra: “Favo não quebrar as *bandeija* de prastico”.
- Paragoge ou epítese: ocorre pela adição de segmento fonético no fim de uma palavra. Pode ocorrer por analogia, como *ante* > *antes* (análoga a depois, na formação do português), mas comumente acontece devido à tendência canônica da língua à formação silábica CV, como em “ Só *Deuso* na nossa causa”;

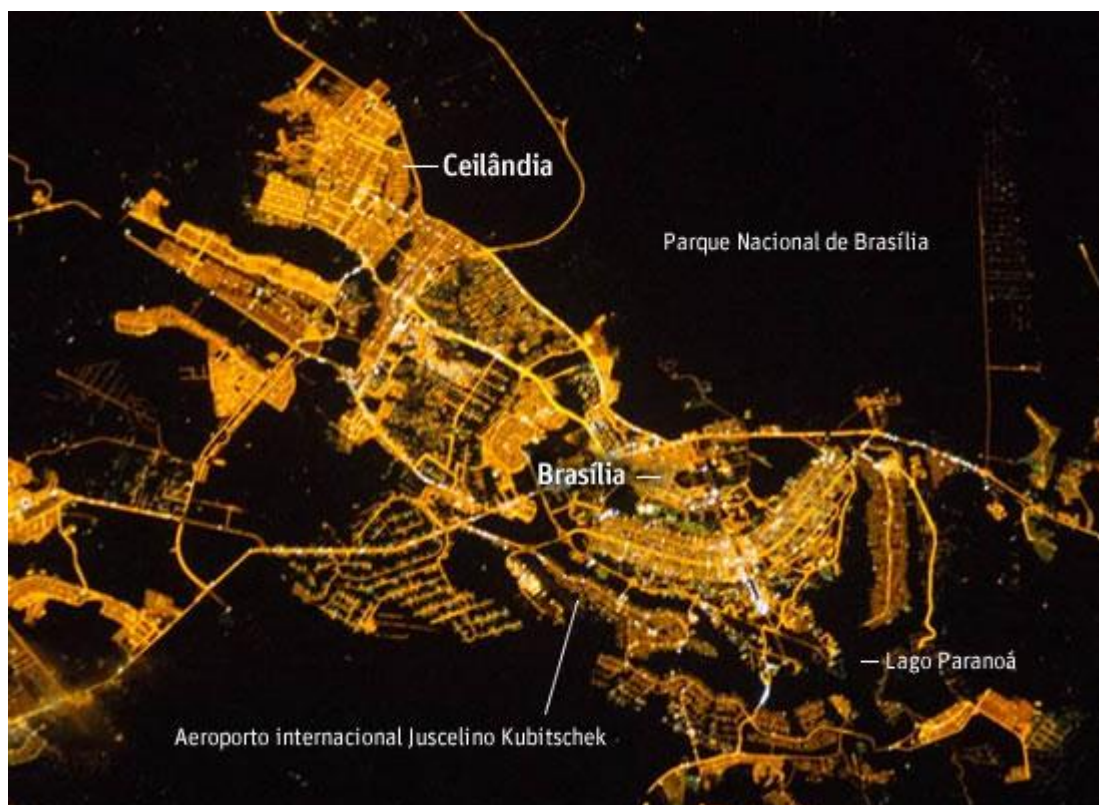
²³ Os traços graduais e descontínuos foram estudados por Bortoni-Ricardo (1985; 2011) e serão estudados no capítulo sobre a Fonologia do Português do Brasil.

- Suarabácti: consiste na intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes
- Aférese: fenômeno fonético referente à supressão de um fonema ou grupo de fonemas no começo da palavra. Esse fenômeno linguístico deu-se ao longo da constituição da língua portuguesa e ainda hoje pode ser observado na fala, não só na área rural, mas em centros urbanos. Ex: Veia *repende* dos pecadu. Oração o dia intero”.
- Síncope: supressão de fonemas no interior do vocábulo, as maiores ocorrências são de gerúndio: redução da marca morfêmica – nd para n. Ocorre também síncope com a vibrante /r/ principalmente nos encontros consonantais em sílaba átona, mas ocorre também com sílabas tônicas. Ex.: ‘proibidio mexer nas *avri* do pomá’; ‘Arrumamu *teledi* di *teia* di miãtu”. Pode ocorrer síncope por redução da marca morfêmica do gerúndio, ou seja, o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo **ndo**: apagamento da oclusiva dental na oralização de palavras em cuja escrita aparece o grupo de grafemas “ndo”. Ex.: quando ~ [kuano]. Também ocorre por apagamento da postônica /e/ e /i/ da penúltima sílaba e vocalização das consoantes /l/>/i/ e /ɲ/. Alguns exemplos: Pedi oração apois eu to *sofreno*”. “To *contano* com o seu voti”. “Temu *lãpta* de todo *tamanio*”.
- Apócope: supressão de um de um fonema final como o /r/. Geralmente ocorre em formas infinitivas do verbo ou em palavras que têm coda lateral na posição pós-tônica. Esse fenômeno deu-se ao longo da formação do português, diacronicamente, e ainda permanece na atualidade.
- Metátase: é do /r/ na mesma sílaba ou em sílaba diferente na mesma palavra, ou seja, esse tipo de fenômeno ocorre por transformação ocasionada pela troca de posição de um fonema para melhor acomodação eufônica. “*Perigo ara* (área) *de estrupo*”. “*Temu preda* (pedra) *de jeso*”.
- Vocalização: na vocalização das consoantes palatais ocorre a despalatalização com tendência a iotização, ou seja, a consequência é a ditongação. Essa alteração é observada no Português do Brasil. Trata-se, inclusive, de um fenômeno histórico da língua portuguesa, isto é, que vem acontecendo ao longo do tempo e continua em processo, pois ocorre como fenômeno fonético que consiste na transformação de uma consoante em vogal. “Façu poda e tiro *gaio*

di arvri tobada”. Também ocorre vocalização das consoantes /l/ > /i/ e /ɲ/. “As coisas vai miorá” “*Muié* fea é quinem gilo, verdi prufora amaga prudentro”. “aqui faiz *uia* pu deiz reau”.

- Nasalização: processo que consiste na passagem de um fonema oral a fonema nasal por alternância entre /i/ e /ĩ/ ou assimilação da sílaba nasal seguinte. Ex.: *Ingreja* Adeventista do Setimo Dia”. “Aqui a *Vinzinhasa* vevi em paiz”.
- Desnasalização: consiste na passagem de um fonema oral a fonema nasal. Esse fenômeno também atinge as desinências verbais além de ocorrer em desinências nominais, como é o caso dos ditongos nasais em final de verbos conjugados no pretérito-perfeito. Quando acompanhada de “e” a nasal final não se conserva, entretanto, a ressonância nasal que na escrita se apresenta por m, como em home-, onte-, image-, por exemplo, não é levada em conta na oralidade. Ex.: “a políça puseru a bandido em cana”. “procuru morça *jove* e *vige* pra casa”.
- Elevação de vogais (alçamento): elevação da vogal /e/ > /i/ e /o/ > /u/. “Na pasca vamo vende *azeiti* e *meu* puro”
- Abaixamento de vogais pré e pós-tônica: rebaixamento das vogais pré e pós tônicas como e “So fazemos *corativo* ate as trese hora”.
- Ditongação: processo em que um glide é acrescentado na oralização da palavra escrita com vogal simples. Ex. mas ~ [mays]. “linxa e pinta *uia* por deiz reaes”.
- Monotongação: apagamento do glide na oralização da palavra escrita com ditongo. Ex.: falou ~ [falô].
- Rotacismo: processo em que o leitor troca o fonema consonantal /l/ por /r/ no ataque de sílaba complexa. Ex.: exemplo ~ [ezempro].

5. CEILÂNDIA COMO CONTEXTO DA PESQUISA



Mapa 4 - Panorama de Ceilândia e Brasília.

A região de Ceilândia, como todo o Brasil, tem sua identidade constituída na diversidade dos povos que construíram a história do lugar. Os povos que vieram constituir essa cidade tanto influenciam ou influenciaram essa cidade, como sofrem influência dela. Nesse sentido, ao sair de suas terras de origem, um povo, quando se desloca, leva consigo a cultura, mas se o espaço geográfico e as condições de vida são outros, o sujeito também já é outro, e, por sua vez, transforma sua língua e sua vida cultural.

Os problemas da seca no Nordeste, a falta de emprego e as condições precárias para a sobrevivência muito influenciam o êxodo dessa Região para outras cidades brasileiras. A busca por melhores condições de vida, como oportunidades de trabalho, ensino e moradia mais acessíveis, por exemplo, surgem da ideia de que a Nova Capital é um bom lugar para se viver.

Para se entender a diversidade linguística é importante compreender a mobilidade social, a história da migração das cidades. Nesse sentido, ressaltamos o fator industrialização a partir dos planos de industrialização do Brasil por Juscelino Kubitschek, força motriz para o êxodo rural e conseqüente crescimento das cidades.

Nessa nova ordem de coisas em razão das mudanças políticas e econômicas por que passa o Brasil, a cidade é a meta das novas configurações grupais. Com a implementação da zona urbana, a necessidade de novas aprendizagens, em particular, tomar posse das habilidades e competências da escrita (no ato de saber ler/escrever) ganha ritmo bastante acelerado. Junto a isso, as mudanças econômicas e o discurso dos meios de comunicação trouxeram novos vocábulos ou novos sentidos para vocábulos já existentes.

Na organização do espaço territorial surgem alguns confrontos: a fala e escrita prestigiadas pela escola e pelos meios letrados de um lado e por outro, a fala e escrita estigmatizadas utilizadas por pessoas com pouca ou nenhuma escolarização.

Ceilândia se caracteriza por grandes contradições polarizadas que marcam, de um lado, uma cidade desenvolvida, com uma população classe B e C, comércio intenso, vias urbanizadas, um número considerável de escolas públicas ou privadas, nos mais variados níveis de escolarização, diversos serviços públicos disponíveis à população, tais como Tribunal de Justiça, hospital público com atendimento ambulatorial, inclusive, vários postos de saúde, Administração Regional, CREAS, CRAS, METRO, Agências dos Correios, INSS, duas delegacias de polícia, dois batalhões, sendo um da polícia militar e outro do Corpo de Bombeiros, biblioteca pública, SESI, SENAI e um campo da Universidade de Brasília, com cursos da área de saúde. O outro lado se caracteriza por um polo extremamente perverso, constituído por uma área de invasão de terra pública e parcelamento irregular do solo, onde até os Anos 90 era destinada ao plantio e cultivo de hortaliça para Ceilândia e entorno. Hoje, essas áreas invadidas são uma grande favela localizada no Setor Habitacional Pôr do Sol (SHPS) e pelo Setor Habitacional Sol Nascente (SHSN)²⁴, cuja condição urbana de moradia é extremamente precária, sem nenhum planejamento, com ruas sem asfalto, lixo por toda parte, muito buraco, lama, esgoto a céu aberto e onde ocorrem muitos crimes como assaltos, roubos e contrabando. Infelizmente, essa é a realidade desses lugares, onde a população trabalhadora almeja por condições melhores e mais dignas para elas.

²⁴ O SHSN é a segunda maior favela do Brasil, onde a realidade se caracteriza pela ausência de políticas públicas que possam garantir a dignidade da pessoa humana como a erradicação da violência urbana, a prestação de serviços continuados como transporte público, saneamento básico, educação e saúde. Seus habitantes têm baixa escolaridade, pertencem às classes D e E ou estão abaixo da linha da pobreza. São pessoas oriundas do Nordeste em sua grande maioria e/ou foram expulsas de outras áreas do Distrito Federal pela especulação imobiliária, como o alto custo de uma moradia regular.

Ceilândia está próxima aos centros urbanos maiores como Taguatinga e Plano Piloto. Sua malha viária é totalmente integrada com os outros centros, além de ter acessos aos meios culturais disponíveis, entretanto, não há cinemas nem teatros nessa cidade.

5.1 A história

A história do Distrito Federal, segundo Vasconcelos *et alii* (2006), é pontuada pela questão da migração, que faz da Capital Federal e as cidades Satélites, um lugar único no mundo por sua complexidade linguística, identitária e multicultural.

Prestes a completar 55 anos, Brasília está despontando para a formação de um falar próprio, a exemplo de capitais mais antigas, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Bortoni-Ricardo (2005) afirma que a Capital Federal se apresenta como um polo complexo em suas relações na vida social, a exemplo de sua economia, pois é uma cidade onde se recebe diariamente milhares de trabalhadores egressos de cidades vizinhas e entorno para preencher postos de emprego e dar sustentabilidade à economia local. A mobilidade de trabalhadores e estudantes que se deslocam das Satélites ao Plano Piloto, antes de ser um dado financeiro, é um fator de pluralidade e heterogeneidade linguística.

A respeito da diversidade linguística que se dá no espaço da Capital Federal, Couto (1996) sugere o que está se dando em Brasília é uma espécie de coineização, ou seja, um desaparecimento de traços dialetais muito marcados, em prol do que é relativamente geral no português brasileiro. Algumas reflexões retiradas dessa observação são se alguns centros urbanos do DF, localizados em periferias de grande contingente populacional, apesar da intensa relação econômica e social com Brasília, segue o padrão dessa coineização ou outros processos que estão se gramaticalizando. Um dessas cidades que mais se destaca em relação ao seu contingente populacional é Ceilândia, lugar de um grande fluxo de migração nordestina.

Em 2013, a população urbana da Ceilândia foi estimada em 449.592 habitantes, o que a constitui como um lugar plural com uma grande heterogeneidade linguística, possibilitando-nos perceber os movimentos das forças linguísticas a partir de dados extralinguísticos para a formação de um dialeto candango.



Figura 8 - Caixa D'Água, figura simbólica da cidade.

Fonte: UNUDOC. Disponível em: <http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/jovemdeexpressao/noticias2012/03/27-aniversario-da-ceilandia.html>. Acesso em: 03 out. 2013.

Com a construção da Capital Federal polarizada em Brasília, vários migrantes vieram para o DF como força de trabalho e para tentar nesse espaço, uma nova vida, cujo sonho era o eldorado, Brasília, a Capital da Esperança.

Segundo a história da Capital, dados informados pela CODEPLAN/SEPLAG/GDF e na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PEDAD 2013, no final dos Anos 60, Brasília já tinha um número razoável de pessoas em situação de favela, ou seja, aproximadamente 79.128 favelados, distribuídos em 14. 607 barracos, para uma população de 500 mil habitantes em todo o Distrito Federal. O espaço que mais representa esse lugar nuclear era a Cidade Livre, local onde está situada a cidade do Núcleo Bandeirante.

Como favela não combina com o centro do poder, a ideia de uma nova Capital atrativa para o desenvolvimento do País é incompatível com antigos problemas de ocupação espacial irregular, pobreza econômica e falta de estrutura urbana. Então, insurge-

se da ideia de afastamento das classes desfavorecidas da Capital para as periferias, a política de higienização, que surge como uma tentativa de erradicar a ocupação irregular em torno do Plano Piloto rumo a lugares distantes do centro urbano administrativo de Brasília.

No ano de 1969, o governador Hélio Prates da Silveira, ao solicitar a erradicação das favelas à Secretaria de Serviços Sociais, cria o grupo de trabalho que mais tarde se transformou em Comissão de Erradicação de Favelas.

Nesse sentido, surge, então, a Campanha de Erradicação das Invasões – CEI, e em 1971, demarcaram 17.619 lotes, de 10x25 metros, numa área inicial de 20 km² – poucos anos depois ampliada para 231,96 km², conforme o disposto no Decreto n.º 2.842, de 10 de agosto de 1988.

Esse processo de higienização governamental das favelas para além das fronteiras de Brasília, Ceilândia surge como um *locus* de transferência dos moradores das invasões do IAPI; das Vilas Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo; dos morros do Querosene e do Urubu; e Curral das Éguas e Placa das Mercedes, invasões com mais de 15 mil barracos e mais de 80 mil moradores.

Em 27 de março de 1971, às 09h00, o então governador do Distrito Federal Hélio Prates lançava a pedra fundamental da nova cidade, onde hoje está situada a Caixa D'água, momento em que teve início o processo de assentamento das vinte primeiras famílias da invasão do IAPI.

O nome da Ceilândia foi dado pelo então Secretário Otomar Lopes Cardoso, de acordo com a sigla CEI, neologismo constituído pela palavra inglesa *land* - “landia” - ‘cidade’.

Em 29 de junho de 1975, o Decreto n.º 2.943 cria a Administração de Ceilândia, vinculada à Administração Regional de Taguatinga. Já em 25 de outubro de 1989, a Lei 11.921 ao criar a RA - Região Administrativa do Distrito Federal. A RA IX foi criada pela Lei n.º 49/89 e o Decreto n.º 11.921/89, por desmembramento da RA III – Taguatinga, o que lhe conferiu *status* e identidade de Cidade-Satélite do Distrito Federal.

O aniversário dessa Satélite é comemorado no dia 27 de março, por força do Decreto n.º 10.348, de 28 de abril de 1987.



Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=788574>>. Acesso em: 12. jul. 2012.

Mapa 5 - Ceilândia.

5.2 A constituição da cidade

A organização espacial da Cidade pesquisada segue a continuidade das letras alfabéticas para as quadras que começaram em Taguatinga, que tem seus endereços começados ora por QN para quadras norte ora por QS para quadras sul, a partir das letras (em Taguatinga, as letras são de A a M). Em Ceilândia, a continuidade das letras é estabelecida originalmente por apenas dois setores, as quadras da QNM e QNN. Essas quadras formam a Ceilândia Norte e a Ceilândia Sul.

Hoje a Ceilândia possui uma área urbana de 29,10 km² e está subdividida em diversos setores: Ceilândia Centro, Ceilândia Sul, Guariroba, Ceilândia Norte, Setor P Sul, Setor P Norte, Setor O, Expansão do Setor O, QNQ, QNR, Setores de Indústria e de Materiais de Construção e parte do INCRA (área rural da Região Administrativa), Setor Privê (ou Lucena Roriz), e condomínios que estão em fase de legalização como o Pôr do Sol e Sol Nascente.

A Região Administrativa IX está situada a 26 quilômetros da RA I - Brasília. Mais recentemente, em função do crescimento vertiginoso da cidade e de sua população, chácaras localizadas em Zonas Rurais do Setor P Norte e P Sul transformaram em outra cidade ainda mais periférica em Ceilândia - os bairros Setor Habitacional Pôr do Sol e Setor Habitacional Sol Nascente, esse último, a maior favela da América Latina, segundo dados do *Correio Braziliense* do dia 29 de setembro de 2013²⁵.

Segundo esse Jornal, os condomínios Pôr do Sol e Sol Nascente foram estudados isoladamente dos outros espaços de Ceilândia. Juntas, as duas ocupações possuem 78.912 moradores. O número aponta o crescimento da população na região - que não conta com sistema de saneamento básico, entre outros problemas de infraestrutura. No Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população era de 56.483 pessoas. Com a nova marca, o Distrito Federal passa a abrir a maior favela do país - à frente da internacionalmente famosa Rocinha, no Rio de Janeiro, que conta com 69.161 habitantes, de acordo com a pesquisa nacional de 2010. Não há números atualizados do crescimento da favela carioca.

Em relação à Ceilândia, a cronologia do surgimento de seus bairros pode ser mais bem exposta na tabela abaixo:

Tabela 1 - Ano de criação de bairros em Ceilândia

1971: Setores “M” e “N” Norte (Ceilândia Sul e Norte)
1976: Setor “O”
1977: Setor Guariroba
1979: “P” Sul e “P” Norte
1985: Expansão do Setor “O”
1988: Acréscimo do Setor “N” (QNN 35 a 40)
1989: Acréscimo do Setor “P” Sul (QNP 22 e 24) e Setor “Q”
1980: Setor de Indústrias
1992: Setor “R”
1999: Área de Desenvolvimento Econômico Centro-Norte
2002: Área Perimetral Norte

Fonte: PDAD 2013 – CODEPLAN

²⁵ Disponível em: http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf_390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml. Acesso em: 12 dez. 2013

5.3 Áreas limítrofes

Ceilândia tem suas fronteiras com alguns pontos geográficos que merecem destaque:

Limites:

Norte: Ribeirão das Pedras e Lago do Descoberto;

Sul: Córrego Taguatinga e Rio;

Leste: Linha que une a Barra do Córrego Currais até o Córrego Taguatinga;

Oeste: Rio Descoberto – Estado de Goiás.

5.4 A força motriz da migração em Ceilândia



Figura 9 - Tradição nordestina.

De acordo com o PDAD/CODEPLAN/SEGLAG/GDF 2013, o levantamento domiciliar feito em Ceilândia revela que 51,73% do contingente populacional são nascidos no Distrito Federal, enquanto 48,27 são constituídos por migrantes. Do total de migrantes, 66,43% são naturais do Nordeste; 16,91% do Sudeste e 13,37% do Centro-Oeste, de acordo com a seguinte distribuição por estados brasileiros: Minas Gerais e Piauí tiveram participação semelhante, com 14,15% e 14,05% respectivamente;

Bahia e Goiás, 13,05% e 13,01%, Maranhão 11,71% e Paraíba com 10,35%.

Tabela 2 - População, segundo a naturalidade - Ceilândia - Distrito Federal - 2013

Unidade da Federação Nº	Nº	%	% de Migrantes
Total	449.592	100,00	
Distrito Federal	232.594	51,73	
Outras UF	216.998	48,27	100
Acre	75	0,02	0,03
Alagoas	632	0,14	0,29
Amapá	-	-	-
Amazonas	70	0,02	0,03
Bahia	28.311	6,30	13,05
Ceará	21.449	4,77	9,88
Espírito Santo	1.012	0,23	0,47
Goiás	28.229	6,28	13,01
Maranhão	25.405	5,65	11,71
Mato Grosso	393	0,09	0,18
Mato Grosso do Sul	398	0,09	0,18
Minas Gerais	30.697	6,83	14,15
Pará	1.925	0,43	0,89
Paraíba	22.452	4,99	10,35
Paraná	734	0,16	0,34
Pernambuco	7.976	1,77	3,68
Piauí	30.482	6,76	14,05
Rio de Janeiro	2.096	0,47	0,97
Rio Grande do Norte	7.363	1,64	3,39
Rio Grande do Sul	570	0,13	0,26
Rondônia	286	0,06	0,13
Roraima	70	0,02	0,03
Santa Catarina	70	0,02	0,03
São Paulo	2.854	0,63	1,32
Sergipe	75	0,02	0,03
Tocantins	3.234	0,72	1,49
Exterior	140	0,03	0,06
Não sabe	-	-	-

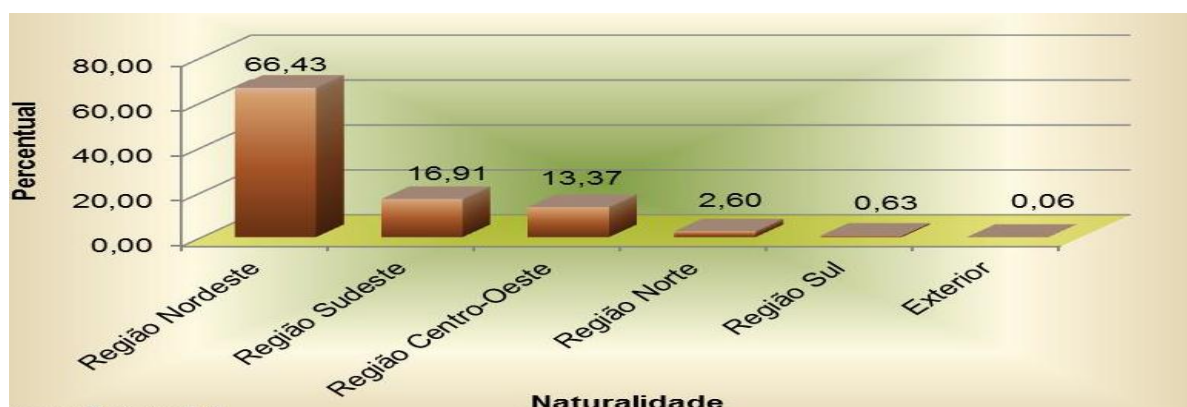
Fonte: CODEPLAN/PDAD/2013

Como podemos perceber, o fluxo migratório das cidades do Nordeste em Ceilândia é intenso, o que faz desse lugar uma cidade nordestina, com valores culturais e uma identidade linguística muito próxima a essa Região do Brasil. Nesse sentido, na tabela abaixo, vemos que a representação regional Centro-Sul é bem abaixo da que representa os estados nordestinos.

Apesar de o Distrito Federal ser uma ilha cercada por Goiás, a força da migração da segunda maior Região do Brasil é muito forte, fator decisivo para a constituição de um *status quo* diferencial das outras cidades em torno de Brasília.

O fluxo migratório não só modifica a paisagem, bem como transforma o ambiente e recompõe novas formas de constituição da cidade e do campo. Na composição das interações sociais, a língua se modifica, tendo em vista que os diferentes dialetos regionais são focalizados ou estão em processo de difusão dialetal. No caso de Ceilândia, a migração nordestina é intensa e é a sua força motriz, o que faz dessa cidade um diferencial em relação a outras cidades do Distrito Federal em termos de tradição da cultura, da fala e da ocupação do espaço urbano. Nesse sentido, a Feira de Ceilândia e a Casa do Cantador são bons exemplos de constituição nordestina dessa cidade, lugares esses que representam a tradição do comércio, da culinária, da fala, da arte repentista e da poesia da Região Nordeste.

Tabela 3 - População de Migrantes, segundo a naturalidade – Ceilândia-DF, 2014 ²⁶



Neste tópico, traremos os dados que explicitam a força motriz da migração para a cidade pesquisada. Esses fatores de mudança são importantes, pois nos fazem entender que a constituição de uma identidade social de uma cidade pode ser entendida pelas razões de pertença que seus moradores têm do local. Isso equivale a dizer que há diferenças entre estar em um lugar apenas transitoriamente e, por outro lado, querer fazer daquele local um *locus* de pertencimento, contribuir para o seu desenvolvimento e fazer da cidade o

²⁶ Fonte: CODEPLAN/PDAD/2013

endereço de residência. A primeira indicação deste dado é procurar emprego e vontade de permanecer no bairro. A outra é ter domicílio próprio, fenômeno relevante para a fixação da residência no local.

Sobre isto, o PDAD 2013 esclarece que, na forma de ocupação em Ceilândia, 67,04% dos entrevistados declararam que seus domicílios são próprios, dos quais 50,12% são próprios - quitados e em aquisição - e 26,02% são alugados. Ter domicílio próprio equivale a mais tempo de convivência no local e uma maior estabilidade na fixação da residência.

Pelas políticas públicas assistencialistas previstas nos programas de Governo local e Federal, ter residência no Distrito Federal é muito vantajoso. Soma-se a isso o fato de a especulação financeira e o *boom* imobiliário no Distrito Federal terem elevado vorazmente o preço do metro quadrado dos imóveis no DF, permitindo que a aquisição de imóveis em Ceilândia seja uma grande vantagem, pois, além de ser um bom investimento (em tempos de estabilidade da moeda e da poupança), é a oportunidade de ter acesso aos meios culturais e serviços disponibilizados pela Capital Federal.

A Tabela 4, abaixo, mostra um conjunto de fatores que motivou a migração dos residentes de Ceilândia para o Distrito Federal. Segundo dados do PDAD 2013, os itens “procura de trabalho e acompanhar parentes” destacaram-se como os principais motivos. Entretanto, a razão “acompanhar parentes” refere-se, principalmente, aos filhos que chegaram com os pais, à procura de trabalho, e tal fator pode ser classificado como determinante da migração para o Distrito Federal.

Tabela 4 - População, segundo o motivo da mudança para o Distrito Federal - Ceilândia

Motivo da Mudança	Nº	%	% de Imigrantes
Total	449.592	100,00	-
Distrito Federal	232.594	51,73	-
Total de Imigrantes	216.998	48,27	100,00
Acompanhar parentes	119,978	26,69	55,28
Estudo e/ou escola	1.733	0,39	0,80
Aquisição de moradia	90	0,02	0,04
Aluguel mais barato	-	-	-
Programa do governo para a moradia	254	0,06	0,12
Transferência do local de trabalho	211	0,05	0,10

Procura de trabalho	89350	19,87	41,18
Melhor acesso aos serviços de saúde	1577	0,35	0,73
Mudança de estado civil	1225	0,27	0,56
Dificuldade no relacionamento familiar	-	-	-
Outros motivos	1974	0,44	0,91
Não sabe	606	0,13	0,28

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Ceilândia - PDAD 2013

Outro aspecto que merece relevância para entendermos a confluência de dialetos nessa cidade é a mobilidade interna no local. As Pesquisas por Amostra de Domicílios revelam que em Ceilândia, 60,38% do seu contingente populacional reside na cidade há mais de 15 anos e 38,51% moram na atual residência no mesmo período. Por sua vez, a migração interna é pouco expressiva, ou seja, haja vista que 70,18% de seus moradores nunca mudaram da RA IX. As cidades mais relevantes como local de origem são Taguatinga (35,05%), Núcleo Bandeirante (19,25%), e Gama (9,23%). Assim, o tempo mínimo de residência superior a dez anos indica que a essa Satélite apresenta um forte grau de traços dialetais interagindo entre si e concorrendo para uma fala identitária própria do Distrito Federal. Alia-se a essa ideia o fato de que tal cidade não está isolada, visto que interage fortemente com outras Regiões Administrativas de grande concentração econômica e demográfica, como Plano Piloto, Taguatinga, Samambaia, Recanto das Emas e Brazlândia.

5.5 Características da população urbana

Aqui neste tópico, traremos os dados da população, no que se refere a gênero e grupos etários. Tais dados são relevantes para o levantamento socioeconômico da cidade e para questões extralinguísticas relevantes para o delineamento da pesquisa.

- **Gênero.** Segundo os dados da PDAD 2013, como já expusemos anteriormente, a população urbana de Ceilândia está estimada em mais de 450.000 habitantes. A Taxa Média Geométrica de Crescimento indica um aumento de 5,45% ao ano. A maioria da

população é constituída por mulheres, 51,78%, enquanto no percentual para homens, a cada 100 mulheres, temos 93,12 de representantes do sexo masculino.

A relação percentual entre homens e mulheres pode ser mais bem representada na tabela 5, conforme dados do PNAD 2013.

Tabela 5 - População, segundo o sexo - Ceilândia - Distrito Federal - 2013

Sexo	Nº	%
Masculino	216.790	48,22
Feminino	232.802	51,78
Total	449.592	100,00

Fonte: CODEPLAN, 2013.

- **Grupos Etários.** As pesquisas de levantamento da CODEPLAN/SEPLAG indicam que Ceilândia é representada por diversas faixas etárias da seguinte forma:

a) pessoas de até 14 anos de idade: 22,57%.

b) pessoas entre 15 a 59 anos têm maior representatividade: 62,98% do total. Conforme nos lembra a pesquisa da CODEPLAN/SEPLAG/GDF²⁷ a força de trabalho está melhormente representada nesse grupo.

c) a faixa etária de 60 anos ou mais é representada pelo total de 14,45%.

Tabela 6 - População, segundo os grupos de idade - Ceilândia - Distrito Federal - 2013

Grupos de Idade	Nº	%
0 a 4 anos	28.413	6,32
5 a 6 anos	12.280	2,73
7 a 9 anos	21.006	4,67
10 a 14 anos	39.801	8,85
15 a 18 anos	33.967	7,56
19 a 24 anos	38.848	8,64
25 a 39 anos	109.240	24,31
40 a 59 anos	101.034	22,47

²⁷ Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/Ceil%C3%A2ndia-PDAD%202013>>. Acesso em: 17. out. 2013),

60 a 64 anos	20.516	4,56
65 anos ou mais	44.487	9,89
Total	449.592	100,00

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Ceilândia - PDAD 2013

- **Grau de instrução:** no levantamento dos anúncios populares, é necessário averiguar o grau de instrução, haja vista que esse é um fator fundamental para a análise da pesquisa. A escrita oralizada que pode ser percebida nos espaços em toda a cidade deve ser relacionada a grau de instrução e letramento presentes em Ceilândia, tendo em vista que nessa Cidade Satélite, há uma realidade escolar que a torna ainda mais distante de Brasília. Os estudos da CODEPLAN indicam o elevado percentual daqueles que não estudam. 70,66% da população está fora da escola, reforçando ainda mais o abismo social que separa o Plano Piloto das periferias. Dos moradores que estudam (representando 29,34%), 23,33% frequentam a escola pública.

Conforme a pesquisa da CODEPLAN aqui já explicitada, 3,41% da população se declarou analfabeta, chegando-se a 5,58% quando se leva em consideração os que somente sabem ler e escrever e aos que fizeram curso de alfabetização de adultos.

A população concentra-se na categoria dos que têm o nível fundamental incompleto (38,11%) e ensino médio completo (21,98%). Vale destacar que 0,92% da população da Ceilândia não teve acesso ou não concluiu o ensino fundamental e o ensino médio em idade apropriada, tendo em vista ter frequentado ou frequentar a Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Tabela 7 - População, segundo a condição de estudo - Ceilândia - 2013

Condição de Estudo	Nº	%
Não estuda	317.659	70,66
Escola Pública	104.911	23,33
Escola Particular	27.022	6,01
Não sabe	-	-
Total	449.592	100,00

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Ceilândia - PDAD 2013

Tabela 8 - População, segundo o nível de escolaridade - Ceilândia - 2013

Nível de Escolaridade	Nº	%
Analfabeto (15 anos ou mais)	15.327	3,41
Sabe ler e escrever (15 anos ou mais)	9.144	2,03

Alfabetização de adultos	640	0,14
Maternal e creche	3.279	0,73
Jardim I e II/Pré-Escolar	8.654	1,92
EJA - Fundamental incompleto	1.216	0,27
EJA - Fundamental completo	286	0,06
EJA - Médio incompleto	2.394	0,53
EJA - Médio completo	252	0,06
Fundamental incompleto	170.047	37,84
Fundamental completo	21.720	4,83
Médio incompleto	49.816	11,08
Médio completo	98.562	21,92
Superior incompleto	24.249	5,39
Superior completo	20.132	4,48
Curso de especialização	723	0,16
Mestrado	281	0,06
Doutorado	-	-
Crianças de 6 a 14 anos não alfabetizadas	250	0,06
Não sabe	140	0,03
Menor de 6 anos fora da escola	22.480	5,00
Total	449.592	100,00

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Ceilândia - PDAD 2013

Neste tópico, é necessário ressaltar alguns pontos, tendo em vista que a não escolarização apresenta um efeito devastador quanto ao não acesso dos cidadãos dessa comunidade aos meios culturais disponíveis. Como consequência, a escrita dos moradores com pouca instrução formal pode revelar as questões dialetais próprias da fala rural que muitas vezes são apagadas pela padronização das variáveis de prestígio ensinadas na escola.

É dever da escola ensinar a norma padrão, de prestígio, para que todos tenham acessos aos meios culturais como patrimônio da humanidade. Entretanto, o ensino de base tradicional muitas vezes trata como irrelevantes as variedades consideradas estigmatizadas, próprias do polo rural, o que favorece o aparecimento de um tipo de escrita padrão imposto pela norma do Português estatal.

Entretanto, como a realidade da defasagem escolar é um empecilho para a plenitude da cidadania nessas comunidades de prática, pudemos perceber que nem todos os gêneros populares seguem os ditames da gramática tradicional, haja vista o pouco contato que esses povos têm com as práticas de escrita ensinadas pela escola. Isso tudo somado às variedades do Português e às características e dificuldades do padrão silábico da língua portuguesa

brasileira, o resultado de tudo isso pode ser expresso na escrita oralizada, conforme exporemos nos próximos capítulos.

- **Aspectos culturais:** o PDAD 2013 revelou que os moradores da RA IX têm pouco hábito de ir a museu, teatro e biblioteca, comprovado por aqueles que raramente os frequentam nos três casos. Em relação a assistirem a filmes em cinema, a população revelou mais participativa, apresentando percentual de 31,62%.

Quanto ao hábito de leitura, 22,96% declaram gostar de ler, sendo que 11,18% têm o hábito de ler um a dois livros por ano. Em relação à leitura mensal, o percentual observado é de apenas 1,27% da população.

Apresentamos o item Aspectos Culturais, pois acreditamos ser um dado importante para o presente trabalho, por apresentar aspectos culturais da população. Acreditamos que o grau de envolvimento do povo com diversas manifestações das culturas letradas próprias das zonas urbanas tem implicações com o modo de escrever dos moradores. Em muitas situações, os moradores precisam escrever, mas não sabem ou não dominam a norma padrão. Quando há desvio dessas normas, a própria gramática considera erro gramatical, que aqui vou nomear como hipóteses heurísticas que escreventes apresentam, a fim de solucionar o problema. Sobre erro, confira Bortoni-Ricardo (2005) e Gomes (2013).

- **Renda familiar:** a renda familiar foi um dado da pesquisa por Amostra de Domicílios do período 2010/2011. É um dado de referência importante como indicador de análise da situação socioeconômica de uma população.

Segundo o referido documento, a renda domiciliar média da população de Ceilândia, apurada na pesquisa é da ordem de R\$2.407,00 correspondentes a 4,7 salários mínimos (SM) e a renda per capita é de R\$604,00 (1,2 SM). Analisando-se a distribuição da renda domiciliar bruta mensal, segundo as classes de renda, com base em múltiplos de salários mínimos, verifica-se que a mais expressiva é o agrupamento de mais de dois até dez SM, que concentra a metade dos domicílios. Os que percebem acima de dez SM representam somente 8,4%. Já os que recebem até dois são nada menos que 37,2% SM.

5.6 Uma cidade de tradição nordestina

As comidas, músicas, poesias e danças, a história e a tradição da cultura nordestina na cidade podem ser conferidas em diversos pontos da cidade. Exemplo disso é a **Feira de**

Ceilândia, lugar de reduto nordestino, com suas comidas típicas e vendas de roupas populares.

A cidade conta com um monumento arquitetônico de Oscar Niemeyer, lugar interessante para se ouvir e curtir a cantoria típica do homem sertanejo nordestino, a chamada **Casa do Cantador**, onde se pratica poesia, literatura de Cordel, as apresentações de repente e embolada, além das exposições gráficas desses gêneros textuais. Outros eventos como o São João do Cerrado estão se firmando como um referencial nordestino no cenário da cidade



Figura 10 - Casa do Cantador.

Disponível em: <http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/jovemdeexpressao/noticias_27/02/2012_-_aniversario-da-ceilandia.html>. Acesso em: 02 abr. 2013

Outro local característico de Ceilândia é o espaço multicultural, palco para a força de expressão da cultura *Hip Hop*, típica das periferias. O lugar também serve apresentação de torneios esportivos e danças diversas. Isso tudo pode ser conferido na **Praça do Cidadão**. Na comunidade ceilandense não encontramos apenas pichações, mas obras artísticas em diversas paredes grafitadas. Em várias esquinas, pode-se ouvir o som de *Rap* e *Funk* em meio a muitas manifestações musicais incorporando-se à cultura local.

Nos últimos dois anos, a cidade tem sido palco de manifestações culturais típicas das festas juninas nordestinas, o chamado **São João do Cerrado**, com a presença de artistas ligados à musicalidade de vários estados do nordeste, em especial, Bahia, Paraíba e Maranhão. Nesse evento, há espaço para amostra da culinária, artesanato, música, dança e várias artes de tradição nordestina.



Figura 11 - São João do Cerrado.



Figura 12 - Feira Central de Ceilândia.

5.7 Representações da cidade

Os lugares apontados no item abaixo se referem aos monumentos que são tidos como representações da cidade, onde se constituem como símbolo de identidade, da cultura, do lazer e da resistência dos povos que residem nessa Satélite²⁸. São espaços que traduzem a cultura local e refletem hábitos nordestinos, como a culinária e a fala dos estados dessa região brasileira, além de ser também de comércio e lugar de encontros:

- **Caixa d'Água:** erguida no local onde foi fixada a pedra fundamental de Ceilândia, monumento histórico da Cidade e símbolo representativo de Ceilândia. Com uma arquitetura curiosa, foi erguida em 1973, hoje faz parte do cenário no cruzamento central de Ceilândia, nas vias da Avenida Hélio Prates.

²⁸ Todas as figuras foram disponíveis em: < <http://www.omb100.com/ceilandia/historia>>. Acesso em: out. 2014.



Figura 13 - Caixa D'Água.

- **Feira Central:** Inaugurada em junho de 1984, com uma nova estrutura, a Feira Permanente de Ceilândia, administrada pelo serviço de Feiras da RA IX, possui uma associação (ASFEC), com serviço de som que atende aos 460 boxes e é o ponto de encontro e referência da comunidade local e das demais cidades do DF. É o lugar onde o Nordeste do Brasil se encontra com o Planalto Central.



Figura 14 - Feira da Culinária nordestina: buchada de bode, mocotó, sarapatel e outras iguarias.

- **Parque Ecológico e Vivencial do Rio Descoberto:** Parque ainda não criado oficialmente. A Lei n.º 547/93, autoriza o poder executivo a criar o Parque que se localiza na área delimitada pela rodovia BR 070, a leste pelo Rio Descoberto, ao sul pelo leito do córrego Capão do Brejo e a oeste pela rodovia DF 190, na divisa com o Estado de Goiás. Seus primeiros 500 metros são intensivamente utilizados pela população, a qual já chegou a atingir a marca de 5.000 pessoas nos finais de semana. Conhecido também popularmente como Parque da Barragem.

- **Centro Cultural de Ceilândia:** Fundado em 20 de setembro de 1998, tendo em suas instalações a Biblioteca Pública de Ceilândia “Carlos Drummond de Andrade”, a Divisão Regional de Cultura, a Divisão Regional de Desporto, Lazer e Turismo, a

Brinquedoteca e o Conselho tutelar de Ceilândia, bem como disponibiliza salas onde são realizadas oficinas de Teatro, Coral, Capoeira, Dança de Rua (Hip-Hop) e Pintura Plástica. Infelizmente não foi totalmente concluído.



Figura 15 - Repentistas nordestinos.

- **Centro Esportivo Recreativo Cultural Recanto do Nordeste - Parque de Vaquejada:** Inaugurado em 1997, em uma área de 17 hectares, o parque é filiado à Federação Metropolitana de Vaquejada do Distrito Federal, possui 40 baias, um alojamento e um galpão para restaurantes e comidas típicas, nas festas que geralmente ocorrem nos meses de junho e julho.

- **Sítio arqueológico de Ceilândia:** Descoberto em 1996 pelo arqueólogo Eurico Teófilo Mulher, ainda não tombado pela união, recebe frequentemente alunos universitários. Em 1997, foram encontrados os primeiros fósseis, pedras e pontas de flechas de cristal, que indicava que há cerca de 10 mil anos aquela região já era habitada por primitivos. O sítio possui uma área cercada de 4 hectares.

- **Museu da Memória Viva de Ceilândia:** O museu tem um resumo da história dos primeiros moradores de Ceilândia - a maioria, nordestinos que fugiram da seca e participaram da construção da nova capital. O restante dos artigos encontrados são livros, objetos e informações sobre a saga dos pioneiros do Distrito Federal e dos primeiros moradores de Ceilândia. Esse museu pode ser encontrado na Biblioteca Pública da cidade, localizada próximo ao Metrô de Ceilândia Norte;

- **Museu da Limpeza Urbana:** Museu inaugurado em 1996, próximo à Usina de Lixo de Ceilândia. Surgiu da ideia que os funcionários do antigo SLU (Serviço de Limpeza Urbana) tiveram de juntar as peças que encontravam no decorrer de seu trabalho. Hoje o local costuma ter de tudo e principalmente equipamentos bem antigos, como TVs e

computadores, além de artigos construídos a partir das sucatas encontradas; um bom exemplo é o boneco que fica na entrada da localidade.

- **Abadião:** Estádio de futebol Maria de Lourdes Abadia, mais conhecido como Abadião. Os dois times representantes da cidade são o Ceilândia e A Ceilandense.

- **Praça do Cidadão:** Local onde acontecem diversos movimentos/festas populares na cidade. Possui também diversos órgãos de atendimento ao cidadão, além de uma quadra de esportes com arquibancada.

- **CEP–Ceilândia:** O Centro de Educação Profissional de Ceilândia é a escola técnica da região onde os jovens se preparam em diversos cursos (áreas de Sistemas de Informações e Gestão Empresarial e Pública, entre outros) e onde também se costuma ter as apresentações e ensaios da Orquestra Sinfônica da cidade.

- **Cruzeiro:** Indica a grande diversidade religiosa da cidade. Foi fixada próxima a Administração Regional de Ceilândia; na Praça do Trabalhador.

- **Feira do Rolo:** Local onde se vende e se troca de tudo. No princípio ela localizava-se em frente ao Quarentão (o atual Restaurante Comunitário da região), depois ficou ao lado da Regional de Ensino de Ceilândia, passou para a parte sul da cidade e hoje se encontra no Setor O. A maioria dos produtos tem origem duvidosa e é possível encontrar diversos tipos de produtos, com ou sem nota fiscal. É bastante movimentada aos domingos.

- **Praça dos Eucaliptos:** Possui este nome pela presença de grande quantidade de árvores de eucalipto. No local há uma pista bem movimentada onde skatistas e ciclistas se encontram para a prática de esportes.

- **Feira do Produtor Rural e Atacadista de Ceilândia:** A feira tem 48 mil metros quadrados e, depois do Ceasa, é a mais importante no que diz respeito à distribuição dos produtos (a maioria hortifrutigranjeira). Funciona todos os dias da semana.



Figura16 - Biblioteca Pública.



Figura 17 - Cultura popular: a tradição nordestina



Figura 18 - Anúncio ao lado da Administração de Ceilândia



Figura 19 - Temperos típicos.



Figura 20 - Teatro de Mamulengos.

5.8 Setor Habitacional Sol Nascente: uma ecossistema do ecossistema

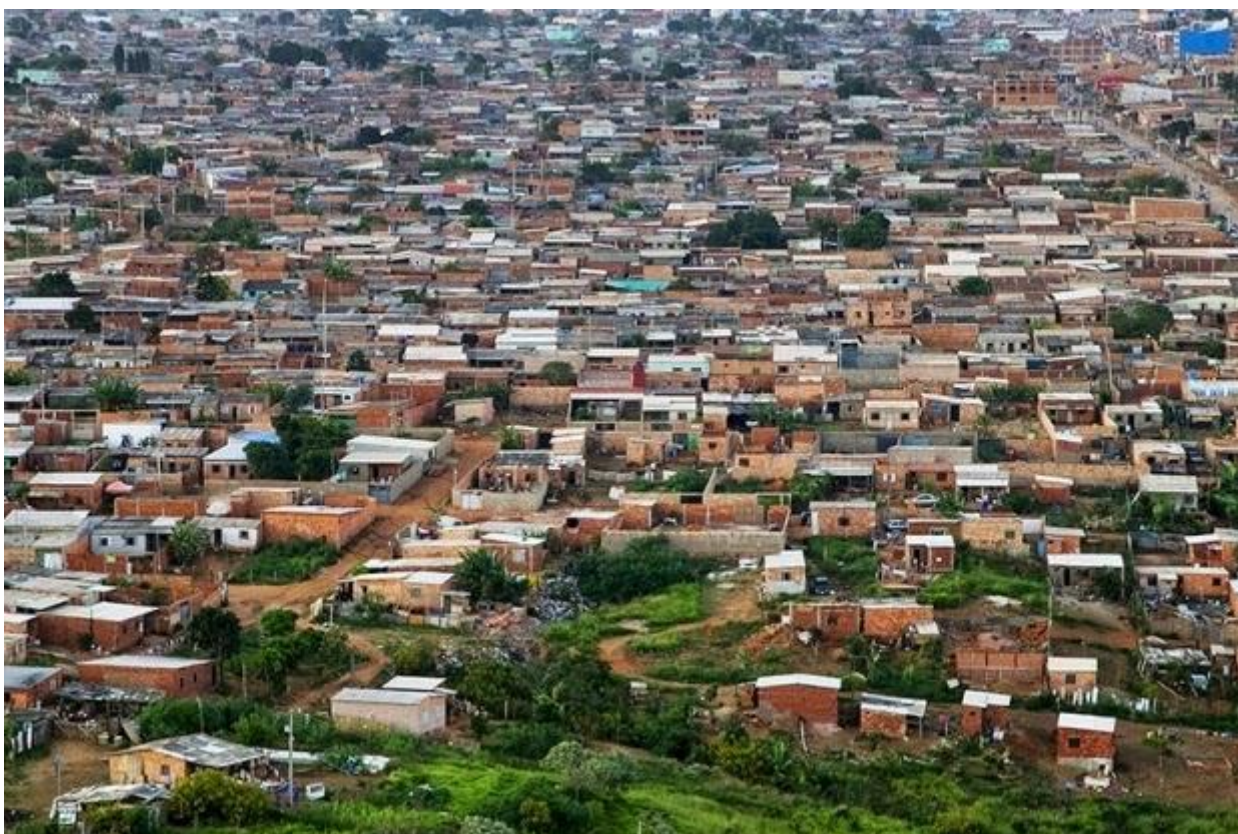


Figura 21 - SHSN: resistência e persistência.

Nesse tópico, tecemos alguns comentários a respeito do bairro SHSN, lugar onde encontramos grande parte do corpus e cuja realidade apresenta o fenômeno *peasantization* das cidades ou *urbanization of villages*, termo cunhado por Halpern (1967) para designar a camponização e urbanização das vilas rurais, fenômenos típicos da ocupação do solo e urbanização no Distrito Federal.

Segundo Barrocal²⁹, em seu comentário na Revista Favela Federal³⁰, Brasília, por ser a maior renda per capita do País, viu sua região metropolitana despontar na dianteira da favelização, com 50% a mais de moradores nessas condições, bem à frente da expansão em Manaus (29%) e Belém (14%). Um fenômeno que desafia a política brasileira e uma economia dependente de funcionalismo público.

²⁹ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/779/favela-federal-409.html>>. Acesso em: nov. 2014

³⁰ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/779/favela-federal-409.html>>., Acesso em nov. 2014.

A favelização nas periferias do Distrito Federal é o efeito da exclusão social e econômica causada pela especulação imobiliária que eleva o preço dos imóveis a valores estratosféricos bem acima do poder de compra de pessoas de baixa renda e a perversa concentração de renda. Assim, o símbolo da favelização do Distrito Federal é a comunidade do Sol Nascente, a 35 quilômetros da Praça dos Três Poderes.

Barrocal declara que a certidão de nascimento do SHSN data de 2008, cujos antecedentes se iniciam por obra de invasões de terras e de grileiros. Como já foi dito antes, tratava-se de um conjunto de chácaras na Cidade-Satélite de Ceilândia. Hoje, quase todos os imóveis são ilegais.

Com 56 mil habitantes no Censo de 2010, é a segunda maior favela do País, só atrás da Rocinha, no Rio, e seus 69 mil moradores. Em três anos, o número de habitantes cresceu 25% e soma 70 mil, informa a Companhia de Planejamento do Distrito Federal.

No Sol Nascente e sua irmã gêmea Pôr do Sol (8 mil habitantes), mais da metade dos domicílios não têm coleta de lixo e só 6% estão ligados à rede de esgoto. Em 2013, a área registrou 23% dos assassinatos e 20% dos roubos do DF, proporções superiores à participação de sua população (15% dos 2,7 milhões de brasilienses).

Dirigir no bairro é uma aventura. Só 9% das ruas são asfaltadas. Prédios públicos são raros. Não há posto de saúde, delegacia, correios. A única escola pública, inaugurada em 2009, é a solitária construção estatal. Por isso, tornou-se referência para tudo.

Conforme informações da Revista Favela Federal, seus imigrantes constituem quase a metade da população. A grande maioria é do Nordeste, sobretudo do Maranhão e Piauí, os dois estados com o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil.

Para a Revista citada, a favelização no Distrito Federal incrementou-se na última década, mas não é uma novidade, nem tem causas estranhas a outros estados, em geral a busca por moradia acessível. Nasceu em paralelo à construção da capital, quando se ergueram vilas para os trabalhadores da obra, segundo Rômulo José da Costa Ribeiro, urbanista e coordenador de pesquisas sobre o Distrito Federal no Observatório das Metrôpoles. Uma marca dessa favelização, diz ele, é a acomodação da população de baixa renda na periferia, uma estratégia consciente da elite e do Poder Público para preservar o coração de Brasília, o Plano Piloto, “intocado e belo”. O “feito” é expulso para longe. “Como qualquer favela no País, as de Brasília não têm integração com a dinâmica da cidade. A ‘cidade rica’ precisa deles, mas não admite nem os quer por perto, visíveis. Eles são discriminados em todas as situações cotidianas.”

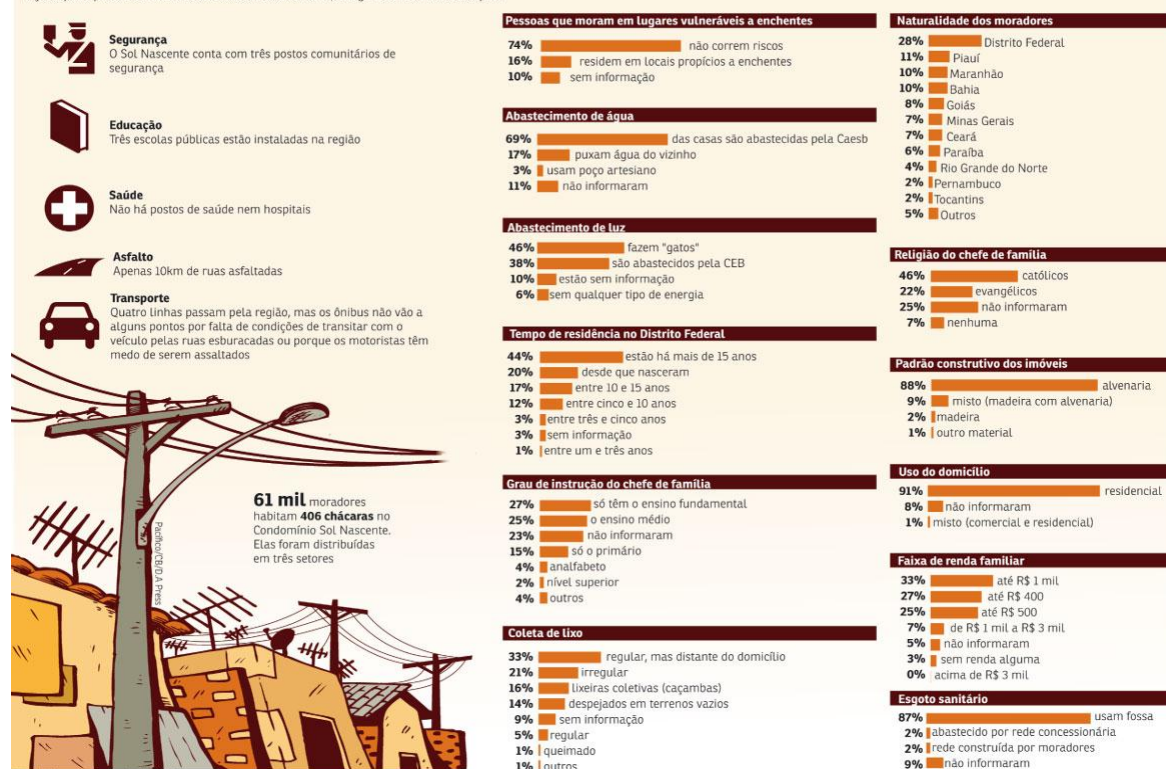
A economia do Distrito Federal tem uma característica particular que assegura à “cidade rica” uma espécie de suprimento de pobres. No sétimo maior Produto Interno Bruto do Brasil, a agricultura e a indústria de transformação, como fábricas de carros e eletrodomésticos, são irrelevantes. O setor de serviços representa 93%. A concentração resulta da presença do governo federal. Dessa participação dos serviços, 55 pontos percentuais referem-se à administração pública e os demais 38, a serviços privados. Como há pouco setor produtivo e muito funcionário público, e ganhando acima da média nacional, o serviço privado mais comum não é dirigido a empresas, como contadores, assessores jurídicos ou design de projetos. É destinado a famílias: domésticas, porteiros, jardineiros, vigilantes, ocupações que exigem baixa qualificação e oferecem pouca perspectiva de ascensão social.

Para o autor, as favelas em Brasília são filhas desse modelo econômico. Há dinheiro fácil na capital, o que seduz imigrantes. Mas sem chance de melhorar de vida por meio de estudos e emprego qualificado, as comunidades carentes tornam-se dependentes da renda alheia.

Quadro 01 - Serviços essenciais e qualidade de vida

Por dentro da favela

Veja os principais dados sobre a realidade do Sol Nascente, a segunda maior favela do país



Fonte: SEDHAB

- Imagens do cotidiano no SHSN: comunidade de práticas



Figura 22 - Carroceiros, comércio intenso e serviços.



Figura 23 - Transeuntes, migração e trabalho.



Figura 24 - Formação de uma banda.

Eventos de letramento popular



Figura 25 - Venda de produtos.

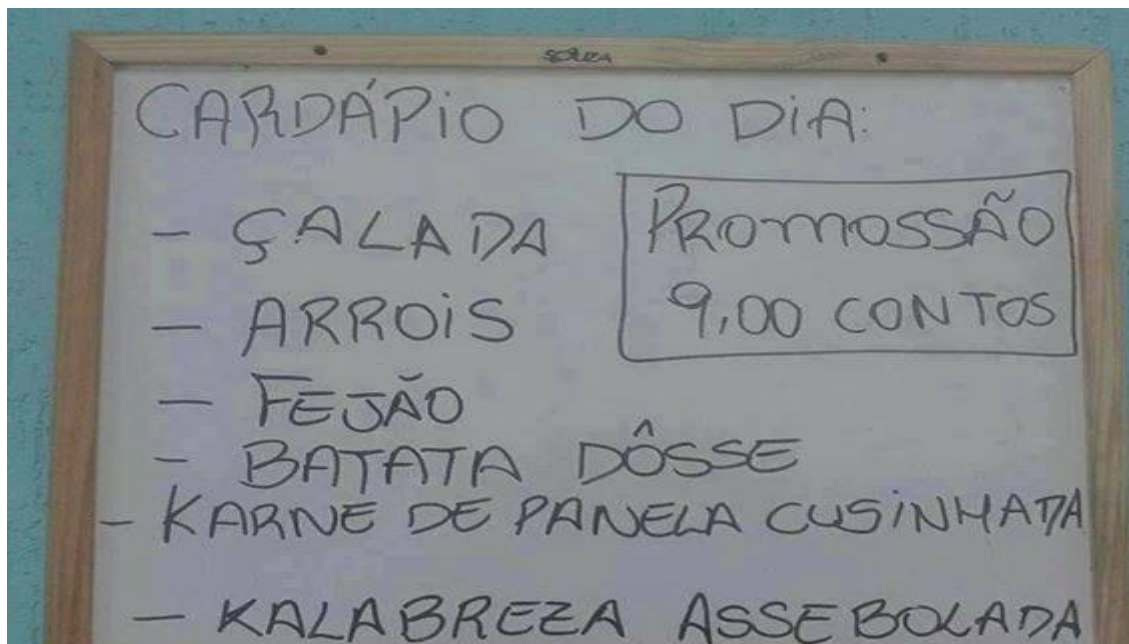


Figura 26 - Oferta de produtos.

Topografia de Ceilândia



Figura 27 - Vista do bairro Setor Sol Nascente.

A desorganização do espaço territorial



Figura 28 - Alagamento.



Figura 29 - Falta de esgoto, asfalto e segurança.

A expansão territorial



Figura 30 - Favelização do espaço territorial.

As práticas sociais



Figura 31 - Brincadeira de crianças.

Mapa do Sol Nascente



Mapa 6 - Trechos 01, 02 e 03 do SHSN.

Expansão da Comunidade



**Maio
2008**

**Junho
2014**

Figura 32 - Crescimento desordenado.

6. CARACTERÍSTICAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Neste capítulo, veremos as características fonológicas do PB importantes para este trabalho. A descrição dos dialetos estudados devem ser vistos à luz da estrutura fonológica os sons, da palavra, do acento e da silábica do PB, haja vista que tais elementos do sistema em cada uma das variedades rural ou rurbana servem como referência para a escrita de pessoas sem muita escolaridade e que apresentam traços descontínuos ou graduais em sua fala.

Nesse sentido, o estudo da endoecologia da língua em seus aspectos fonológicos é de fundamental importância para a Ecolinguística, porque nos permite ver aspectos de quem, como e onde esses dialetos são utilizados dentro da tríade língua, povo e território.

Assim, faremos uma pequena descrição do PB, com base em alguns pressupostos teóricos da Fonologia, cujo objetivo é situar a pesquisa, dentro do contexto em que os escreventes se apoiam nos recursos fonético-fonológicos da língua para justificarem suas escritas, quando ainda não são alfabetizados ou não dominam a variedade estatal prevista na ortografia oficial. Tendo em vista que escrita e oralidade não são estanques, o quadro de referência da escrita é mesmo o das hipóteses heurísticas que os falantes têm dos sons que produzem e de como eles se organizam na fala.

Resumidamente, cabe esclarecer, que a descrição dos eventos fonéticos de uma língua deve servir de base para o estabelecimento de valores categóricos. A descrição dos eventos fonéticos fica a cargo da fonética enquanto o estabelecimento de valores distintivos categóricos, isto é, que distinguem palavras em uma língua, é função da fonologia. Trataremos, pois, no presente capítulo da descrição dos eventos fonológicos do PB. Em relação aos símbolos utilizados, baseamo-nos no quadro do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) de 2005, conforme o quadro da representação dos sons abaixo. Antes, apresentamos o quadro dos sons de acordo com o PB.

Tabela 9 - Classificação dos sons

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv	p b		t			k	
	voz			d				
Africada	desv				tʃ dʒ			
	voz							
Fricativa	desv		f	s	ʃ ʒ		X	h
	voz		v	z			Y	ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ɣ		
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ɭ		ʎ ɸ		

6.1 A Fonologia do Português do Brasil

Uma vez que o objetivo deste trabalho é descrever as características mais marcantes do sistema consonantal da variedade de português falado e apontar as características que o distingue do chamado português padrão, é necessário recorrer a uma descrição fonético-fonológica do português padrão do Brasil para poder realizar uma comparação sistemática com as variedades usadas no Distrito Federal. Para isso, recorreremos aos estudos de Mattoso Câmara Jr (2001;1986;1977;1975b;1969;1968), que voltou seus estudos para a estrutura da língua e Couto (1997), cuja abordagem discute aspecto da estrutura silábica, de acordo com a região onde são pronunciados determinados vocálicos e também a questão do acento em Português.

O sistema fonológico do português é constituído de 33 fonemas, a saber:

Quadro 2 - Fonemas do PB

FONEMA EXEMPLO	
/p/	pato
/d/	doce
/g/	gato
/v/	vaso
/ʒ/	jade
/ʎ/	olho

/R/	carro
/f/	caro
/j/	iate
/w/	quase
/a/	dado
/ã/	manhã
/ɛ/	quero
/e/	mesa
/ẽ/	vento
/i/	quilo
/ĩ/	lindo
/ɔ/	posso
/o/	ovo
/õ/	ontem
/u/	luz
/ũ/	junto

Além disso, o PB possui também os seguintes arquifonemas:

- /S/, resultante da neutralização de /s/ e /ʃ/ em final de sílaba: *festa*, pronunciado /^ɾfɛsta/ ou /^ɾfɛʃta/;

- /Z/, resultante da neutralização de /z/ e /ʒ/ em final de sílaba: *asma*, pronunciado /^ɾazma/ ou /^ɾaʒma/;

- /R/, resultante da neutralização de /R/ e /ʀ/ em final de sílaba: *porta*, pronunciado /^ɾpɔRta,/ ou /^ɾpɔʀta/;

- /L/, resultante da neutralização de /l/ e /w/ em final de sílaba: *metal*, pronunciado /me'tal/ ou /me'taw/;

- /E/, resultante da neutralização de /ɛ/ e /e/ em posição átona: *sereno*, pronunciado /se'fenu/ ou /se'fenu/;

- /I/, resultante da neutralização de /e/ e /i/ em posição átona: *menino*, pronunciado /me'ninu/ ou /mi'ninu/;

- /O/, resultante da neutralização de /ɔ/ e /o/ em posição átona: *coração*, pronunciado /kɔra'sãw/ ou /kofa'sãw/;

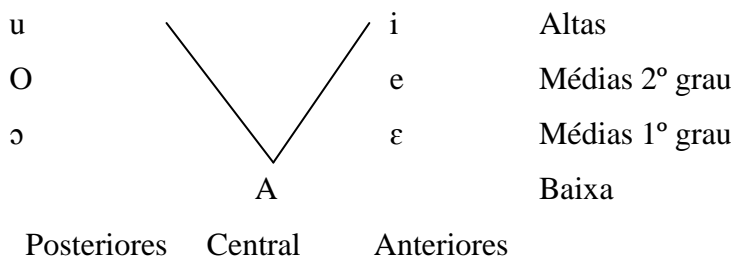
- /U/, resultante da neutralização de /o/ e /u/ em posição átona: *poder*, pronunciado /po'deR/ ou /pu'deR/.

O português do Brasil também possui dois macrofenemas: /E/, resultante da neutralização dos arquifonemas /E/ e /I/ (*perigo*, pronunciado /pe'figu/, /pe'figu/ ou /pi'figu/, e /O/, a partir da neutralização de /O/ e /U/ (*tomate*, pronunciado /to'mati/, /to'mati/ ou /tu'mati/.

O Português possui sete fonemas vocálicos que se realizam em inúmeros alofones. É importante na identificação dos fonemas vocálicos, atender para a posição que eles ocupam na palavra. A posição ótima para a descrição é aquela que pode ser ocupada pelos sete fonemas vocálicos do Português - a Tônica. Nesta posição, os traços distintivos vocálicos são percebidos com maior nitidez, e constituem o que Trubestkoy denomina Sistema Vocálico Triangular.

6.1.1 Fonemas Vocálicos

Quadro 03 - As vogais

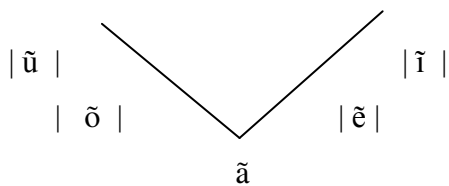


1- As vogais anteriores resultam de um avanço da parte anterior (frontal) da língua que se estende gradualmente na passagem de /é / para /ê/ e de /ê/ para /i/.

2- As vogais posteriores pronunciam-se com um recuo da parte posterior (traseira) da língua que também se estende gradualmente na passagem de /ó / para /ô/ e de /ô/ para /u/. Como acompanhamento, verifica-se um gradual arredondamento dos lábios (aspecto não-distintivo).

3- A vogal /a / é pronunciada sem qualquer avanço, recuo ou elevação da língua, que se mantém em posição de repouso.

Deve-se considerar o comportamento da vogal tônica diante de consoante nasal (/n, /ñ/, /m) na sílaba seguinte: nesta circunstância, não ocorrem as médias de 1º grau (/é /, /ó/), e o /a / toma posição levemente posterior. Forma-se então, o seguinte quadro:



post. | média | ant.

Figura 33 - Posição das vogais nasais.

Nas posições não-tônicas, reduz-se o número de fonemas, desaparecendo determinadas oposições (neutralização) nas seguintes posições:

1- Vogal Pretônica - Neutralização entre média de 1º grau e 2º grau - só fica a média de 2º grau /o/, /e/.

2- Átona Não-Final - Neutralização somente entre /o/ e /u/, também só com médias 2º grau.

3- Átona Final - Não há vogais médias. Neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/, sem médias de 1º grau. Têm-se, então, os seguintes quadros:

- Vogais Pretônicas:

Altas	/u/	/i/
Médias	/o/	/e/
Baixa	/a/	

- Vogais Átonas Não-Finais:

Altas	/u/	/i/
Média	/o/	/e/
Baixa	/a/	

- Vogais Átonas Finais:

Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

Ocorre também alofonia do /a /, que de central levemente anterior passa a levemente posterior.

Há ainda uma última posição átona a ser investigada: A Assilábica em que a vogal fica numa das margens do ditongo ou do tritongo. Nesta posição temos apenas dois sons vocálicos:

Quanto aos Posicionais Vocálicos em relação às vogais nasais, Mattoso Câmara Jr (1975) afirma que a constituição da sílaba é que determinará a nasalidade fonológica (distinta) ou fonética da vogal.

- Em *junta*, /u/ é uma vogal nasal porque está num grupo de dois fonemas numa mesma sílaba - vogal e elemento nasal.

- Em *cama*, /a/ não é vogal nasal porque a nasalidade está em outra sílaba - ocorre apenas assimilação fonética sem valor distintivo.

No caso de *junta*, assim como *minto*, *tempo* etc, trata-se de uma sílaba travada por um Arquifonema /n, que se realiza como [m] diante de consoante labial, como [n] diante de consoante anterior (/d), (/t) e diante de consoante posterior (/k, /g).

Mattoso afirma que as vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/) não existem porque não há oposição entre a vogal envolvida com nasalidade e vogal seguida de consoante nasal. O fato estrutural será então, a vogal seguida do arquifonema nasal /n, acompanhada, por esse motivo de ressonância nasal.

6.1.2 Fonemas Consonantais

Neste conjunto, Câmara Jr. também estabelece uma posição ideal de análise. Trata-se da posição intervocálica, separando duas sílabas e antes da vogal, como /p, /t/ em *sapato*. Esta posição é que oferecerá um conjunto maior de consoantes:

- /p, /b/; /t, /d/; /k, /g/ (oclusivas)
- /f, /v/; /s, /z/; /j / (constritivas)
- /m, /n, /ñ / (nasais)
- /l, /lh / (laterais)
- /r, /R / (vibrantes)

O conjunto, em posição não-intervocálica, diminui:

- /r/ e /R, em proveito de /R /;
- /l/ e /lh/, em proveito de /l/;

- /n/ e / ñ/, em proveito de /n.

Além da divisão pelo Modo de Articulação (Mattoso não cita este termo), as consoantes alinham-se em pares cuja oposição se dá na sonoridade. Isso ocorre com as oclusivas e construtivas.

- oclusivas surdas: /b/, /d/, /g/;

- oclusivas sonoras: /p/, /t/, /k/;

- construtivas surdas: /f/, /s/;

- construtivas sonoras: /v/, /z/, /g/.

Quando ao Lugar de Articulação, (termo que Câmara Jr. também não cita), estabelece-se a seguinte classificação fonológica:

- Consoantes Labiais (sem influência da língua): /p/, /b/, /f/, /v/, /m/;

- Consoantes Linguais: /t/, /d/, /s/, /z/, /n/, / ñ/, /r/;

- Consoantes Pósterio-Linguais: /k/, /g/, /l/, /lʰe/, /R/, /g/.

Em outras posições, ocorre o seguinte:

- Em grupo consonântico pré-vocálico, aparecem somente as laterais e vibrantes anteriores /l/ e /r/: *Flauta, Brocado*.

- Em posição pós-vocálica, aparecem o arquifonema construtivo /s/. O arquifonema nasal /n/, a lateral anterior /l/ e a vibrante posterior /r/.

6.2 Sílabas

Mattoso considera, como Jakobson, que a sílaba é “A Estrutura Fonêmica Elementar”. Delimita-se com um movimento de ascensão que culmina num ápice (centro silábico) seguido de um processo de decréscimo auditivo, acústico e articulatório.

O ápice da sílaba em Português é sempre uma vogal; este elemento é necessário, mas não o são nem o aclave nem o declive, as suas margens.

Em Português podemos ter:

- Sílabas Abertas: v e c/v, sem declive;

- Sílabas Travadas: v/c e c/v/c, com declive.

A posição de declive pode ser ocupada pelos arquifonemas /n/ e /s/, pelos fonemas /r/ e /l/, bem como pelas semivogais /i/ e /u/, que embora sejam vogais por natureza, funcionam como consoante, porque travam a sílaba, representando uma modificação final ou inicial do seu centro, com emissão reduzida, o que as caracteriza como semivogal, ou vogal pela metade. Há sílabas duplamente travadas: pais, órfãos. As sílabas abertas são

preponderantes em português e são as primeiras do falar infantil. As sílabas travadas por oclusivas são latinismos. Há certa rejeição por essas sílabas, suprimindo-se a oclusiva na fala (contacto > contato) ou adindo-se uma vogal, com mudança na acentuação (eu *opito*). Em Português, a existência dos ditongos justifica-se pela sua oposição com casos de hiato tendo a mesma sequência acentual:

- Rio/Riu
- Dê-os/Deus
- Atue/Constitui

Mattoso enumera 10 ditongos decrescentes e 1 crescente:

- /ai / Pai
- /au / Nau
- /éi / Papéis
- /êi / Lei
- /iu / Riu
- /ói / Mói
- /ôi / Boi
- /ou / (Monotongado no registro não-formal)- Ouro
- /ui / Fui
- /óu / (Vocalização do /l / pós-vocálicos) - Sol - ditongo crescente: / óu/.

Nos tradicionais tritongos, pode-se considerar que há dois ditongos, um crescente, outro decrescente: Quais - /ua / - /ai /.

Em relação ainda às sílabas, Câmara Jr considera os casos das consoantes mudas, como em Rapto, Afta etc., afirmando que aí existe de fato um fonema /i/ intercalando as consoantes: /'afita'/, /'rapito'/, /'dijalma'/. Esta constatação leva a sílaba tônica de algumas palavras a ser a quarta última, como em técnica (*tequinica*).

6.3 O Vocábulo Fonológico

Entidade fonológica prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de tonicidade possíveis, antes e depois do acento. Pode-se identificar um vocábulo fonológico quando se verifica um fenômeno de ligação entre dois vocábulos, sem o que se denomina Juntura.

Na língua portuguesa, tem-se a dissolução da Juntura com:

-1ª palavra terminada com consoante e 2ª iniciada com vogal - falar indiano /falarindiano/.

- 1ª palavra terminada com vogal átona e 2ª iniciada também com vogal átona, mas diferente da primeira - época inicial / *epoquinicial* /. Dá-se aqui uma ditongação crescente, se a vogal final for /i/ ou /u/, ou decrescente, se a vogal final for /a/:

- Mundo antigo - /*mundantigo*/;

- Minha intimidade - /*mintimidade*/.

As partículas átonas se juntam ao acento mais próximo.

Forma livre - forma linguística indivisível, ou só divisível em formas presas que pode constituir comunicação isolada (Bloomfield) Nem sempre as unidades fonológicas e morfológicas coincidem. Os vocábulos mórficos sem acento são os clíticos, geralmente monossílabos. Exceções: veio para aqui (*praqui*) ouve-se-lhe a voz. Têm posição variável: o menino *se* feriu; o menino feriu-*se*. Permite a intercalação: o livro de Marli; o livro de uma aluna chamada Marli.

Outra falta de coincidência é a justaposição que faz um vocábulo formal com dois vocábulos fonológicos. Isso não acontece na derivação onde há um vocábulo fonológico, criando-se, às vezes traços distintivos: ex-posição/ exposição.

6.4 Acento

Acento é uma maior força expiratória de uma vogal da palavra em contraste com as outras. Pode incidir, em Português, na última, penúltima, antepenúltima do vocábulo (fizéssimos-lhe). Há, porém, uma estrutura fonológica considerada "regular", daí o uso de sinais diacríticos. As agudas portuguesas surgiram pelo desaparecimento da última sílaba (*partire* > partir), ou por fusão (*aviolum* > avô) Há agudas também resultantes de empréstimos (café, caju). Os esdrúxulos provêm do latim clássico, a partir do sec. XVI, alguns por via do italiano (os esdrúxulos latinos sofreram síncope: *cálidum* > caldo; *amigdalum* > amêndoa). No Português padrão há uma pauta acentual para cada vocábulo:

1) As sílabas pretônicas são menos fracas que as pós-tônicas.

2) em um vocábulo fonológico composto de dois vocábulos que têm cada um a sua vogal tônica, a mais fraca destas assume uma intensidade imediatamente inferior a mais forte, mas superior à pretônica. Isso também ocorre com palavras derivadas.

3) A átona final é a mais débil de todas. Mattoso Câmara esquematizou este padrão de seguinte maneira:

Vogal tônica - 3

Vogal Subtônica - 2

Vogal Pretônica e Pós-tônica não final - 2

Vogal Átona final - 0

Exemplos:

CA FE ZI NHO

1 2 3 0

O acento em Português é traço distintivo, pois se presta à distinção entre palavras: caqui/cáqui, fábrica/fabrica, revólver/revolver, amara/amará etc. A sua posição não depende da estrutura fonêmica do vocábulo, mas em Português a posição de acento mais frequente é a penúltima, que caracteriza os vocábulos Paroxítonos, em contraste com os Proparoxítonos italianos e Oxítonos franceses. Este aspecto confere ao Português um ritmo “Grave”. É tão verdade isso que a língua não-padrão tende a paroxitonizar vocábulos Proparoxítonos na língua padrão: abóbora > abobra, Petrópolis > petrópolis. Há também supercorreção: *rúbrica, pudico, etc.*

6.5 As proparoxítonas no PB

O processo de redução de proparoxítonas a paroxítonas é percebido na passagem do latim para o português, como, por exemplo, as palavras *calidu* > caldo; *littera* > letra; *viride* > verde; *apicula* > abelha, conforme nos ensina Coutinho (1976) e Mattoso Câmara Jr. (1975a;1975b).

Na evolução natural das formas proparoxítonas, já podemos observar esse fenômeno em *oculus* > *oclus*; *altera* > *altra*; *socerus* > *socrus* (Coutinho 1974). Como enfatiza Mattoso Câmara Jr. (1975b), “os vocábulos portugueses de acentuação na antepenúltima sílaba raramente provêm da evolução no latim vulgar”. Para esse autor, a presença de proparoxítonas no léxico português decorre do empréstimo de palavras do latim clássico a partir do séc. XVI. Entre elas vieram palavras grego que o latim clássico tinha adotado e adaptado à sua estrutura. Mais tarde houve empréstimos diretos do português ao grego clássico com a tendência a acentuá-los com o princípio geral da

prosódia latina. As proparoxítonas que temos hoje vieram, portanto, sobretudo por via erudita, e são, em nossa língua, “um tanto marginais”, na expressão de Câmara Jr. (1986).

Ora, o processo de redução de proparoxítonas verificado na história do português continua, todavia, ativo na nossa linguagem popular, agindo sobre as proparoxítonas que entraram tardiamente em nosso léxico, como atestam diversos autores que se dedicaram ao estudo de variedades regionais do português popular, como podemos ver em Amaral (1974); Nascentes (1966), Marroquim (1966), Couto (1974) ou fizeram apresentações gerais sobre nossa língua popular Elia (2003); Câmara Jr. (1977). Dados importantes sobre as restrições do uso de proparoxítonas no PB, podemos ver em Couto (2008).

Nos dados analisados, a redução das proparoxítonas se realiza através de processos variados, a seguir identificados e exemplificados:

- a) síncope da penúltima vogal da palavra: *árvore* > *arvre*;
- b) síncope da penúltima vogal e da consoante seguinte: *relâmpago* > *relampu*; *estômago* > *istomo ou istamu*;
- c) síncope da consoante da última sílaba: *eucalipto* > *calipiu ou calipi*;
- d) queda da última sílaba: *eucalipto* > *calipi*;
- e) apócope da vogal átona final: *útero* > *uter ou utre*; *eucalipto* > *karipis*;
- f) síncope da penúltima vogal e da consoante precedente: *estômago* > *istogo ou istago*;
- g) queda da penúltima sílaba: *eucalipto* > *calito*;

Nem toda literatura sobre o tema mencionado as realizações da redução da proparoxítona no português popular brasileiro, conforme apresentado acima. De um modo geral, enfatiza-se a síncope da penúltima vogal ou se fazem menções mais genéricas à perda de segmentos postônicos. Amaral (1974), por exemplo, em sua descrição do dialeto caipira, constata, em referência às proparoxítonas, “a tendência (...) a suprimir a vogal da penúltima sílaba ou mesmo toda esta, fazendo grave o vocábulo”. Cita como exemplos: *ridico* = *ridículo*, *cosca* = *cócega*, *legite* = *legítimo*, *musga* = *música*. Deve-se observar que entre os próprios exemplos dados pelo autor, *ridico* e *legite* ilustram um processo diferente dos que são descritos (no caso dos dois vocábulos, com a vogal da penúltima

sílaba cai também a consoante seguinte). Elia (2003) também só faz referência à queda da vogal postônica. Câmara Jr. (1977) faz uma menção genérica à “supressão de um segmento postônico”.

6.6 A Fonologia do PB e a aquisição da Escrita

O objetivo desse tópico é fazer algumas considerações a respeito da aquisição da escrita, a partir da fonologia, quando da apropriação da ortografia pela criança. Entendemos que, quando a criança ou adulto pratica um tipo de escrita com base na fala, é porque alguns processos inerentes ao sistema da língua, como a fonética-fonologia, interferem nas hipóteses que os falantes fazem a respeito de sua língua, ainda mais quando não se domina o código escrita tampouco a ortografia oficial.

A fonologia de toda língua integra um inventário de segmentos (fonemas) capazes de contrastar significado, bem como um inventário de estruturas silábicas, as quais são sequências de segmentos. Enquanto os segmentos são unidades que cumprem o papel de promover contrastividade (‘pato’ *versus* ‘bato’; ‘cata’ *versus* ‘cada’), as sílabas não são usadas com essa função, tendo sua estrutura previsível por regras e/ou restrições da língua (no caso dos encontros consonantais, por exemplo, podem ser observadas, em línguas como o português, sequências como ‘pr’ e ‘bl’ mas não ‘sm’ e ‘sp’; já no inglês, todas essas formas são permitidas).

Ao se pesquisar a escrita inicial de pessoas que estão desenvolvendo essa modalidade da língua, a análise de dados demonstra que a representação gráfica de certos segmentos e estruturas silábicas são mais suscetíveis de serem grafados de em desacordo com a ortografia oficial, muitas vezes, por causa de dificuldades advindas da complexidade segmental ou silábica, isto é, segmentos ou sílabas que têm estrutura mais complexa. Um exemplo disso é a consoante líquida /l/, de palavras como ‘bolha’ e ‘palhaço’, ou ainda segmentos que se diferenciam de outros unicamente por uma característica – como, por exemplo, nos pares /p/-/b/, /t/-/d/, /f/-/v/, nos quais apenas a vibração ou não das cordas vocais é responsável pelas diferenças entre eles – podem representar problema para a criança em suas grafias primeiras (considerando-se, neste caso, as escritas alfabéticas).

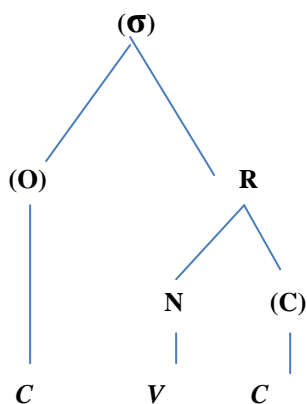
Segundo Couto (1997), a estrutura canônica da sílaba é a CV. Entretanto, em se tratando das estruturas silábicas complexas, pode-se dizer que todas aquelas sequências maiores que a estrutura canônica CV, em algum momento da aquisição da escrita, podem dar margem a hesitações cujo efeito incide sobre as escolhas gráficas de pessoas que ainda

não dominam o código escrito, as quais resultam em formas distintas daquelas convencionadas pelo dialeto estatal.

O constituinte mais básico da hierarquia prosódica, de acordo com Nespor e Vogel (1986), é a sílaba³¹. É por estabelecer-se como domínio no qual se aplicam regras e processos fonológicos que a sílaba pode ser considerada elemento essencial a modelos teóricos voltados à fonologia das línguas. Ainda que sejam encontradas variações entre os modelos não-lineares para a representação da unidade silábica, grande parte deles partilha a ideia de que se trata de uma unidade linguística com estrutura interna, entre cujos constituintes está estabelecida uma relação hierárquica.

A sílaba pode ser descrita como uma unidade composta por dois constituintes imediatos básicos, o *onset* (σ) e a rima R, sendo o primeiro não obrigatório e possível de ser ramificado, e o último constituído necessariamente de um pico de sonância, o núcleo N, e de uma *coda* (C), elemento opcional. Uma estrutura do tipo CVC, como aquela que constitui a palavra ‘mar’ ou a primeira parte da palavra ‘car.ta’, teria, seguindo-se este esquema, a representação em (1) (SELKIRK, 1982):

(1)



A ocupação das posições do esqueleto silábico, de acordo com essa proposta, sofre restrições ditadas pela Escala de Sonância³², o que significa dizer que consoantes e vogais de uma determinada língua não podem ocupar qualquer posição dentre aquelas que, por

³¹ A Hierarquia Prosódica de acordo com Nespor e Vogel (1986) é constituída de unidades linguísticas que se organizam de modo hierárquico e se apresentam na seguinte ordem: sílaba, pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado, conforme nos ensina Bisol (2005).

³² A Escala de Sonância (Sonority Scale) classifica os sons das línguas de acordo com um parâmetro articulatório. São considerados soantes aqueles sons produzidos com um fluxo de ar relativamente livre e as cordas vocais em tal posição que torne possível uma sonoridade espontânea (Crystal, 1985:244).

exemplo, estão representadas em (1). Com base na Escala de Sonância, é possível dar conta da formação das diferentes estruturas silábicas observadas nas línguas do mundo, uma vez que o grau de sonância dos segmentos é o que vai definir o preenchimento das posições de uma estrutura como a que se vê em (1). É possível, por exemplo, entender por que, nas línguas do mundo, são preferencialmente núcleo da sílaba os segmentos detentores de maior índice na escala, as vogais, e por que, nas posições marginais ou mais próximo delas, são encontrados apenas segmentos consonantais cujos índices de sonância diminuam gradativamente das líquidas às oclusivas.

Da representação em (1), pode ser extraído um conjunto de estruturas silábicas representativo dos tipos silábicos mais frequentes nas línguas do mundo, conforme mostra o diagrama em (2):

(2)

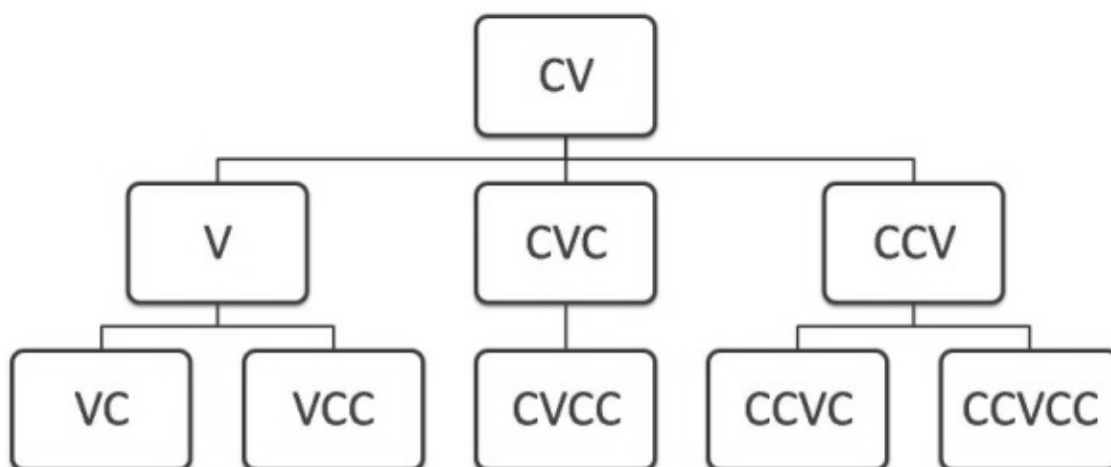


Figura 34 - Estrutura silábica.

A partir da sílaba canônica CV, podem ser derivadas as estruturas V, CVC e CCV e delas, outras mais: VC, VCC, CVCC, CCVC e CCVCC. No Português, a sílaba mínima pode ser composta apenas por uma vogal (V) e a sílaba máxima, isto é, aquela com maior número de elementos, por cinco segmentos (CCVCC). As classes de segmentos que podem preencher as posições de C no esqueleto silábico do português, seguindo a Escala de Sonância, estão apresentadas e exemplificadas no quadro (3):

Quadro 04 - Posição da consoante/classes de segmentos

Posição de C	Classes de Segmentos	Exemplos
CV	Plosivas (/p, b, t, d, k, g/), Fricativas (/f, v, s, z, ʃ, ʒ/), Nasais (/m, n, ŋ/), Líquidas (/R, l, ʎ, ʎ/)	'pɛ; 'bɔ.ta 'dɔ.ka; 'ga.tu 'fa.vo; 'sɔ, 'zɛ; 'ma.na; 'u.ɲa; 'Rã; 'kɛ.ru 'ɔ.ʎa 'á.gua'
V		
VC		'as.no'
CVVC		'al.cool
CVC	Fricativas coronais (S), nasais (/n/), Líquidas (/l, ʎ/), Glides	'pas.ta' 'pen.sa' 'per.to, 'pal.co' 'rei; pau
CVV		
CCV; CCVC	C somente líquidas (/l, ʎ/)	'pra.to', 'flor'
CVCC; VCC; CCVCC	C somente fricativa coronal (/S/)	'mons.tro' 'ins.tru.men.to' 'trans.por.te

Para o português, seguindo Bisol (1999), conforme se vê em (3), o preenchimento das posições silábicas vai obedecer a restrições tais como em 'pra.to' e 'pla.ca', por exemplo; a primeira posição da coda, por qualquer soante e pela fricativa coronal /S/, como nas primeiras sílabas das palavras 'bar.co', 'bol.sa', 'pan.da', 'pei.to', 'pau.ta' e 'pasta'; e,

nos casos em que há o preenchimento da segunda posição de coda, somente é licenciado o /S/, como em ‘monstro’ e ‘ins.tru.ção’.

7 O PORTUGUÊS DO BRASIL

O presente capítulo é de grande importância para a nossa pesquisa, haja vista que as diversidades do sistema da língua colaboram para o entendimento sobre as características do PB encontradas nos anúncios populares. São essas características do ecossistema que caracterizam o nosso trabalho.

Ao realizarmos um painel do Português oral do Brasil, deve-se considerar, em primeiro lugar, a grande distância entre o uso do código oral e a escrita baseada na variedade estatal, cujas razões são de vários fatores, em particular, o número alto de analfabetismo, o fato de que grande parte da população ainda não domina o código escrito e não ter acesso aos bens culturais disponíveis. Por sua vez, as variedades diatópicas de tradição oral faladas em zonas rurais ou em cidades rurais com pouca interação com grandes centros urbanos caracterizam as variedades vernaculares brasileiras. Nessas áreas mais isoladas, por conta do tipo de rede social de interação, o português permaneceu mais infenso às inovações dos grandes centros urbanos.

Para a construção do capítulo, fazemos alguns comentários sobre a formação dos dialetos no Brasil.

7.1 A formação dos dialetos no Brasil: a variedade rural

A língua Portuguesa foi implantada no Brasil por meio da colonização portuguesa, que aqui se encontrou com os diversos falares dos habitantes que aqui viviam. Durante o século XVII e a metade do século XVIII, as línguas tupis prevaleceram sobre o Português, pois os índios eram numericamente superiores, e na confluência de condições especiais de contato entre europeus e povos indígenas, surge a Língua Geral tanto em São Paulo como no Maranhão e regiões amazônicas como o Pará, termo que passou a designar as línguas de origem indígena faladas, nas respectivas províncias, por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-guaranis (especificamente os tupis em São Paulo e os tupinambás no Maranhão e Pará), à qual se foi agregando um contingente de origem africana e contingentes de vários outros povos indígenas, incorporados ao regime colonial, em geral na qualidade de escravos ou de índios de missão. Essa língua perdurou por quase

um século, tendo como força de extinção as reformas de Pombal, que proibiu o seu uso por decreto.

No litoral, onde a população mantinha-se em constantes contatos com a metrópole, o dialeto falado muito se assemelhava às variedades portuguesas. As famílias mais abastadas enviavam seus filhos para estudar nos centros urbanos, trazendo consigo costumes, tradições e marcas linguísticas das variedades dos dominadores.

Por outro lado, no interior, as populações permaneciam isoladas desses centros urbanos, porém, mais suscetíveis à influência das línguas indígenas e africanas. Do resultado das relações de contato, a diversidade vai se solidificando e se diferenciando do Português Europeu. Essas variedades se traduzem em dialetos do povo e das comunidades mais afastada da Corte. São os dialetos regionais e caipiras. Por ser de base popular e não erudita, são consideradas até hoje como não-padrão ou não estatal.

Segundo Ilari (1999), a realidade linguística brasileira surge de dois movimentos: uma inovadora e a outra, devido ao isolamento dos falares rurais, conservadora.

A modalidade conservadora foi modificada em Portugal, mas permaneceu no Brasil e pode ser caracterizada por alguns aspectos, como a pronúncia do séc. XVIII falada em Portugal, mas conservada no Brasil no séc. XIX. Elevação das vogais, monotongação do ditondo /ey/ > /e/; /ow/ > /o/. Iodização palatal /k/ > /y/ e supressão do /r/ final: /fa'la/; /ko'me/.

A modalidade inovadora foi introduzida no Brasil devido a confluência das línguas e dos dialetos de contato. Exemplos: vocalização do /l/ > /w/; /mal/ > /maw/. Colocação do pronome oblíquo no início da frase: 'me dá um dinheiro'. Dupla negação: 'não sei não, assim você acaba me conquistando...'

Os dialetos falados nas pequenas cidades interioranas ou em zonas rurais, por pessoas não escolarizadas ou de baixa escolarização revelam traços marcantes da presença negra e indígena no Brasil, em particular, no que se refere aos traços fonéticos, morfossintáticos e lexicais. Segundo Castilho (In ILARI,2000), houve nas senzalas a criação de um dialeto de base lexical Banto, o qual foi responsável pela entrada de africanismos no Brasil. Segundo os autores, tal dialeto teria contribuído para um dialeto português rural, conforme se pode ler em Casa Grande & Senzala (FREIRE, 2004), cuja representação da fala das amas negras teria concorrido para a formação do PB.

À medida que novos grupos sociais e econômicos vão se formando e mudando o cenário das relações campesinas, os dialetos dessas comunidades rurais vão perdendo seus traços mais marcantes, sendo preservados mais especificamente naqueles grupos mais

isolados das zonas rurais, onde a tradição tem força identitária. Por outro lado, a mobilidade social marcada pela migração do campo para a cidade faz surgir novos dialetos que se misturam entre as falas rural e urbana. Nas comunidades que se situam ao longo dos processos de ocupação e domínio do território (espaço), pode-se encontrar, nas comunidades urbanas, a diversidade linguística em função de vários fatores sociais como o grau de escolaridade, a profissão, a zona de residência, a situação econômica dentre outros. Tais modalidades podem ser caracterizadas como variedades não-padrão (ou não estatal), com nítidas características rurais denominadas por Bortoni-Ricardo (1985) como rurbanas, conforme veremos mais adiante.

As variedades populares, de origem rural, apresentam muitos traços conservados do português arcaico, porém, são geralmente desprestigiadas pela fala dita erudita. Aqui apontamos algumas características:

- a) Troca da palatal lateral [l] por [r]: *qual* > *quar*;
- b) Uso da semivogal [y] no lugar da palatal [l]: *palha* > *paia*;
- c) Uso da rótica [r] em vez da lateral [l]: *clube* > *crube*
- d) Ausência do morfema de plural em: *as fessoras* (as professoras) > *as fessora*; os *garotos* > os *garotu*; as *mulheres* > as *muié*;
- e) O uso do [r] retroflexo em palavras com sílabas travadas por [r] ou que finalizam por [r]: *porta*; *mar*;
- f) Uso de [u] em vez de [aw] na pronúncia do pretérito perfeito: *comeram* > *comeru*;
- g) A perda do [d] nos gerúndios: *cantano* e a perda da nasalidade em homem > *homi*;
- h) Inserção da vogal [i] antes de sibilante: *rapaz* > *rapaiz*; *três* > *treis*;
- i) Epêntese do [i] ou [e] em grupo consonânticos como dv ou pn: *advogado* > *adivogado* ou *adevogado*;
- j) Ditongação: *caso* > *causu*;
- k) Monotongação: *conterrâneo* > *conterranu*; *alívio* > *alivi*; *negócio* > *negosu*; *feixe* > *fexe*; *ouro* > *oru*; *automóvel* > *otomovi*
- l) Ditongação por metátese: *estátua* > *istauta*; *tábua* > *tauba*; *água* > *auga*;
- m) Alteração de um dos fonemas: *eu* > *o*; *raiva* > *reyva*; *falamos* > *falemu*; *São Paulo* > *Sumpaulu*;

- n) Redução de palavras proparoxítonas para paroxítonas: *árvore* > *arve ou arvri*; *eucalipto* > *relâmpago* > *ralampio ou relampo*; *estômago* > *istromu ou estomu*;

7.2 O português estatal

Segundo Couto (2007), o Estado-Nação precisa de uma língua única que o represente em suas mais variadas funções nas relações com outros Estados e também internamente, com os habitantes que residem em seu espaço político, social e econômico. Como unificação do estado nacional, é necessária uma língua, a língua padrão, que às vezes aparece como língua oficial, nacional, língua do Estado ou língua estatal.

Assim como Couto (*op.cit*) também consideramos as expressões “dialeto padrão” e “língua padrão” como preconceituosas. O autor prefere dizer dialeto estatal, por oposição à linguagem coloquial urbana e aos dialetos rurais e regionais. É uma língua preconizada pela Gramática Normativa e está a serviço do estado, goza de estabilidade flexível e a intelectualização. Como agências propagadoras, difusoras e mantenedoras desse dialeto, temos a Constituição Federal, os Tratos e Convenções Internacionais de Países de Língua Portuguesa no que diz respeito à ortografia, a NGB, a ABNT, a literatura, a Academia Brasileira de Letras, a escola e demais instâncias regulares ou ditas protetoras, que preconizam ser a língua oficial do Brasil o dialeto utilizado na escrita e empregado pela Academia, tido como culto, belo e padrão, apesar de ninguém fazer uso dele o tempo inteiro em todos os momentos da vida, em especial, na oralidade.

Como a realidade tanto a natural quanto a social é dinâmica e está sempre evoluindo, também a língua evolui, a fim de continuar sendo veículo adequado de expressão da população que a formou e a usa (COSERIU, 1980). Como diz o autor, se ela parasse no tempo como querem os normativistas reacionários, deixaria de ser o veículo ideal para expressar o mundo dessa população. Pois bem, é justamente do embate entre as diversas variedades, pelo surgimento de novos modos de encarar o mundo, de novidades tecnológicas e comportamentais, é que surgem as inovações na língua. As inovações que vêm das elites em geral são ilegítimas, pois essas elites têm os olhos voltados para os Estados Unidos e passam a ver o mundo pela ótica desse país. Daí os inúmeros americanismos no português brasileiro. Por outro lado, as inovações que vêm espontaneamente das bases populares são sempre legítimas, entretanto, os normativistas as pregam sempre como “erros”. As classes populares pagam o preço da exclusão e do

preconceito por suas formas de uso em desacordo com o que preconizam os prescritivistas, ou seja, a ideia de uma “língua não corrompida” por brasileiros que não “sabem” o português. Esses mesmos normativistas, que o autor os chama como compulsivos caçadores de erros na linguagem dos outros, em sua ânsia de julgar o que consideram certo e o que consideram errado, acabam se traindo e cometendo os mesmos “erros” que imputam aos outros. Em Couto (1993) esse assunto está discutido mais pormenorizadamente. O modo como falamos reflete como agimos sobre o mundo. Sobre isso, diz o autor:

Uma vez que nossa língua de certo modo reflete o mundo filtrado pela comunidade de falantes, o modo como falamos do mundo até certo ponto reflete o como agimos sobre ele. Em uma cultura (e língua) em que há expressões pejorativas contra determinado segmento social, a tendência é tratar mal os cidadãos a ele pertencentes. Por isso Alwin Fill nos instiga a redenominar todos os coisas e fenômenos que são designados pejorativamente. É preciso empregar novas metáforas e expressões idiomáticas criativamente para representar a natureza e nossas relações com o mundo natural. Uma planta que consideramos simplesmente como “mato” (praga, erva-daninha) geralmente tende a ser maltratada (exterminada) por nós. Tendemos a matar e/ou maltratar todo e qualquer animal que classificarmos como “nocivo”, “feroz”, “venenoso” (como as cobras).

Vale ressaltar, que não somos contra a ideia de um dialeto eleito como transmissor da cultura letrada e tido como um modo de se chegar aos meios culturais disponíveis. Também não somos contra a escola deixar de ensinar aos seus alunos esse tipo de variedade. Entretanto o que se condena é a forma preconceituosa de encarar essa variedade como certo ou errado, como belo sábio e desprezar as outras variedades, o que gera sofrimento e a falsa ideia de que os brasileiros localizados em zonas de menos acesso à escola e outros meios culturais letrados não sabem falar ou não sabem português. Para a Ecolinguística, toda forma de sofrimento da vida humana ou de outras espécies deve ser banida.

7.3 Variedades urbanas

Para situar a ecologia linguística das placas populares é necessário entender a diversidade e a complexidade do Português falado no Brasil.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005;2011), a língua é uma instituição social e, portanto, ao se proceder ao seu exame, é necessário que se levem em conta variáveis extralingüistas,

de ordens socioeconômicas e históricas, que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical).

Em um conjunto de fatores elucidativos para o estudo e análise do Português brasileiro - o PB³³ estão a dualidade linguística - modalidade urbana *versus* modalidade rural, os fluxos migratórios no século XX, a contemporaneidade de estágios diversos de desenvolvimento e a tendência emancipatória da literatura moderna.

Para Bortoni-Ricardo (2005), a primeira análise desses fatores recai sobre a língua urbana em relação aos falares regional-rurais (que são os vernáculos rurais) - decorrendo daí a reflexão sobre o processo de colonização do Brasil, pois a língua trazida pelos portugueses conservou-se nos grandes centros situados na costa litorânea, onde havia intenso intercâmbio comercial e cultural com o Portugal. A língua nesses centros era bem semelhante à modalidade lusitana, distinguindo-se dela em alguns traços. Como lembram Câmara Jr. (1975a) e Bortoni-Ricardo (2005), as discrepâncias entre as duas normas decorrem essencialmente de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados, ou seja, o PB falado em zonas urbanas pelos colonos, oriundos das diversas províncias de Portugal, e uma vez em contato, tenderam a uma homogeneização linguística, com redução das particularidades mais típicas.

As diferenças entre o PB e o PP, no tocante às modalidades urbanas estão presentes na fonologia e no léxico e em muitos casos, nos traços sintáticos. No âmbito fonético, no PP há uma tendência à relevância das consoantes e a conseqüente redução das vogais pré e pós-tônicas, enquanto no PB, a língua é conservadoramente vocálica.

Bortoni-Ricardo (2004) nos ensina que os vernáculos em diversas regiões brasileiras ficaram por muito tempo mais ou menos circunscrito às regiões interioranas e isoladas. Contudo, foi no século XX que ocorreram dois fenômenos linguísticos: a migração das populações das pequenas cidades e zonas rurais para os grandes centros e a difusão dos meios de comunicação de massa, ocorrendo nesses espaços um processo de diglossia, em que atuam duas forças antagônicas: o padrão tradicional de redução flexional da própria língua, exacerbado pela situação de contato entre dialetos diferentes *versus* a pressão do prestígio da norma culta, imposta pela ação da escola, dos meios de comunicação e do *status* das classes mais favorecidas. Vejamos o que afirma a autora (2011):

³³ O Português Brasileiro, em oposição ao Português falado no continente africano, asiático ou europeu, será, doravante, denominado PB. O Português de Portugal será denominado PP.

Decorre desse processo o declínio dos vernáculos que se transformam em dialetos urbanos de classe baixa, acentuando-se provavelmente a estratificação vertical na língua. Ao se radicar na zona urbana, o indivíduo egresso de zonas rurais ou rurbanas percebe mais facilmente a estigmatização que recebem os itens lexicais e expressões mais salientes de sua fala regional. Por isso tende a substituí-las por sinônimos de cunho urbano. Entretanto, os padrões fonológicos básicos, que se interseccionam com a sintaxe, como a supressão de sufixos flexionais, favorecidos pela própria deriva da língua, se mantêm, pois, na sua maioria, estão presentes também em modalidades urbanas populares (ou até na variedade-padrão) da língua. Vai-se firmando assim um dialeto popular que parece possuir notável uniformidade em todas as cidades brasileiras, considerando-se à parte os regionalismos lexicais.

Os vernáculos são as variedades regional-rurais que apresentam características especiais de ordem fonética, morfossintática e lexical. Segundo Bortoni-Ricardo (1997), é provável que estas variedades sofreram maior influência da língua geral tupi de intercurso, usada como *língua franca* no litoral brasileiro até meados do século XVII, e o *pidgin* desenvolvido como meio de comunicação de emergência nas comunidades de escravos. Bortoni-Ricardo (1989) afirma que os vernáculos conservaram traços arcaicos de português e resultaram, principalmente, do sistema de colonização intermitente.

Quanto à língua urbana, a autora ainda afirma que se observam ainda características regionais, principalmente no léxico, pois os regionalismos encontrados na fala da população de cada cidade brasileira têm cunho diatópico e não social.

7.4 Um modelo de análise da oralidade por três - *contínua*

Em comunicação apresentada no Congresso *Substandard* e Mudança no Português do Brasil, realizado em Berlim em outubro de 1997, a linguista Stella Maris Bortoni-Ricardo ofereceu um modelo de classificação das variedades linguísticas brasileiras (BAGNO, 2001; 2002). Esse modelo pode se constituir numa ferramenta teórica e prática muito produtiva como análise. Assim, nesse sentido, a análise da diversidade linguística que importa nos usos e escolhas do falante quando produz textos escritos (e também orais, é claro) é a ideia de contínuos desenvolvidos em três dimensões, conforme Bortoni-Ricardo (2004; 2005):

- a) Contínuo de urbanização
- b) Contínuo de oralidade-letramento

c) Contínuo de monitoração estilística

A ideia de contínuo foi trazida pela Antropologia Social e brilhantemente desenvolvida por Bortoni-Ricardo (2004), pois situam dois polos opostos em pontos extremos do contínuo, mas sob a perspectiva da gradação. Daí os interagentes se posicionarem, não dicotomicamente, mas dentro de uma escala gradual, que poderá ser nos contínuos rural/urbano; oralidade/letramento e estilo monitorado/não monitorado.

No primeiro contínuo, temos na área urbana atividades tipicamente letradas e que exigem modos de interação próprios do letramento mediado pela escrita, ao passo que no rural, temos uma cultura mais oralizada e própria da fala.

Há de se ressaltar que não há supremacia ou interposição de importância de uma sobre a outra. Achar que a cultura oral é pobre e inferior é proporcionar a exclusão e o preconceito, o que é proibido pela Constituição Federal (em seu artigo 5º). Outro avanço da pesquisa sob a análise dos contínuos é o fato de uma pessoa ter traços em sua fala/escrita próprios da cultura rural, embora residindo na cidade, daí Bortoni-Ricardo (2004; 2005) posicionar esses falantes mais à esquerda ou mais ao centro do contínuo, denominando-o de **rurbano**.

O contínuo da monitoração estilística refere-se à atenção ou não que o falante dá ao seu discurso, à forma da língua, a depender da situação e do contexto de uso, tais como o ambiente em que o interagente se situa o interlocutor com quem interage e o tópico da conversa mediada na interação. Ex: o estilo da fala de um advogado em audiência não é o mesmo daquele que ele utiliza em casa, com a família. O professor, em muitos casos, presta mais atenção em sua forma de falar quando está lecionando do que na roda de amigos e também pode alternar seu estilo quando utiliza o discurso acadêmico (OLIVEIRA,1997;2005).

Muitas variedades vernaculares dos moradores de Ceilândia estão presentes na escrita, ou seja, muitas escolhas lexicais, fonológicas e morfossintáticas típicas da oralidade. Em pesquisa realizada em sala de aula, Gomes (2008) observou diversas marcas diastrática ou diatopicamente nas redações dos alunos. Isso equivale a dizer que a escola não está atenta para esses fenômenos e, por causa disso, muitos professores corrigem seus alunos, considerando como déficit linguístico ou déficit cognitivo usos linguísticos não condizentes com a variedade padrão imposta pela escola.

Apesar desse trabalho não se reportar às produções textuais e variedades vernaculares dos alunos, acredita-se que refletir sobre os fenômenos da oralidade na

escrita, sob a ótica da Linguística, é um avanço para a prática pedagógica (KATO, 1992; 1997).

Bortoni-Ricardo (1985:103) sintetiza os processos interacionais citando Halliday, que assim escreveu: “*what we do is affected by who we are*”.

Sobre os contínuos apresentados Bortoni-Ricardo (1985), Bagno (2001) nos apresenta um interessante quadro explicativo em que situa o falante nas seguintes situações:

- a) ***no contínuo*** que tem como extremidade o polo (+) rural e no outro, o polo (+) urbano, o elemento visado é o falante. Os fatores aí contemplados são **antecedentes socioeconômicos**:
 - zona de nascimento e residência na infância;
 - mobilidade geográfica;
 - rede de relações sociais;
 - área de residência ao longo da vida, etc.

- b) ***no contínuo*** que tem como extremidade o polo (+) oral e no outro, o polo (+) escrito, o elemento visado é a situação ou evento. Os fatores aí contemplados são:
 - atividades de oralidade;
 - atividades de letramento;

- c) ***no contínuo*** que tem como extremidade o polo (-) monitorado e no outro, o polo (+) monitorado, o elemento visado é o processo de interação. Os fatores contemplados são **atenção e planejamento**:
 - acomodação do falante ao seu interlocutor;
 - apoio contextual na produção dos enunciados;
 - complexidade cognitiva envolvida na produção linguística;
 - familiaridade do falante com a tarefa comunicativa, etc.

Bortoni-Ricardo (2005:56-8) ao analisar a fala dos interagentes sob as perspectivas dos contínuos, afirma que muitos itens lexicais são típicos dos falantes no polo rural e que vão desaparecendo à medida que se aproxima do polo urbano, daí dizer que esses traços têm uma distribuição *descontínua* porque seu uso é “descontinuado” nas áreas urbanas. Há traços, ao contrário dos outros, que têm uma distribuição gradual, são os ***traços graduais***,

distribuindo-se ao longo de todo o contínuo e estão presentes na fala de todos os brasileiros. A autora afirma que os traços *descontínuos* recebem a maior carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas.

Bortoni-Ricardo (2004:54-55) exemplifica os traços, a fim de melhor entendermos esses conceitos-chave:

- a) **traços graduais:** *limoero; ocê; dos vento; dexei; tive; dibaixo;*
- b) **traços descontínuos:** *inté; prantei; artura; ponhei; sor; uma foia; percisá; muié; dispois;*

Bagno (2007:144-56) exemplifica nos traços descontínuos e graduais em alguns dos fenômenos importantes para a análise do tema. Vejamos os seguintes quadros:

Quadro 5 - Traços descontínuos

A) TRAÇOS DESCONTÍNUOS:
1. Queda da vogal átona postônica em palavras proparoxítonas: <i>córrego>corgo; pássaro>passo; bêbado>bebo; árvore>arvre;</i>
2. Não-nasalização de sílabas postônicas: <i>home ~homem; ontem ~onte; fizeram ~fizeros, etc</i>
3. Monotongação de ditongos átonos crescentes em posição final: <i>notícia>notiça;</i> <i>paciência>paciença; imundície>imundície, etc</i>
4. Rotacismo: troca de l por r em encontros consonantais ou em final de sílaba: <i>placa>praça;</i> <i>planta>pranta; talco>tarco; futebol>futebor, etc.</i>
5. Redução da terminação –ndo do gerúndio em –no: <i>cantano, comeno, dormino, etc.</i>
6. Eliminação do plural redundante, marcado em geral só nos determinantes: <i>os meninos, as casa, aquelas coisa toda, etc.</i>

Quadro 6 - Traços graduais

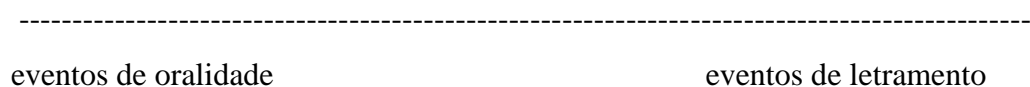
B) TRAÇOS GRADUAIS DO VERNÁCULO GERAL BRASILEIRO:
1. Redução dos ditongos /ey/ e /e/ e /ay/ a /a/ diante de consoantes palatais ou da vibrante simples: <i>beijo [‘bejo], cheiro [‘chero], peixe [‘pexe], caixa [‘caxa], etc;</i>
2. Redução do ditongo /ow/ a /o/ em todos os contextos: <i>ouro [‘oro], calouro [ca‘loro], amou [a‘mo], etc</i>
3. Queda do –s final das formas verbais de 1ª pessoa das formas verbais de primeira pessoa do plural (nós): <i>vamo lá; Nós compramo isso pra você; nós dançamo a noite toda!</i>
4. Emprego de pronome reto com verbos causativos: <i>deixa ver; manda ele entrar; vi ela chorando, etc.</i>

Nessa linha de análise de Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2007:142) afirma que os traços graduais e descontínuos aparecem na fala de todos os brasileiros, independente de sua origem social, regional, etc.; enquanto os descontínuos aparecem principalmente na fala dos brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais, sendo esses últimos os mais estigmatizados, sofrendo maior carga de discriminação e preconceito por caracterizarem os falantes com baixo ou nenhum prestígio social, sendo tais traços rejeitados, repelidos, ridicularizados e evitados a todo custo por aqueles que se acham portadores da “norma culta”.

Assim, os traços descontínuos são os traços mais discriminados pela sociedade urbana detentora do poder. Eles são característicos das comunidades regional e socialmente mais isoladas. Esses traços sofrem alteração e chegam a desaparecer quando o falante é submetido à influência da cultura urbana.

Os traços graduais podem ser encontrados nas comunidades de fala em geral. Sua maior incidência é nos registros de fala não monitorada e depende do grau de formalidade exigida pelo contexto de fala.

No contínuo de letramento, há algumas características do contínuo de urbanização, por se considerar que dificilmente há fronteiras rígidas ou bem marcadas entre evento de oralidade e de letramento. Nele também ocorrem muitas sobreposições. Os eventos podem ser mesclados ou exercer influência mútua. O contínuo de oralidade e letramento é representado da seguinte forma:



Enfim, os eventos de oralidade são mais frequentes nas culturas de oralidade (como as de zona rural) e os de letramento, mais inerentes às culturas letradas (como a de zona urbana).

8. ECOLOGIA DA ORALIDADE E DA ESCRITA

O sétimo capítulo da Tese é o que refere às especificidades presentes na oralidade e letramento, entre fala e escrita.

A Oralidade e a escrita são dois sistemas distintos, porém têm traços em comum e cada um tem forte influência sobre o outro.

Neste capítulo, trato do estudo das diferentes perspectivas entre fala e escrita e suas diferenças.

8.1 A perspectiva das dicotomias

Em uma sociedade letrada como a nossa, é muito recorrente na escola a ideia de que a escrita é superior à fala, por ser aquela a manifestação formal nos diversos tipos de letramento, mais do que uma tecnologia, mas um bem social indispensável na vida diária, essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Por outro lado, nos estudos linguísticos sobre as diferenças entre a fala e a escrita não são pacíficos. Neste sentido, o entendimento acerca das diferenças entre a oralidade e a escrita provoca debates intensos porque a percepção tradicional é polarizar as duas modalidades, delimitando seus limites.

A primeira das tendências entre os linguistas e de maior tradição, é que se dedica à análise das relações entre as duas modalidades do uso da língua, percebendo as diferenças polarizadas entre fala *versus* escrita. Nessa linha conceitual temos, de um lado, Bernstein (1971), Labov (1972), Halliday (1985) e Ochs (1979) entre os representantes das dicotomias mais polarizadas e visão restrita e de outro, Chafe (1982; 1985), Tannen (1982, 1984;1985), Gumperz (1971;1982), Biber (1986, 1995), Blanche-Benveniste (1990), os quais percebem as relações entre fala e escrita dentro de um contínuo em um conjunto tipológico ou dentro de uma realidade cognitiva e social.

Marcuschi (2001a; 2001b; 2005; 1998; 1988) afirma que nas dicotomias estritas em suas formas mais rigorosas e restritas, tal qual concebida pelos gramáticos, a análise se volta para o código e permanece na imanência do fato linguístico, o que dá origem ao prescritivismo de uma única norma linguística tida como padrão, a denominada norma culta. Dessa forma, a gramática normativa concebe as dicotomias que dividem a língua falada e a língua escrita em dois blocos estanques, características tais representadas no Quadro 7.

Essa visão tradicional propõe uma dicotomia das propriedades típicas da oralidade (contextualizada, redundante, não-planejada, não-normatizada, imprecisa) ou típicas da escrita (descontextualizada, condensada, normatizada, completa). Dessa forma, a linguagem escrita é avaliada como mais complexa e como o lugar da norma, enquanto a linguagem falada é o lugar do caos gramatical. Para Marcuschi (2005), essa visão *imanentista* funciona de forma a estabelecer uma separação estanque entre forma e conteúdo e compreende a linguagem como um sistema de regras que isolam o texto oral do texto escrito. Dessa forma, este autor considera reducionista a visão *imanentista*, porque não apresenta qualquer preocupação com os usos discursivos ou com o dialogismo, empobrecendo, assim, a conceituação de texto.

Quadro 7 - Dicotomias Estritas³⁴

FALA	<i>versus</i>	ESCRITA
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não-planejada		planejada
imprecisa		precisa
não-normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Fonte: Marcuschi (2005)

Ainda na perspectiva das dicotomias, temos uma segunda linha conceitual, de caráter culturalista que estabelece uma linha epistemológica, pois observa mais a natureza das práticas da oralidade *versus* escrita, recaindo a análise sobre aspectos cognitivos, antropológicos ou social sobre o fenômeno da escrita e seus efeitos na forma de organização e produção de conhecimento. Neste sentido, a cultura é preservada no texto escrito, pois este fenômeno tem a capacidade de contribuir para a organização e a produção do conhecimento, visto que serve de alicerce para o desenvolvimento cognitivo da humanidade. De acordo com esta perspectiva, a cultura oral é entendida como portadora do pensamento concreto, do raciocínio prático e do ritualismo, ao passo que a cultura letrada

³⁴ De acordo com a perspectiva das dicotomias, nessa tabela, apresentamos as principais diferenças traçadas por grande parte dos autores que tratam da singularidade dos códigos oral e escrito.

carrega a força do pensamento abstrato, do raciocínio lógico e da capacidade de análise. Segundo Marcuschi (2005), essa visão não deixa de ser também restrita, porque desprestigia a oralidade e supervaloriza a escrita e, portanto, os textos produzidos pelo homem letrado. Como representante da tendência fenomenológica de caráter culturalista temos Jack Goody (*apud* MARCUSCHI, 2005), Sylvia Scribner (*apud* MARCUSCHI, 2005), Olson (*apud* MARCUSCHI, 2005) em seus primeiros estudos. Para título de ilustração, veja, na tabela 4, as características apontadas pela visão culturalista.

Biber (1986), ao criticar a tendência, afirma que a introdução da escrita no mundo, por ser um feito notável, corresponde à tradição do “mito” para a “história” se apoiarmos na realidade dos documentos, pois foi a escrita que permitiu tornar a língua um objeto de estudo sistemático, com ela criou-se novas formas de expressão, deu-se o surgimento das formas literárias e quanto ao ensino, a institucionalização rigorosa das modalidade formal da língua como objetivo básico de toda formação individual para enfrentar as demandas das sociedades ditas letradas, porém, apesar dos avanços para as sociedades que adotaram a escrita, Marcuschi (2005:29), é necessário admitir que ela não possui valor intrínseco absoluto, ou seja, a escrita pura e simplesmente não faz com que alguém seja mais inteligente, uma sociedade seja mais civilizada e que os povos que não a adotam sejam mais primitivos e, por isso, inferiores. A descontextualização que a escrita favorece em relação ao conteúdo da mensagem não é capaz, por si só, de acelerar o desenvolvimento mental, no que se refere à descentralização do pensamento que passaria do concreto para o abstrato.

Gnerre (1985) diz que nos autores ligados à corrente culturalista, *há* alguns problemas resumidos em três pontos:

- Etnocentrismo;
- Supervalorização da escrita;
- Tratamento globalizante;

O etnocentrismo vê a cultura alheia a partir da própria cultura de quem a está observando, ao passo que a *supervalorização da escrita* leva a uma posição de supremacia das culturas com escrita ou de grupos que dominam esta tecnologia, separando as culturas ditas civilizadas das primitivas (MARCUSCHI, 2005:30). Vejamos o que diz este autor sobre o terceiro quesito.

No que se refere ao último quesito, a *forma globalizante* de ver a escrita resente-se da desatenção para o fato de que não existem “*sociedades letradas*”, mas sim “*grupos de letrados*”, elites que detêm o poder social, já que as sociedades não são fenômenos

homogêneos, globais, mas apresentam diferenças internas. Não é necessário uma análise muito minuciosa; basta dar uma olhada em nosso entorno para constatar que a “sociedade brasileira” não é homogênea em relação ao letramento. Por outro lado, várias das postulações acima não passam de crenças já desmontadas pela investigação contemporânea na área. (MARCUSCHI, 2005:31).

Quadro 8 - Visão culturalista

<i>Cultura oral</i>	<i>versus</i>	<i>Cultura letrada</i>
<i>. Pensamento concreto</i>		<i>. Pensamento abstrato</i>
<i>. Raciocínio prático</i>		<i>. Raciocínio lógico</i>
<i>. Atividade artesanal</i>		<i>. Atividade tecnológica</i>
<i>. Cultivo da tradição</i>		<i>. Inovação constante</i>
<i>. Ritualismo</i>		<i>. Analiticidade</i>

Fonte: Marcuschi (2005)

Numa outra perspectiva, temos uma terceira concepção - a *variacionista* - que, conforme Marcuschi (2001), não vê distinção entre linguagem falada e escrita, mas separa os textos em variedades linguísticas como “língua padrão” e “língua não-padrão” linguístico nos contextos de ensino formal. Assim, é possível perceber que ainda se mantém, nesta visão, a percepção dicotômica, porque se dedica à pesquisa das normas que controlam uma ou outra. Todavia, não há caracterizações estanques e a preocupação sobre as duas modalidades de linguagem (escrita e fala) é a observação rigorosa sobre a metodologia adequada para detectar as regularidades e variações. Outra contribuição dessa tendência é a que situa os modelos teóricos preocupados com o que se vem donominando *currículo* bidialetal. Como afirma Marcuschi (*op. cit*), são estudos que se dedicam a detectar as variações de usos da língua sob sua forma dialetal e socioletal e possuem grande sensibilidade para os conhecimentos dos indivíduos que enfrentam o ensino formal. Na acepção *variacionista*, não há distinção entre fala e escrita, mas sim uma observação de variedades linguísticas distintas, cuja fala e escrita apresentariam na linguagem, a língua padrão, língua culta e norma padrão de um lado e as variedades não-padrão, língua coloquial e normas não-padrão de outro. O autor elenca alguns representantes dessa tendência, como Bortoni-Ricardo (1991;1995), Kleiman (1995) e Soares (2003;1999;1993;1986).

Na compreensão da leitura de Stubbs (1985) e Milroy (1992a;1992b), entende-se que a fala e a escrita, em contextos educacionais, deveriam ser vistas como um problema

de variação linguística, pois as línguas não são uniformes nem homogêneas em seu uso. Justamente por uma questão de uso, a noção da variação que se dá tanto na fala como na escrita nos permite evitar o erro de identificar a língua escrita como a padronização da língua, ou melhor, impediria identificar a escrita como equivalente à língua padrão. Por fim, como postula Marcuschi (2001), a fala e a escrita, por ser duas modalidades de uso da língua, faz com que o aluno, ao dominar estas duas modalidades da língua, se torne *bimodal*, ou seja, fluente nestes dois modos de uso.

Há outra linha de estudos, a que representa uma série de postulados numa perspectiva dialógica, pois tanto o texto oral quanto o escrito se empregam em atividades comunicativas por meios de *práticas sociais situadas em uso real*. Assim, Marcuschi (op. cit.) aconselha-nos a romper com a percepção dicotômica entre a fala e a escrita, apresentando-nos uma quarta perspectiva denominada *sociointeracionista*, que não se propõe a polarizar as relações oralidade e escrita como funções distanciadas, mas nos propõe que a investigação sobre estas modalidades recaia sobre o funcionamento do texto oral e do escrito. Esse é um paradigma que percebe a linguagem em qualquer das modalidades como um fenômeno interativo e dinâmico, portanto, mais próximo do enfoque discursivo. Sob o evento discursivo e dialógico da perspectiva aqui em comento, Street (1995;1984) afirma que a tendência em direção a uma análise crítico-discursiva unida à investigação etnográfica podem ser um meio eficaz de observação para o letramento e a oralidade como práticas sociais.

A perspectiva sociointeracionista enxerga a fala e a escrita não dicotomicamente, mas como eventos discursivos, com os seguintes fundamentos :

- Dialogicidade;
- Usos estratégicos;
- Funções interacionais;
- Envolvimento;
- Negociação;
- Situacionalidade;
- Coerência;
- Dinamicidade;

A perspectiva que aqui se apresenta é a sociointeracionista, pois casa com a abordagem ecossistêmica por ter a vantagem de perceber com maior clareza a língua como

fenômeno interativo e dinâmico, voltada para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real. Além de tudo, esta perspectiva está em consonância com a Ecolinguística, Sociolinguística Interacional e por dados qualitativos em seu método de análise. Dessa forma, tanto o texto oral quanto o escrito apresentam aspectos de *dialogismo* empregam *usos estratégicos* e envolvem os interlocutores em *funções interacionais*, além disso, a linguagem escrita e oral está situada *contextualmente* e se estabelecem por meio de *negociações entre os parceiros*, movimentando-se com *coerência* e *dinamicidade*.

Sobre as perspectivas, trago à colação os ensinamentos de Marcuschi (2001):

Contudo, pode-se dizer que esta perspectiva, mesmo que livre dos problemas ideológicos e preconceituosos das anteriores, padece-se de um baixo potencial explicativo dos fenômenos sintáticos e fonológicos da língua, bem como das estratégias de produção e compreensão textual. A rigor, esses fenômenos fogem aos interesses de tais teorias. Por isso, a proposta geral, se concebida na função com a visão variacionista e com os postulados da Análise da Conversação aliados à Linguística de Texto, poderia dar resultados mais seguros e com maior adequação empírica e teórica. Talvez seja esse o caminho mais sensato no tratamento das correlações entre formas linguísticas (dimensão linguística), contextualizada (dimensão funcional), interação (dimensão interpessoal) e cognição no tratamento das semelhanças e diferenças entre a fala e a escrita nas atividades de formulação textual-discursiva.

8.2 Aspectos da fala e da escrita

Neste tópico, não vou dicotomizar as características da fala e da escrita, mas discutirei os aspectos discursivos mais próximos de cada uma dessas modalidades interacionais.

Fávero et alii (2005) afirmam que a despeito do volume de trabalhos sobre a oralidade e o número crescente de trabalhos sobre a escrita, pouco sabemos sobre essas duas modalidades discursivas e diante de tanto interesse sobre o assunto, era de se esperar que as características entre fala e escrita já tivessem sido analisadas exaustivamente. Entretanto, a concordância entre os estudiosos sobre as convergências dessas duas formas de comunicação não é um ponto muito pacífico. Mas há um consenso mais ou menos geral de que a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, ao passo que

a fala é uma estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto.

A oralidade é anterior a escrita, porém, historicamente a escrita, sobretudo, a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, e fala instável, não podendo constituir objeto de estudo, conforme afirma Saussure (1916;1981).

Os estudos históricos sinalizam que, na comparação entre a fala e a escrita, as especificidades de cada uma é acentuada, mas a primeira é vista como a primária e a segunda, como dela derivada.

Sapir (1921) afirma que a escrita é o simbolismo visual da fala. Já Bloomfield (1933:21) diz que a escrita não é a linguagem, mas uma forma de gravar a linguagem por marcas visíveis. Sob outra vertente, Fillmore (1981:153) ensina que a comunicação escrita é derivada da norma conversacional face a face. Por sua vez, Mattoso Câmara (1969:11) declara que a escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta.

Conforme já mencionado antes, a modalidade língua escrita sempre ocupou status mais elevado do que a modalidade língua oral entre gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. Nos últimos anos, no entanto, sociolinguistas, analistas do discurso e outras áreas da Linguística vêm se dedicando ao estudo da língua oral e sua interferência na escrita.

Segundo Kato (2001), a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as atividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido a diferenças temporais, sociais e individuais. Alguns estudos, visando a uma gramática da fala já começam a surgir. Tannen (1982;1984;1985) demonstra que as diferenças formais entre a fala e a escrita são o gênero e o registro do texto. Estes possibilitam muitas vezes uma mistura das características próprias de cada uma das modalidades.

Pontes (1988) fala sobre a necessidade de diminuir-se o fosso entre a língua coloquial e a literária, pois, entre elas, existem muito mais semelhanças do que se pensa. Esta autora, baseada em estudo de Lakoff e Johnson (1980), ressalta que a língua coloquial é repleta de metáforas e que a transposição das metáforas do dia a dia para a linguagem literária carrega consigo uma carga de oralidade.

Moirand (1979) estabelece dentro da situação de comunicação, situações típicas de oralidade como imediatez da mensagem, presença real do destinatário, proximidade da resposta, possibilidade de mudança imediata, espontaneidade, dialogismo, e situações típicas de escrita como virtualidade do receptor, ausência de resposta, impossibilidade de

mudança imediata, elaboração e construção. Em resumo, a situação oral da linguagem caracteriza-se por ser na situação enquanto que na escrita a linguagem é usada fora da situação.

Chafe (1982) compara dados de fala espontânea com prosa formal acadêmica, ou seja, dados extremos, e mostra que, embora possamos usar termos como fragmentação e envolvimento como características de fala e integração e destacamento como característica de escrita, essas características podem aparecer na fala e na escrita dependendo do estilo da escrita e do estilo da fala.

Halliday (1993) afirma que a língua escrita tende a ser lexicalmente densa, mas gramaticalmente simples, enquanto que a língua falada tende a ser gramaticalmente intrincada, mas lexicalmente esparsa. No entanto essas propriedades seriam complementares e não exclusivas. A escrita tende a acomodar mais itens lexicais, com poucas sentenças no sintagma e a fala tende a acomodar mais processos. Isto não implica que a média de sentenças por período composto será maior na língua falada, porque também pode ser uma tendência em direção a sentenças mais curtas, especialmente em diálogos. Na verdade, a fala e a escrita têm padrões de lexicogramaticalização preferidos, que podem aparecer cruzados, em situações inesperadas segundo a intenção do falante.

Outro ponto a considerar é o fato de as gramáticas pregarem a ideia de que a oralidade deve se basear na forma escrita. Também essa é a crença muito recorrente no seio das escolas, em particular, nas aulas de português, o que tem gerado uma postura polarizada e, por vezes, preconceituosa.

Como salienta Marcuschi (1998), os gramáticos ao priorizarem a escrita sobre a oralidade, imaginam a fala como o lugar do erro, incorrendo no equívoco de confundir a língua com a gramática codificada.

Biber (1995) afirma que em termos de desenvolvimento humano, a fala é o *status* primário, pois culturalmente os homens aprenderam a falar muito antes mesmo de escrever e, individualmente, as crianças aprendem a falar antes de ler e escrever. Disso se pode afirmar que muitas pessoas aprenderam a falar, mas não aprenderam a ler nem escrever. Por outro lado, as culturas do mundo fazem uso da comunicação oral; mas nem todas as línguas têm um sistema de escrita, são ágrafas, daí poder afirmar que, de uma perspectiva histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente primária.

8.3 A organização da fala

A fala contém um volume considerável de elementos pragmáticos, como pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, ênfases, truncamentos etc. Diante desse conjunto de fatores, historicamente até meados de 1960, a língua falada foi considerada como o lugar do caos. Fávero et al (2005) nos ensinam que com o surgimento dos estudos do texto, o enfoque deixa de fixar-se no produto para se deslocar para o processo, deixando a linguagem de ser mera verbalização para ser observada as condições de produção de cada atividade interacional.

Estudar a língua falada implica estudar a interação, daí o recorte sob uma ótica ecolinguística, porque nos permite vislumbrar, na escrita, as atitudes dos falantes em virtude dos modos conversacionais da oralidade em seus ambientes sociais, nas redes, nos gêneros, ou seja, em todos os pontos do sistema em que a língua é observada. Dessa forma, a conversação poder ser definida como atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano, organizando suas falas em turnos que se alternam sem disposição fixa, o que nos permite posicionar os enquadres da conversação sob a posição dos falantes em relação às simetrias ou assimetrias.

Para melhor situar a fala e estudar os elementos constitutivos desse evento discursivo, trago, a seguir, algumas características da oralidade que devem ser observadas e entendidas pelos professores, não somente aqueles que lecionam língua materna, mas por todos aqueles empenhados por uma educação de qualidade.

A fim de elucidar ainda mais o processo de comunicação, Fávero et alii (*op. cit*) trazem, em síntese, a constituição de alguns dos aspectos comunicativos da oralidade, os quais apresento no Quadro 3:

Quadro 9 - Aspectos comunicativos da oralidade

• <i>Situação discursiva: formal, informal;</i>
• <i>evento de fala casual, espontâneo, profissional, institucional;</i>
• <i>tema do evento: casual, prévio;</i>
• <i>objetivo do evento: nenhum, prévio;</i>
• <i>grau de preparo necessário para efetivação do evento: nenhum, pouco, muito;</i>
• <i>participantes: idade, sexo, posição social, formação, profissão, crenças etc;</i>

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• <i>relação entre os participantes: amigos, conhecidos, inimigos, desconhecidos, parentes;</i> |
| <ul style="list-style-type: none">• <i>canal utilizado para a realização do evento: face a face, telefone, rádio, televisão, internet.</i> |

Vale ressaltar que a seleção de um ou outro item dentre os elencados pelas autoras interfere nas condições de produção do texto falado, determinando a especificidade do evento discursivo.

8.4 A Escrita no contexto do letramento

Este tópico é a última parte teórica da pesquisa, e aqui o desenvolvimento com o intuito de inserir o estudo da influência da oralidade na escrita, pois entendo que estas duas instâncias discursivas fazem parte da *práxis* social.

Por que trato do letramento em uma pesquisa ecolinguística?

A Ecolinguística estuda a língua como um sistema e tendo em vista que a escrita é um subsistema com suas características próprias, é necessário perceber os modos como os falantes usuários fazem usos desses sistemas nos eventos sociais, levando-se em consideração que a escrita dos anúncios populares ocorre como processos de interação e construção dos saberes no contexto do letramento e do valor que este modo de interação tem na sociedade letrada.

Letramento e escrita são dois corolários que se interligam, porém é necessário ressaltar que a introdução da escrita não significa necessariamente a alfabetização de uma sociedade inteira, uma vez que a escrita foi controlada essencialmente por grupos reduzidos e as culturas orais existiram lado a lado com as tradições escritas dos grupos de elite (TFOUNI, 2002). Este autor afirma que as formas de raciocínio das camadas ditas analfabetas não são completamente diversas das camadas alfabetizadas, já que o letramento é um processo que penetra a sociedade independente da própria escolarização formal, conforme já vimos no tópico sobre escrita e letramento.

De uma forma elucidativa como análise das ideologias que perpassam a análise da escrita e da oralidade sob a abordagem dos estudos da cultura (não confundir com a tendência culturalista abordada anteriormente), necessário é repensar qual o papel da escrita e da oralidade nos estudos sobre letramento nos diferentes tipos de sociedades, em

que estão desenvolvidas somente práticas orais e aquelas permeadas pelas práticas orais e escritas, valorizando mais estas últimas.

Os estudos sobre letramento tocam questões de ordem social, cultural e política e nos permite responder, de uma forma sucinta, sobre esses papéis apontados no parágrafo anterior. Neste contexto, o letramento compreende tanto a leitura como a escrita, sendo a leitura uma das práticas sociais cultivada e vivenciada no dia-a-dia de uma sociedade letrada permeada e marcada por uma pluralidade dessas práticas. Como a nossa sociedade é letrada, há uma forte tendência à supervalorização da escrita, sobretudo a escrita alfabética, o que me leva a concluir que a separação do que se chama de cultura civilizada da cultura denominada pelos etnocêntricos, como cultura primitiva, surge em função da posição de supremacia das culturas com escrita e leitura ou até mesmo dos grupos que dominam a escrita dentro de uma sociedade desigualmente desenvolvida (GNERRE, 1985).

O termo letramento, segundo Kleiman (1995:15), foi usado nos meios acadêmicos com o propósito de fazer a distinção entre os estudos sobre o impacto da escrita e os estudos sobre as competências individuais no uso e na prática da escrita – a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. Para esta autora, o letramento é tido como um conjunto de práticas sociais cujos modelos específicos têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos constroem relações de identidade e poder.

No bojo das práticas sociais, é necessário fazer algumas intervenções: qual o papel desempenhado pela escrita e qual tem sido o lugar da oralidade nos eventos de letramento? A forma de raciocínio dos não letrados difere da dos letrados?

Para Soares (1999:75), o letramento é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção concebida nas práticas sociais, ou seja, no contexto social. Assim, uma pergunta se faz necessária: O que, como, quando e por que ler e escrever?

Em Kress (1982), o termo letramento é empregado com um aspecto que vai além do que simplesmente associado à leitura ou à escrita. Para ele, não se pode definir e usar o termo dissociado de um contexto ideológico, histórico e político, pois para o autor, o texto é um objeto social, cujas fronteiras não são estabelecidas linguisticamente, mas socialmente, pois são produzidos em rede de fatores culturais e sociais que se inter-relacionam e interagem.

Ao redimensionar o conceito de letramento, Street (1984) faz uma divisão sobre o tema, a fim de ampliar o conceito e os estudos sob paradigmas e modelos, do seguinte modo:

a) *Modelo Autônomo de Letramento* e o *Modelo Ideológico de Letramento* proposto por Street (1984). São modelos que se contrapõem, sendo o segundo uma proposta que surgiu da necessidade de preencher as lacunas advindas do primeiro. O *Modelo Autônomo de Letramento* trabalha com práticas de leitura e escrita separadas do contexto social, priorizando o ler e o escrever. Esse modelo contribui para a divisão entre pessoas letradas e iletradas. O conhecimento transmitido por meio dessa concepção veicula ideologias da classe dominante. Uma vez que o aluno não tem consciência crítica, as ideologias não são contestadas. Acredito que uma das ideologias mais difundidas nesse modelo é a crença cristalizada de que, se o aluno fracassa nos estudos, é por culpa pura e simplesmente dele mesmo e não do sistema, já que o letramento é de responsabilidade individual.

b) O *Modelo Ideológico de Letramento* considera os diversos usos sociais da linguagem escrita, pois trata das relações de poder nas práticas sociais e mostra que o letramento acontece fora do contexto escolar, proporcionando ao aluno interagir com as práticas em busca de mudanças. É um modelo em que o letramento é decorrente de práticas sociais e não da atividade isolada do sujeito. Assim, tanto a linguagem oral como a escrita se misturam nos diversos domínios institucionais para legitimar as relações de poder. Portanto, esse modelo propõe fazer transparecer o caráter dissimulado da ideologia para quebrar a sua hegemonia.

Barton (1994) situa o letramento na vida diária, no contexto social completo e dinâmico, no qual aspectos diferentes interagem e propõe que o *letramento funcional* influencia e é influenciado, não se podendo falar, contudo, de apenas um letramento, mas em letramentos, pois diferentes letramentos estão associados a diferentes domínios da vida em diferentes níveis e situações, sendo identificados como forma de interação entre os indivíduos. Da ideia de funcionalidade, surge o conceito de *Letramento Funcional* desenvolvido por este autor, que constitui uma atividade social permeada por práticas de letramento e eventos de letramento. As práticas são modelos comuns no uso da escrita e da leitura em que pessoas trazem seus conhecimentos culturais para a atividade. Representam a sustentação dos eventos e esses, por sua vez, representam toda sorte de atividades na vida diária em que a palavra escrita exerce um papel.

Ainda na perspectiva social do letramento, as pessoas possuem diferentes letramentos que fazem uso em diferentes domínios da vida, participam de eventos de

letramento em que leitura e escrita se juntam com fala e outros meios de comunicação, possuem também consciência, atitudes e valores com respeito a letramento e essas atitudes conduzem suas ações, encaram mudanças e estão aprendendo sobre letramento através das suas vidas.

c) O *letramento funcional* vai além do processo de aquisição de códigos como competência individual e passa a ser uma prática social, pois propicia a entrada efetiva no mundo dos letrados, ao qual as pessoas querem pertencer, incluindo redes de apoio entre as pessoas e busca o aproveitamento de oportunidades para mudança. Esse modelo de letramento pode ser aplicável no contexto da sala de aula, com o objetivo de conhecer os diversos contextos de letramento dos alunos, se eles têm consciência do papel do letramento em suas vidas ou mesmo se aprendem com ele e o que podem fazer com ele.

Na ótica do *Modelo Ideológico de Letramento*, Baynham (1995:37) afirma que definir letramento é explicitar um conjunto de posicionamentos ideológicos relacionados, não apenas no letramento ele mesmo, mas onde o letramento se encaixa na vida social, bem como no seu papel na construção dessa vida social, daí a necessidade de situar o contexto, sem o qual, a linguagem e o letramento são vazios de significados quando fora do contexto, daí o autor defender uma abordagem crítica, ou letramento crítico, na qual mostra que a aquisição e o uso do letramento só podem ser entendidos se levar em conta a influência do contexto. Nessa perspectiva, não se aceita o *status* natural das instituições e dos discursos dominantes, questiona-os. O modelo ideológico assemelha-se a essa abordagem, porque, além de enfatizar os propósitos sociais e o contexto, não os toma como dados, mas sujeitos à análises críticas, como parte do processo educacional.

A questão da escrita tem de ser tratada sob o enfoque do letramento, que a vê como o produto de práticas sociais de escrita de determinada cultura nos diferentes domínios da vida.

Barton (1994) menciona diferentes tipos de letramento e, a condição de ser “letrado” cabe ao indivíduo que é capaz de se comunicar satisfatoriamente por meio da oralidade, da escrita ou de imagens, nos diferentes contextos e domínios culturais. Dessa forma, toda prática de escrita a ser ensinada deverá vincular-se a determinado evento que, por sua vez, terá de refletir determinada prática social de escrita, restritiva em cada cultura (VIEIRA, 2003).

9 ANÁLISE DOS DADOS

O Distrito Federal é uma ilha em relação à realidade social do Brasil. Como tal, encontra-se separado da realidade nacional. Apresenta maior Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, conforme o Atlas do Desenvolvimento Humano 2013³⁵. Em dois indicadores (renda e longevidade), o Distrito Federal registra índices considerados muito altos de desenvolvimento humano. O DF registrou, em 2010, IDHM geral de 0,824 (muito alto); 0,863 no indicador renda, 0,742, no de educação (alto) e 0,873 no de longevidade. Entretanto, apesar de todo esforço, a nossa realidade ainda é bem distante da ideal. Temos, de um lado, um polo de cidades retratando a qualidade de vida, a educação e a economia para o DF, e de outro, bolsões rurbanos com a desigualdade, o analfabetismo e a falta de saneamento como resultado de atividades eleitoreiras e da má concentração de renda neste país. Isso tudo reflete na mobilidade urbana, no planejamento do espaço, na ocupação do território e no uso da língua.

Se por um lado, temos a diversidade linguística expressando a identidade das comunidades de fala, por outro, temos a escolarização que traz certa uniformidade ao tipo de variedade que se usa na escrita: a variedade estatal, urbana e que segue um tipo padrão específico de características eleitas para esse código. Nesse sentido, tudo o que foge desse dito “padrão”, é avaliado como menor, mal feito, coisa de gente sem educação e subdesenvolvida. Apesar da tentativa dos pretensos defensores da língua em estatizá-la, como se isso fosse possível, a realidade está aí para nos provar que a diversidade nos prova o contrário. As diferenças dialetais estão por toda parte, ganhando força, revelando que fala e escrita convivem mutuamente quando a segunda ganha força com base na primeira, quando os escreventes, sem ter o domínio da variedade oficial, formulam hipótese de escrita a partir do seu modo de falar, ouvir e avaliar os sons.

³⁵ O Atlas do Desenvolvimento Humano Brasil 2013 foi divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – Pnud. O estudo é dividido em três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano, Disponível em: <www.atlasbrasil.org.br>. Acesso em dez. 2014.

O pesquisador não reside em Ceilândia, mas exerce atividade laboral nessa cidade desde 1994 e, como professor, já realizou inúmeras pesquisas sobre a fala do povo nas comunidades dessa cidade. Não só tem escutado com atenção os dialetos que se falam na cidade, bem como já observou, em trabalhos anteriores, que essas falas são registradas por alunos do Ensino Médio. O perfil dos jovens ceilandenses é o de filhos de nordestinos, em sua grande maioria, cujo *background* é o de migrantes falantes de dialetos rurais ou semirurais. Predomina na fala do povo da cidade um dialeto candango de traços contínuos, mas quando se trata da escrita, outras realidades vão se descortinando. Estudar as questões linguísticas que se relacionassem aos movimentos migratórios no DF sempre foi um ponto importante para as pesquisas linguísticas. Começar por Ceilândia, lugar fora das sedes do Governo Federal e local, é uma tentativa de direcionar o olhar para além das questões etnocêntricas que poderiam eleger a Capital Federal como centro. Aqui, Ceilândia é o centro.

Nessa perspectiva de como o lugar se insere nos estudos da ecologia linguística é que procuramos analisar os fatos. Fatos do povo, das pessoas humildes e desprivilegiadas, que mesmo não dominando a variedade estatal, fazem usos de muitas práticas de letramento e necessitam da escrita como forma de perpetuação da existência. Quando essas pessoas não dominam os códigos urbanos considerado de prestígio, fazem seus escritos com base na diversidade dialetal mais proeminente naquele grupo ou de maior destaque em sua rede de relações sociais. O que se encontra na escrita também é percebido na fala de pessoas de diferentes idades, bastam algumas análises atentas das práticas discursivas orais e uma escuta diferenciada para se perceber que a escrita oralizada existe e tem razão de ser.

Esta tese nasceu da vontade de perceber como as classes populares letradas pouco ou não alfabetizadas escrevem. Suas práticas de letramento são intensas e estão em toda parte. Fazem parte da poluição visual urbana e se integram ao cotidiano como modo de expressão, sobrevivência, identidade, economia, relações pessoais, busca por condições melhores de vida e, por fim, como expressão de fé. Aqui, a ideia não era buscar uma autoria de quem escreveu, ou examinar as características sociolinguísticas da pessoa ou grupo em particular. Nesse sentido, diversas pesquisas já realizaram trabalhos com a identificação das variedades linguísticas a partir do estudo feito como alunos, redações escolares/vestibular, comunidades de fala e de prática. Em todas elas, há sempre a identificação do escrevente e suas peculiaridades.

Entretanto, a realização de uma pesquisa ecolinguística voltada para a análise da escrita da comunicação popular apresenta muitas dificuldades, como a falta de material sobre o assunto, carência de bibliografia sobre placas e anúncios populares e estudos que não enxerguem o problema apenas e estritamente sob ponto de vista escolar ou da alfabetização. Acrescenta-se a isso, a avaliação que as classes letradas e alfabetizadas fazem desse material em virtude de uma crença generalizada de que o povo é analfabeto, escreve mal, leem mal e suas escritas são avaliadas sob a ótica do estigma. Sob essa ótica não é preciso estudar “erros de português” e se o fizermos, é para não cometermos. Há uma realidade presente que é o apagamento das marcas de escrita fonológica, como podemos ver estampados em praticamente todos os anúncios nos comércios da cidade. O uso generalizado de escrituras realizadas por empresas especializadas em faixas, banners, cartões, letreiros e diversos materiais impressos termina por dificultar a visão ecológica dos fenômenos da oralidade. Quer seja nas gráficas e copiadoras, quer seja nas residências, a avaliação ortográfica do material digitado fica por conta de programas especiais e corretores de texto do computador, o que uniformiza a escrita, camufla as marcas da variedade dialetal do escrevente e neutraliza a realidade linguística da comunidade.

Aqui neste trabalho, não avaliamos a escrita sob a ótica do erro nem do um português dito padrão, ainda mais porque tais conceitos são incompatíveis com uma proposta ecossistêmica. Nesse sentido, procurar material com escrita vernacular (que não seja redação de alunos em uma determinada escola) não foi tarefa fácil, haja vista que o grande número de placas e anúncios em toda parte polui o ambiente e muitas vezes prejudica a percepção da comunicação popular escrita oralizada.

O caminho trilhado apontou um desafio teórico-metodológico de esforço considerável, como conciliar a postura libertadora de análise aos escritos do povo, levando-se em consideração o respeito ao escrevente e ao lugar onde se insere esses escritos, sem deixá-la assumir um caráter meramente avaliativo. O objetivo foi revelar a configuração do contato de línguas no território estudado, levando-se em consideração os diversos fenômenos que a língua, como um sistema, apresenta. Deixou-se de pesquisar outros traços gramaticais evidentes como concordância, sintaxe, morfologia e semântica, por exemplo, pois a eleição de aspectos da fonologia como recorte ocorreu pela necessidade em especificar os fenômenos e porque não seria possível, neste trabalho acadêmico, abarcar todos os fatos da língua.

A seguir, examinaremos os dados, aqui reunidos em tabela para maior visualização dos fenômenos e discussão do Português do Brasil, a partir da frequência em que ocorrem

e como ocorrem. Os dados são sistematizados por ordem de ocorrência em cada cidade, de acordo com o contínuo de urbanização, rural e urbano, dividido em traços graduais e descontínuos.

De acordo com Carnevalli (1990), as mudanças fonéticas que uma língua sofre no transcorrer da evolução sócio-histórica da língua ocorrem em função da variação às quais se acrescenta, suprime-se, permuta-se ou transpõem-se fonemas às palavras. Esses fenômenos acontecem porque há uma alteração provocada numa sequência de fonemas ou grafemas que se integram na unidade imediatamente superior, que é a palavra. Dessa forma, classificamos essas ocorrências, conforme as alterações especificadas na Metodologia, como a supressão, permuta, transposição e transformação. Essas mudanças têm profunda relação com os fatores sociais, históricos e fazem parte das diversas cadeiras de relações sociais, as redes, que alimentam o ecossistema da língua. São oriundas do contato de línguas/dialetos, sofrem diversas influências, refletem o resultado dos movimentos migratórios e podem ser analisados sob a perspectiva ecolinguística.

O *corpus* do trabalho constitui-se de 18 fenômenos fonético-fonológico fortemente correlacionado às características sociolinguísticas dos falantes. A ecologia dos dados foi coletada em 2.785 ocorrências a partir de 383 palavras encontradas nas mensagens populares nos mais diversos pontos de Ceilândia e Sol Nascente. Como já foi dito antes, Taguatinga e Plano Piloto (constituídos pelas Asas Sul e Norte, Lagos Sul e Norte, Sudoeste, Noroeste, Acampamento Telebrasília e Vila Planalto) entraram na amostra para comparar os dados da cidade pesquisada com outras regiões mais populosas e relevantes economicamente.

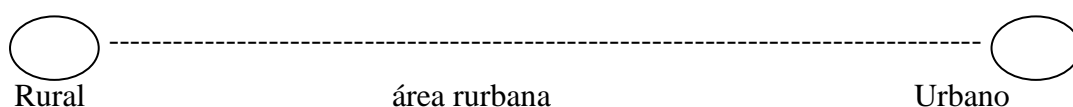
Para a análise dos dados, foram considerados os estudos de fala/escrita na perspectiva do contínuo rural-urbano de Ricardo-Bortoni (1985) para avaliarmos o tipo de escrita realizada e contextualizá-la de acordo com características sociolinguísticas dos diversos dialetos do PB. Outro ponto chave é a caracterização dessas escritas de acordo com as questões dialetais avaliadas em traços graduais ou descontínuos. Essa amplitude de análise nos permite fazer diversas reflexões ecolinguísticas da escrita e construir tabelas que retratassem a realidade ecológica dos fenômenos encontrados e classificá-los, conforme iam sendo encontrados e coletados. O trabalho exigiu pesquisa de campo, diversas visitas aos lugares examinados e muitas reflexões dos dados. Inferências serviram como base de apoio à análise, com o cuidado máximo de não cair em ciladas como generalizações viciadas e silogismos falaciosos. Também desconsideramos questões sobre alfabetização (esse aspecto é muito importante, mas ficou de fora da pesquisa), domínio do

código escrito e das regras ortográficas e pobreza, porque muitos dados produzidos sob esse viés rotulam pessoas, comunidades e a dignidade da pessoa humana. O estudo pode até servir para essas questões essenciais, porém, o intuito é discutir o sistema da língua, sua regularidade e suas características relacionadas aos usuários, dentro de um espaço geográfico determinado.

9.1 - Categorias analíticas

Nesta seção, passaremos a apresentar os fenômenos que constituem a categoria analítica desse trabalho, apresentando uma discussão dos conceitos relacionados aos fenômenos da língua, aos dados coletados e às questões socioambientais da comunidade de fala pesquisada. As tabelas completas sobre os fenômenos e respectivas análises encontram-se anexadas ao final da Tese.

Vale ressaltar que o contínuo de urbanização é assim representado:



Nas tabelas seguintes, podemos perceber como os falantes fazem uso do sistema da língua, mesmo não dominando todas as variedades da língua materna.

Para a leitura da tabela, usamos os seguintes referenciais:

- N° - número de palavras por fenômeno;
- Escrita fonológica – representa a palavra com o fenômeno;
- Escrita ortográfica – apresenta a escrita de acordo com a variedade estatal representada pela ortografia oficial;
- N° Oco. – representa o número de palavras que a palavra com o fenômeno aparece em cada localidade pesquisada;
- Ceil – Ceilândia, representada pelos bairros Ceilândia Centro, Norte, Sul, P. Sul, P. Norte, Guariroba; Setor O, Expansão do Setor O, QNQ, QNR e Condomínio Privê;
- SHSN – Setor Habitacional Sol Nascente e Setor Habitacional Por do Sol (SHPS);
- Tag. – Taguatinga

- P.P – Plano Piloto
- Grad. – traço gradual;
- Desc. – traço descontínuo.

O Setor Sol Nascente é aqui representado pela unidade de territórios formados pelos Condomínios SHSN e SHPS. A escolha desses espaços se deu pelo fato de tais condomínios serem considerados por suas especificidades que os distinguem do restante de Ceilândia. Com suas histórias recentes de ocupação desordenada do espaço urbano, com os aspectos sociodemográficos e sociais da população, a composição de seu ecossistema é marcada pela migração essencialmente de pessoas de origem rural e porque esses condomínios apresentam características específicas de ocupação e organização do ambiente urbano que os diferem do complexo formado Taguatinga-Ceilândia-Samambaia.

Assim, eleitas as categorias analíticas, começaremos por aspectos linguísticos que se relacionam com aspectos do povo (população) e do território. Vejamos os dados:

9.2 Fenômenos por Acréscimo

9.2.1 Prótese

Escrita fonológica.	Escrita Ortográfica.	Nº Ocor...
Annual	Anual	02
Inmovel	Imóvel	06
Adverti	Divertir	06
Adispois	Depois	01
Aduado	Doado	01
Apreparado	Preparado	01
Alembra	Lembrar	10
Arpreparu	Preparo	09
Adiversão/ adeversão	Diversão	07
amostrano	Mostrando	09
Avuou/avuo	Voou	01
Arruido	Ruído	14
Inlembro	Lembro	01
Andivogacia	Advocacia	01
Atrevessia	Travessia	20
inscova	escova	01
Afexado	Fechado	14
Amorava	Morava	01
Aprotegi	Proteger	14
Invinha	Vinha	01

Aprepara	Prepara	01
Asismado	Cismado	01
Inproibidio	Proibido	01
Asobi	Sobe	01
Areunirmu	Reunimos	16
Avisagi	Visagem	01
Instranho	Estranho	01
Inqual	Igual	03
Insqro	Isqueiro	06
Arrecebe	Receber	29
Incruza	Cruzar	01
Invai	Vai	06
Avoa	Voa	04
Afelpa	Felpa (farpa)	01
Acuarira	Qualira (homossexual)	01
Enquilibri	Equilíbrio	01
Indenticassão	Identificação	01
Acuma	Como	05
Adividi	Divide	04
acoitado	Coitado	01
antaum	Então	01
TOTAL:		221

O Quadro acima nos revela que ocorreram 221 casos de Prótese, de acordo com as palavras anotadas.

Nos dados abaixo, podemos ver como esse fenômeno está distribuído nos territórios pesquisados:

Cei.	SHSN	Tag.	P.P
01	01	-	-
02	03	-	01
-	6	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
-	01	-	-
02	07	01	-
01	08	-	-
01	06	-	-
02	06	-	01
-	01	-	-
02	12	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
01	18	01	-
-	01	-	-
01	13	-	-
-	01	-	-

-	14	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
02	14	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	01	01	-
01	05	-	-
05	21	02	01
-	01	-	-
01	05	-	-
01	03	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	04	-	-
-	04	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
28	170	05	03
13,6%	82,52%	2,42%	1,45%

Conforme já esclarecemos antes, a prótese é o acréscimo de algum fonema no início da palavra. Geralmente ocorre com a letra *a*, e isso é decorrente da linguagem popular e considerada inculta pelos puristas.

Segundo Amaral (1974), a prótese é comum no falar rural. Nesse sentido, Coutinho (1976) aponta casos de prótese na evolução do latim para o português, como por exemplo: *stare/estar, scribere/ escrever*.

Na tabela seguinte, podemos perceber que a escrita por prótese ocorre 13,6% em Ceilândia e 82,52% dos casos no SHSN. Nas outras duas cidades, o percentual é pouco representativo. Os dados nos revelam que grande parte das palavras encontradas apresentam traços descontínuos (85,36%) contra 14,63%, o que revela que esse tipo de escrita apresenta marca do contínuo rural (85,36%). Como já foi dito antes, esse fenômeno se apresentou no latim e acontece no PB até os dias atuais, mas localizadamente nas áreas rurais ou rurbanas, cuja organização do espaço ocorre por contingências da metropolização das grandes cidades empurrando as classes menos favorecidas para as áreas mais periféricas. Esse movimento tem direção e sentido e funciona como um vetor, dando um eixo de orientação a configuração do contato dialetal e das atitudes linguísticas. Entretanto, o SHSN não é propriamente urbano e tampouco é rural. É rurano.

Na configuração das redes sociais de relações, seus moradores trabalham em outras cidades marcadamente urbanas e sofrem influência da fala e da escrita desses lugares, sobretudo, da expressão em massa do letramento social. E nisso há um reflexo: que os traços rurais da fala dessas comunidades estão passando por processo de difusão dialetal.

No caso da Prótese ou adição de um fonema no início da palavra, conforme o percentual já indicado, esse traço revela alto índice de descontinuidade. Pelas características de estigmatização das variedades rurais, os falantes apresentam essa característica em suas falas/escritas, ou seja, ao terem contato com as variedades urbanas em suas redes sociais de tessitura complexa, tendem a focalizar suas variedades em razão de variedades diatópicas de prestígio. Entretanto, à medida que vão o dominarem o código escrito pelas vias de aprendizagem, seja na escola, sejam por situações de letramento feitas com esse tipo de escrita, os escreventes vão abandonando esse tipo de escrita dialetal e, portanto, neutralizando as marcas diatópicas de seus falares e isso ocorre ao menos na escrita.

A tabela abaixo mostra a constituição desse fenômeno na perspectiva do contínuo rural/urbano e os traços que eles recebem.

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	T. Gradual	T. Desc.
00	04	37	06	35
-	7,75%	90,24%	14,63%	85,36%

9.2.2 Epêntese

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº ocorr.
Mendingo	Mendigo	13
Traiz	Traz	08
Caxaaprego	Caixa prego	01
Adevogadio	Advogado	06
Peleija	Peleja	03
Pesicologa	Psicóloga	01
Coiridio	Corrido	01
Ademirado	Admirado	01
Ademitir	Admitir	02
Ortalia	Hortaliça	17
Bandeija	Bandeja	10
Cabeleireira	Cabeleireira	18
ogrotoixico/agrotoix/ agrotoiqo	Agrotóxico	19
Carangueijo	Caranguejo	01
Monstranu	Mostrando	01
Prerparo	Preparou	01
Inguinorante	Ignorante	01
Einxarda	Enxada	01
Cunzinha	Cozinha	01
Faizero	Fizeram	01
Nouvo	Novo	01
Neurvo	Nervo	01
Mais/maiz	Mas	27
Maize/maizi	Mais	08
Fais/faiz	Faz	14
Carcuinda/calcunda	Corcunda	02
Oitio	Oito	04
Tauba	Tábua	20
Coicica	Cócegas	01
Forgo/folgo	Fogo	09
Nois/noiz	Nós	11
Quausque	Quaisquer	02
Estrudante	Estudante	01
Parroidia	Paródia	01
Oibruru	Ombro	01
Amealsa	Ameaça	01
Terem Baum	Trêm Bão (mercado)	08
Cergunda	Segunda	01
Treize/treizi	Treze	05
Acreditarva	Acreditava	01
Forguete	Foguete	01
Merlancia	Melância	01

Pirnico	Penico	01
Largarto/largata	Lagarto	03
Total		232

Esse fenômeno apresentou 232 casos, distribuídos pelas cidades do seguinte modo:

Ceil	SHSN	Tag	P.P
04	07	01	01
02	04	01	01
01	-	-	-
01	05	-	-
01	02	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	01	-	-
04	13	-	-
02	04	01	03
06	09	02	01
02	17	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	0	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
09	15	02	01
01	07	-	-
05	07	01	01
-	02	-	-
01	03	-	-
02	18	-	-
01	-	-	-
02	07	-	-
04	05	01	01
-	02	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
-	08	-	-
-	01	-	-
-	05	-	-
-	01	-	-

-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	02	-	-
TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL
53	161	09	09
22,84%	69,4%	03,8%	3,8%

A tabela nos revela que 72,72% dos casos indicam que os dados refletem que os falantes se situam no contínuo rurbarno, mais próximo do polo rural (70,45%), o que pode ser refletido nos traços descontínuos.

C.Urb.	C. Rurb	C. Rural	Grad	Desc
Total	Total	Total	Total	Total
02	11	31	12	32
0,86	25%	70,45%	27,27%	72,72%

A Epêntese é um processo que ocorre majoritariamente no Sol Nascente, o que significa dizer que os escreventes têm pouco contato com as situações de letramento e mais de oralidade. Grande parte das marcas desse fenômeno ocorre mais por hipercorreção e por inclusão de som que faz parte do repertório linguístico da comunidade de fala de origem, como ‘oitio’, ‘tauba’, estrudante’, ‘largato’, ‘maize’ e ‘agrotioxico/agrotoix’ e outras, revelando que há mais traços descontínuos nas placas e anúncios encontrados com esse fenômeno, do que os traços graduais.

Pode-se ver também que os traços graduais (apenas 27,27%), são relativos às palavras que já são ouvidas e faladas nos espaços urbanos, como ‘ademitir’, bandeija’, ‘inguinorante’, ‘noiz/nois’, ‘einxada’.

Pessoas pouco alfabetizadas e, portanto, com baixa escolarização, tendem a escrever como ouvem e falam, mas para isso, fazem uso da pronúncia de palavras do seu dialeto e transportam para suas escritas incipientes o que elas compartilham em suas comunidades de fala. São pessoas que estão a menos de dez anos no DF e vieram para essa unidade da federação em busca de novas oportunidades. Entretanto, o alto custo de vida e os altos preços para aquisição/aluguel de imóveis empurram essas migrantes para áreas mais distantes, formando assim, ilhas de falares que ainda possuem traços primeiros da comunidade de fala de origem. Basta ver que o SHSN supera Ceilândia, Taguatinga e Plano Piloto. Essas duas cidades têm baixa representatividade porque não sofreram ainda invasão e ocupação recente ou quase recente de ocupação desordenada do solo. Somadas

os índices mais altos de escolarização e renda econômica, em tais cidades, fenômenos linguísticos que representam baixo estrato social apresentam o estigma de preconceito e, portanto, discriminação, o que concorre para o processo de Difusão Dialetal dos falantes dessas cidades mais desenvolvidas. Em Ceilândia, a escrita oralizada (22,84%) indica que tal processo já está se formando e, a depender do grau de instrução que a cidade vai adquirindo, traços descontínuos ficam mais restritos a fala não monitorada e mesmo assim, isso vai depender do evento linguístico e social envolvido, em que o falante avalia, pela competência comunicativa, qual variedade é mais apropriada para o contexto.

9.2.3 Paragoge

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº ocorr
Peçoale	Pessoal	01
Male	Mal	01
Raize	Raiz	01
Total		03

Com esse fenômeno, encontramos apenas 03 casos.

Na análise, podemos ver que os dados encontrados revelam que 100% dos casos são descontínuos. Entretanto, o número reduzido desse fenômeno indica que esse fenômeno sofre difusão dialetal. A presença do preenchimento da lateral /l/ ocorre em função da canonização da sílaba canônica CV, característica dos dialetos rurais, em particular da forma singular ‘raize’. O contexto do conteúdo em que se encontrava a palavra é da forma singular e não plural – raízes. Outro ponto que se pode inferir é fato de que a lateralização preenchida [le] faz parte de variedades diageracionais encontradas na fala de pessoas idosas ou de dialetos sulistas. Os fatos só ocorrem no Sol Nascente e nenhuma das outras cidades.

Ceil.	SHSN	Tag	P.P
-	01	-	-
-	01	-	-

-	01	-	-
-	03	-	-
Total	Total	Total	Total
-	100%	-	-

Veremos agora como esses traços descontínuos se distribuem na tabela.

C. Urb.	C. Rurb	C. Rur.	Grad.	Desc.
-	-	03	-	03
Total	Total	Total	Total	Total
-	-	100%	-	100%

Esses dados mostram pouca ocorrência e como apresentam uma taxa alta de descontinuidade na escrita, sofrem baixa frequência de realização nos anúncios. As palavras observadas na amostram referem-se à fala de pessoas de outras regiões do Brasil, exceto a palavra ‘raize’ que é um dialeto rural encontrado também na Região Sudoeste e Centro Oeste. No Nordeste e no Sul, a variedade aponta que se trata de pessoas mais velhas, conforme já expusemos e que ainda mantêm esses traços dialetais no DF, apesar desse fonema /l/ se despalatalizar para /u/ e não sendo preenchida a sílaba canônica CV.

9.2.4. Suarabácti

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
Apito	Apto	02
Piseudo	Pseudo	01
Adapitado	Adaptado	01
Advogado	Advogado	07
Paricero	Parceiro	04
Ritimo	Ritmo	01
Pisicoítica	Psicótica	01
Pobema	Problema	02

Total**19**

Aqui, o número total de casos é 19. Vejamos como eles estão distribuídos pelas cidades pesquisadas. Esse fenômeno ocorreu em maior proporção em Ceilândia (52,63%), cujo índice de alfabetização é maior que em SHSN, que por sua vez apresenta 36,84% das ocorrências. Já em Taguatinga, 10,52%, indica que esses traços pouco ocorrem ou desaparecem ao longo da constituição da cidade. O lugar onde foram encontradas as ocorrências (2), no Acampamento 25 de Março (lugar de invasão às margens da estrada que vai para Brazlândia), as palavras ‘apito’ e ‘advogado’ são graduais e não são perceptíveis sem uma avaliação mais atenta.

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
01	-	01	-
01	-	-	-
-	01	-	-
04	02	01	-
02	02	-	-
01	-	-	-
-	01	-	-
01	01	-	-
10	07	02	-
Total	Total	Total	Total
52,63%	36,84%	10,52%	-

“Pela leitura do Quadro acima, podemos ver que a escrita ocorre em virtude da escuta que esses falantes fazem, ao preencherem a sílaba em ‘ritimo’ e ‘psicoitica’ e desfazer a coda em ‘pobema”. Entretanto, em ‘psicoitica’, o valor descontínuo está mais no aférese do que na suarabacti, pois essa fala rural é tida como estigmatizada e não ocorre mais nos centros urbanos, a não ser por novos moradores oriundos de zonas mais rurais ou semirurais, como é o caso do Sol Nascente. Em Ceilândia, A suarabacti teve maior número de ocorrências e sua escrita revela que o perfil social das pessoas que escreveram palavras com esse fenômeno é de origem semianalfabeta e provavelmente egressa de zonas mais afastadas das grandes metrópoles.

A Suarabacti (tabela 13) ocorreu em 50% dos casos, tanto indicando traços graduais como descontínuos. A tabela analítica desse fenômeno revela que Ceilândia é onde

apresenta a maior parte do fenômeno (52,63%), enquanto SHSN ocorreu 36,84%, já em Taguatinga 10,52%.

Na análise do contínuo rural-urbano/graduais-descontínuos, foram revelados os seguintes dados:

C. Urb.	C. Rurb	C. Rur.	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	04	04	04	04
-	50%	50%	50%	50%

Das oito ocorrências desse fenômeno, 50% são representados por preenchimento da sílaba canônica como ‘adevogado’, ‘adapitado’, ‘pariceiro’ e ritimo’ e pertencem ao contínuo rurbarno, mais precisamente mais a direita do polo urbano. São palavras, que quando pronunciadas, geralmente não são percebidas. O item ‘pareceiro’ é lexicalizado no dialeto nordestino, significando irmão, parceiro e companheiro de trabalho/escola.

O restante é representado por traços rurais e, por isso, tais palavras são consideradas possuidoras de traços descontínuos e recebem avaliação negativa quando inseridos mais à direita do polo urbano.

9.3 Fenômenos por Supressão

9.3.1 Aférese

Escrita fonológica.	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
Inda	Ainda	01
Trapaia	Atrapalha	14
Judante/juda	Ajudante/ajuda	09
Manhecendo	Amanhecendo	01
Guenta	Aguenta	08
Jueiava	Ajoelhava	01
Posentei	Aposentei	01
Biservadu	Observado	01

Manhecido	Amanhecido	01
Rãca	Arranca	01
Cabo	Acabou	10
Devogado	Advogado	03
Propiado	Apropriado	21
Madurecido	Amadurecido	04
Sãiado	Assanhado	01
Bulança	Ambulância	01
Voluiu	Evoluiu	01
Sende	Acender	01
Luminação	Iluminação	01
Qrdita	Acredita	01
Guinoranti	Ignorante	01
Valio	Avaliou	01
Juei/jueio	Ajoelho	02
Valideis	Invalidez	01
Roxado/rochado	Arrochado	06
Percata	Alpercata	02
Redar o pé	Arredar o pé	01
Perrei	Aperreio	01
Renga	Arenga	01
Periado	Aperriado	01
Zucrina	Azucrina	01
Ribado	Arribado	01
Bestaiado	Abestado	01
Duicido	Adoecido	01
Madruce	Amadurecer	01
Mamentação	Amamentação	04
Sidentatu/cidente	Acidentado/acidente	03
Ranhau	Arranhão	01
Qerditada	Acreditada	06
Cumpaei	Acompanhei	01
Cunpuntura	Acupuntura	01
Bacaxi	Abacaxi	01
Bacate	Abacate	01
Basteça	Abasteça	01
Ranquei	Arranquei	01
Total		124

Dos 124 casos encontrados, a aférese tem mais incidência no Sol Nascente (67,0%) do em Ceilândia (26,61%), Taguatinga (4,83%) e Plano Piloto (1,615). Por tratar-se de variedade dialetal de pouco prestígio no meio letrado, esse tipo de fenômeno de origem rural vai se diluindo (difusão dialetal) nos grandes centros e focalizando nas periferias que ainda não passaram por processos de estatização escolar, ou seja, ensino do dialeto estatal pelas instituições de ensino. Em Taguatinga, os casos encontrados foram registrados em

Vicente Pires (Vila São José) e Acampamento Vinte e Cinco de Março, lugares esses que são periferias nessa cidade. Em outras partes da cidade, não foi possível fazer alguma inferência das marcas da oralidade na escrita contida nos letreiros e faixas, apesar do grande número de formas de comunicação popular. Como já dissemos antes, com a ajuda do computador e de empresas especializadas em faixas, o material utilizado não é o resultado de uma expressão popular propriamente dita, mas fruto de gráficas e corretores de textos, o que dificulta encontrar registros de escrita oralizada.

No Plano Piloto, apesar da baixíssima incidência, os dois casos encontrados foram registrados no Setor Noroeste – ‘judante’ e ‘cabo’ (da forma conjugada ‘acabou’), encontrada na Vila Planalto.

A seguir, veremos como esses dados estão distribuídos nas localidades pesquisadas:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
01	-	-	-
06	08	-	-
02	05	01	01
-	01	-	-
03	03	02	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
03	05	01	01
-	03	-	-
06	14	01	-
01	03	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
-	02	-	-
-	01	-	-
01	05	-	-
01	01	-	-
-	-	01	-
-	01	-	-
-	01	-	-

01	-	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
01	-	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	03	-	-
-	03	-	-
-	01	-	-
01	05	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	-	-	-
-	01	-	-
33	83	06	02
Total	Total	Total	Total
26,61%	67,0%	4,83%	1,61%

Já vimos que o fenômeno ocorre como queda de fonema em início de palavras, assim como outros fenômenos que estão nas palavras encontradas. São traços descontínuos numa ocorrência de 80% e se localizam no espaço rural. Muitos fenômenos como desfazimento de proparoxítonas como em ‘xicra’ e numo (número) e rotacismos como em ‘pobrema’ e outras reduções são percebidos como variações estigmatizadas em sua grande maioria.

Vejam agora, como eles estão organizados pelos contínuos e os traços graduais e descontínuos.

C.Urb.	C. Rurb.	C. Rur.	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	09%	36%	09%	36%
-	20%	90%	20%	80%

O alto percentual dessa forma estigmatizada de fala/escrita ocorre justamente na área mais periférica, o SHSN. Apesar dos 80% indicados, é possível que essa forma, ao sofrer difusão, passa para o contínuo rural e se torne um traço gradual. Ao que tudo indica, é o que já está em curso ou mudança, tendo em vista que 20% desse total tende a aumentar com as taxas crescentes de alfabetização e letramento da cidade. Isso pode ser sentido em Ceilândia, quando os anúncios encontrados somam apenas 26,61% dos casos,

porque nessa cidade, a taxa de escolarização vem aumentando a cada três anos, conforme se podem verificar nos PDAD anteriores a 2013.

9.3.2 Síncope

Escrita fonológica	Escrita ortográfica	Nº Ocorr.
Oimbus/õibus	Ônibus	24
Poque/pruque	Porque	11
Pra	Para	126
Tamem	Também	17
Memo	Mesmo	14
Cidera	Cidreira	03
Cupadi	Compadre	09
Cuatuents/ Coatucento	Quatrocentos	06
Rosera	Roseira	12
Cosca	Cócegas	03
Denalina	Adrenalina	01
Xicra	Xícara	08
Propietario	Proprietário	14
Xácra/chacra	Chácara	49
Pobrema	Problema	16
Vibra	Víbora	11
Abobra/abóbra	Abóbora	49
Pobesa/pobreza	Pobreza	03
Avicutura	Avicultura	17
Oclos/oclus	Óculos	11
Cumpida	Comprida	02
Lãpa/lampa	Lâmpada	21
Brasileiro	Brasileiro	42
Agrotoxo/grotocs	Agrotóxico	29
Marmoaria	Marmoraria	05
Quejadina/quejadinia	Queijadinha	03
Contrato	Contralto	02
Sabo/sabu	Sábado	10
Mazena	Maisena	02
Coméa	Colmeia	09
Sabo/sabro/	Saibro	12
Sabroza	Saibrosa	19
Nivana	Nirvana (conj. Musical)	01
Numru	Número	05
Numo	Número	03
Troxa	Trouxa	47

Musca/musga	Música	08
Faxa	Faixa	19
Otista/otismu	Autista/autismo	04
Deposu	Depósito	02
Bebu	Bêbado	09
Foigo	Fôlego	04
Ingo	Igual	03
Operaru	Operário	17
Baço	Braço	01
Lavaderia	Lavanderia	03
Cadado	Cadeado	02
Caderada	Cauderada	05
Ardea	Aldeia	01
Banderanti	Bandeirante	05
Afazema	Alfazema	03
Aface	Alface	10
Pobizin	Pobrezinho	02
Fedgoso	Fedegoso	01
Amaga	Amarga	06
Picisa	Precisa	02
Vasora/basora	Vassoura	07
Viba/biba/vibra	Víbora	11
Vespra	Véspera	04
Piula	Pílula	09
Prinspe	Príncipe	09
Catóico/catói	Católico	05
Relampu	Relâmpago	10
Estomo/estrobu	Estômago	17
Vávula	Válvula	03
Total		798

Esse fenômeno é o mais produtivo em relação aos outros aqui estudados. São 798 casos, e revelam alta taxa de variação diatópica, com marcas de um português mais arcaico. Não somente proparoxítonas são reduzidas, tendência do dialeto caipira, mas há formas rurbanas convivendo com aquelas consideradas rurais. A síncope em ‘oimbus’, ‘lâmpa’, ‘pobrema’, ‘xicra’, ‘denalina’, ‘estomo/estrobu’, ‘sabo’, ‘catóico’ e ‘otista’ por exemplo, revelam fortes marcas de ruralidade e, portanto, traços descontínuos. Nesse sentido, a literatura que apresenta essas palavras ou tais estruturas como marcas do dialeto caipira são vastas. Palavras que foram escritas apenas representando o som, como ‘oclus’, como se falassem ‘óculos’, ‘numru’, referindo-se à ‘óculos’, ‘número’ e ‘xácrá’, por exemplo, têm razão de ser na fonética, ou seja, na pronúncia das palavras com o

apagamento da sequência de sílabas CV- CV, passando, provavelmente por economia, a CVC.

Dos 798 casos encontrados, veremos agora como eles estão distribuídos pelas cidades investigadas.

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
01	23	-	-
03	07	01	-
29	69	17	11
05	08	02	02
03	08	02	01
01	02	-	-
02	07	-	-
01	05	-	-
03	07	01	01
01	02	-	-
01	-	-	-
02	06	-	-
05	07	01	01
19	27	02	01
02	14	-	-
03	07	01	-
13	24	07	05
01	02	-	-
05	12	-	-
08	03	-	-
-	02	-	-
07	09	04	01
11	23	05	03
07	18	03	01
02	03	-	-
-	03	-	-
-	02	-	-
-	10	-	-
-	02	-	-
03	05	01	-
04	07	01	-
07	09	02	01
01	-	-	-
-	05	-	-
01	02	-	-
11	21	06	09
01	06	01	-
06	10	01	02
01	03	-	-

-	02	-	-
02	07	-	-
01	03	-	-
01	02	-	-
06	08	02	01
-	01	-	-
-	03	-	-
01	01	-	-
01	04	-	-
-	01	-	-
02	02	-	01
01	02	-	-
04	05	01	-
-	02	-	-
01	-	-	-
03	03	-	-
-	02	-	-
02	02	02	01
03	07	01	-
01	03	-	-
03	05	01	-
03	04	01	01
01	04	-	-
03	07	-	-
07	10	-	-
-	03	-	-
Total	Total	Total	Total
216	493	66	43
27,06%	59,27%	8,27%	5,38%

A distribuição dos dados nos revela que o SHSN ainda detém grande parte das ocorrências (59,27%), seguida de Ceilândia (27,06%), Taguatinga (8,27%) e Plano Piloto (5,38). O fenômeno ainda está focalizado na periferia da periferia, mas como ocorre no restante de Ceilândia, é provável que esteja em processo de difusão dialetal, pois seus traços de descontinuidade ainda são muito altos, ou seja, 66,15% contra 33,84% dos traços graduais. As formas ‘pra’, tamém’ (que passa pelo processo de assimilação³⁶),

³⁶ De acordo com Mollica e Mattos (1989), **Assimilação** é a transformação fonética que ocorre quando, por causa da proximidade de dois sons, um deles afeta o outro de tal modo que o torna idêntico ou muito parecido a si. Assim, o segmento *rs* da palavra *persona* transformou-se em *s*, grafado *ss*, em *pessoa*. Dizemos então que o *r* se assimilou (se assemelhou) ao *s*. Também se entende como a modificação de um som por influência do som vizinho que com ele passa a partilhar traços articulatórios (i.e. torna-o foneticamente parecido ou igual a ele). Esta é uma mudança sintagmática, assim chamada por ocorrer entre elementos de uma cadeia sintagmática (sons articulados sucessivamente na pronúncia das palavras).

‘cuatuents’, ‘rosera’, ‘cosca’, ‘abobra’, ‘proprietário’, ‘avicultura’, ‘brasileiro’ e demais encontras na Tabela 16, indicam que 38% dos dados são rurbanos e se encontram nos mais diferentes pontos do contínuo de urbanização.

Na distribuição desses dados, de acordo os traços característicos desse fenômeno, os traços descontínuos seguem a linha da difusão dialetal, conforme já ocorreu com Brasília, no início de sua construção, em Taguatinga, na formação da cidade e muito antes, nas transformações do latim vulgar para as línguas românicas.

C. Urb.	C. Rurb	C. Rur.	Gra.	Desc.
-	22	43	22	43
-	33,84%	66,15%	33,84%	66,15%

9.3.3 Síncope por redução da marca morfêmica do gerúndio - nd para - n

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
Trabaiano	Trabalhando	09
Escreveno	Escrevendo	26
Grafitano	Grafitando	11
Adoeceno	Adoecendo	04
Correno	Correndo	12
Aumentano	Aumentando	05
Esperano	Esperando	13
Catano	Catando	07
Sentino	Sentindo	09
Jogano	Jogando	14
Estufano	Estufando	03
Alugano	Alugando	14
Total		127

Na síncope com redução de gerúndio, os 100 dados encontrados não é um fenômeno apenas do SHSN e Ceilândia, ocorre em todas as regiões do Brasil. Nos meios de comunicação de massa, ouve-se o bordão “eu to pagano...”, ou na fala de pessoas com alta escolaridade quando não estão se monitorando, o que reflete que essa perda de –nd

para –n está em processo de difusão e são encontrados em todos os polos do contínuo rural-urbano.

Na análise da distribuição dos dados, diferentemente dos outros fenômenos, mesmo áreas onde apresentam maior concentração de renda, status e escolarização, o percentual aumentou, conforme se pode perceber no Quadro abaixo:

Nº Ocorr.	Cei.	SHSN	Tag.	P.P
09	02	07	-	-
26	07	10	04	05
11	03	04	02	02
04	01	02	01	-
12	03	05	02	02
05	03	02	-	-
13	06	02	03	02
07	01	06	-	-
09	02	02	03	02
14	05	06	02	01
03	01	02	-	-
14	05	05	04	-
Total	Total	Total	Total	Total
127	39	53	21	14
100%	30,70%	41,73%	16,53%	11,02%

Aqui nesse item, encontramos, pela primeira vez, traços graduais mais fortes (91,68%) do que o descontínuo (8,33%), ou seja, esses casos foram registrados conforme o povo fala e já não são mais percebidos, pois se encontram disseminados entre os polos rural e urbano – são rurbanos.

C.Urban.	C. Rurb.	C. Rur.	Grad.	Desc.
-	11	01	11	01
-	91,66%	8,33%	91,68%	8,33%

9.3.4 - Síncope por apagamento da postônica /e/ e /i/ da penúltima sílaba

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
01	Corgu	Córrego	12
02	Ferreru	Ferreiro	03
03	Pedreru	Pedreiro	63
04	Foguera	Fogueira	19
Total			97

Esse fenômeno tem o efeito muito semelhante à redução de proparoxítonas em paroxítonas do Português do Brasil e ao processo de monotongação, muito produtivo e regular em todas as áreas do contínuo rural e urbano. A alta frequência em poucas palavras, em particular no SHSN ocorre em virtude de onde ter sido coletado esse material, ou seja, em áreas semi-rurais, muito próximas às chácaras, à mata e às nascentes, revelando que naquele espaço, a presença de atividades rurais é mais intensa, daí o léxico abarcar elementos da natureza, como ‘corgo’ > córrego e ‘foguera’ > ‘fogueira’ e atividades ocupadas por pessoas envolvidas em atividades braçais, cuja fala se encontra na área urbana, como as palavras ‘ferreru’ e ‘pedreiro’ e ‘foguera’ > fogueira.

Distribuição por cidades:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
04	06	01	01
01	02	-	-
21	34	06	02
07	09	02	01
Total	Total	Total	Total
33	51	09	04
Total	Total	Total	Total
34,02%	52,57%	9,27%	4,12%

Esses dados nos revelam que o SHSN ainda é território onde a língua se mantém focalizada por diversas razões. Não é só a falta de escolarização que deve ser levada em consideração, mas há outros elementos que concorrem para a manutenção de uma escrita oralizada, como as redes sociais de interação, conforme já vimos em outra parte do trabalho e a qualidade dos elementos ambientais que concorrem para a produção ou não de

determinadas variedades ecológicas da linguagem. O tipo de atividade laboral também é um determinante para a manutenção da escrita dialetal, como por exemplo, aquelas mais ligadas ao campo, cujo léxico representa as diversas atividades de pecuária e extrativismo, à lida direta com os animais, à plantação, etc. Conforme já foi exposto, até muito pouco tempo atrás, o Brasil ainda era essencialmente rural e isso se reflete na fala dos brasileiros, mesmo os de maior escolaridade, porque a fala de nossos ascendentes, via de regra, tem grande influência na formação da fala das gerações sucessoras. Resultado disso é o traço gradual em 100% dos casos e não causa mais estranhamento nos ouvidos das pessoas da cidade. De tão comum, que em Ceilândia encontramos 34,02%, SHSN 52,57%, Taguatinga (9,27%) e Plano Piloto (4,12%), cujos valores representam as características sociais dessas localidades.

Pela distribuição pelo espaço no contínuo, a síncope por apagamento de vogal postônica está assim distribuída pelo contínuo urbano, com traços graduais:

C.Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	04	-	04	-
Total	Total	Total	Total	Total
-	100%	-	100%	-

9.3.5 – Vocalização das consoantes /l/ >/i/ e /j/

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
Moiado	Molhado	06
Teiado	Telhado	15
Fio/fia	Filha	22
Oia/oi	Olha	07
Lia	Linha	02
Tia	Tinha	06
Uia	Unha	13
Cuié	Colher	09
Total		80

Esse fenômeno também reflete a oralidade de forma contundente, tendo em vista que a vocalização ocorre com muita frequência na fala de pessoas de origem rural, daí

percebermos que a maior presença ocorre no Sol Nascente (72,50%), seguido do Sol Nascente (26,25%) e quase raramente em Taguatinga (1,25%). No Plano Piloto, essas marcas foram abolidas, ao menos nos letreiros e anúncios populares. É bem provável que os nativos de Brasília, em particular, jovens e adolescentes já não mantenham esse tipo de fala, conforme se pode perceber na fala de grande parte de brasilienses. Nas outras cidades, esse fenômeno entrou no território em virtude da migração ou se manteve na fala de pessoas que já residiam no DF, antes de a Capital Federal ser formada.

Do total de 80 casos, vejamos como estão distribuídos os dados pelas cidades:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
03	03	-	-
01	14	-	-
09	12	01	-
-	07	-	-
-	02	-	-
01	05	-	-
06	07	-	-
01	08	-	-
Total	Total	Total	Total
21	58	01	-
26,25%	72,50%	1,25%	-

O Percentual de casos, por conseguinte, também se apresenta no contínuo da seguinte forma:

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
-	-	8	-	8
-	-	100%	-	100%

Todos os traços são descontínuos e se localizam mais à esquerda do polo rural. As palavras foram encontradas nas proximidades do Córrego das Corujas e nas margens do Condomínio Vencedor, Condomínio Gênese e Vaquejada, todos do Sol Nascente, trechos 01 e 03. Tais lugares são rurais, porém, bem próximos às áreas urbanas, onde há escola, posto de saúde e uma usina de lixo. Em Taguatinga, todas as ocorrências foram encontradas em área semiurbana, como a Vila São José, na Vicente Pires.

9.3.6 - Apócope

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
01	Beijaflo	Beija-flor	01
02	Amarra	Amarrar	03
03	Carnava	Carnaval	05
04	Subi	Subir	04
05	Busca	Buscar	02
06	Planeja	Planejar	03
07	Anzo/anzor	Anzol	02
08	Corre	Correr	03
09	Alambe	Lamber	03
10	Atira	Atirar	05
11	Intende	Entender	02
12	Versati	Versátil	13
13	Encafifa	Encafifar	02
14	Menti	Mentir	05
15	Timba	Timbar (bagunçar)	01
16	Recebe na puba	Receber na puba (a vista)	01
17	Difíce	Difícil	22
18	Incrive	Incrível	17
19	Possivi	Possível	12
20	Melho	Melhor	24
21	Maio	Maior	06
22	Vesti	Vestir	02
23	Contage	Contagem	13
24	Vaje/vage	Vagem	35
25	Sanage	Sacanagem	25
26	reportage	reportagem	11
Total:			222

A apócope é o tipo de fenômeno que já ocorre em toda a extensão do território nacional, como a perda do /r/ em verbos infinitivos e /m/ em final de sílaba. Sobre as características desse fenômeno, discutiremos mais adiante.

Os 222 casos estão distribuídos da seguinte forma:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
01	-	-	-
01	02	-	-
02	03	-	-
01	03	-	-

-	02	-	-
-	-	01	02
-	02	-	-
01	01	01	-
-	03	-	-
02	02	-	01
02	-	-	-
05	06	01	01
-	02	-	-
02	02	01	-
01	-	-	-
-	01	-	-
09	13	-	-
06	09	02	-
03	08	01	-
08	09	04	03
01	03	02	-
02	-	-	-
05	04	02	02
07	23	04	01
12	13	-	-
01	05	02	03
Total	Total	Total	Total
72	116	21	13
32,43%	52,25%	9,45%	5,85%

Como se pode ver, o SHSN ainda mantém essa marca do dialeto caipira/nordestino, seguido por Ceilândia, Taguatinga e Plano Piloto. A literatura sobre o assunto, conforme BORTONI-RICARDO (2011), nos revela que esse é um fenômeno que se expande por todo o território nacional. Por essa razão, podemos afirmar que a Vocalização das consoantes mencionadas não é propriedade apenas do dialeto caipira, mas nordestino também, sobretudo, das áreas rurais e mais distantes do polo urbano.

Os dados distribuídos nos contínuos nos revelam que esse fenômeno é predominante rural, mas também pode ser encontrado em menor escala nas áreas de fala rurbana.

C.Urb.	C. Rurb.	C. Rur.	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	18	08	18	08
-	69,23%	30,76%	69,23%	30,76%

9.4 - Fenômenos por Transposição

9.4.1 - Metátese do /r/ na mesma sílaba

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
Brabuleta	Borboleta	01
Drumi	Dormir	01
Estrupo	Estupro	14
Frevenu	Fervendo	01
Drumente	Dormente	01
Intertido	Entretido	09
Total		27

Distribuição nas cidades:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
-	01	-	-
-	01	-	-
05	09	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
03	03	02	01
08	16	02	01
Total	Total	Total	Total
30,14%	59,25%	7,49%	3,70%

Distribuição no contínuo:

C.Urb.	C. Urb.	C. Rur.	Grad.	Desc.
-	-	X	-	x
-	-	X	-	x
-	-	X	-	x
-	-	X	-	x
-	-	X	-	x
-	-	X	-	x
-	-	06	-	06
Total	Total	Total	Total	Total
		100%		100%

Esse fenômeno é bastante produtivo no Sol Nascente e Ceilândia, mas pouco ocorre nas outras áreas. São marcas de fala rural ainda muito produzidas por pessoas de baixa escolaridade que migram para áreas urbanas. Como dito antes, não é só a questão da escolaridade que está em jogo nessas produções, mas questões como ocupação laboral, atividades, redes sociais de interação e ocupação do espaço territorial (onde o falante se localiza) são bons indicadores de que esse tipo de Metátese seja mantido, ou seja, ainda esteja focalizada nos espaços de predomínio semiurbano. Isso também vale para o fenômeno a seguir, ou seja, a metátese do /r/ em sílaba diferente, que é indicado por traços descontínuos muito desprestigiados no polo urbano, mas muito comum no rural.

9.4.2 - Metátese do /r/ em sílaba diferente

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
Drobo	Dobro	03
Estrupru	Estupro	04
Preda	Pedra	04
Total		11

Distribuição dos casos nos territórios estudados:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
01	02	-	-
01	02	01	-
-	04	-	-
Total	Total	Total	Total
02	08	01	-
18,18%	72,72%	9,09%	-

Distribuição dos traços graduais e descontínuos, de acordo com o tipo de localização no contínuo:

Tç. Urb.	Tç. Rurb.	Tç. Rural	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	-	03	-	03
-	-	100%	-	100

9.5 - Fenômenos por Transformação

Os abaixo são mais comuns no Sol Nascente e Ceilândia, conforme já vimos nos outros casos e revelam que o traço descontínuo tem forte percentual em todos os casos, exceto na elevação de vogais (alçamento), tendo em vista que esse fenômeno é essencialmente gradual, já consolidado na fala rurbana mais próxima do polo urbano e, portanto, difuso ao longo do contínuo.

9.5.1 Do /k/ em /i/ - deslateralização/despalatização

Vejamos como esse fenômeno ocorre nas diversas palavras escritas em função da fala dos escreventes:

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.
Pioio/pioi	Piolho	02
Coieu	Colheu	04
Juei/joeio	Joelho	04
Bacaiau	Bacalhau	02
Caiau	Calhau	01
Gaio/gaiu	Galho	17
Vermeio	Vermelho	10
Mio/mi/mii	Milho	14
Maraviosu	Maravilhoso	05
Aio/ai	Alho	07
Espontaio/espanta	Espantalho	03
Carai, véi	Caralho, velho	09
Brii/briu/brio	Bilho	03
Fii/fio/fia	Filho/filha	03
Moiado	Molhado	03
Espei	Espelho	02
Famia	Família	14
Trabai/trabaio	Trabalho	05
Total		108

Distribuição conforme o registro desses escritos nas cidades pesquisadas:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
-	01	-	-
01	03	-	-
01	03	-	-
01	01	-	-
-	01	-	-
03	14	-	-
02	08	-	-
01	13	-	-
-	05	-	-
02	05	-	-
-	03	-	-
04	04	-	01
-	03	-	-
01	02	-	-
01	02	-	-
01	01	-	-
04	08	01	01
01	04	-	-
Total	Total	Total	Total
24	81	01	07
22,22	75,0%	0,9%	1,85%

Distribuição no contínuo rural/urbano, com os respectivos traços que caracterizam cada ocorrência de palavras escritas conforme a variedade dialetal:

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	01	03	01	03
-	5,55%	94,44%	5,55%	94,44%

9.5.2 - Nasalização de vogais

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.
Bannana	Banana	01
Indentidade	Identidade	07
Inguinorante	Ignorante	18
Conzinha	Cozinha	07
Tãajura	Tanajura	01
Ingreja	Igreja	22
Inxempro	Exemplo	01
Inscola	Escola	03
Total		60

Os 60 casos estão distribuídos da seguinte forma:

Cei.	SHSN	Tag.	P.P
-	01	-	-
02	02	02	01
07	09	02	-
02	05	-	-
-	01	-	-
09	11	01	01
-	01	-	-
01	02	-	-
Total	Total	Total	Total
21	32	05	02
35,0	53,33	8,33	3,33

Temos os dados, de acordo com as seguintes características no contínuo:

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
	03	05	03	05
	37,5%	62,5%	37,5%	62,5%

9.5.3 - Desnasalição de vogais

Os casos de desnasalização são os seguintes:

Escrita Fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.
Onti/onte	Ontem	12
Puseru	Puseram	07
Vieru	Vieram	02
Vortaru	Voltaram	03
Ome/õmi	Homem	12
Image	Imagem	39
Jove/jovi	Jovem	26
Nuve/nuvi	Nuvem	18
Vantagi	Vantagem	02
Estantanio	Instantâneo	02
Vige/virge	Virgem	05
Estrumento	Instrumento	04
Demotado	Desmontado	01
Igrediente	Ingrediente	09
Iperio	Império	03
Ipotença	Impotência	02
Imudiça	Imundícia	04
Viage/viaje	Viagem	09
Imagi	Imagem	02
Rocu	Ronco	01
Acinho	Ancinho	01
Votaru	Votaram	03
Total		167

Do total de 167 ocorrências, temos a seguinte distribuição por cidades:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
03	08	01	-
03	04	-	-
01	01	-	-
-	03	-	-
04	08	-	-
13	15	05	06
16	09	-	01
07	09	01	01
02	-	-	-
01	01	-	-
02	03	-	-
01	03	-	-
01	-	-	-
04	05	-	-
-	03	-	-
-	02	-	-
01	03	-	-
07	01	01	-
01	01	-	-
-	01	-	-
-	01	-	-
01	02	-	-
Total	Total	Total	Total
68	83	08	08
40,71%	49,70%	4,79%	4,75%

As ocorrências ficaram distribuídas no contínuo de urbanização, da seguinte forma:

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
-	16	06	16	06
-	72,72%	27,27%	72,72%	27,27%

O fenômeno foi assim distribuído nas seguintes cidades: Ceilândia apresenta 40,71% e Sol Nascente 49,70. Taguatinga e Plano Piloto ficaram empatados, ou seja, com média de 4,70 dos casos. O apagamento da consoante /m/ é uma realidade na fala rurbana do povo, como em ‘igrediente’, ‘onti’, ‘viage’, ‘votaru’, ‘puseru’, ‘vieru’, ‘image’, ‘vantagi’ e ‘estruemento’, por exemplo, indicam que desnazalização é muito produtiva e apresenta traços graduais. As outras palavras apresentam traços descontínuos desse fenômeno, como em ‘vortaru’, ‘demotado’, ‘iperio’, ‘ipotença’, ‘imudiça’ e ‘rocu’ são descontínuos também em razão de outros fenômenos que ocorrem nessas palavras, ou seja, a desnasalização quando vem desacompanhada de outros fenômenos como rotacismo e prótese ou epêntese, por exemplo, e se localiza, em particular, no fim de sílaba, ela recebe o traço gradual e, por conseguinte, se distribuem ao longo do contínuo de urbanização mais à direita. Quando somada a outros fenômenos, recebe o traço descontínuo e se localiza mais à esquerda do contínuo, próximo do polo rural.

9.5.4 - Elevação de vogais (alçamento)

Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.
Campião	Campeão	02
Chuver	Chover	10
Diliça	Delícia	15
Disfile	Desfile	02
Iscola	Escola	09
Futibou	Futebol	10
Fulia	Folia	18
Gemios	Gêmeos	01
Disqueti	Desquite	02
Puera/pueira	Poeira	27
Piriquito	Periquito	01
Priquito(a)	Periquito	12
Penti	Pente	04
Denti	Dente	03
Rudela	Rodela	12
Cibola	Cebola	08
Seti	Sete	14
Vivu	Vivo	28
Triu	Trio	01
Deli	Dele	02
Paricida/ Aparicida	Aparecida	06
Azeiti	Azeite	12

Leiti	Leite	12
Cumeu	Comeu	18
Infeiti/infeite	Enfeite	08
Tronchu	Troncho	02
Trocadu	Trocado	12
Avexadu	Avexado	03
Incafifadio	Encafifado	04
Bacurinho	Bacorinho (leitão)	03
Pirigueti	Periguete	28
Parafusu	Parafuso	22
Pequeti	Peguete	16
Coalhu	Coalho	02
Viradu no bode	Virado no bode	02
Virtido/ Vistidu	Vestido	22
Mangiricão	Manjeriçã	13
Abóbura	Abóbora	03
Total		369

Os 369 casos estão distribuídos de acordo com o Quadro abaixo:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
02	-	-	-
04	04	01	01
01	14	-	-
-	02	-	-
03	06	-	-
03	07	-	-
11	-	-	07
01	-	-	-
02	-	-	-
09	11	04	03
-	01	-	-
04	08	-	-
01	03	-	-
-	03	-	-
04	07	01	-
03	04	01	-
05	09	-	-
08	16	02	02
01	-	-	-
-	02	-	-
01	05	-	-

01	10	01	-
03	07	02	-
07	09	01	01
01	06	01	-
01	01	-	-
08	03	01	-
01	02	-	-
01	03	-	-
-	03	-	-
08	17	02	01
10	12	-	-
06	10	-	-
01	01	-	-
02	-	-	-
09	11	01	01
03	10	-	-
-	03	-	-
Total	Total	Total	Total
125	210	18	16
33,87%	56,91%	4,87%	4,33%

O contínuo de urbanização, de acordo com esse fenômeno, se apresenta da seguinte forma:

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
-	31	07	31	07
-	81,57%	18,42%	81,57%	18,42%

9.5.5 - Abaixamento de vogais pré e pós-tônicas

Encotramos as seguintes palavras:

Escrita fonológica	Escrita ortográfica	Nº Ocor.
Veve	Vive	06
Asseste	Assisti	04

Bojões	Bujões	10
Margenal	Maginal	01
Empressão	Impressão	03
Enfalive	Infalível	04
Empotença	Importência	04
Apendicite	Apendicite	02
Tuberculosa (subs)	Tuberculose	01
Femeneno	Feminino	02
Corativo	Curativo	01
Total		38

Em relação aos 38 casos de escrita oralizada estão distribuídos da seguinte forma:

Ceil.	SHSN	Tag.	P.P
04	02	-	-
-	04	-	-
04	05	01	-
-	01	-	-
01	02	-	-
01	03	-	-
01	03	-	-
-	02	-	-
-	01	-	-
-	02	-	-
-	01	-	-
Total	Total	Total	Total
11	26	01	-
28,94%	68,42%	2,63%	-

O fenômeno está distribuído no contínuo, da seguinte forma:

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	02	09	02	09
-	18,18	81,81	18,18	81,81

9.5.6 - Rotacismo

Vejam os casos de Rotacismo.

Escrita alfabética	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.
Incrusiva	Inclusiva	06
Criente	Cliente	17
Pranejamento	Planejamento	13
Ingreis	Inglês	09
Crínica	Clínica	02
Grobo	Globo	01
Prastico	Prático	03
Crube	Clube	01
Proprema	Problema	08
Framengo	Flamengo	05
Prano Piloto	Plano Piloto	01
Bicicreta	Bicicleta	04
Compreto	Completo	03
Exempro	Exemplo	03
Armoço	Almoço	02
Carculo	Cálculo	04
Vorta	Volta	01
Prantas	Plantas	06
Exprica	Explica	01
Purga	Pulga	04
Broco	Bloco	02
Total		97

Esse fenômeno se distribui do seguinte modo:

Cei.	SHNS	Tag.	P.P
02	04	-	-
06	11	-	-
05	08	-	-
01	08	-	-
-	02	-	-
-	01	-	-
-	03	-	-

-	01	-	-
03	05	-	-
01	04	-	-
-	01	-	-
01	03	-	-
01	02	-	-
-	03	-	-
-	02	-	-
02	02	-	-
-	01	-	-
01	05	-	-
-	01	-	-
01	03	-	-
-	02	-	-
Total	Total	Total	Total
24	73	-	-
24,74%	75,25%	-	-

No contínuo de urbanização, vejamos como ocorre a distribuição do fenômeno:

C. Urb.	C. Rurb.	C. Rural	Grad.	Desc.
Total	Total	Total	Total	Total
-	-	21	-	21
-	-	100%	-	100%

O Rotacismo apresenta um traço totalmente estigmatizado e se encontra majoritariamente no SHSN (75,25%) e em Ceilândia, 24,74%. Nas outras áreas não há ocorrência. A troca da /l/ por róticas é um fenômeno bastante comum na fala de pessoas de origem rural. Essas ocorrências são descontínuas, pertencem ao contínuo rural e não se apresentam como traços graduais.

9.6 - Algumas considerações a respeito do ecossistema fonológico analisado

Algumas considerações a respeito da influência da fonologia nas palavras apresentadas, tendo em vista o contexto fonológico e a produção do som. Um dos

processos inerentes à modificação da palavra por acréscimo, supressão, transposição e transformação em algum ambiente silábico ocorre por assimilação, lembrando que as palavras escritas seguem a oralidade do falante, que em grande parte das vezes, ainda não dominam a variedade estatal.

Observa-se que os processos de assimilação de um som que pode verificar-se por influência do som anterior (será uma assimilação progressiva), do som seguinte (uma assimilação regressiva), por influência simultânea dos sons anterior e seguinte (assimilação dupla) e por influência de um som não contíguo (assimilação à distância). Os contextos fonéticos (isto é, palavras concretas onde ocorrem as mudanças fonéticas) mais propícios à assimilação são os nasais, os anteriores e os intervocálicos. Em quais contextos isso acontece?

a) Contextos nasais: - Uma vogal vizinha de [m] e [n], sons que são consoantes nasais, tem tendência para deixar de ser vogal oral e passar a ser vogal nasal. Isto ocorre universalmente na história das línguas e, no caso do português, verificou-se na passagem do latim hispânico para o romance galego-português (séculos VI-VII), talvez por influência das línguas celtas que na Península se chegaram a falar. As vogais que antecederam o [n] passaram a ser vogais nasais (ex: PONTE-‘p[õ] te; LU: NA-‘l[ũ] a, NON- ‘n[õ]), pelo que se diz que foram nasalizadas por assimilação regressiva. Na época nossa contemporânea, observam-se nasalizações, já de sentido progressivo, sempre que os falantes pronunciam, na primeira sílaba da forma *muito*, um ditongo nasal e, na primeira sílaba de *mesa*, uma vogal nasal (esta última nasalização progressiva apenas ocorre dialetalmente, mas a primeira é geral em português europeu, brasileiro e africano, pelo que deve ser bastante antiga, mas não anterior ao século XVI;

b) Contextos anteriores ou palatais: - Outras assimilações podem dar-se junto de vogal anterior, tradicionalmente chamada palatal [i] ou [e], ou junto de semivogal anterior, ou palatal, [j]. Estas mudanças chamam-se palatalizações e podem também ser regressivas ou progressivas. Em latim vulgar, a língua falada no Império Romano do Ocidente entre os séculos III a.C. e V d.C., ter-se-á iniciado, no século I da era Cristã, uma palatalização regressiva que afetou as consoantes não contínuas, [-cont], tradicionalmente chamadas oclusivas, [k] e [t], antes de som anterior. Nos contextos [ke], [ki], [kj] e [tj] as consoantes evoluíram para uma sequência com iode (a semivogal anterior) [tj] e mais tarde, só na România Ocidental, para a africada dental [ts], forma antepassada daquelas consoantes que

hoje em português se escrevem <c, ç,> ou então <z> (este último num contexto especial, intervocálico, que possibilitou a evolução [ts]> [dz]). Assim, temos *CENTU->[tj]ento>[ts]ento>cento*, *FACERE->fa[tj]ere>fa[ts]er>fa[dz]er>fazer*, *CISTA->[tj]esta>[ts]esta>cesta*, *FACIE->fa[tj]e>fa[ts]e>face*. Mais antiga, foi a evolução de [tj]: *FORTIA->for [ts] a>força*. Outras palatalizações regressivas, desencadeadas no latim vulgar da mesma época pela presença da semivogal anterior [j], afetaram consoantes contínuas (ou fricativas), líquidas e nasais: *CASEU->queijo*, *VINEA->vinha*, *FILIU->filho*. (CRYSTAL, 2000). Alguns exemplos retirados do português arcaico: *il-letrado* (hoje iletrado) por *in-letrado*, *il-lícito* (hoje ilícito) por *in-lícito*. Diz-se que a assimilação é parcial quando não chega a identificar dois sons. Exemplo disso é a sonorização dos fonemas [s] e [x] determinada regressivamente por outra consoante sonora. Assim, as palavras *resguardo*, *pasmarmar*, são pronunciadas *rejguardar* ou *rezguardar*, *pajmar* ou *pazmar*, etc. Essa mesma assimilação começa por uma consoante sonora. As expressões os dedos, livros, novos, cabelos brancos soam *uj-dedus*, *livruz-novus*, *cabeluj-brancus*.

Sonoriza-se também a sibilante final quando a palavra imediata começa por vogal e assim em pronúncia brasileira temos sempre o valor de z: as artes, os ovos, grandes obras (*az-artis*, *oz-ovus*, *grandizobras*)³⁷.

No que concerne ao **Cancelamento da vibrante pós-vocálica**, a língua Portuguesa, como qualquer outra, sofre variações, mudanças condicionadas ora por fatores linguísticos, ora por fatores não linguísticos concomitantemente. Alguns componentes das línguas, entretanto, constituem-se em variáveis que oferecem mais possibilidades de variação. É o caso do (r) em posição pós-vocálica e, mais especificamente, em posição final de vocábulo. Segundo Callou (1979), o /r/ nessas posições é uma das variáveis que mais sofre variação. A prova disso, é que na cidade do Rio de Janeiro, é possível a realização de 4 (quatro) variantes para essa variável quando se acha em posição pós-vocálica não final e de até 6 (seis) variantes quando se encontra em posição final de vocábulo. Entre as seis realizações possíveis para essa última posição, pode-se encontrar a fricativa velar [x], a fricativa glotal [h] e o zero fonético [ø].

Em alguns centros urbanos, como em Brasília ou no Distrito Federal por um todo, por exemplo, pode-se identificar um processo quase que categórico em relação ao seu apagamento em final de palavra. Sendo assim, a realização do (r) em final de vocábulo

³⁷ Extraído de Ali, M. Said. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.

parece constituir-se num fenômeno extremamente relevante para o estudo social da língua, pois apresenta uma gama muito diversificada de variantes que ora são atribuídas a condicionamentos linguísticos, ora a não linguísticos.

O /r/ forte, como define Câmara Jr. (1977), pode ocorrer em posição inicial, em posição intervocálica e em posição pós-vocálica³⁸. Conforme Callou (1979) as três variantes dessa variável que ocorrem em posição inicial são totalmente possíveis em posição pós-vocálica, sendo que nesta posição, além daquelas variantes ocorrem a realização glotal e o zero fonético, já tradicional em final de palavra e, mais recorrentemente em verbos na fala de Brasília (CORRÊA, 1998).

Embora alguns estudos referindo à realização e o apagamento do (r) pós-vocálico em posição final de palavra já tenham sido feitos, dada a extensão territorial do nosso país, e a grande diversidade linguística que seus falantes apresentam, há sempre necessidade de que investigações rigorosas sejam realizadas, a fim de que essas variáveis, bem como a relação entre suas variantes e os condicionadores de sua variação, tornem-se bem mais conhecidos.

Segundo Bisol (1999), a posição pós-vocálica é o contexto de maior variação da vibrante. A autora informa que a realização uvular e velar data do fim do século passado e têm se estendido por diversas áreas brasileiras. A uvular [R] parece ter surgido, conforme Barbosa (1994) em Lisboa, e se constituía numa realização estigmatizada. Para a autora, no Rio de Janeiro, a velar é uma realização que está se estabelecendo em posição medial e em final de palavra quando da manutenção da vibrante, bem como o apagamento da variável (r), independentemente de classe social, ou grau de escolaridade, pois, mesmo na língua culta se verifica o fenômeno³⁹. O (r) já tinha sofrido algumas transformações durante o período latino: *quattuor* > *quatro*, *semper* > *sempre*, *inter* > *entre*. Esse tipo de transformação, a metátese, que consiste no deslocamento do /r/ para junto da consoante precedente, segundo Coutinho (1976), parece ter sido implementada no latim vulgar, o que vai ao encontro da afirmação de Melo (1981), que diz serem alguns desses fenômenos ocorrências na língua portuguesa, antes uma característica românica do que uma influência dos afro-ameríndios, pois os tais fenômenos não são exclusivos do português do Brasil.

³⁸ Mattoso Câmara (2001) analisa esse segmento nessa posição como um arquifonema.

³⁹ Os símbolos fonéticos utilizados neste texto são os mesmos utilizados pelos autores citados. Uso o (r) para indicar a variável em questão.

Esse tópico é de relevante discussão para o Contato de língua, pois parte dos autores tratam do **fenômeno de apagamento** ora se aproximando, ora se distanciando em seus pontos de vista no que se refere a ser ele uma tendência românica ou afro-indígena dada sua tão grande e rápida proliferação em praticamente todo o Brasil, mas por uma questão de enfoque, apenas nos atemos a afirmar que o apagamento da vibrante ocorre em todo o território nacional e faz parte dos traços graduais localizados ao longo de todo o contínuo rural-urbano (BORTONI-RICARDO, 2005).

Ainda sobre a incidência do apagamento da vibrante, conforme Oliveira (2001), a ausência do /R/ implosivo parece guardar forte relação com o grau de escolaridade. Segundo a autora, que utilizou o *corpus* do projeto *Norma Urbana Culta- NURC*, das 12.811 ocorrências de (r) verificadas em seu trabalho, 7.933 representam a manutenção do (r) implosivo contra 4.878 que configuram a ausência desta variável. As variáveis linguísticas consideradas quando da análise foram as mesmas utilizadas por Callou (1979): contexto subsequente, vogal seguinte, modo e zona de articulação da consoante seguinte, vogal precedente, tonicidade da sílaba, classe de palavra e carga semântica do segmento. Um dos objetivos do trabalho era a comparação das hipóteses e dos contextos que favorecem o apagamento do (r) implosivo de Salvador e do Rio de Janeiro. Conforme os resultados, o (r) implosivo ainda se mantém como uma regra variável na fala culta dos falantes de Salvador, comportando-se majoritariamente como uma constrictiva velar, ou como faríngea uvular, ou até mesmo como uma vibrante simples. A autora acrescenta que, quando ocorre a supressão há um alongamento da vogal que a precede. Quanto ao contexto subsequente e o precedente, os dados revelam que o /s/ e /z/ e a vogal /u/ são os fonemas que mais favorecem o apagamento dessa implosiva, pelo fato de os dois fonemas consonantais apresentarem o mesmo modo de articulação da variável e produzirem, então, uma assimilação e devido a essa vogal ser posterior. A tonicidade e os infinitivos verbais são os demais contextos que favorecem o apagamento da implosiva. Sendo que nos verbos em que (r) tem função morfológica, tem-se mais apagamento, já que traz informação redundante⁴⁰.

Amaral (1974), ao estudar o dialeto caipira, informa-nos sobre a queda do (r) em final de palavras como andar (andá), esquecer (esquecê), subir (subi), etc. Esse autor informa que o (r) cai em palavras como essas, mas que se mantém em monossílabos acentuados como *dor*, *cor*, *par*, atribuindo essa manutenção à *posição proclítica habitual*

⁴⁰ O morfema [-r] de infinitivo é considerado redundante porque esse modo verbal é sintaticamente marcado.

desses vocábulos. Para ele, a manutenção se dá ainda no monossílabo átono *por* e tende a cair em palavras que apresentam mais de uma sílaba. Completa que em verbos, ainda que esses sejam monossílabos, acontece o apagamento dessa variável. Podendo-se concluir daí, que, mesmo em períodos mais remotos a queda desse fonema já era bastante produtiva nos verbos, talvez porque nesses, embora monossílabos, o (r) veicule informação redundante. Em relação ao aspecto prosódico, que é considerado como um condicionador do enurdecimento do (r), vale dizer que Paulo Duarte o rejeita, ao prefaciá-lo o livro do autor, *O dialeto caipira*⁴¹, já que, de sua parte, a prosódia não é um motivador de tal apagamento, acrescentando que nas diversas regiões onde se estudou o fenômeno, a prosódia não é registrada como um fator do qual dependa esse apagamento.

O rotacismo na língua portuguesa é a troca do fonema /l/ por /r/. Bagno (2002) explica esse fenômeno fonético por meio da origem de algumas palavras de origem latina. Vejamos exemplos encontrados: /prãta/; /barcãu/; /ixpricá/; /arguma/.

Também se pode observar que há neutralização de segmentos, haja vista que são fenômenos fonético-fonológicos que ocorrem em função da grafia de palavras com apoio no modo de falar. Por exemplo: escrever “trabaliar” para trabalhar, “durmi” para dormir, “furmiga” para formiga, “coelio” para coelho, etc.

Omissão de letras (nas sílabas de estruturas complexas) também justifica a estrutura de muitas palavras encontradas, uma vez que há podemos observar sílabas com estruturas diferentes da canônica enfatizada no processo de alfabetização⁴² (estrutura CV, consoante-vogal) podendo assim, ocasionar divergências da ortografia oficial, já que muitos falantes não estejam muito familiarizados com as regras gramaticais e que também não possuem uma educação privilegiada por uma pedagogia culturalmente sensível), ou seja, grafia incompleta das palavras, em função da omissão de uma ou mais letras. De acordo com Nunes (1993), esses fenômenos podem resultar tanto da dificuldade de análise fonológica dessas sílabas mais complexas como da divergência entre elas e a expectativa de quem está aprendendo o dialeto estatal. Esses erros estão muito ligados a não realização de coda no

⁴¹ Amaral (1976). O livro original é de 1922.

⁴² Faraco (1997) apresenta os nove padrões silábicos da escrita em português: 1. CV: pa-to; 2. V: u-va, o-vo, caí; 3. CCV: gru-ta, ple-no, re-ple-to; 4. CV: os, as-tro, pa-ís; 5. CVC: pás-ta, pai, me-ses; 6. VVC: aus-tral; CCVC: brus-co; 8. CVCC: bens; 9. CCVCC: trens.

meio ou fim da palavra para transformar a sílaba complexa em sílaba ótima (padrão) em português (estrutura CV).⁴³ Por exemplo, grafar *vende para vender, douto para doutor*, etc.

Em relação à Ausência de nasalização, Carraher (1985) classifica nesta categoria os fenômenos decorrentes da ausência de marcadores para indicar a nasalidade, o que envolve alterações ortográficas dos seguintes tipos: grafar “*roma*” para romã, “*efeite*” para enfeite, “*epada*” para empada, etc.

Outro ponto que justifica a nasalização é a Contaminação, que é um fenômeno da fala na ortografia que ocorre quando o núcleo da sílaba é nasalizado pela presença de **m** ou **n** no início da sílaba. Por exemplo: escrever “*manchucar*” para machucar, “*muinto*” para muito.

Já as trocas de letras, como surdas/sonoras presentes nos dados estão inseridas as alterações ortográficas decorrentes da escolha fonética da letra que representa o som em pauta. Desse modo, esses erros envolvem trocas entre consoantes surdas e sonoras, entre os pares desses dois conjuntos de letras: **p/b; g/p; t/d; q-c/g; ch-x/j-g** e o grupo de letras que representam o som /s/ versus o grupo de letras que representam o som /z/. Exemplos desses fenômenos classificados nessa categoria: escrever “*peganto*” para pegando, “*perdito*” para perdido, “*vome*” para fome.

Por fim, há outros fenômenos que concorrem para a grafia das palavras, como a generalização de regras por hipercorreção, o qual se refere aos casos em que os falantes não têm certeza da grafia oficial das palavras e na hora de transcrevê-las, interpreta a forma convencionalizada como um desvio da norma padrão. São exemplos de Bortoni-Ricardo (2004) “pronunciar 'previlégio' imaginando que privilégio é errado; pronunciar "bandeija" achando que bandeja é errado. Pronunciar "telha de aranha" achando que teia de aranha é errado”.

Quando os falantes descobrem que existem diferenças entre língua escrita e língua falada, tentam corrigir seus escritos por avaliá-los como erros oriundos do apoio na oralidade, generalizando certos princípios da escrita e aplicando-os a situações não apropriadas. Por exemplo: escrever “*teizora*” para tesoura e “*cemento*” para cimento.

⁴³ Esse fenômeno de eliminação de codas e transformação em sílaba ótima na estrutura CV é muito comum no português do Brasil, conforme Couto (1997).

9.7 - Considerações sobre os dados

Os fenômenos foram distribuídos pelo espaço urbano, rurano e rural de Ceilândia, Sol Nascente, pelos espaços urbano e semiurbano de Taguatinga e urbano do Plano Piloto. Assim, temos o seguinte total de ocorrências em 18 fenômenos:

- O SHSN apresenta o maior número de casos, com 1704 ocorrências, ou seja, aparece em primeiro lugar com 61,18% dos casos apresentados;
- Ceilândia registrou 788 casos, ou seja, 28,29% das ocorrências e aparece em segundo lugar;
- Taguatinga, com 176 dos registros, ficou em terceiro, com 6,31%
- Plano Piloto, com 117, em quarto, com 4,20%.

O percentual nos revela que, de fato, as informações obtidas nas pesquisas censitárias, como características sociodemográficas, por exemplo, podem ser instrumentos valiosos para verificarmos as condições sociolinguísticas dos falantes. Ao analisarmos as características da população de Ceilândia e SHSN, que é formada por pessoas migrantes de outras regiões, em particular, de áreas rurais do Nordeste, ou que são oriundos de famílias de fala de tradição rural nordestina, pudemos perceber que os dados coletados só existem porque os escreventes/falantes utilizam essas marcas dialetais em suas falas e escrevem como ouvem.

É verdade que não se pode concluir que nessas regiões, o tipo de rede seja de tessitura miúda e que justificasse tal escrita, pois se assim o fosse, conservaria com mais vigor as variedades do português arcaico, como verificamos nos trabalhos de Milroy (1987). Antes, pelo contrário, Ceilândia e Sol Nascente apresentam relações intensas com outras áreas e seus moradores trabalham em outras cidades, convivem com diversos tipos de letramento cujas práticas sociais se mesclam entre o oral e a escrita, onde a cultura de tradição oral vai cedendo espaço para a de tradição escrita. Nesse ecossistema formado pela urbanização ou semiurbanização, oral e escrito vão se mesclando, a ponto de surgir uma terceira vertente, ainda que de duração mais breve, que é a escrita oralizada. Dizemos isso porque o DF se caracteriza como um local que se encontra mais à direita do contínuo urbanização, ou seja, são cidades com todas as características de redes sociais de tessitura frouxa, comércio intenso, uma crescente industrialização e exportação de produtos e, sobretudo, porque é uma cidade administrativa predominantemente marcada por servidores públicos com renda e escolaridade superiores à média nacional. Assim, à medida que o

nível escolaridade vai crescendo e a expansão territorial vai aumentando, as marcas de oralidade entram em processos de difusão dialetal e vão se diluindo em traços graduais, enquanto as que apresentam traços descontínuos vão se focalizando nas periferias para distâncias mais longínquas das relações de poder político, econômico e prestígio social.

Para a coleta dos dados, a pesquisa se orientou em averiguar todas as ocorrências em todos os lugares, como em um trabalho de “formiguinha”, vasculhando ponto a ponto, onde há anúncios, letreiros, avisos em geral, recados, ou seja, tudo o que apresentasse algum tipo de fenômeno, descartando apenas aqueles que ocorressem por interpretação de qual fonema fosse o indicado para se registrar a palavra.

Para não enviesar a pesquisa, o estudo abarcou diversas localidades e não apenas aquelas onde pudesse ocasionar algum tipo de escrita oralizada. Acreditava-se que áreas como Rodoviária do Plano Piloto ou algum ponto de transeuntes de outras localidades pudessem não refletir a fala daquela área geográfica. Nesses ambientes, as pessoas que escreveram tais anúncios, obviamente, não dominavam o código escrito oficial, porém, cada um escreveu à sua maneira, como ela mesma criou hipóteses heurísticas a respeito da representação da palavra a partir de suas marcas dialetais.

Por sua vez, é interessante observar que os traços descontínuos estão mais localizados entre Ceilândia e Sol Nascente e vão reduzindo à medida que vão se aproximando de Taguatinga e Plano Piloto. Basta lermos as tabelas encontradas nos anexos, para percebemos que os percentuais de traços descontínuos são diretamente proporcionais aos vocábulos rurais e inversamente proporcionais aos rurbanos, que são mais graduais. Ambos os traços não se equivalem numericamente nos dados coletados, pois ora ocorrem em maior frequência em determinado fenômeno, ora em maior frequência em outro, exceto no fenômeno Suarabacti.

Para uma maior percepção das ocorrências de cada fenômeno, apresentados os seguintes quadros:

TRAÇO DESCONTÍNUO	%
• Paragoge	• 100%
• Prótese	• 85,36%
• Epêntese	• 72,72%
• Aférise	• 80%
• Síncope	• 66,15%

• Vocalização das consoantes /l/ >/i/ e /p/	• 100%
• Metátese do /r/	• 100%
• Despalatalização	• 94,44%
• Nazalização de vogais	• 62,50%
• Abaixamento de vogais	• 81,81%
• Rotacismo	• 100%
• Suarabacti	• 50%
TOTAL: 12	-

Agora veremos a representação dos fenômenos que apresentaram maior número de ocorrências de traços graduais:

TRAÇOS GRADUAIS	%
• Síncope por redução da marca morfológica do gerúndio -nd para -n.	• 91,66%
• Síncope por apagamento da pós-tônica /e/ e /i/ na última sílaba	• 100%
• Vocalização das consoantes /l/ >/i/ e /p/	• 100%
• Apócope	• 69,23%
• Nasalização	• 72,72%
• Elevação de vogais	• 81,57%
• Suarabacti	• 50%
TOTAL: 07	-

Enfim, na leitura do Quadro que se refere aos Traços Descontínuos e Graduais, na escrita popular oralizada ainda apresenta muita variação, o que nos faz ver que as formas

coexistem e revelam que o Sol Nascente, mais do que o restante de Ceilândia, é uma região marcada por dialetos de origem rurbana muito próximos ao polo rural. Nesse sentido, não é rural propriamente dito, porque nos espaços desse bairro há atividades intensas de urbanização que em muito se diferem de povoados e cidades isoladas e marcadas pela atividade rural. Nesse sentido, o SHSN é um bairro rurbano, abrigoando uma diversidade de variações diastráticas, em particular, caipira/sertaneja em processos de difusão dialetal.

No repertório linguístico das palavras constatamos nessas duas localidades que os traços descontínuos são os mais recorrentes, indicando que pertencem à variedade rural, como por exemplo, ‘muié’ e ‘lãpa’, ou redução da lateral, em ‘difici’ e se localizam em todo o contínuo de urbanização, mais especificamente à esquerda do contínuo.

Outro fator importante é a qualidade das redes de interação e as relações sociais intensas que ocorrem no seio dessas comunidades de práticas. Tais redes concorrem para a difusão dialetal e explicam porque a escrita dialetal indica que tantos fenômenos fonético-fonológico estão deixando de ser traços descontínuos para serem graduais e saindo do polo rural para ser eminentemente, rurbano.

As redes multiplex de tessitura frouxa são observadas em todas essas localidades pesquisadas, não só porque Ceilândia e o SHSN apresentam alta densidade demográfica, como também têm atividade econômicas e sociais diversificadas. Nesse sentido, onde os bilhetes/anúncios foram encontrados há muitas marcas das práticas sociais que revelam as atividades interacionais dos falantes. Seus escritos representam essas práticas nos mais diferentes espaços e finalidades, quer sejam atividades esportivas, religiosas (há centenas de templos entre evangélicos e católicos em Ceilândia, como um todo), lazer, comércio, procura por namoro, sexo, oferecimento de trocas, produtos e serviços, de um modo geral, quer seja em locais de aprendizagem, como escolas e locais de recreação.

Outro fator que contribui para o processo de difusão dialetal é o uso de novas mídias e tecnologias, como o acesso à internet, ao Whatszap, Face Book, etc. Assim, um mundo globalizado propicia que novas linguagens e variedades linguísticas vão se mesclando e se tornando difusas.

O Sol Nascente é a periferia de Ceilândia, ou seja, periferia da periferia, tendo em vista que Ceilândia é periferia de Brasília. A comunicação popular escrita encontrada nessas localidades revelam diversos aspectos linguísticos e sociais do povo que aí residem e expõem a diversidade linguística da variedade não estatal. Esse fato nos faz confirmar a hipótese: se há competição entre os dialetos estatal, urbano, rural e rurbano, então há é o

dialeto rurbano em processo de difusão dialetal que está predominando nessas áreas e contribuindo para a formação de um dialeto candango.

Os traços descontínuos e graduais revelados em Ceilândia e SHSN indicam essa difusão, conforme podemos observar nos estudos de Bortoni- Ricardo (1985).

Em Ceilândia, dados sobre a população como grupos etários, grau de instrução e aspectos culturais esclarecem o porquê da difusão dialetal nessa cidade. Na tabela 5, vimos que 22,57% da população é constituída por pessoas de até 14 anos de idade, ao passo que pessoas entre 15 e 59 anos representam 62,98% (tabela 6). E isso nos impõem algumas reflexões:

a) No primeiro grupo, as pessoas de até 14 anos são netas de candangos ou de migrantes pós construção de Brasília, ou seja, são brasilienses de segunda geração. São escolares e estão em contato com novas variedades do português estatal e urbano. Além disso, seus pais têm em seus repertórios linguísticos as marcas dos dialetos rurais de seus antecessores, bem como as marcas dos dialetos urbanos do Distrito Federal. Nessa faixa etária, a influência do *background* dos bisabós ou tetravós, de fala essencialmente rural e de uso intenso da oralidade é mais distante e está diluída na fala dos avós e pais de pessoas de grupo. Logo se pode verificar que os dialetos tipicamente rurais se apresentam com menos intensidade na fala desses jovens e se caracterizam em suas escritas mais especificamente na primeira fase da escolarização, quando os alunos buscam o apoio da oralidade, ou seja, das regras fonético-fonológicas da fala para aprender a escrever;

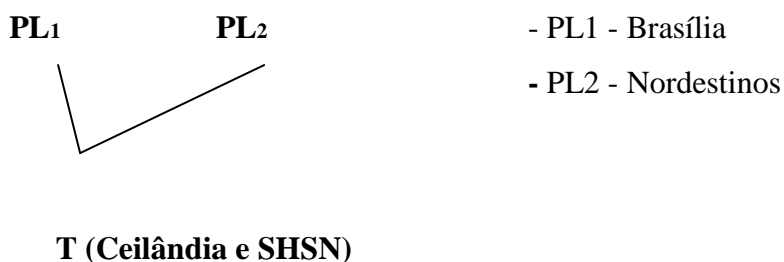
b) No segundo grupo, sobre o grau de instrução da população (tabela 8), 38,11% dos moradores declararam ter o nível fundamental incompleto e 21,98%, o ensino médio completo. Se por um lado, sabe-se que a escolaridade implica mais contato ou menos contato com a variedade estatal, sabe-se que esse grupo foi mais exposto tanto aos dialetos rurais de seus pais, avós, bisavós, etc., bem como aos dialetos urbanos e estatal e, portanto, assimilaram com mais intensidade as formas de letramento espalhadas pelo contínuo de letramento, cujos polos são representados pela oralidade, de um lado e, de outro, o letramento. Além disso, o meio ambiente dessa cidade é invadido pela poluição visual constituída por milhares e milhares de anúncios de todos os tipos e tamanhos, o que demonstra uma forte invasão da escrita consubstanciada em diferentes gêneros. É nessa geração que a fala rurbana vai se cristalizando, em um misto de uma escolaridade ainda baixa, se comparada ao Plano Piloto, e às formas de letramento que exigem o uso constante da escrita. Daí em Ceilândia aparecerem mais placas com traços graduais e de características urbanas em relação ao Sol Nascente.

Já em relação ao SHSN, a história recente da formação de sua população, a forte presença de migrantes rurais da Região Nordeste e a baixa escolaridade da população fazem com que os traços descontínuos e rurais ainda sejam mais expressivos do que no resto de Ceilândia, como um todo. Nesse sentido, as variedades rurais são mais preservadas e sofrem menos influência da aprendizagem da escola. Entretanto, com o desenvolvimento e empoderamento do bairro, a legalização de seu espaço urbano, a redução da taxa de analfabetismo, a ampliação dos serviços essenciais e a consequente melhoria na qualidade de vida dessa população concorrerão para que esses anúncios artesanais com escrita oralizada desapareça do cenário ambiental.

Todavia, as marcas dos dialetos rurais não desaparecerão por completo na fala, pois passarão por processos de difusão dialetal até chegarem às formas de ruralidade de traços graduais distribuídos ao longo da urbanização do Distrito Federal. Assim, à medida que áreas rurais vão sendo desmembradas, biomas vão sendo destruídos para dar espaço à ocupação do homem, de modo que a ocupação afasta os novos moradores para áreas para muito além das fronteiras com o Plano Piloto. Infelizmente, os novos territórios que abrigam esse contingente populacional são os que antes eram destinados ao cultivo, à plantação, à criação de animais e à reserva ecológica e proteção ambiental.

Na mobilidade migratória que se faz hoje em Brasília há um movimento de direção e sentido que indica que o dialeto rural focalizado e usado nas comunidades menos favorecidas é afastado para regiões mais periféricas do Distrito Federal e os novos bairros que vão adquirindo status de urbanização vão ganhando aspectos de fala rurbana, graduais e menos estigmatizadas, conforme já explicitamos.

Por fim, o movimento desse dialeto rurbano, de traço gradual, segue a seguinte orientação de Deslocamento de PL₂ para o Território (T) de PL₁:



O deslocamento acima é o que representa o contato de dialetos que ocorreu em Ceilândia e Sol Nascente. Isso implica dizer que nos Anos 70, 80 e 2000, os migrantes formados em sua grande maioria por nordestinos de *background* rural (PL₂) se deslocaram para Brasília (PL₁), cuja comunidade já foi estabelecida e estabilizada após a ocupação e construção da Capital, lugar de poder político, econômico, militar e de prestígio. Pela grande dificuldade em se manter na área da capital, então os migrantes (PL₂) se estabeleceram em áreas mais periféricas destinadas à erradicação de favelas e invasões. Os dialetos que aí surgem são uma mistura de variedades rurbanas em processos de difusão dialetais formadas a partir de variedades de prestígios, como os urbanos e estatais de um lado, e os estigmatizados, como o rural, o caipira e o sertanejo, de outro.

Para finalizar, conforme nos ensina Couto (2007), a **Lei das Três Gerações** é a que configura essa relação da figura 3, o que nos permite afirmar que a primeira geração, no caso de migração de pessoas adultas, aprendeu em partes os dialetos que aqui já se configuravam. Por outro lado, quando os seus filhos aprendem tanto o dialeto dos pais, quanto as variedades dialetais em formação do falar candango (variedades goianas, cariosas, mineiras, sertanejas e sulistas das pessoas que vieram morar no DF a partir dos Anos 60), continuaram a usar o dialeto original em todas as interações entre os grupos. Os netos, por sua vez, tendem a preferir os dialetos difusos do DF, marcados pelo contínuo rurbano, mantendo, de forma rudimentar e reduzida, um conhecimento passivo da variedade rural original de seus avós. Já a quarta geração não tem quase nenhum conhecimento das variedades vernaculares dos antepassados, mas para isso ocorrer, muitos fatores devem ser observados, como, por exemplo, as condições em que ocorreram o contato de línguas, o sentimento de pertencimento étnico, as relações econômicas e as trocas simbólicas, os modos de produção e circulação de conhecimento, as questões indenitárias, a forma de manutenção ou resistência cultural, etc.

A economia das trocas simbólicas (BOURDIEU, 2005), o padrão cultural é fundamental para a manutenção dos traços linguísticos. À medida que tais padrões vão se transformando ou se diluindo na cultura em rede, as formas linguísticas também vão sofrendo os processos de difusão, de modo que novos arranjos vão se ajustando ao sistema. Entretanto, não se pode pensar em ideia de equilíbrio do sistema, tendo em vista que variedades linguísticas, por serem heterogêneas, estão em competição entre si, assim como as extralinguísticas e seus efeitos, bem como os traços descontínuos e graduais vão se fundindo e rearranjando.

É o meio ambiente entendido em seu espaço-tempo-povo que comporta o sentido da mudança ou manutenção da língua. Nesse sentido, os vetores que dão direção e sentido à mudança, cristalização e atitudes linguísticas como a difusão e focalização dialetais são dados pelo ecossistema: ocupação, idade, atitudes, alfabetização, letramento, ideologias, fatores econômicos e sociais, escolarização, redes sociais, localização espacial, status social, políticas linguísticas, dentre outros. No caso do SHSN, a localização espacial, combinada aos fatores anteriores, tem um fator preponderante para o surgimento/manutenção da escrita oralizada. São esses vetores que contribuem para que a escrita oralizada apareça em com mais força no Setor Habitacional mencionado, que é uma periferia da periferia, ou seja, é uma periferia de 2ª ordem (porque é originária de Ceilândia) e em menor quantidade em Ceilândia, que é apenas uma periferia (de 1ª ordem), já estabilizada espacialmente no DF e que já goza do estatuto e privilégios de uma cidade tipicamente urbana.

Enfim, conclui-se que as novas periferias, em especial, as que são originárias de periferias já formalizadas, são a força motriz das formas vernaculares escritas oralizadas com registros que difererem do dialeto estatal.

10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança de paradigma de visão e modelos de ciência causalistas de forte viés positivista e newtoniano para um novo modelo sistêmico e quântico de olhar o mundo está fortemente atrelada ao global, ao local, ao sistema e as inter-relações que as coisas, pessoas e objetos têm entre si. Assim, olhar os fatos cotidianos sob uma perspectiva sistêmica significa dizer que as novas ciências, sem desprezar todos os constructos e arcabouços teóricos anteriores, precisam ser sensíveis à ideia de que todos os fatos não podem ser vistos como isolados, pois o mundo é uma grande casa globalizada interconectada por redes de relações entre si e o meio ambiente.

Nesse sentido, Capra (2014) afirma que a realidade deve ser concebida não como algo linear, visto que o mundo contemporâneo não é uma sucessão lineariforme, mas uma sucessão em todas as direções, a partir de suas funções, funcionamento e diversidades. Um modelo não linear deve interpretar o mundo como uma teia, ou melhor, como redes, cujas teias e padrões de relações sejam inseparáveis do todo com as partes, das partes entre si e com o todo e vice-versa.

Nessa visão de sociedade em redes, conforme afirma Castells (2010), vivemos em um grande sistema globalizado processado por intersecções, redes, padrões e contextos, de modo que os sistemas se interagem, intercomunicam-se e isso não se dá pela sucessão de eventos, mas pelas diversas relações ecológicas dos sistemas entre si e dos sistemas com seus subsistemas.

Desse modo, uma nova forma de entender, enxergar e compreender antigos, velhos e novos problemas deve expor o que é pertinente a esses sistemas e quais as relações são singulares, universais ou globais dos elementos sistêmicos. Assim, surge a Ecolinguística para examinar a inter-relação entre as condições de sobrevivência da língua em seus três pontos fundamentais para a finalidade da língua: a própria língua (que pode ser examinada de muitas formas, desde aspectos gramaticais, discursivos ou pragmáticos, por exemplo), o território (espaço) e a população (o povo em todas as suas dimensões biopsicossociais).

No presente trabalho, vimos alguns principais conceitos que colocam a Ecolinguística no referencial teórico dos novos estudos que abordam o objeto em seus múltiplos olhares e perspectivas. Aqui, abordamos aspectos sociolinguísticos da língua em sua relação com o meio ambiente, ou seja, o meio que se referem aos processos migratórios, de mobilidade, de movimento resultante do contato da língua e as características sociodemográficas da população.

O tema sobre oralidade da escrita é por si só multidisciplinar e atende aos pressupostos das questões emergidas pela Ecolinguística, pois a escrita oralizada implica em sistema e subsistemas não só pertencentes ao sistema escrita, bem como ao sistema oralidade, com todas as características e vicissitudes desses dois códigos.

Aqui, não poderíamos deixar de abordar as questões da complexidade e heterogeneidade da língua, de trazer discussões de outras abordagens da Linguística, como a Sociolinguística, haja vista a riqueza de estudos trazidos para investigação e reflexão que em muito atende aos propósitos de uma visão ecológica da linguagem.

Não pretendemos fazer nenhum estudo de variabilidade, separando variáveis dependentes das dependentes e quais aquelas que concorreriam para manutenção ou mudança da língua. Antes, preferimos tratar a língua como um sistema, relacionando-a a aspectos do ecossistema fundamental da língua, como comunidade de fala, população e território.

Tratamos o ecossistema como um todo, ou seja, a língua (em sua particularidade escrita), sua população e as inter-relações com o meio ambiente (*habitat*). Também verificamos como estão dispostas as relações entre os organismos (pessoas) em suas teias, ou seja, suas redes (*networks*), embora não discutimos a constituição dessas relações. Por escolha de recorte, não entrevistamos as pessoas, antes, colhemos o produto de seus escritos a partir da noção dos constructos da influência da fala na escrita. Entretanto, em vez de configuração das redes, partimos da ideia de redes sociais abertas para efantizamos mais os dados a respeito da composição do tipo de migração na cidade e os dados a esse respeito, por entendermos que as características socioculturais de uma população deve ser entendida a partir do *background* de seus antecedentes, o nível escolarização e idade das pessoas que compõem a comunidade de fala pesquisada.

Procurou-se extrair do sistema o máximo de informações a respeito da diversidade que aí se encontra. Nesse sentido, foi necessário ir a campo e retirar do próprio espaço ecológico, o material para análise. Assim, fizemos um trabalho de investigação em cada lugar possível e franqueado ao público e até mesmo em espaços de práticas sociais discursivas como igrejas e lanchonetes, latinarias, terreiros de culto diversos, muros, pichações diversas, shows de repentistas, feiras, visitação a monumentos da cidade, lugares de educação e lazer, comércio e ruas foram esquadrihados, de modo que os dados que daí foram retirados revelaram o modo de ser da cidade e sua constituição identitária, mais um tema ecolinguística que poderia ser investigado em outro recorte de pesquisa.

O estudo buscou investigar, pela metodologia da abordagem quantitativa e qualitativa, o estudo de caso, considerando como objeto de investigação a cidade como um ecossistema ecológico. Assim, Ceilândia e o SHSN são dois ecossistemas, como já dissemos, sendo que esse último foi considerado um território dentro de um território maior, a Ceilândia, ou seja, duas unidades distintas, mas intimamente interligadas por diversas redes.

Partindo da análise sobre os dados coletados, buscou-se situá-los por um breve e simples levantamento estatístico, para, enfim, serem interpretadas as categorias analisadas. Os Traços graduais e os traços descontínuos pertencem às linhas pontilhadas do contínuo de urbanização, no qual se pode localizar onde e em que ponto está cada variedade coletada. Essa orientação permite que se possa avaliar cada variedade como sendo rural urbano ou rurbano.

Grande parte dos dados indicou que nos lugares pesquisados, como em Ceilândia e Sol Nascente, há traços graduais e descontínuos concorrendo lado a lado e mesmo que a nossa amostra indicou mais traços descontínuos, pode-se inferir que o processo de difusão dialetal da escrita oralizada reflete à fala dos escreventes e suas origens rurais, de *background* nordestino.

O desenvolvimento qualitativo da cidade, como mais saúde, segurança e educação para o povo, implica mudança no quesito educacional, pois as crianças e jovens que residem nessas comunidades estão na escola, em sua grande maioria, o que lhes permite ter contato com a variedade estatal e ascender social e profissionalmente.

O estudo sobre as redes de interação nesses lugares são basilares e mesmo que não se faça um estudo com coleta de dados do indivíduo, pode ser inferido pela observação participante ou pesquisa de campo, em que se observa a estrutura das redes da cidade e sua tessitura.

O pesquisador deste trabalho há muito exerce atividades de investigação linguística nas localidades pesquisadas, convivendo assim com as pessoas do lugar, dando aulas ou exercendo outras atividades, de modo que foi possível elaborando uma escuta treinada sobre essas comunidades de fala e suas práticas discursivas, quer sejam letradas, quer sejam oralizadas. Também tem observado empiricamente as variedades vernaculares e coleta informações sobre as origens dos informantes de suas pesquisas, de seus alunos, a qualidade das relações interpessoais deles e de seus pais, bem como o tecido das redes em que se encontram. Faltava investigar quais fatores linguísticos e extralinguísticos concorrem para esse tipo de escrita.

Quanto à língua praticada na escrita popular, quando genuína e escrita por pessoas não alfabetizadas ou semialfabetizados se apresentam na forma vernacular e são avaliadas pelas populações mais letradas como “algo inculto e feio”. Apesar do julgamento pejorativo desse tipo de escrita, concluímos que essas escrituras oralizadas são muito ricas e esclarecem os antecedentes linguísticos das comunidades que aí existem.

No SHSN, lugar onde se encontram as maiores recorrências de traços descontínuos, percebe-se que a avaliação negativa feita por pessoas mais letradas faz com que as pessoas, em particular, os mais jovens, abonem os traços de ruralidade dos dialetos de seus antecessores e aprendam as variedades de prestígio ou aquelas menos percebidas ou marcadas. Como observou Hanna (1986), a estigmatização que as variáveis regionais causavam nos jovens brasilienses colaborava para o uso de forma que não cause qualquer tipo de estranhamento, o que colabora para a difusão dialetal.

A escrita, por ser um código monitorado, sofre maior rejeição quando é elaborada com base na fala e, principalmente, reflete as influências dialetais de pouco ou nenhum prestígio.

É preciso esclarecer, porém, que a cidade de Ceilândia apresenta baixa produção de escrita oralizada, se comparada a sua periferia Sol Nascente. Diversas questões ligadas ao aumento da qualidade de vida, seja por questões educacionais, sejam por questões econômicas, são bons indicadores de acesso aos bens culturais disponíveis, ao domínio do código escrito, ao conhecimento de variedades linguísticas de prestígio e, sobretudo, ao poder econômico e ao domínio do dialeto estatal. Tudo isso concorre para que o número de placas e anúncios oralizados nessa Satélite esteja diminuindo. Em contrapartida, as marcas da fala rurbana dessa população indica que há um dialeto candango se fortalecendo a partir das variedades suprarregionais em processo de difusão dialetal.

No caso da mobilidade urbana dessa cidade, as formas mais estigmatizadas e mais marcadas vão se isolando nas periferias das periferias, haja vista que a urbanização entra com força nessas áreas rurais ou semiurbanas e vai expulsando e excluindo os menos favorecidos. E são justamente esses que ainda mantem fortes traços dos dialetos de origem ou de seus ascendentes.

Inúmeras pesquisas ainda poderão ser realizadas sobre esses movimentos migratórios nas Cidades Satélites do Distrito Federal e os processos de difusão e focalização dos dialetos. Muitas reflexões deverão ocorrer a respeito da formação do dialeto candango.

Por fim, nossa tentativa de abrir o espectro de investigação linguística à interação social por meio da escrita popular sem perder de vista as relações histórico-geográficas do ecossistema Ceilândia-Brasília-Distrito Federal nos permite entender a dimensão ecolinguística de uma análise multidisciplinar em que muitos aspectos sociolinguísticos são fundamentais para o entendimento dos organismos e suas interações com a língua.

A Ecolinguística tem esse potencial: interrelacionar a língua ao universo infinitamente grande e cósmico e, também, ao microuniverso celular e o olhar holístico sobre os sistemas interdependentes é também um trabalho de linguistas.

11 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2009;

ALI, M. S [1931]. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964;

ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística In MUSSALIM, F; BENTES, A. C (Org.). **Introdução à Linguística**. Domínios e fronteiras. 4. ed., São Paulo: Cortez, 2004,. v. 1. p. 20-47;

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. 4. ed. Brasília: Hucitec/INL-MEC, 1974;

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007;

_____. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002;

_____. **Português ou Brasileiro? um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001;

BERNSTEIN, Basil. **Class, Codes and Control**. London, Routledge & Kegan Paulo Ltd., 1971. v. 1;

BARBOSA, Jorge M. L. Les ‘vibrantes’ portugaises et la dynamique linguistique. **Revue de la Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle**. Presses .Universitaires de France, Paris, v. 30, jan. 1994;

BASTARDAS I BOADA, Albert. **Ecologia des les llengües**. Barcelona: Proa, 1996;

BARTON, D. **Literacy: an introduction to ecology of written language**. London: Brackwell, 1994;

BAYNHAM, M. **Literacy practices: investigating literacy in social contexts**. London and New York: Longman, 1995;

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale i**. Paris: Gallimard, 1966;

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale ii**. Paris: Gallimard, 1974;

BERNSTEIN, Basil. **Class, Codes and Control**. London, Routledge & Kegan Paulo Ltd., 1971. v. 1;

BIBER, Douglas. **Dimensions of Register Variation. A Cross-Linguistic Comparison**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995;

_____. Spoken and written textual dimensions in english: resolving contradictory findings. **Language**, v. 62, p. 384-414, 1986;

_____. **Dimensions of Register Variation; A Cross-Linguistic Comparison.** Cambridge, Cambridge University Press, 1995;

BICKERTON, Derek. Creolization, linguistic universals, natural semantax and the brain, **University of Hawaii Workingpapers in linguistics** v. 6, n. 3, p. 124-141, 1974;

_____. **Language and species.** Chicago: Chicago University Press, 1990;

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.) **Gramática do português falado.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Ed. Unicamp, 1999. v. 7;

BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro.** 4.ed. rev. e amp. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005;

BLANCHE-BENVENISTE, C. **Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidade y escritura.** Barcelona: Gedisa, 1998;

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. A escrita da linguagem domingueira. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. (eds.). Os Processos de Leitura e Escrita. 3 ed. Porto Alegre: **Artes Médicas**, p. 195-212, 1990;

BLOOMFIELD, Leonard. **Language.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933;

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectives, 2005;

BORTONI-RICARDO, S.M. O Estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKY, Edair Maria; COELHO, Izete L (Org.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua.** Florianópolis: Ed da UFSC, p. 267-288, 2006;

BORTONI, S. M. et al. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista Estudos da Linguagem**, n. 1, jul./dez, p.9-30; 1992;

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** São Paulo: Parábola, 2011;

_____. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e Educação.** São Paulo: Parábola, 2005;

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004;

_____. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas.** Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1989. p.167-180;

_____.A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: **Ensaaios de Linguística Aplicada ao Português**. Brasília: Thesaurus,1991, p. 79-101.

_____.**The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistics study in Brazil**. Cambridge: University Press, 1985;

CADENA, Nelson Varón. **Brasil 100 Anos de Propaganda**. São Paulo: Edições Referencia, 2001;

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo, Contexto, 2002;

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. (Tese de Doutorado), UFRJ, 1979;

CAMACHO, R. G. A variação linguística. In Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus. **SE-CENP**, São Paulo, v. 3, 1988;

CÂMARA Jr., Mattoso. Erros de escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. In: UCHÔA, C.E. F (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004;

_____. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes: 1986;

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 33. ed., Petrópolis: Vozes: 2001;

_____. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977;

_____. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975^a;

_____. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969;

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão. 1975^b;

CAPRA, Frijof. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultriz, 2014;

CARNEVALLI, Leonildo. **Sistema metodológico e pedagógico para o ensino dos metaplasmos**. UNESP/Assis-SP, (Dissertação de Mestrado), 1990;

CARRAHER, Terezinha Nunes. Explorações sobre o desenvolvimento da competência em ortografia em Português. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 1, n. 3, p. 269-285, 1985;

CASTELLS, M. **A sociedade em rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. v. 1;

CASTILHO, Ataliba T. de. O Português do Brasil. In. ILARI, R. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000;

CHAFE, Wallace. L. **Linguistic differences produced by differences between speaking and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 105-123;

_____. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. Spoken and written language: Exploring orality and literacy, **Deborah Tannen**. Norwood. NJ: Ablex, 1982. p. 35-53;

_____. *Speaking, writing, and prescriptivism*. In: SCHIFFRIN, D. (ed.) **Meaning, Form, and Use in Context: Linguistic Applications**. Georgetown: Georgetown University Press, 1985. p. 95-103;

CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993;

CHESHIRE, Jenny; STEIN, Dieter. The syntax of spoken language In: **Cheshire & Stein 1997**, p. 1-12, 1997a;

_____. (eds.). **Taming the vernacular. From dialect to written standard language**. London / New York: Longman, 1997b;

CONSERIU, Eugênio. **Tradição e novidade na ciência da linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, Editora da USP, 1980;

CORRÊA, Cíntia da Costa. **Focalização Dialectal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação da Universidade de Brasília – UnB, 1998;

COSBY, Paul. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2011;

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976;

COUTO, Elza K. N. Nenoki do. **Ecolinguística e Imaginário**. Brasília: Thesaurus, 2012;

COUTO, Hildo H. do. Sobre o conceito de diversidade. In: Silveira, Eliane Mara (Org.). **As bordas da linguagem**, Uberlândia, EDUPU, p. 155-180, 2011;

_____. **Fonologia e Fonologia do Português**. Brasília: Thesaurus, 1997;

_____. **O falar capelinhense: uma visão sociolinguística**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1974;

_____. **O que é português brasileiro**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense (Coleção “Primeiros Passos”, n. 164, 1993;

_____. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996;

_____, **A língua franca mediterrânea**. Brasília: Oficina Editorial do IL e Plano Editora, 2002;

_____, **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007;

_____. Algumas restrições aos proparoxítonos em português, In. RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro II**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EdUFF, 2008. p. 118-136;

_____, **Linguística, ecologia e ecolinguística**: contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009;

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Fonologia e Fonologia do Português**. Brasília: Thesaurus, 1997;

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000;

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001;

CURY, Fernando: **Paisagens da comunicação**: um estudo para entender e classificar a comunicação exterior. (Dissertação de Mestrado) Escola de Comunicação e Artes- USP. São Paulo, 2004;

DURANTI, Alessandro. Ethnography of speaking: Towards linguistics of the praxis. In: FJ Newmeyer ed. 1988 *Linguistics: The Cambridge survey*, **Language**: The sociocultural context. Cambridge UP, v. 4, 1988;

ELIA, Sílvio. **Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003;

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997;

FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005;

FILL, A.; P. MÜHLHÄUSLER (Orgs). **The ecolinguistics reader**. Londres: Continuum, 2001;

FILLMORE, C. A. Pragmatics and the description of discourse. In: _____. **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 143-66;

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004;

FREITAS, E. **Aprendizagem da estrutura silábica CCV, oralidade e escrita**, Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2001;

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
GILES, H. Accommodation Theory: Some New Directions. **York Papers in Linguistics**, v. 9, p. 105-136, 1980;

GNERRE, M., **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985;

GOMES, A. Martins. A ecologia linguística nas placas e anúncios populares. In: **L&S: Cadernos de Linguagem e Sociedade/Papers on Language and Society**. Denize Elena Garcia da Silva (Ed.), Hildo H. Couto (Org), Brasília: Thesaurus, 2013. v. 14(1);

_____. **A influência da oralidade na escrita**: uma análise sociolingüística sobre as redações escolares de uma escola pública do Distrito Federal. (Dissertação de Mestrado) Universidade de Brasília/PPGL, 2008;

GUMPERZ, John. **Language in social groups**. Stanford: Stanford University Press, 1971.
_____. Types of linguistic communities, **Anthropological Linguistics** v. 4, n. 1, p. 28-40 [Reprinted in J Fishman ed. 1968, Readings in the sociology of language, 1962. p. 460-472];

_____. Communicative Competence. In: Coupland, Nikolas and Jaworski (Eds.) **Sociolinguistics: A reader and Coursebook**. England: Palgrave, 1997. p. 39-54;

_____. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982;

_____. **Language in Social Groups**. Stanford: Stanford University Press, 1971;

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 22 n. 2, p. 201-210, maio-ago. 2006;

HAECKEL, Ernst. **Generelle Morphologie der Organismen. Allgemeine Grundzüge der organischen form.Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie**. Bd.: Allgemeine Entwicklungschichte der Organism.. Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1866;

HAESBAERT, R. O território e a nova des-territorialização do Estado. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.) **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. 2. ed rev. Florianópolis: Insular, 2013;

_____. Muros, “campos” e reservas: os processos de reclusão e “exclusão” territorial. In: SILVA J. *et al.* (Orgs.) **Panorama da Geografia Brasileira I**. São Paulo: Annablume, 2006;

_____. **O Mito da Des-territorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004;

_____. Des-territorialização: entre as Redes e os Aglomerados de exclusão: In: CASTRO, I. *et al.* (Org.) **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995;

_____. O binômio território-rede e seu significado político-cultural. In. A Geografia e as Transformações Globais: conceitos e temas para o ensino. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 1995b;

HALLIDAY, M.A.K. **Spoken and Written Modes of Meaning. Media texts. Authors and Readers.** David Graddol, Boyd, Barrett: The Open University, 1985, 1993;

HANNA, E. Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília, Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1986;

HAUGAN, E., *The Ecology of Language*, In: FILL, A.; P. Mühlhäusler (Eds.), 1972;

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009;

HYMES, Dell. **Foundation of Sociolinguistics: an Ethnographic Approach.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974;

HUDSON, R. A. **Sociolinguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984;

HUMBOLDT, W. von. **Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts.** Berlin: Bonn: Ferd. Dümmlers Verlag. Ed. Fac-similar, 1968;

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio: síntese de Indicadores.** Rio de Janeiro: IBGE/PNAD, 2010;

ILARI, RODOLFO. **Temas do português do português falado.** São Paulo: Contexto, 1999;

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente. A língua que estudamos, a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2006;

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2001;

_____. **A concepção da Escrita pela criança.** 2. ed., Campinas, Pontes, 1992;

KATO, Mary A., MOREIRA, N. Ribeiro, TARALLO, F. **Estudos em alfabetização.** Campinas, SP: Pontes; Juiz de Fora, MG: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997;

KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995;

KRESS, G. **Lerning to Write.** Pennsylvania, Library of Congress, 1982;

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York.** Washington, D. C.: Center for Applied de Linguistique, 1966;

- _____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972;
- _____. **Principles of linguistic change. Internal factors**. Cambridge: Blacwell, 1994;
- _____. Building on empirical foundation. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.) **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-92;
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980;
- LE PAGE, R. B. Projection, Focussing and Diffusion. **York Papers in Linguistics**, 9, 1980. p. 9-31;
- LEFEBVRE, H. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 1984 (1974);
- LE MOS, F. A. P. **Interferência da oralidade na escrita: o caso do registro ortográfico de 'e, i, o, u' átonos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001;
- MAFFI, L. **On biological diversity: Linking language, knowledge and the environment**. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001;
- MAKKAI, A. **Ecolinguistics: Toward a new "paradigm" for the science of language?** Londres: Pinter Publishers, 1993;
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001a;
- _____. Oralidade e Ensino de Língua: uma Questão Pouco "Falada". In: DIONÍSIO, Angela. P; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e Ensino**. 3. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005;
- _____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês, (Org.), **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001b;
- _____. **Análise da Conversação**. 4. ed., São Paulo: Ática, 1998;
- _____. **O tratamento da oralidade no ensino de língua**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. (Texto mimeografado) 1993;
- _____. **Coesão e coerência na conversação**. Recife: UFPE, 1988;
- MARKEY, William Francis. Toward an ecology of language contact. In: ORNSTEIN, Jacob (Org.). **Sociolinguistic studies in language contact: methods and cases**. Haia: Mouton, 1979. p. 453-459;
- MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996;

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. **Revista Gragoatá**, nº 9, p. 11-27, 2º sem. 2000;

_____. **Contradições no ensino de português**: a língua que se fala x a língua que se ensina. 6. ed., São Paulo: Contexto, 2003;

MELO Gladstone. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1981;

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1987;

_____. **Linguistic variation and change**. Oxford: Blackwell, 1992a;

_____. **Introduction: mobility, contact and language change** - working with contemporary speech communities. *Journal of Sociolinguistics*, 6/1. Oxford: Blackwell, 2002b. p. 3-15;

_____. **Social networks**: communities of practice. In: CHAMBERS, J. K. TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). **Handbook of variation and change**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 549-572;

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics**: method and interpretation. Oxford: Blackwell, 2003;

MILROY, J.; MILROY, L. Varieties and Variation. In: COULMAS, F. (Org). Oxford: Blackwell, 1997. p 47-64;

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo, Contexto, 2003;

MOLLICA, M. C.; MATTOS, Paula B. **Dois processos de assimilação fonológica no português falado semi-espontâneo do Rio de Janeiro**. (Mimeografado), 1989;

MOLLICA, Maria Cecília. **A influência da fala na Alfabetização**. 2. ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000;

_____. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003;

_____. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007;

MOIRAND, S. **Situations d'écrit**. Paris: Clé International, 1979;

MONTEIRO, José L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000;

MUFWENE, Salikoko. Jorgons, pidgins, creoles, and koines: What are hey? In: SPEARS, A. K.; D. Winford (Orgs). **The structure and status of pidgins and creoles**. Amsterdam: John Benjamins, 1997;

_____. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001;

MÜHLHÄUSLER, Peter. **Language of environment - Environment of language: A course of ecolinguistics**. Londres: Battlebridge: 2003;

_____. Ecolinguistics, linguistic diversity, ecological diversity. In: MAFFI (2001a), 133-144; 2001;

_____. Ecology of languages. *Current issues in language planning* 1,3, 306-307, 2000;

_____. Layer upon layer of languages. *Jornal of pidgin and creole languages*, 13,1.151-158, 1998;

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, A. C. (Org). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v.1;

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1966;

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004;

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris, 1986;

NUNES, Terezinha; BUARQUE, L.; BRYANT, P. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1997;

OCHS, Elionor. Planned and Unplanned Discourse. In: GIVÓN, Talmy (Ed.). **Discourse and Syntax**. (Syntax and Semantics). New York, Academic Press, v. 12, p. 51-80;

OLIVEIRA, C. B. de. **Do discurso formal para o informal: um estudo de variação estilística no meio acadêmico**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: UnB, 1997;

_____. **Discurso Acadêmico: Estratégias de Variação Estilística em Situação de aula**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: UnB, 2005;

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, 2009;

OLIVEIRA, Klebson. Tem Afrânio Barbosa razão? A posse das letras por dois negros do século XIX. In. AGUILERA, Vandeci de Andrade. (Org.). **Para a história do português brasileiro: vozes, veredas, voragens**. Tomo I. Londrina: EDUEL: 2009. v. 7;

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: EDUSP, 2009;

OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. **Manutenção e apagamento do /R/ final de vocábulo na fala de Itaiuba**. (Dissertação de Mestrado). Belém: Universidade Federal do Pará, 2001;

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - PEDAD 2013, IBGE,, BRASIL;

PINHEIRO Agnaldo e Celso Sabadin: **Outdoor, Uma visão do meio por inteiro**. São Paulo: Central de Outdoor, 1990;

PINTO, E. P. **O português popular escrito**. São Paulo: Contexto, 1996;

PONTES, E. O "Continuum" língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino. *Trab. Ling. Apl. Campinas*, (12):101-107, jul./dez. 1988;

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993;

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998;

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1975. Levantamento e documentação da realidade linguística do Nordeste urbano e rural. **II Seminário de Estudos sobre o Nordeste**, Bahia 24-27 nov. 1975. p. 23-34;

ROMAINE, S. Post-vocalic /r/ in Scottish English: sound change in progress? In: TRUDGILL, P. (ed.) **Sociolinguistic patterns in British English**. London: Edward Arnold, 1978. p. 144-158;

SAPIR, E. **Language**. New York: Harcourt Brace and World, 1921;

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique générale**. Edition critique prepare par Túlío de Mauro. Paris, Payot, 1981 (título original, 1916);

_____. **Curso de linguística geral**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981;

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, S. Ellen. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cengage Learning, 2011;

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, Harry van der; SMITH, Norval (Orgs.) **The structural of phonological representations** (Parte II). Dordrecht: Foris, 1982;

SEPLAN/CODEPLAN//GDF e na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PEDAD 2013;

SILVA NETO, S. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957;

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986;

_____. **A língua portuguesa no Brasil**. Problemas. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

SOARES, José Eduardo. **No país das placas malucas**. São Paulo: Panda Books, 2011.

_____. **O Brasil das placas**. São Paulo: Panda Books, 2007;

SOARES, Magda Becker. **Leitura, ortografia e fonologia**. 2. ed., São Paulo, Ática, 1993;

- _____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica/CEALE, 1999;
- _____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Contexto, 2003;
- _____. **Linguagem e Escola**: Uma Perspectiva Social. São Paulo: Ática, 1986.
- SCHULTZ, B., 2001 (1992), “Language and the Natural Environment”, in FILL, A.; P. Mühlhäusler (Eds.), p. 109-114;
- SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**, São Paulo: Cengage Learning, 2011;
- STUBBS, M. **Language and literacy. The sociolinguistics of reading and writing**. London, Boston e Henley: Routledge & Keagan Paul, 1985;
- STREET, Brian. V. **Social Literacies. Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography**. Harlow: Longman, 1995;
- _____. **Literacy and theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984;
- TAYLOR, Douglas. Grammatical and lexical affinities of creoles. In HYMES (Org.), p. 293-296, 1971;
- TANNEN, D. *The Oral/Literate Continuum in Discourse*. In: Tannen, D. (Ed.) **Spoken and Written Language**. New Jersey: Ablex, 1982;
- _____. **Coherence in Spoken and Written Discourse**. Norwood: J. Ablex, 1984;
- _____. Relative Focus on Involvement in oral and whitten discourse. In: OLSON, D. R. *et al.* (Eds.). **Literacy, Language and Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 124-147;
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 5. ed., São Paulo: Ática: 1997.
- _____. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. São Paulo, Pontes: 1989;
- TASCA, M. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002;
- TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1977;
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002;
- THOMASON, Sarah G. (Org.). A typology of contact languages. In “Spears, Arthur K.; D. Windord (Orgs), 70-88, 1997;
- _____. **Language contact**: an introduction. Washington, D.C.: Georgetwon University Press, 2001;
- _____.; KAUFMAN, T. **Languages contact, creolization, and linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988;

TRUDGILL, Peter . **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 1986;

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales et alli, Da utopia à realidade: uma análise dos fluxos migratórios para o Aglomerado Urbano de Brasília, **Anais do XV Encontro de Estudos Populacionais**, Belo Horizonte, 2006;

VIEIRA, J. A. Práticas sociais de letramento e ensino crítico em língua portuguesa. In: VIEIRA, J. A.; SILVA, D.E.G da (Orgs.). **Práticas de análise do discurso**. Brasília, Plano, 2003;

_____. O uso do diário em pesquisa qualitativa. In: **Linguagem e sociedade**. Universidade de Brasília: Thesaurus, 2000;

WARDHAUGH, Ronaldo. **An Introction to Sociolinguistics**. 2. ed., Oxford/Cambridge: Blackwell, 1993;

WEINREICH, U. **Languages in contact**. New York: Linguistic Circle, 1953.

_____; LABOV, W.; HERZOG, W. Empirical foundations for a theory of language change, 1968;

WEINREICH, H., 2001, Economy and Ecology in Language, *in* FILL, A.; P. Mühlhäusler (Eds.) p. 91-100, 1990;

ANEXOS

Tabela 10 - Prótese

No.	Escrita fonológica.	Escrita Ortográfica.	Nº Ocor.	Cei.	SHSN...	Tag..	P.P	Con. Urb..	Con. Rurb.	Con. Rur.	Grad.	Desc.
01	Annual	Anual	02	01	01	-	-	-	X	-	x	-
02	Inmovel	Imóvel	06	02	03	-	01	-	X	-	x	-
03	Adverti	Divertir	06	-	6	-	-	-	-	X	-	x
04	Adispois	Depois	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
05	Aduado	Doado	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
06	Apreparado	Preparodo	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
07	Alembra	Lembrar	10	02	07	01	-	-	-	X	-	x
08	Arpreparu	Preparo	09	01	08	-	-	-	-	X	-	x
09	Adiversão/ Adeversão	Diversão	07	01	06	-	-	-	-	X	-	x
10	amostrano	Mostrando	09	02	06	-	01	-	-	X	-	x
11	Avuou/avuo	Voou	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
12	Arruido	Ruído	14	02	12	-	-	-	-	X	-	x
13	Inlembro	Lembro	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
14	Andivogacia	Advocacia	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
15	Atreussia	Travessia	20	01	18	01	-	-	-	X	-	x
16	Inscova	escova	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
17	Afexado	Fechado	14	01	13	-	-	-	-	X	-	x
18	Amorava	Morava	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
19	Aprotegi	Proteger	14	-	14	-	-	-	-	X	-	x
20	Invinha	Vinha	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
21	Aprepara	Prepara	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
22	Asismado	Cismado	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
23	Inproibidio	Proibido	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
24	Asobi	Sobe	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
25	Areunirmu	Reunimos	16	02	14	-	-	-	-	X	-	x
26	Avisagi	Visagem	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
27	Instranho	Estranho	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
28	Inqual	Igual	03	01	01	01	-	-	X	-	x	-
29	Insqro	Isqueiro	06	01	05	-	-	-	X	-	x	-
30	Arrecebe	Receber	29	05	21	02	01	-	-	X	-	x
31	Incuza	Cruzar	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
32	Invai	Vai	06	01	05	-	-	-	-	X	-	x
33	Avoa	Voa	04	01	03	-	-	-	X	-	x	-
34	Afelpa	Felpa (farpa)	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
35	Acuarira	Qualira (homossexual)	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
36	Enquilibri	Equilíbrio	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
37	Indenticassão	Identificação	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
38	Acuma	Como	05	01	04	-	-	-	-	X	-	x
39	Adividi	Divide	04	-	04	-	-	-	-	X	-	x
40	Acoitado	Coitado	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
41	Antaum	Então	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
total			221	28	170	05	03	00	06	35	06	35
%			100	13,6	82,52	2,42	1,45	0	14,63	85,36	14,63	85,36

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº ocorr.	Ceil	SHSN	Tag	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb	Con. Rural	Grad	Desc
01	Mendingo	Mendigo	13	04	07	01	01	-	X	-	x	-
02	Traiz	Traz	08	02	04	01	01	X	-	-	x	-
03	Caxaaprego	Caixa prego	01	01	-	-	-	-	X	-	x	x
04	Adevogadio	Advogado	06	01	05	-	-	-	-	X	-	x
05	Peleija	Peleja	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
06	Pesicologa	Psicóloga	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
07	Coiridio	Corrido	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
08	Ademirado	Admirado	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
09	Ademitir	Admitir	02	01	01	-	-	-	X	-	x	x
10	Ortalicia	Hortalicha	17	04	13	-	-	-	-	X	-	x
11	Bandeija	Bandeja	10	02	04	01	03	-	X	-	x	-
12	Cabeileireira	Cabeleireira	18	06	09	02	01	-	X	-	x	-
13	ogrotoixico/agrotoix/agrotoiço	Agrotóxico	19	02	17	-	-	-	-	X	-	x
14	Carangueijo	Caranguejo	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
15	Monstranu	Mostrando	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
16	Prerparo	Preparou	01	01	0	-	-	-	-	X	-	x
17	Inguinorante	Ignorante	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
18	Einxarda	Enxada	01	-	01	-	-	-	-	X	-	-
19	Cunzinha	Cozinha	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
20	Faizero	Fizeram	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
21	Nouvo	Novo	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
22	Neurvo	Nervo	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
23	Mais/maiz	Mas	27	09	15	02	01	-	X	-	X	-
24	Maize/maizi	Mais	08	01	07	-	-	-	-	X	-	x
25	Fais/faiz	Faz	14	05	07	01	01	-	X	-	x	-
26	Carcuinda/calcunda	Corcunda	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
27	Oitio	Oito	04	01	03	-	-	-	-	X	-	-
28	Tauba	Tábua	20	02	18	-	-	-	-	X	-	x
29	Coicica	Cócegas	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
30	Forgo/folgo	Fogo	09	02	07	-	-	-	-	X	-	x
31	Nois/noiz	Nós	11	04	05	01	01	-	X	-	X	-
32	Quausque	Quaisquer	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
33	Estrudante	Estudante	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
34	Parroidia	Paródia	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
35	Oibruru	Ombro	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
36	Amealsa	Ameaça	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
37	Terem Baum	Trêm Bão (mercado)	08	-	08	-	-	-	-	X	-	x
38	Cergunda	Segunda	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
39	Treize/treizi	Treze	05	-	05	-	-	-	-	X	-	x
40	Acreditarva	Acreditava	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
41	Forguete	Foguete	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
42	Merlancia	Melância	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
43	Pirnico	Penico	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
44	Largarto/largata	Lagarto	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
total			232	53	161	09	09	02	11	31	12	32

%			100	22,84	69,4	03,8	3,8	0,86	25	70,45	27,27	72,72
---	--	--	-----	-------	------	------	-----	------	----	-------	-------	-------

Tabela 11 - Epêntese

Tabela 12 – Suarabacti

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb	Con. Rur.	Grad.	Desc.
01	Apito	Apto	02	01	-	01	-	-	-	X	-	x
02	Piseudo	Pseudo	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
03	Adapitado	Adaptado	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
04	Adivogado	Advogado	07	04	02	01	-	-	X	-	x	-
05	Paricero	Parceiro	04	02	02	-	-	-	X	-	x	-
06	Ritimo	Ritmo	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
07	Pisicóitica	Psicótica	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
08	Pobema	Problema	02	01	01	-	-	-	-	X	-	x
total			19	10	07	02	-	-	04	04	04	04
%			100	52,63	36,84	10,52	-	-	50	50	50	50

Tabela 13 - Paragoge

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº ocorr	Ceil.	SHSN	Tag	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb	Con. Rur.	Grad.	Desc.
01	Peçoale	Pessoal	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
02	Male	Mal	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
03	Raize	Raiz	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
Total			03	-	03	-	-	-	-	03	-	03
%			100		100	-	-	-	-	100	-	100

Tabela 14 - Aférese

Nº	Escrita fonológica.	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Co n. Urba n.	Con. Rurb.	Co n. Rur.	Gra d.	De sc.
01	Inda	Ainda	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
02	Trapaia	Atrapalha	14	06	08	-	-	-	-	X	-	x
03	Judante/ju da	Ajudante/ajuda	09	02	05	01	01	-	X	-	x	-
04	Manhecendo	Amanhecendo	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
05	Guenta	Aguenta	08	03	03	02	-	-	-	X	-	x
06	Jueiava	Ajoelhava	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
07	Posentei	Aposentei	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
08	Biservadu	Observado	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
09	Manhecido	Amanhecido	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
10	Rãca	Arranca	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
11	Cabo	Acabou	10	03	05	01	01	-	X	-	x	-
12	Devogado	Advogado	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
13	Propiado	Apropriado	21	06	14	01	-	-	X	-	x	-
14	Madurecido	Amadurecido	04	01	03	-	-	-	X	-	x	-
15	Sãiado	Assanhado	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
16	Bulança	Ambulância	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
17	Voluiu	Evoluiu	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
18	Sende	Acender	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
19	Luminação	Iluminação	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
20	Qrdita	Acredita	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
21	Guinoranti	Ignorante	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
22	Valio	Avaliou	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
23	Juei/jueio	Ajoelho	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
24	Valideis	Invalidez	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
25	Roxado/ro chado	Arrochado	06	01	05	-	-	-	-	X	-	x
26	Percata	Alpercata	02	01	01	-	-	-	-	X	-	x
27	Redar o pé	Arredar o pé	01	-	-	01	-	-	-	X	-	x

28	Perrei	Aperreio	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
29	Renga	Arenga	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
30	Periado	Aperriado	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
31	Zucrina	Azucrina	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
32	Ribado	Arribado	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
33	Bestaiado	Abestado	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
34	Duicido	Adoecido	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
35	Madruce	Amadurecer	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
36	Mamentação	Amamentação	04	01	03	-	-	-	X	-	x	-
37	Sidentatu/ cidente	Acidentado/acidente	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
38	Ranhau	Arranhão	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
39	qerditada	Acreditada	06	01	05	-	-	-	-	X	-	x
40	Cumpaei	Acompanhei	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
41	Cunpuntura	Acupuntura	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
42	Bacaxi	Abacaxi	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
43	Bacate	Abacate	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
44	Basteça	Abasteça	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
46	Ranquei	Arranquei	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
total			124	33	83	06	02	-	09	36	09	36
%			26,61	67,0	4,83	1,61	1,61	-	20	80	20	80

Tabela 15 - Síncope

Nº	Escrita fonológica	Escrita ortográfica	Nº Ocor.	Ceil .	SHS N	Ta g.	P.P	Con . Urb.	Con . Rur b	Con . Rur .	Gra .	Des c.
01	Oimbus/õibus	Ônibus	24	01	23	-	-	-	-	X	-	x
02	Poque/pruque	Porque	11	03	07	01	-	-	-	X	-	x
03	Pra	Para	126	29	69	17	11	-	X	-	x	-
04	Tamem	Também	17	05	08	02	02	-	X	-	X	-
05	Memo	Mesmo	14	03	08	02	01	-	-	X	-	x
06	Cidera	Cidreira	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
07	Cupadi	Compadre	09	02	07	-	-	-	-	X	-	x
08	Cuatucents/ Coatucento	Quatrocentos	06	01	05	-	-	-	X	-	x	-
09	Rosera	Roseira	12	03	07	01	01	-	X	-	x	-
10	Cosca	Cócegas	03	01	02	-	-	-	X	-	x	-
11	Denalina	Adrenalina	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
12	Xicra	Xícara	08	02	06	-	-	-	X	-	x	-
13	Propietario	Proprietário	14	05	07	01	01	-	X	-	x	-
14	Xácrá/chacra	Chácara	49	19	27	02	01	-	X	-	x	-
15	Pobrema	Problema	16	02	14	-	-	-	-	X	-	x
16	Vibra	Víbora	11	03	07	01	-	-	-	X	-	x
17	Abobra/abóbra	Abóbora	49	13	24	07	05	-	X	-	x	-
18	Pobesa/pobreza	Pobreza	03	01	02	-	-	-	-	X	-	X
19	Avicultura	Avicultura	17	05	12	-	-	-	X	-	x	-
20	Oclos/oclus	Óculos	11	08	03	-	-	-	X	-	x	-
21	Cumpida	Comprida	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
22	Lâpa/lampa	Lâmpada	21	07	09	04	01	-	-	X	-	x
23	Brasilero	Brasileiro	42	11	23	05	03	-	X	-	x	-
24	Agrotoxo/grotocs	Agrotóxico	29	07	18	03	01	-	-	X	-	x
25	Marmoaria	Marmoraria	05	02	03	-	-	-	-	X	-	x
26	Quejadina/quejad inia	Queijadinha	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
27	Contrato	Contralto	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
28	Sabo/sabu	Sábado	10	-	10	-	-	-	-	X	-	x
29	Mazena	Maisena	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
30	Coméa	Colmeia	09	03	05	01	-	-	X	-	x	-
31	Sabo/sabro/	Saibro	12	04	07	01	-	-	-	X	-	x
32	Sabroza	Saibrosa	19	07	09	02	01	-	X	-	X	-
33	Nivana	Nirvana (conj. Musical)	01	01	-	-	-	-	-	X	-	x
34	Numru	Número	05	-	05	-	-	-	X	-	x	-
35	Numo	Número	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
36	Troxa	Trouxa	47	11	21	06	09	-	X	-	x	-
37	Musca/musga	Música	08	01	06	01	-	-	-	X	-	x
38	Faxa	Faixa	19	06	10	01	02	-	X	-	x	-

39	Otista/otismu	Autista/autismo	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
40	Deposu	Depósito	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
41	Bebu	Bêbado	09	02	07	-	-	-	-	X	-	x
42	Foigo	Fôlego	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
43	Ingo	Igual	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
44	Operaru	Operário	17	06	08	02	01	-	-	X	-	x
45	Baço	Braço	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
46	Lavaderia	Lavanderia	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
47	Cadado	Cadeado	02	01	01	-	-	-	X	-	x	-
48	Caderada	Cauderada	05	01	04	-	-	-	-	X	-	x
49	Ardea	Aldeia	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
50	Banderanti	Bandeirante	05	02	02	-	01	-	X	-	x	-
51	Afazema	Alfazema	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
52	Aface	Alface	10	04	05	01	-	-	-	X	-	x
53	Pobizin	Pobrezinho	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
54	Fedgoso	Fedegoso	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
55	Amaga	Amarga	06	03	03	-	-	-	-	X	-	x
56	Picisa	Precisa	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
57	Vasora/basora	Vassoura	07	02	02	02	01	-	-	X	-	x
58	Viba/biba/vibra	Víbora	11	03	07	01	-	-	-	X	-	x
59	Vespra	Véspera	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
60	Piula	Pílula	09	03	05	01	-	-	-	X	-	x
61	Prinspe	Príncipe	09	03	04	01	01	-	X	-	x	-
62	Catóico/catói	Catóico	05	01	04	-	-	-	-	X	-	x
63	Relampu	Relâmpago	10	03	07	-	-	-	-	X	-	x
64	Estomo/estrobu	Estômago	17	07	10	-	-	-	-	X	-	x
65	Vávula	Válvula	03	-	03	-	-	-	X	-	x	-
Tot al			798	216	493	66	43	-	22	43	22	43
%				27,0 6	59,2 7	8,2 7	5,3 8	-	33,8 4	66,1 5	33,8 4	66,1 5

Tabela 16 – Síncope por redução da marca morfêmica do gerúndio – ND para -N

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.	Cei.	SHSN	Tag.	P.P	Co. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rur.	Grad.	Desc.
01	Trabaiano	Trabalhando	09	02	07	-	-	-	-	X	-	x
02	Escreveno	Escrevendo	26	07	10	04	05	-	X	-	x	-
03	Grafitano	Grafitando	11	03	04	02	02	-	X	-	x	-
04	Adoceno	Adocendo	04	01	02	01	-	-	X	-	x	-
05	Correno	Correndo	12	03	05	02	02	-	X	-	x	-
06	Aumentano	Aumentando	05	03	02	-	-	-	X	-	x	-
07	Esperano	Esperando	13	06	02	03	02	-	X	-	x	-
08	Catano	Catando	07	01	06	-	-	-	X	-	x	-
09	Sentino	Sentindo	09	02	02	03	02	-	X	-	x	-
10	Jogano	Jogando	14	05	06	02	01	-	X	-	x	-
11	Estufano	Estufando	03	01	02	-	-	-	X	-	x	-
12	Alugano	Alugando	14	05	05	04	-	-	X	-	x	-
Total			127	39	53	21	14	-	11	01	11	01
%			100	30,70	41,73	16,53	11,02	-	91,66	8,33	91,68	8,33

Tabela 17 – Síncope por apagamento da postônica /e/ e /i/ da penúltima sílaba

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Corgu	Córrego	12	04	06	01	01	-	X	-	x	-
02	Ferreru	Ferreiro	03	01	02	-	-	-	X	-	x	-
03	Pedreru	Pedreiro	63	21	34	06	02	-	X	-	x	-
04	Foguera	Fogueira	19	07	09	02	01	-	X	-	x	-
Total			97	33	51	09	04	-	04	-	04	-
%			100	34,02	52,57	9,27	4,12	-	100	-	100	-

Tabela 18 – Vocalização das consoantes /l/ > /i/ e /p/ > /i/

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Moiado	Molhado	06	03	03	-	-	-	-	X	-	x
02	Teiado	Telhado	15	01	14	-	-	-	-	X	-	x
03	Fio/fia	Filha	22	09	12	01	-	-	-	X	-	x
04	Oia/oi	Olha	07	-	07	-	-	-	-	X	-	x
05	Lia	Linha	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
06	Tia	Tinha	06	01	05	-	-	-	-	X	-	x
07	Uia	Unha	13	06	07	-	-	-	-	X	-	x
08	Cuíé	Colher	09	01	08	-	-	-	-	X	-	x
Total			80	21	58	01	-	-	-	8	-	8
%			100	26,25	72,50	1,25	-	-	-	100	-	100

Tabela 19 -Apócope

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rur.	Grad.	Desc.
01	Beijaflo	Beija-flor	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
02	Amarra	Amarrar	03	01	02	-	-	-	X	-	x	-
03	Carnava	Carnaval	05	02	03	-	-	-	-	X	-	x
04	Subi	Subir	04	01	03	-	-	-	X	-	x	-
05	Busca	Buscar	02	-	02	-	-	-	X	-	x	-
06	Planeja	Planejar	03	-	-	01	02	-	X	-	x	-
07	Anzo/anzor	Anzol	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
08	Corre	Correr	03	01	01	01	-	-	X	-	x	-
09	Alambe	Lember	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
10	Atira	Atirar	05	02	02	-	01	-	X	-	x	-
11	Intende	Entender	02	02	-	-	-	-	-	X	-	x
12	Versati	Versátil	13	05	06	01	01	-	-	X	-	x
13	Encafifa	Encafifar	02	-	02	-	-	-	X	-	x	-
14	Menti	Mentir	05	02	02	01	-	-	X	-	x	-
15	Timba	Timbar (bagunçar)	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
16	Recebe na puba	Receber na puba (a vista)	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
17	Difíce	Difícil	22	09	13	-	-	-	-	X	-	x
18	Incrive	Incrível	17	06	09	02	-	-	-	X	-	x
19	Possivi	Possível	12	03	08	01	-	-	-	X	-	x
20	Melho	Melhor	24	08	09	04	03	-	X	-	x	-
21	Maio	Maior	06	01	03	02	-	-	X	-	x	-
22	Vesti	Vestir	02	02	-	-	-	-	X	-	x	-
23	Contage	Contagem	13	05	04	02	02	-	X	-	x	-
24	Vaje/vage	Vagem	35	07	23	04	01	-	X	-	x	-
25	Sanage	Sacanagem	25	12	13	-	-	-	X	-	x	-
26	reportage	reportagem	11	01	05	02	03	-	X	-	x	-
Total:			222	72	116	21	13	-	18	08	18	08
%			100	32,43	52,25	9,45	5,85		69,23	30,76	69,23	30,76

Tabela 20 – Metátese do /r/

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Urb.	Con. Rur.	Grad.	Desc.
01	Brabuleta	Borboleta	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
02	Drumi	Dormir	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
03	Estrupo	Estupro	14	05	09	-	-	-	-	X	-	x

04	Frevenu	Fervendo	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
05	Drumente	Dormente	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
06	Intertido	Intretido	09	03	03	02	01	-	-	X	-	x
Total:			27	08	16	02	01	-	-	06	-	06
%			100	30,14	59,25	7,49	3,7			100		100

Tabela 21 – Metátese do /r/ em sílaba diferente

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Drobo	Dobro	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
02	Estrupru	Estupro	04	01	02	01	-	-	-	X	-	x
03	Preda	Pedra	04	-	04	-	-	-	-	X	-	x
Total			11	02	08	01	-	-	-	03	-	03
%			100	18,18	72,72	9,09				100	-	100

Tabela 22 – Vocalização do /k/ em /i/ - Deslaterização/despalatização

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocorr.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Pioio/pioi	Piolho	02	-	01	-	-	-	-	X	-	x
02	Coieu	Colheu	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
03	Juei/joeio	Joelho	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
04	Bacaiou	Bacalhau	02	01	01	-	-	-	-	X	-	x
05	Caiau	Calhau	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
06	Gaio/gaiu	Galho	17	03	14	-	-	-	-	X	-	x
07	Vermeio	Vermelho	10	02	08	-	-	-	-	X	-	x
08	Mio/mi/mii	Milho	14	01	13	-	-	-	-	X	-	x
09	Maraviosu	Maravilhoso	05	-	05	-	-	-	-	X	-	x
10	Aio/ai	Alho	07	02	05	-	-	-	-	X	-	x
11	Esponaio/espanta	Espantalho	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
12	Carai, véi	Caralho, velho	09	04	04	-	01	-	X	-	x	-
13	Brii/briu/brio	Bilho	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
14	Fii/fio/fia	Filho/filha	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
15	Moiado	Molhado	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
16	Espei	Espelho	02	01	01	-	-	-	-	X	-	x
17	Famia	Família	14	04	08	01	01	-	-	X	-	x
18	Trabai/trabaio	Trabalho	05	01	04	-	-	-	-	X	-	x
Total:			108	24	81	01	07	-	01	03	01	03
%			100	22,22	75,0	0,9	1,85	-	5,55	94,44	5,55	94,44

Tabela 23– Nasalização de vogais

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.	Cei.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Bannana	Banana	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
02	Indentidade	Identidade	07	02	02	02	01	-	X	-	x	-
03	Inguinorante	Ignorante	18	07	09	02	-	-	X	-	x	-
04	Conzinha	Cozinha	07	02	05	-	-	-	-	X	-	x
05	Tānajura	Tanajura	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
06	Ingreja	Igreja	22	09	11	01	01	-	-	X	-	x
07	Inxempro	Exemplo	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
08	Inscola	Escola	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
Total:			60	21	32	05	02	-	03	05	03	05
%				35,0	53,33	8,33	3,33	-	37,5	62,5	37,5	62,5

Tabela 24 – Desnasalização de vogais

Nº	Escrita Fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Onti/onte	Ontem	12	03	08	01	-	-	X	-	x	-
02	Puseru	Puseram	07	03	04	-	-	-	X	-	x	-
03	Vieru	Vieram	02	01	01	-	-	-	X	-	x	-
04	Vortaru	Voltaram	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
05	Ome/õmi	Homem	12	04	08	-	-	-	X	-	x	-
06	Image	Imagem	39	13	15	05	06	-	X	-	x	-
07	Jove/jovi	Jovem	26	16	09	-	01	-	X	-	x	-
08	Nuve/nuvi	Nuvem	18	07	09	01	01	-	X	-	x	-
09	Vantagi	Vantagem	02	02	-	-	-	-	X	-	x	-
10	Estantanio	Instantâneo	02	01	01	-	-	-	X	-	x	-
11	Vige/virge	Virgem	05	02	03	-	-	-	X	-	x	-
12	Estrumento	Instrumento	04	01	03	-	-	-	X	-	x	-
13	Demotado	Desmontado	01	-01	-	-	-	-	X	-	x	-
14	Igrediente	Ingrediente	09	04	05	-	-	-	X	-	x	-
15	Iperio	Império	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
16	Ipotença	Impotência	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
17	Imudiça	Imundícia	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
18	Viage/viaje	Viagem	09	07	01	01	-	-	X	-	x	-
19	Imagi	Imagem	02	01	01	-	-	-	X	-	x	-
20	Rocu	Ronco	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
21	Acinho	Ancinho	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
22	Votaru	Votaram	03	01	02	-	-	-	X	-	x	-
To tal:			167	68	83	08	08	-	16	06	16	06
%			100	40,71	49,70	4,79	4,75	-	72,72	27,27	72,72	27,27

Tabela 25 – Elevação de vogais (alçamento)

Nº	Escrita fonológica	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Campião	Campeão	02	02	-	-	-	-	X	-	x	-
02	Chuver	Chover	10	04	04	01	01	-	X	-	x	-
03	Dilija	Delícia	15	01	14	-	-	-	-	X	-	x
04	Disfile	Desfile	02	-	02	-	-	-	X	-	x	-
05	Iscola	Escola	09	03	06	-	-	-	X	-	x	-
06	Futibou	Futebol	10	03	07	-	-	-	X	-	x	-
07	Fulia	Folia	18	11	-	-	07	-	X	-	x	-
08	Gemios	Gêmeos	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
09	Disqueti	Desquite	02	02	-	-	-	-	X	-	x	-
10	Puera/pueira	Poeira	27	09	11	04	03	-	X	-	x	-
11	Piriquito	Periquito	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
12	Priquito(a)	Periquito	12	04	08	-	-	-	-	X	-	x
13	Penti	Pente	04	01	03	-	-	-	X	-	x	-
14	Denti	Dente	03	-	03	-	-	-	X	-	x	-
15	Rudela	Rodela	12	04	07	01	-	-	-	X	-	x
16	Cibola	Cebola	08	03	04	01	-	-	-	X	-	x
17	Seti	Sete	14	05	09	-	-	-	X	-	x	-
18	Vivu	Vivo	28	08	16	02	02	-	X	-	x	-
19	Triu	Trio	01	01	-	-	-	-	X	-	x	-
20	Deli	Dele	02	-	02	-	-	-	X	-	x	-
21	Paricida/ Aparicida	Aparecida	06	01	05	-	-	-	-	X	-	x
22	Azeiti	Azeite	12	01	10	01	-	-	X	-	x	-
23	Leiti	Leite	12	03	07	02	-	-	X	-	x	-
24	Cumeu	Comeu	18	07	09	01	01	-	X	-	x	-
25	Infeiti/infeite	Enfeite	08	01	06	01	-	-	X	-	x	-
26	Tronchu	Troncho	02	01	01	-	-	-	X	-	x	-
27	Trocadu	Trocado	12	08	03	01	-	-	X	-	x	-
28	Avexadu	Avexado	03	01	02	-	-	-	X	-	x	-
29	Incafifadio	Encafifado	04	01	03	-	-	-	X	-	x	-
30	Bacurihu	Bacorinho (leitão)	03	-	03	-	-	-	X	-	x	-
31	Pirigueti	Perigete	28	08	17	02	01	-	X	-	x	-
32	Parafusu	Parafuso	22	10	12	-	-	-	X	-	x	-
33	Pequeti	Pegete	16	06	10	-	-	-	X	-	x	-
34	Coalhu	Coalho	02	01	01	-	-	-	X	-	x	-
35	Viradu no bode	Virado no bode	02	02	-	-	-	-	X	-	x	-
36	Virtido/ Vestido	Vestido	22	09	11	01	01	-	-	X	-	x

	Vistidu											
37	Mangiricão	Manjericão	13	03	10	-	-	-	-	X	-	x
38	Abóbura	Abóbora	03	-	03	-	-	-	X	-	x	-
Total:			369	125	210	18	16	-	31	07	31	07
%			100	33,87	56,91	4,87	4,33		81,57	18,42	81,57	18,42

Tabela 26 – Abaixamento de vogais pré e pós-tônicas

Nº	Escrita fonológica	Escrita ortográfica	Nº Ocor.	Ceil.	SHSN	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Veve	Vive	06	04	02	-	-	-	-	X	-	x
02	Asseste	Assisti	04	-	04	-	-	-	-	X	-	x
03	Bojões	Bujões	10	04	05	01	-	-	X	-	x	-
04	Margenal	Maginal	01	-	01	-	-	-	X	-	x	-
05	Empressão	Impressão	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
06	Enfalive	Infalível	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
07	Empotença	Importência	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
08	Apendicite	Apendicite	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
09	Tuberculosa (subs)	Tuberculose	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
10	Femeneno	Feminino	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
11	Corativo	Curativo	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
Total:			38	11	26	01	-	-	02	09	02	09
%			100	28,94	68,42	2,63			18,18	81,81	18,18	81,81

Tabela 27 - Rotacismo

Nº	Escrita alfabética	Escrita Ortográfica	Nº Ocor.	Cei.	SHNS	Tag.	P.P	Con. Urb.	Con. Rurb.	Con. Rural	Grad.	Desc.
01	Incrusiva	Inclusiva	06	02	04	-	-	-	-	X	-	x
02	Criente	Cliente	17	06	11	-	-	-	-	X	-	x
03	Pranejamento	Planejamento	13	05	08	-	-	-	-	X	-	x
04	Ingreis	Inglês	09	01	08	-	-	-	-	X	-	x
05	Crínica	Clínica	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
06	Grobo	Grobo	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
07	Prastico	Prático	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
08	Crube	Clube	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
09	Proprema	Problema	08	03	05	-	-	-	-	X	-	x
10	Framengo	Flamengo	05	01	04	-	-	-	-	X	-	x
11	Prano Piloto	Plano Piloto	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
12	Bicicreta	Bicicleta	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
13	Compreto	Completo	03	01	02	-	-	-	-	X	-	x
14	Exempro	Exemplo	03	-	03	-	-	-	-	X	-	x
15	Armoço	Almoço	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
16	Carculo	Cálculo	04	02	02	-	-	-	-	X	-	x
17	Vorta	Volta	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
18	Prantas	Plantas	06	01	05	-	-	-	-	X	-	x
19	Exprica	Explica	01	-	01	-	-	-	-	X	-	x
20	Purga	Pulga	04	01	03	-	-	-	-	X	-	x
21	Broco	Bloco	02	-	02	-	-	-	-	X	-	x
Total			97	24	73	-	-	-	-	21	-	21
%			100	24,74	75,25					100		100

ANÚNCIOS



Homem, território, natureza e língua em um só sistema.

A colorful advertisement sign for 'Solteiras e Solteiros ALUGA-SE SUÍTES'. The sign has a yellow background with a green border. The text is in various colors: blue, red, and black. It lists amenities like 'LAVANDERIA COLETIVA COM TANQUINHO' and 'ANTENA DE TV COLETIVA'. It also mentions 'TODAS AS SUÍTES NA CERÂMICA E FORRADAS' and 'ALUGUEL COM QUALIDADE TOTAL'. There are four bullet points: '*SEGURANÇA *PRIVACIDADE *HIGIENE *SILENCIOSO'. At the bottom, it displays two phone numbers: '3375 - 2388 / 8540 - 3020'. A yellow arrow points to the right, with the text 'QNN 21 CONJ. K LOTE 12' next to it. The sign is set against a background of green trees.



CASA DE ORAÇ
DO MEU PAI
FAZ TODO TIPO DE
TRATAMENTO
CURA SE
CANCER, MONGOLOID
AIDES
ATENÇÃO FONE 61791013
TEM QUE VIR COM FE

EVITE UMA CONFUSSÃO
NÃO COLOCAR LIXO
E NEM ENTULHO



RESSIC RAJEN

COBRE

ALUMINIO

LATINHA

FERRO

METAL

CHUMBO





H Á
PASTÉIS
DE
BACALHAU
E
RÍÇÓIS
DE
CAMARÃO

CONSTRUÇÃO CIVIL
REFORMAS DE CASAS
CERVISOS DE ELETRICA
IDRALICA E PINTURAS
CONSTRUÇÃO DE CASAS
MUROS. CALSADAS
COLOCAÇÃO DE AZULEJO
PINTURAS DE TELHADO
FONE : 91853662







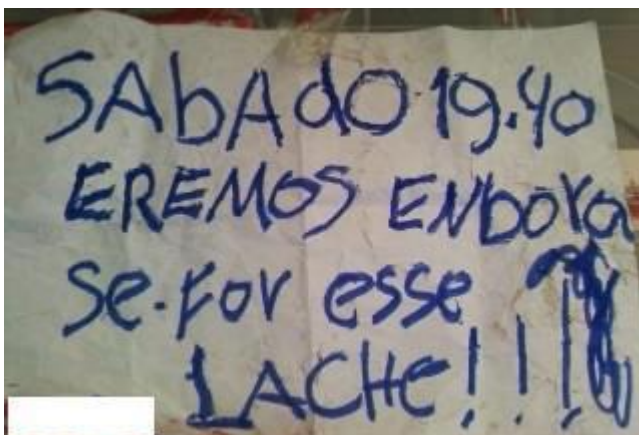


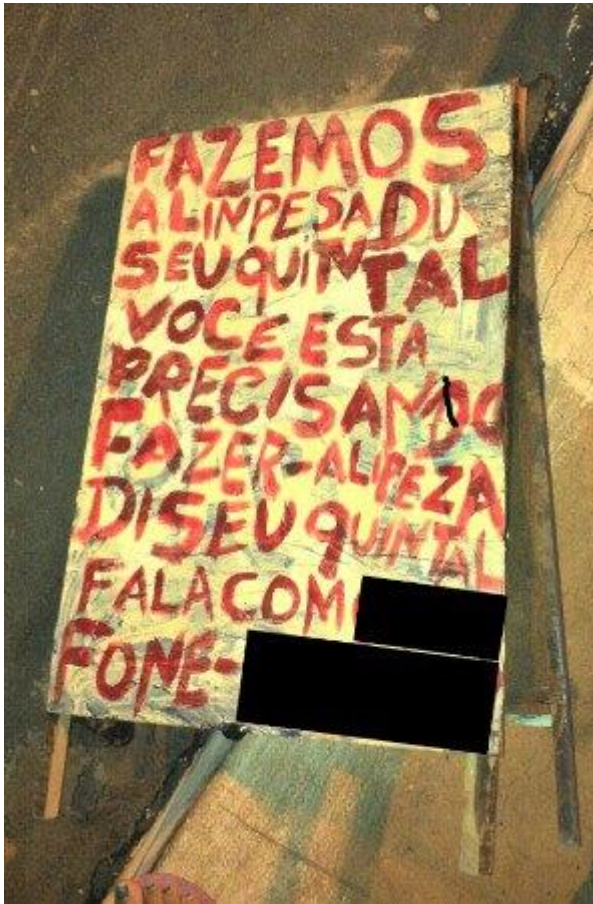












Venha Ser dono do seu

Próprio negócio

Compartilhe **públicidade**

em seu Facebook

GANHE

Até R\$ 800,00

Trabalhando 1Hora por semana

Encontro de Empreendedores



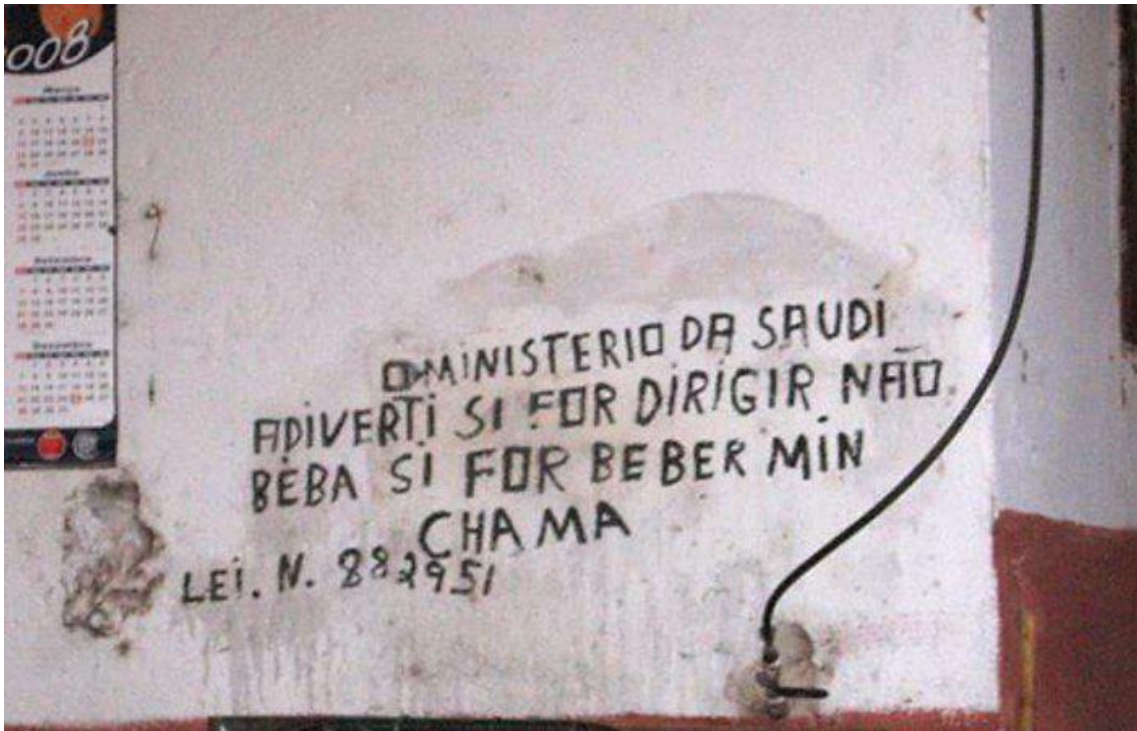


CONSERVA - SE
RELOJIOS e PANELA DE
PRESSÃO.

COLOCA, pulseira
pino, pilha, vidro e
máquina em relógios

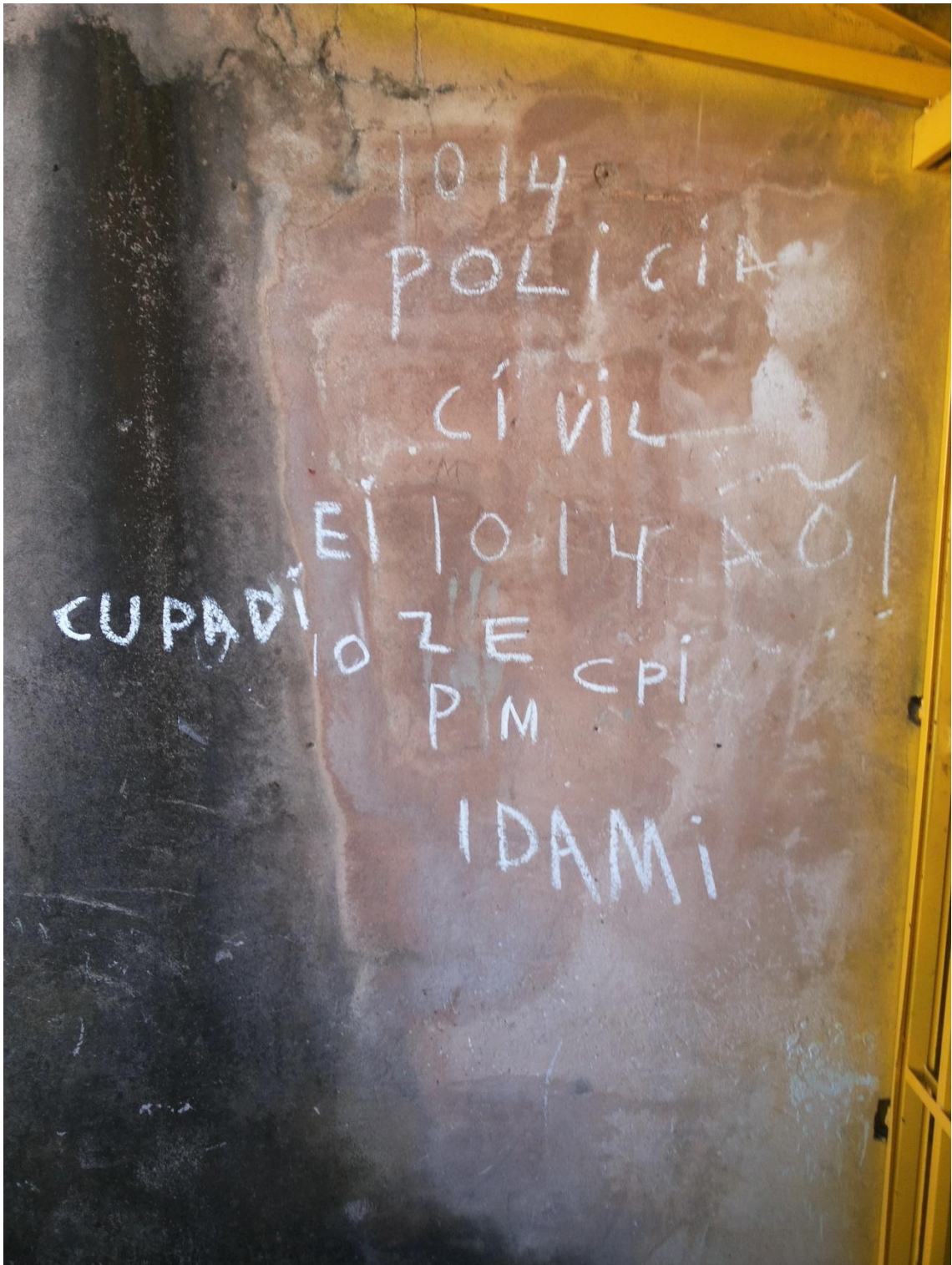
FEMENINO

MASCULINO





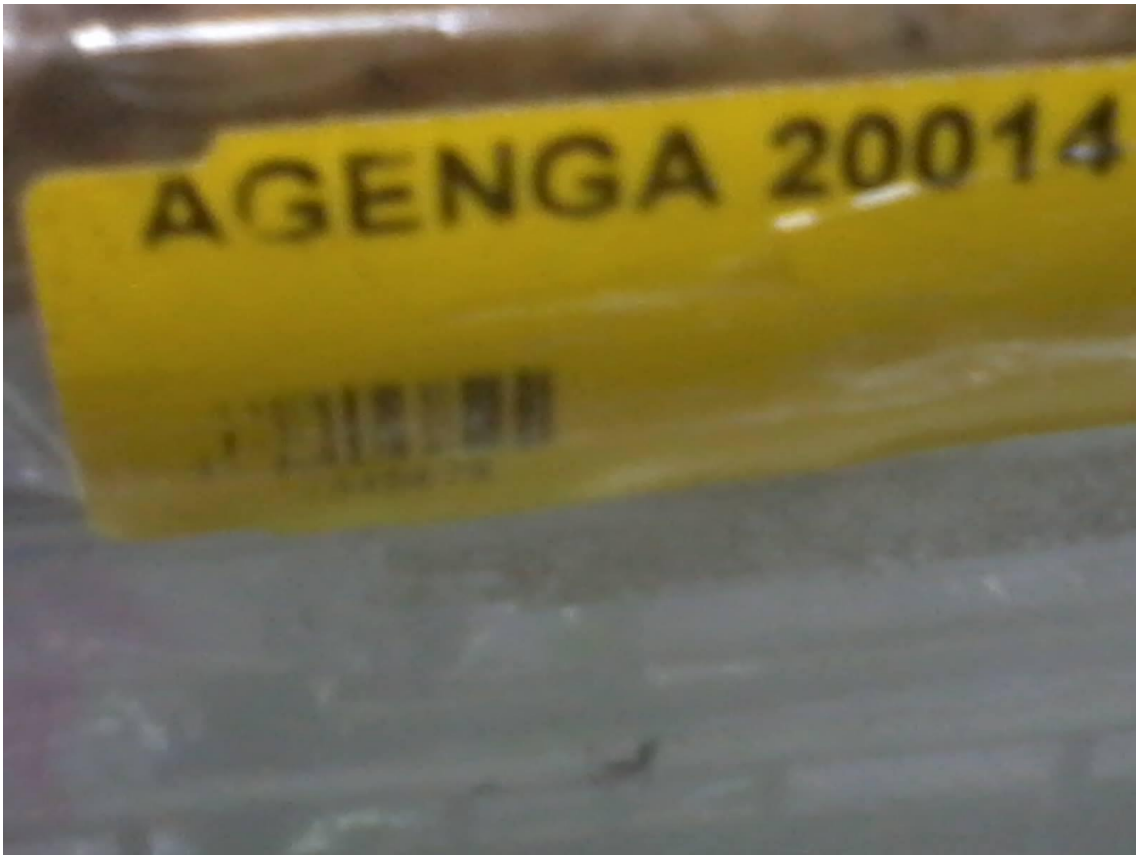




FRIIO
SILHI
MAGOEI
MIM
PERDOI
VOLTA PRAMIA

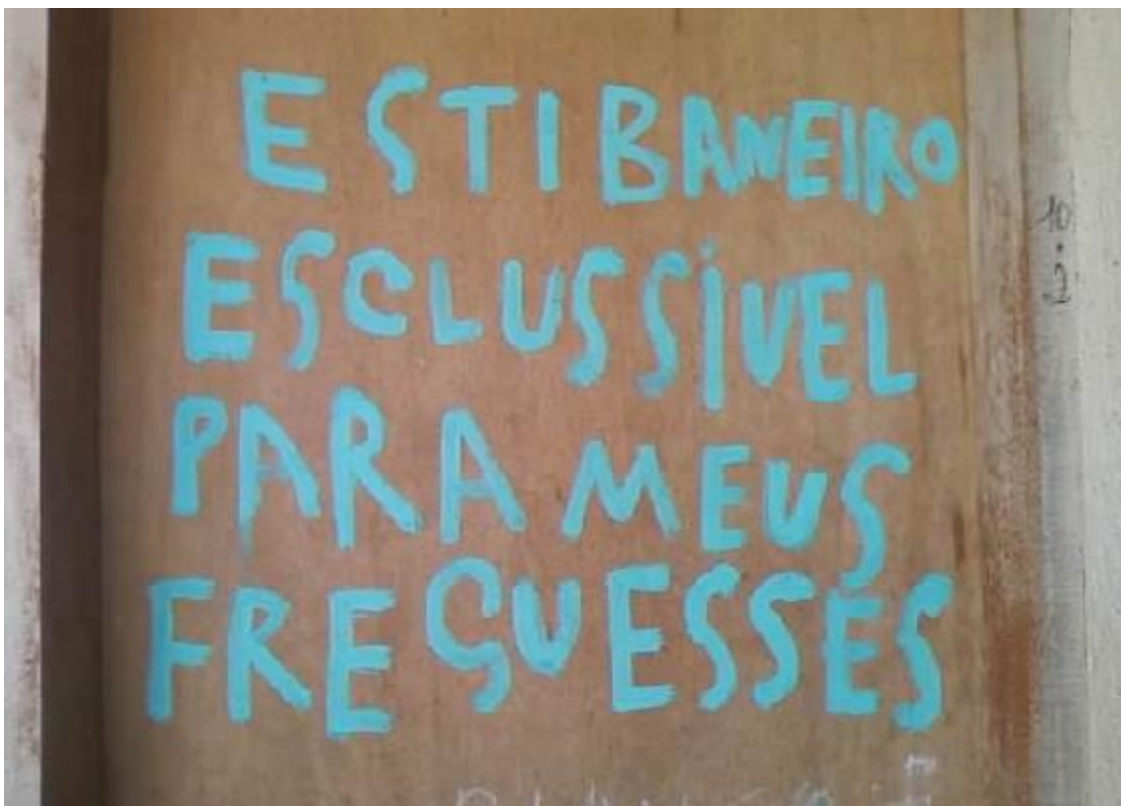












ENCINA-SÍ
PORTUGUÊZ

PROIBIDO
POR
OBJETOS NA
MESA

PROIBIDO
FUMAR NA
MESA



REGRAS DE CONVIVÊNCIA

- NÃO PODE BILISCA
- NÃO CHUTAR, MOSTRAR A LÍNGUA,
- NÃO PODE MORDER
- NÃO PODE DIZER QUE VAI MATAR OS COLEGAS
- NÃO PODE FICAR EMBURRADO
- NÃO APILHIDAR, OS COLEGAS
- NÃO IMPLICAR COM COLEGAS







NOME = JOSE COSMO DA SILVA
FAIZ = GARRAFADA

PRA = DIABETE

PRA = COLESTERO

PRA = BRONQUITE

PRA = PRESÃO ALTA

PRA = GASTRITE

PRA = ENFLAMAÇÃO NO ÚTERO

PRA = ESMAGRECE

PRA = ENFLAMAÇÃO DA PROSTA

PRA = MENOPALZA

PRA = LEVANTA A MORAL

~~PRA = DISGASTO FÍSICO~~

PRA = COLUNA



HOGE
FLANGO
AÇADO KOM
FALOFAR PARA
VIAJEM



LENTISTA
DR MARIO BRAGA
FAZDO XAPA
CORATIVO
BITURACÃO
DISTRACÃO
PONTI MOVI
ORÇAMENTO GRÁTIS
SILVIZZO DE PRIMEIRA

VENDE-ESTA
PROPIA
TONE-912688 SEVER



ESTOR: CENDO
VENDIDO
82106662



EUFACO REMÉDIOS
PARA CANÇASO DE ASMA E
QUALQUER LUXO VESÍCULA -
COLUNA BUCITE DOR DE CABEÇA -
CHAQUETA E VERME AMORROIA E -
PEDRA NO RIM ANIMIA POTENÇA -
TIRIÇA CANÇO SÍNO SITE DURMENÇA -
NO CORPO AIDES TODOS TIPOS
TODOS OS TEMPOS TEM AQUI...
REMÉDIOS VEM VÊ.
O VELHO DUCA RAIZEIRO

A estolção
do nose
não funciona

PARABÊNS
GRASSA
VOCE E MUITO
ES PESSIAL



Éra uma vez um libélula azul.
Encontrou um jacaré do papo amarelo e
acabou ficando viciado de rãria quando soube
que a arara azul ficou fora pq estava
voando no céu azul quando faltou
oxigenio e caiu no topo da verde árvore.
Então, a libélula azul foi unir a arara
azul e juntos voaram no céu azul
até baterem de frente com um outro
azul e morreram.
Focam para o inferno pq não tinham o
conhecimento na ultima vida.
O jacaré do papo amarelo ficou sozinho,
cansado.

